DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR
Volume 3

Jacir J. Venturi

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR
Volume 3

Na internet você encontra integralmente os quatro livros do autor:

1) Álgebra Vetorial e Geometria Analítica (10ª ed.)

2) Cônicas e Quádricas (6ª ed.)

3) Da Sabedoria Clássica à Popular – Volume 1 (3ª ed.)

4) Da Sabedoria Clássica à Popular – Volume 2 (1ª ed.)

Site (com acesso gratuito):

www.geometriaanalitica.com.br

Curitiba – 2024

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR | Volume 2
© 2024, by Jacir J. Venturi

Direitos reservados.
Permitida reprodução para fins não comerciais, desde que citada a fonte.

Revisão Ortográfica e Gramatical
Júlio Rocker Neto

Capa e Diagramação Eletrônica
Jeanfrank Teodoro Dantas Sartori

V469
Venturi, Jacir J., 1949 -
Da Sabedoria Classica à Popular - Volume 3/ Jacir J. Venturi. -
Curitiba: Optagraf, 2025 (1ª Edição)

244 p.
ISBN 978-65-00-32032-9

1. Obras Gerais. 2. Crônicas. 3. Humor. 4. Pensamentos. 5. Fábulas. 6. Desafios ao Raciocínio
I. Título

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

Dedicatória

Dedico aos meus familiares e amigos: companheiros de jornada e razão maior do meu afeto e crescimento pessoal.

Dedico também às pessoas que vão além do seu dever.

PREFÁCIO

Esta obra é o volume 3 (ainda incompleto) de uma coletânea denominada *Da Sabedoria Clássica à Popular* que, juntamente com outros dois livros de minha autoria, estão disponíveis gratuitamente no *site* www.geometriaanalitica.com.br, acessado aproximadamente 1,2 milhão de vezes até a data desta publicação, com cliques oriundos de cerca de 70 países, conforme dados do Google Analytics. Portanto, neste *site* estão hospedados três livros de minha autoria, sendo os dois primeiros manuais acadêmicos para cursos de graduação da área de exatas: *Álgebra Vetorial e Geometria Analítica* (10ª Edição); *Cônicas e Quádricas* (6ª Edição); *Da Sabedoria Clássica à Popular Volume 1* (3 volumes).

Tal qual o volume 1, contém mais de uma centena de artigos e crônicas honrosamente publicados nos últimos 11 anos simultaneamente em diversos jornais e revistas, como Estadão, Gazeta do Povo, Revista Linha Direta, Jornal do Comércio (PE), Folha de Londrina, Tribuna de Santos, LinkedIn, Clipping da ABMES, dos Sinepes, da Fenep e outras mídias impressas ou digitais.

A leitura desta obra deve ser feita sem sofreguidão, de algumas páginas por dia, degustando cada pensamento e meditando sobre ele, pois é um caleidoscópio de saberes produzidos pela humanidade através dos séculos e do nosso cotidiano. Ler o que se gosta é um dos grandes prazeres da vida, pois "o livro traz a dupla delícia de estar só e ao mesmo tempo bem acompanhado" — bem complementa o nosso poeta Mário Quintana (1906-1994).

Nasci na bucólica e rural Agronômica (SC) e estudei num internato de padres em Lages (SC) onde aprendi a apreciar a filosofia, o latim, o grego, as artes, as ciências e o gosto pela leitura, levando-me por fim à matemática — "rainha e serva de todas as ciências". Em Curitiba (PR) enfrentei as fortes exigências profissionais e o maior dos desafios: educar meus três filhos e, agora, coeducar meus três netos, razões maiores do meu afeto.

Aprendi com os bons profissionais, nas mais diversas áreas, que a característica comum a todos é o entusiasmo e o prazer de ser útil. São pessoas que vão além do seu dever. Assim, sou um pouco de cada amigo, familiar ou profissional com os quais convivi. Sou grato a cada um deles pela presença em minha vida.

Em muitas fases, a vida é penosa e repleta de incertezas, uma travessia, como se estivéssemos navegando em uma noite escura sem carta náutica nem

GPS. Mas com enlevo e espiritualidade, sejamos resilientes, flexíveis e, sobretudo, solidários, como nas oportunas as palavras de Dalai Lama: "A ajuda aos semelhantes nos traz sorte, amigos e alegrias; sem ajuda aos semelhantes, acabaremos imensamente solitários".

Entre luas e sóis, sempre me acompanhou o amor incondicional pela educação, pelos bons afetos e pela matemática. Exerci essa paixão como professor e gestor de escolas, públicas e privadas, em todos os níveis da Educação Básica e em três universidades do Paraná. Num cálculo aproximado, tive o privilégio de lecionar para cerca de 95 mil estudantes nestas cinco décadas. Desde a conclusão do bacharelado e da licenciatura em matemática, me senti um vocacionado para o magistério, mesmo nos anos 70, quando também me formei em engenharia, o que era garantia de bom emprego e uma promissora carreira.

E como não se apaixonar pela educação? Afinal, nenhum país atingiu elevado grau de desenvolvimento sem que, em algum momento da sua História, não tivesse feito uma opção preferencial por um ensino de qualidade. E aqui Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) se faz oportuno: "Todos os que meditaram a arte de governar os homens se convenceram de que o destino de um país depende da educação dos jovens".

Não nos desencoraja, no entanto, o fato de o nosso combalido sistema educacional ainda padecer de mazelas de difícil solução: burocracia, politização, ideologização, vitimização, pouca valorização do esforço e do mérito e baixa capacitação de uma parte de nossos professores e reduzida motivação de uma parcela de nossos discentes. Agregam-se aí as desigualdades sociais e as deficiências tecnológicas e de infraestrutura de um bom número de nossas escolas. E não gastamos pouco. Nos *rankings* internacionais, a maioria dos países com bom desempenho escolar investe na educação aproximadamente o mesmo que nós: cerca de 6% do PIB. E de fato a maneira mais eficaz e digna de ascensão social é pela educação — como testemunhei em milhares de meus alunos.

Se eu tivesse de escolher uma frase simples e de grande significado diria que se deve "educar com entusiasmo". Principalmente pelo seu significado etimológico que enseja belas lições: *educar* tem origem no latim *ducere* (conduzir, mostrar o caminho); *entusiasmo* provém do grego *en-theo*, em que *en* significa "dentro" e *theo* significa "deus". Ou seja, quem tem entusiasmo tem um deus dentro de si. Todo educador deve carregar dentro de si a chama esplendorosa do entusiasmo. Como educadores, não temos o direito de ser medianos, pois a

nossa matéria-prima é a mais nobre que existe na face da Terra: nossas crianças, adolescentes e jovens. "A escola é a nova riqueza das nações. Passou a valer mais que a fábrica, o banco, a fazenda" — faz-se oportuno Peter Drucker, renomado consultor norte-americano.

Nunca tive a veleidade de ser modelo para outros professores. Ao contrário, me tornei melhor didata adotando e emulando práticas e atitudes de mestres mais experientes. A base de uma boa aula é a sua preparação e sempre adotei como lema de minha conduta como docente que aula que tem que ser dada merece ser bem dada. Dar uma boa aula é uma excelente terapia, eleva a autoestima, os bons relacionamentos, o respeito e o aprendizado dos alunos.

Todo o educador deve manter a sua autoestima elevada, também pelo prazer de ser útil e por deixar como legado uma sociedade melhor, compartilhando com os outros uma energia positiva muito forte, de maneira entusiasta e não se apequenando diante das vicissitudes da vida.

Reconheço ser um ator privilegiado pelo intenso convívio com educadores, crianças, jovens e seus familiares. Escola e família são ambientes em que, quando neles se convive com zelo e paixão, se alternam alegrias, conflitos e frustrações. São meios em que a mente, o espírito e o corpo — o ser holístico de cada um — experimentam metamorfoses profundas e revelam as potencialidades e limitações, tanto de uma criança quanto de um jovem ou de um adulto.

São estes aprendizados, numa coletânea compilada ao longo de toda uma vida, pela leitura, pela experiência e pelo convívio com o próximo, que tenho o prazer de compartilhar com o estimado leitor. Boa leitura!

O autor.

Pensamentos

- "Nada mais cretino e mais cretinizante do que a paixão política. É a única paixão sem grandeza, a única que é capaz de imbecilizar o homem."
  Nelson Rodrigues (1912-1980), escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro

- "A capacidade do governo em fazer o bem é limitada, mas a capacidade de fazer o mal é infinita."
  Ludwig von Mises (1881-1973), economista e filósofo, de nacionalidade austríaca e americana

- "É tão difícil fazer algo quando preciso e tão fácil quando quero fazê-lo."
  Annie Gottlieb (n. 1946), escritora freelancer especializada em psicologia

Ah, como dói quando falta esperança

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Na mitologia grega, no afã de melhorar a qualidade de vida de nossos ancestrais, o titã Prometeu revelou-lhes os segredos do fogo. Zeus, o tonitruante e todo-poderoso senhor dos deuses e do mundo, vociferou furioso: — os homens estão se desenvolvendo tanto com o uso do fogo que em breve alcançarão os imortais deuses. Vingança, vingança!

Pandora, a formosíssima primeira mulher criada por Zeus, foi oferecida a Prometeu, que a recusou temendo ser um ardil, e ela se casou com o irmão do titã. Pelas núpcias, Zeus presenteou Pandora com uma caixa, com a recomendação expressa de que jamais a abrisse. Vencida pela curiosidade, Pandora a abriu e viu saltarem de dentro dela todos os flagelos da humanidade — doenças, guerras, mortes, inveja, desentendimentos, pragas, violências, pobreza... Ao perceber que a liberação desses males estaria condenando a humanidade a uma vida de infortúnios, Pandora se apressou em fechar a caixa, porém lá permanecendo a esperança.

Nessa narrativa da antiga Grécia politeísta, os males liberados da caixa de Pandora são oportunidades de homens e mulheres se aperfeiçoarem por meio das adversidades e provas (ficou preservado o único dom positivo: a esperança) e, assim, manterem-se perseverantes, resilientes e enlevados. Manter acesas as chamas da esperança e do entusiasmo é o grande desafio da vida, pois querer escapar da dor é tentar fugir da própria condição humana.

Aliás, entusiasmo é uma palavra belíssima que provém do grego *en-theo*, que literalmente significa "deus dentro de si". Para os gregos, quem carrega a chama esplendorosa do entusiasmo tem um deus dentro de si. Sejamos, portanto, arautos da esperança, que na sabedoria popular é a última que morre, da qual jamais devemos privar uma pessoa, pois talvez ela só tenha isso. Ao que o poeta pernambucano Manoel Bandeira bem complementa: "Ah, como dói quando falta esperança."

Esperança tem etimologia no latim spes, que significa "confiança em algo positivo". A vida é uma gangorra com seus altos e baixos, e Deus nunca nos dá tudo, mas também sempre temos muito a agradecer e a comemorar. Devemos manter sempre intensas as forças das boas energias, das preces, do pensamento positivo, da esperança, pois promovem curas e nos confortam em nossas agruras. Pouco podemos sem esperança, e muito podemos unindo a esperança a uma ação organizada. A busca do equilíbrio entre a espiritualidade, a materialidade e os bons afetos é a essência para uma vida de contentamento interior. E o nosso Mário Quintana, o poeta das coisas simples, se faz oportuno: "Que eu nunca deixe minha esperança ser abalada por palavras pessimistas."

E neste início de um novo ano, após os estertores da superação de um segundo ano pandêmico, de perdas e isolamento social, há um renovar de esperanças, sobretudo uma disposição de sermos mais altruístas, com bons propósitos de ressignificar nossas atitudes de amor ao próximo. Afinal, "bondade também se aprende" — como bem ensina a poetisa goiana Cora Coralina. Nesse mister, o Brasil — que não é um país pobre, mas injusto — será salvo não apenas pelos governantes, mas pelas ações concretas de cada um de nós. Não podemos ficar indiferentes à cruel realidade de nossas crianças e jovens, carentes não só de alimento, saúde e boas escolas, mas também de esperança.

Parafraseando Dante Alighieri (1265-1321), os piores lugares do inferno deveriam ser reservados aos governantes populistas e malversadores do dinheiro público, pois geram miséria e infelicitam uma nação, tirando de seu povo um de seus maiores tesouros: sim, a esperança. A propósito, em um dos versos de sua monumental obra *A Divina Comédia*, o autor descreve em italiano a inscrição no frontispício do Portal do Inferno: *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate* ("Deixai toda a esperança, vós que entrais").

O que seria de nós sem a virtude da esperança? Conforme o mito de Pandora, ao abrir a caixa, os males e os tormentos se espraiaram por toda a su-

perfície da Terra. Sem esperança, seria como transpor os umbrais do Portal de Dante, é certo, mas outros valores ou virtudes também merecem ser relembrados, entre eles os que São Paulo escreveu aos Coríntios: "assim, permanecem esses três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor".

Jacir J. Venturi, autor de livros, entre eles Da Sabedoria Clássica à Popular, é vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do PR(CEE/PR), foi diretor de escola e professor da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo.

Pensamentos

- "Tempos difíceis criam homens fortes, homens fortes criam tempos fáceis. Tempos fáceis criam homens fracos, homens fracos criam tempos difíceis."

  Provérbio oriental

- "Eu ganhei a loteria do útero: consegui esse sucesso porque nasci nos EUA."

  Warren Buffet (n. 1930), investidor e filantropo norte-americano, um dos homens mais ricos do planeta, ao expressar que, se tivesse nascido num país africano ou latino-americano, jamais teria chegado a tanto.

- "Quando você olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você."

  Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão, no livro Além do bem e do mal

Ser pai ou ser mãe: nenhuma missão é mais desafiadora, mais nobre

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Educar um filho ou filha é a tarefa mais nobre — e uma das mais difíceis — que o Bom Deus concedeu à espécie humana. Em meio a tantas vicissitudes do mundo contemporâneo, com incertezas, volatilidades e ambiguidades, ser pai ou mãe é estar sempre se equilibrando na gangorra da vida, com muitas alegrias e desafios. Como nenhum rebento vem com manual de instruções, educar é conviver com erros e acertos, uma missão da qual não se tem "o direito de se aposentar".

Paradoxalmente, as palavras são menos efetivas ao transmitir valores, pois mais eloquentes e eficazes são os exemplos. Educamos muito pelo "como so-

mos", pouco pelos "cromossomos": nosso patrimônio cognitivo, moral e espiritual precisa ser replicado e transmitido de geração para geração. E nesse mister, algumas tarefas são essenciais para um bom legado nessa divina missão.

A primeira delas é preparar para a vida adulta, ou seja, é dar gradativamente autonomia para a criança resolver as situações adversas que enfrenta. A psicóloga Maria Estela E. Amaral Santos é enfática sobre a superproteção: "possivelmente será um adulto inseguro, indeciso, dependente, que sempre necessitará de alguém para apoiá-lo nas decisões, nas escolhas, já que a ele foi podado o direito de agir sozinho". O caminho da evolução pessoal não é florido, tampouco pavimentado. Ao contrário, permeado de pedras e obstáculos, que são as adversidades, as frustrações, as desilusões. Da superação das dificuldades advêm alegrias e destarte aprimora-se a autoconfiança para novos embates. Há momentos em que os pais devem ser dispensáveis, e para tanto aos descendentes "devemos dar raízes e dar asas".

É importante transmitir aos pequenos valores interpessoais e um projeto de vida. Ética, cidadania, solidariedade, respeito ao meio ambiente, autoestima são fundamentais para que se tornem adultos flexíveis e versáteis, aptos a trabalhar em equipe e resolver problemas, bem como abertos ao diálogo, às mudanças e às novas tecnologias.

Um dos maiores desafios, em especial nos dias atuais, é equilibrar afeto e limites. A autoridade, quando exercida com equilíbrio, é uma manifestação de afeto e traz segurança. "O comportamento frouxo não faz com que a criança ame mais os pais. Ao contrário, ela os amará menos, porque começará a perceber que eles não lhe deram estrutura, se sentirá menos segura, menos protegida para a vida. Quando os pais deixam de punir convenientemente os filhos, muitas vezes, pensam que estão sendo liberais. Mas, a única coisa que eles estão sendo é irresponsáveis" — palavras muito pertinentes de Marilda Lipp, renomada psicóloga e professora paulista, autora de dezenas de livros.

Em se tratando de educação formal, pequenas divergências entre a escola e a família são aceitáveis e, quiçá, salutares. Nossos filhos e filhas precisam desenvolver a tolerância, a ponderação, preparando-se para uma vida na qual os conflitos serão inevitáveis. No entanto, na essência, deve haver entendimento entre pais e educadores. O educando é como um pássaro que dá os primeiros voos. Família e escola são como suas duas asas: se não tiverem a mesma cadência, não haverá uma boa direção de voo.

É preciso falar da segurança do amor paterno e materno, considerando que importa mais a qualidade do afeto do que a quantidade de tempo disponível à criança. No entanto, é preciso nutri-la afetivamente, pois a presença negligente é danosa para o relacionamento. É uma missão e um dever dos quais não se pode furtar. Amiúde, não raramente filhos veem-se órfãos de pais vivos. A vida profissional, apesar de suas elevadas exigências, pode muito bem ser ajustada a uma vida particular equilibrada. Dediquemos ao nosso maior tesouro a mesma urbanidade e atenção com que tratamos nossos amigos e colegas de trabalho, imprimindo um pouco de nós, pelo diálogo franco e adequado à idade.

Educar integralmente uma criança é também prover a ela uma trilha para a espiritualização: manter a fé no Deus Criador, a Inteligência Infinita. Estimular a força das preces, das boas energias e do pensamento positivo, que promovem curas e nos confortam nas horas de sofrimento. Em conjunto, praticar a solidariedade voluntária e sincera. Sobre isso, Madre Tereza de Calcutá tem autoridade para nos ensinar: "as mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam". São gestos que levam dignidade e autoestima, e o retorno é o prazer de ser útil, além de ser uma terapia edificante. Belas e oportunas são as palavras de Dalai Lama: "A ajuda aos semelhantes nos traz sorte, amigos e alegria. Sem ajuda aos semelhantes acabaremos imensamente solitários".

Para muitos pais e mães pode não parecer, mas é uma imprevidência prover todas as vontades (brinquedos, roupas, passeios, conforto etc.) da criança. Até quando vão perdurar essas facilidades? Muitas vezes, priorizamos aquilo que não tivemos em nossa infância, mas cabe a pergunta: estamos lhe dando aquilo que efetivamente tivemos e que nos proporcionou momentos felizes?

É nosso papel, além de tudo, conceder tempo para que sejam crianças ou adolescentes, isto é, não se deve sobrecarregá-los com agenda de executivo: esportes, línguas, música, excesso de lições etc. Ademais, é mister limitar o tempo diante da sedução e da passividade das telas. Se queimarmos etapas de seu desenvolvimento, serão adultos desprovidos de equilíbrio emocional. A infância precisa ser uma etapa de brincar, de partilhar e de conviver com os amigos, desenvolvendo-se assim a sociabilização, as faculdades psicomotoras e outras soft skills indispensáveis.

Criar bons hábitos alimentares e exercícios físicos é um dos principais legados a ser deixado. A saúde presente e futura da criança será diretamente proporcional à frequência e à regularidade da prática de esportes e da ingestão de proteínas, frutas, verduras, legumes e bastante água, somado à importante exposição ao sol, nos horários recomendados. Tais hábitos promovem o bem-estar, a autoestima e a boa disposição para a vida.

E, por fim, delegar tarefas no lar, mesmo que haja resistência, pois é importante que a criança tenha — proporcionalmente à sua idade — responsabilidades em casa, assumindo algumas tarefas como limpar o tênis, lavar louça, tirar ou colocar a mesa, ajudar nas compras e no seu acondicionamento, cuidados com o *pet* etc., além dos indispensáveis hábitos de higiene e organização de seu quarto.

Jacir J. Venturi foi professor e diretor de escolas públicas e privadas, professor e coordenador da UFPR, da PUCPR, da Universidade Positivo. Cidadão Honorário de Curitiba. Autor de livros e pai de três filhos e avô de três netos.

Pensamentos

- "O orgulho vem antes da destruição; o espírito altivo, antes da queda."
  Livro dos Provérbios 16:18

- "Certa vez, ao ser perguntado qual sua opinião sobre o casamento gay, o cientista político e escritor português João Pereira Coutinho respondeu: 'Esse assunto desperta em mim o mais profundo bocejo'."
  De um artigo de José Pio Martins, professor e economista de Curitiba. João Pereira Coutinho quis dizer que nunca havia dado atenção nem estudado o problema, de modo que cada um devia ser livre para fazer o que quisesse, desde que sua atitude não prejudicasse a terceiros.

- "Quem alimenta põe a coleira."
  Dito popular

Raciocínio analítico: uma habilidade amplamente reconhecida pelo mercado de trabalho

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Diferentemente de países desenvolvidos, a cultura brasileira em geral pouco valoriza o raciocínio lógico, o aprofundamento, a têmpera racional, como

pouco valoriza o esforço, o mérito, o bom rendimento escolar. Pesquisadores da Universidade de Harvard provaram cientificamente que a reflexão é indispensável para o aprendizado de conteúdos mais profundos e boa performance laboral. Todo profissional com bom raciocínio dedutivo é um resolvedor de problemas — que para o mercado de trabalho é uma das mais recomendadas competências socioemocionais ou *soft skills*.

Defrontar-se com uma tarefa mais complexa faz bem aos neurônios, desenvolve a autonomia intelectual e a confiança para superar outros desafios. Vinte minutos dedicados a um problema difícil — mesmo que não resolvido — promovem mais pulsos elétricos nas sinapses do que a resolução de cinco outros exercícios bastante acessíveis.

Por estas e outras razões, estimular o raciocínio deve ser uma das principais incumbências dos pais e professores, em especial no ambiente escolar. Que o nosso educando compreenda e produza bons textos e seja capaz de expô-los com clareza, síntese e lógica são importantes legados que a instituição de ensino pode oferecer.

Todavia, recorrentes e até enfadonhas — embora cruelmente verdadeiras — são as notícias do baixo desempenho dos nossos discentes, na comparação com outros países, em avaliações internacionais. No último Pisa, do qual participaram adolescentes de 15 e 16 anos de 70 países, o Brasil se manteve na 64ª posição no conjunto de Matemática, Ciências e Português. No último Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), aplicado ao final de 2021 em todos os estados brasileiros (cerca de 5,3 milhões de alunos de escolas públicas fizeram a prova escrita), apenas 9,1% dos concluintes do Ensino Médio, apresentaram aprendizado adequado dos conteúdos de Matemática.

Todas essas provas priorizam o raciocínio lógico e a interpretação de textos, contrapontos à nossa predominância histórica de um ensino hermético, conteudista, minimamente interdisciplinar ou contextualizado. Há uma lufada de esperança com a implantação do Novo Ensino Médio a partir do corrente ano, com seus quatro itinerários formativos e uma nova ênfase ao ensino profissionalizante. Se os governantes e nós, educadores, temos responsabilidades pelo status quo de nossa combalida educação, há de se compartilhá-la com uma boa parte dos estudantes, pois a frequente inércia, apatia e indisciplina contagiam todo o ambiente escolar.

Permita-me uma analogia com a atividade física: acordar às 6 horas para nadar, puxar ferro numa academia ou caminhar pode não ser nada prazeroso, mas depois de 30 minutos... ah, sim, advém a sensação de bem-estar provocada pela serotonina. Assim como os músculos se fortalecem com os exercícios físicos, igualmente novas redes neurais se formam por meio de atividades que exijam raciocínio, abstração, análise crítica. Destarte, o cérebro produz uma proteína denominada neurotrofina que induz o desenvolvimento dos neurônios. Com isso, um ciclo virtuoso se estabelece, favorecendo a formação de novas sinapses que, por sua vez, retardam os males degenerativos, pois uma mente preguiçosa é oficina de doenças e do afastamento de um bom convívio social.

Vivenciamos um momento histórico singular, com amplo domínio de polarizações, dogmatizações e *fake news*, no qual quase todo ser humano se julga no direito de ser levado a sério, mas cujas manifestações nas redes sociais são muitas vezes irrefletidas, rasas e infundadas. Conquanto os gregos nos tenham deixado de herança o prazer de pensar, que culminou no espírito cartesiano — *cogito, ergo sum* —, ou seja, "penso, logo existo". Ademais, o francês, Henry Poincaré, nascido em 1845, filósofo e matemático, bem complementa o estímulo à reflexão, ao pensamento crítico e ao bom discernimento: "Duvidar de tudo ou acreditar em tudo são atitudes preguiçosas. Dispensam-nos de refletir". E o mercado de trabalho sabe bem valorizar o profissional que possui e aplica a virtude do raciocínio lógico na solução de problemas e na inovação.

Jacir J. Venturi, graduado em matemática e engenharia pela UFPR, autor de quatro livros, vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor da UFPR, PUCPR e Coordenador na Universidade Positivo.

Pensamentos

- "A arte suprema da guerra é subjugar o inimigo sem lutar."
  Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.), em sua obra A Arte da Guerra (tradução do jesuíta francês Jean-Marie Amiot). General, estrategista, filósofo chinês e principal nome relacionado à escola militar de filosofia chinesa. Ficou amplamente conhecido no Ocidente desde o século 18.

- "O emprego é o melhor programa social."
  Ronald Reagan (1911-2004) ator, político e presidente dos EUA

- "O maior inconveniente da palavra Revolução é a letra 'R'."
  Da sabedoria popular

Em busca diária do meu aprimoramento pessoal

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

- Ser coerente é meu propósito maior. Serei eu mesmo, mas não o mesmo por toda a vida, pois devo evoluir um pouco a cada dia.
- Praticarei a generosidade sem me importar com o reconhecimento e com a sabedoria para suportar a eventual ingratidão.
- O passado passou. Nem Deus consegue mudá-lo. Mas as lições devem permanecer em minha vida.
- Demonstrarei atenção genuína pelas boas realizações de cada amigo, familiar ou colega.
- Não permitirei que mágoas do passado e ansiedade pelo futuro estraguem o meu presente.
- A vida é uma ótima escola. Serei um bom aluno e cada erro me servirá de aprendizado. Ou seja, a cada experiência na vida, acertarei ou aprenderei.
- Obterei mais conquistas se não me importar em levar o mérito.
- Serei uma pessoa interessada e interessante, para isso é preciso ouvir atenciosamente e falar adequadamente.
- A vida é uma gangorra com altos e baixos — matematicamente uma senoide. Deus nunca nos dá tudo, mas também não nos priva de tudo.
- Para o meu bem-estar psíquico, aceitarei que pouquíssimas pessoas estarão interessadas na minha autoestima, e muito menos em meus melindres. Afinal, na vida adulta perde-se o direito de ser melindroso.
- A cada momento a vida me apresenta bifurcações. O mais difícil da vida é decidir o melhor caminho e serei responsável pelas consequências das decisões tomadas.
- Mesmo cansado, irei sempre um pouco mais além. E quem vai além do seu dever promove encantamentos.
- Entenderei que todo relacionamento é um sistema de vasos comunicantes. Dedicarei o melhor dos afetos, pois eles mutuamente se retroalimentam.
- Aprenderei a dizer não, uma arte das mais difíceis, mas de grande eficácia para um bom desempenho profissional e familiar.
- Não procurarei culpados, mas estarei sempre em busca de soluções.
- Serei resiliente no sofrimento, pois querer escapar da dor é tentar fugir da própria condição humana.

- Desde jovem, dedicarei parte da vida para a minha autonomia na velhice: autonomia financeira, física e emocional. E buscarei deixar, ao partir, saudades e não alívio.
- Reconhecerei que tenho dentro de mim dois cães que se litigam todos os dias: um representa a emoção e o outro, a razão. Qual dos dois vencerá a briga? Aquele ao qual darei mais comida, por isso os dois precisam ser alimentados com porções iguais. O equilíbrio entre os sentimentos e a inteligência é a essência para uma vida de contentamento interior.
- Percorrerei a trilha da espiritualização. Manterei a fé no Deus criador, a inteligência infinita. Crerei na força das preces, das boas energias e do pensamento positivo, que promovem curas e nos confortam nas horas de sofrimento.
- Manterei a prática da caridade cristã, voluntária e sincera. E sobre isso, Madre Tereza de Calcutá tem autoridade para nos ensinar: "as mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam".

Jacir J. Venturi, professor, diretor de escola, autor de três livros, entre eles Da Sabedoria Clássica à Popular (3ª edição), e Cidadão Honorário de Curitiba.

Pensamentos

- "Convidei ontem um amigo para em silêncio ficar comigo."
  Paulo Leminski (1944-1989), escritor, poeta, crítico literário, tradutor e professor curitibano

- "O socialismo é a filosofia do fracasso, a crença na ignorância, a pregação da inveja. Seu defeito inerente é a distribuição igualitária da miséria."
  Winston Churchill (1874-1965) primeiro-ministro britânico, agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura e é considerado o maior estadista do século 20

- "Não é só que o engenheiro não pode fazer cirurgia; o juiz, em suas decisões, não pode se aventurar para muito além de sua estreita especialidade na lei sem precipitar desastres quando ele tenta se tornar um filósofo social que pode fazer da lei o instrumento de alguma visão maior do mundo."
  Thomas Sowell (n. 1930), nonagenário economista e filósofo norte-americano em um livro de 1995

O futuro do Brasil passa pela valorização da matemática

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Um dos grandes males que acometem o país é nossa negligência à Matemática. Nestes tempos em que a análise de dados e de informação — *big data*, mineração de dados, aprendizado de máquinas, etc. — ganha papel cada vez mais estratégico, no contexto da chamada 4ª Revolução Industrial, há uma elevada valorização do profissional com domínio das ciências dos números, com bom expediente e tirocínio lógico, o denominado "resolvedor" de problemas.

No entanto, são sobejamente conhecidos os resultados pífios de nossos discentes em avaliações nacionais e internacionais. Para não sermos enfadonhos — embora sejam dados cruelmente verdadeiros —, vamos focar em apenas dois exemplos: no último Saeb (prova aplicada pelo INEP/MEC para estudantes de escolas públicas em praticamente todos os municípios brasileiros), constatou-se que apenas 9,1% dos concluintes do Ensino Médio apresentaram aprendizado adequado dos conteúdos de Matemática; por sua vez, no último Pisa, que avalia adolescentes de 15 e 16 anos de 78 países, mais uma vez o Brasil se manteve na rabeira, mais precisamente na 72ª posição em Matemática, sendo o último colocado da América Latina. Ademais, 68,1% dos nossos jovens estão no pior nível de proficiência, não atingindo o nível básico mínimo em Matemática, que é tido como condição basilar para o adequado exercício da cidadania.

Nossa cultura pouco valoriza o aprofundamento, o conteúdo clássico, a têmpera racional, o esforço, o mérito e o bom rendimento acadêmico. E defrontar-se com uma tarefa mais complexa faz bem aos neurônios e desenvolve a autoconfiança para superar outros desafios. Todo o esforço mental para entender um texto mais complexo, resolver um problema difícil ou mesmo praticar uma atividade lúdica que demanda concentração (como xadrez, sudoku, *games*) promove benfazejas sinapses entre os neurônios. Estimular o raciocínio dedutivo nas crianças e adolescentes deve ser uma das mais relevantes tarefas dos pais e professores.

Isto posto, o que podemos fazer? É obvio que não há solução mágica, é *step by step* (degrau por degrau). Como bem ensina a Matemática, não se aplica a fórmula de Bhaskara em todas as equações do 2º grau sem antes percorrer o longo caminho de aprendizado dos números fracionários, da potenciação, da radiciação, etc. Destarte, uma mudança cultural de valorização da Matemática é um itinerário que exige aplicação e pertinácia. Mas, se outros países conseguiram, por que não o Brasil?

Um dos primeiros passos — embora outros sejam necessários — é desmistificar a Matemática como bicho-papão, ciência abstrata, sinistra, lúgubre. Amar a Matemática é uma decisão: basta nela se debruçar, se aprofundar, o que requer esforço mental e disciplina. E isso deve começar desde cedo, pelas crianças, porque nelas o gosto pela Matemática é imanente. Ajuda demais quando se tem um professor com boa didática e paixão, pois quem leva ojeriza e preconceito na cabecinha delas são os adultos. É frequente que a professora não demonstre nenhuma empatia por este nobilíssimo componente curricular, até porque em muitos casos fez o Curso de Magistério ou de Pedagogia justamente para fugir dos números. Por vezes, é a mãe ou o pai quem costuma repetir em casa expressões como "eu nunca gostei de Matemática".

Em sentido oposto escreveu um diretor de escola de Singapura: "Nossas professoras primárias são apaixonadas pela Matemática". Esta ilha asiática tem obtido resultados espetaculares tanto no Pisa como na Olimpíada Internacional da Matemática. É estimulante lembrar que se tornou um Estado independente do domínio britânico em 1965, sem recursos naturais, cuja população era majoritariamente analfabeta, pobre ou miserável. Alternativa encontrada: educação de qualidade àquela população formada essencialmente por imigrantes indianos, chineses e malaios. Com professores bem qualificados, a principal tônica do currículo foi a elevada exigência em Matemática.

Outros países que compõem o cortejo de nações com bom desempenho em avaliações internacionais têm uma boa história de superação, pois, no início dos anos de 1970, muitos de seus indicadores econômicos e sociais eram até inferiores aos do Brasil, como por exemplo Coreia do Sul, Vietnã, Estônia, Polônia, Japão e China, parte deles destroçados por guerras. Têm em comum o reconhecimento do professor como uma joia, tanto por parte da sociedade como dos governantes. Entendem que é a profissão mais importante para moldar as futuras gerações, sendo o compromisso primeiro desses profissionais ministrar um bom conteúdo curricular. Para nosso alento, temos muitos vocacionados no magistério, apesar do pouco que a nação e a sociedade lhes oferecem, e o que os motivam são a paixão e o entusiasmo. Que esta paixão se explicite à Matemática também.

Jacir J. Venturi, formado em Matemática e Engenharia, autor dos livros Álgebra Vetorial e Geometria Analítica (10ª edição) e Cônicas e Quádricas (6ª edição). É membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR). Foi professor e diretor de escolas públicas e privadas.

Pensamentos

- "Não são os interesses que governam o mundo e sim as paixões."
  Luc Ferry (n. 1951), filósofo francês e autor de obras bem vendidas

- "Faz parte de nossa boa educação falar mal das pessoas só pelas costas."
  Ariano Suassuna (1927-2014), escritor, dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta, artista plástico, professor, advogado e palestrante brasileiro

- "As pessoas nunca terão tempo para você se você estiver reclamando."
  Da sabedoria popular

Bons propósitos para uma convivência feliz

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Coabitar é uma das artes mais difíceis. Jovens casais ou pessoas no início de um relacionamento afetivo geralmente passam por fases de êxtases e alegrias que se alternam com desafios, conflitos e frustrações. É preciso lembrar aquilo que a poetisa goiana Cora Coralina muito bem declama com seu lirismo e longa experiência de vida: "quis um dia ser jardineira de um coração. Nasceram rosas, mas nos espinhos me feri".

De início a paixão, que por ser efêmera não basta para sustentar uma relação. Os desacordos começam a fazer parte do cotidiano do relacionamento — afinal são dois seres oriundos de históricos familiar e individual diferentes, cada com sua própria escala de valores e suas crenças. A boa comunicação e a força dos argumentos deverão prevalecer sempre. Afinal, o que compromete uma relação adulta não são as discordâncias, mas a falta de diálogo e a indiferença, as maiores destruidoras de afetos. A pior solidão é aquela de dois sobre o mesmo teto, e decorre da indiferença, da rotina em que um não se importa com o outro, da ausência de manifestação de sedução e libido.

E quais os três principais erros que podem levar a relação a um desfecho melancólico? 1º) focar nas falhas do outro, em vez das qualidades: atacar os pontos fracos pode ser tentador e poderoso, mas deixa cicatrizes emocionais nem sempre fáceis de superar; 2º) querer que o outro mude: algumas mudanças devem sim ocorrer e os ajustes são necessários, mas como fruto do convenci-

mento interno e no tempo de cada um; 3º) guardar mágoas, não praticar a difícil arte de perdoar: mágoa é deletéria, uma carga tóxica que infelicita, desencadeia doenças e corrói o relacionamento.

Mas nem sempre é tão trivial entender que sai sempre ganhando quem sabe amar, dialogar e perdoar. Uma relação afetiva será vitoriosa na medida do diálogo, da tolerância e das concessões mútuas, pois, quem se impõe (ou tenta se impor), subjuga e converte o(a) companheiro(a) num oponente. A tolerância no convívio não é fraqueza, mas sim virtude — desde que praticada por ambos. Se um entra em crise, o outro deve se conter, manter o equilíbrio, pois muito danoso para a relação é quando simultaneamente os dois "surtam". Neste mister, muito bem corroboram as palavras de Shakespeare: "a tragédia começa quando os dois acham que estão certos".

Ademais, é fundamental para a relação o propósito de crescer mutuamente, de se moldar para favorecer uma convivência feliz e saudável com o outro. Estabelecer alguns projetos de vida em conjunto é importantíssimo inclusive para um bom ajuste nas finanças familiares. É mais feliz o casal que gradualmente desenvolve valores morais e materiais em comum, um indicativo de que se apoiarão como bons companheiros na velhice e, se a opção for terem filhos, transmitirão ensinamentos e modelos mais uniformes e sinérgicos. Na vida, as negligências são até admissíveis, menos no papel de pais, pois nada causa mais frustração e tristeza que filhos desencaminhados.

E o esforço para construir um bom relacionamento não deve ser impeditivo ao cultivo e à manutenção das boas amizades. Nesse sentido, peço licença para contar uma pequena história: na véspera do casamento do filho, o velho pai o chama e diz — amanhã você vai se casar, vai ter uma companheira, depois filhos que passarão a ser a prioridade em sua vida. Mais tarde, seus filhos farão exatamente o que você está fazendo comigo e que eu fiz com o seu avô. E o que será de você? Por isso, nunca se distancie dos amigos, dedique tempo a eles. É com eles que você vai rememorar boas histórias, dar gargalhadas gostosas, falar de política e futebol, contar seus segredos, frustrações, angústias e ingratidões. Conselhos sábios de um velho pai.

Por fim, mas não menos importante, deve-se buscar a trilha da espiritualização. Manter a fé no Deus Criador, a Inteligência Infinita. Crer na força das preces, das boas energias e do pensamento positivo, que promovem curas e nos confortam nas horas de sofrimento. Manter a prática da caridade cristã, voluntária e sincera. Sobre isso, Madre Tereza de Calcutá tem autoridade para nos ensinar: "as mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam". São gestos que levam dignidade e autoestima, e o retorno é o prazer de ser útil, além de ser uma terapia gratificante. Belas e oportunas são as palavras de Dalai Lama: "A ajuda aos semelhantes nos traz sorte, amigos e alegria. Sem ajuda aos semelhantes acabaremos imensamente solitários".

Em suma, são normas de convivência bastante conhecidas, conquanto difíceis de praticar, pois exigem persistentes esforços que se tornam compensadores à medida que gradualmente se colhem os frutos de um relacionamento mais aprazível e duradouro. E, talvez, o fundamento maior para embasar tudo isso esteja em cada um ter dentro de si um bom equilíbrio entre os sentimentos e a razão, pois é a essência de uma vida de contentamento e paz interior, sem os quais é impossível ter relacionamentos saudáveis. Temos dentro de nós dois cães que se litigam todos os dias: um representa a emoção e o outro, a razão. Qual dos dois vence a briga? Aquele ao qual damos mais comida, por isso os dois precisam ser alimentados com porções iguais.

Jacir J. Venturi foi professor e diretor de escolas públicas e privadas, Cidadão Honorário de Curitiba, autor de quatro livros, pai de três filhos e avô de três netos.

Pensamentos

- "O desejo por sua natureza é dor; sua realização traz rapidamente a saciedade".

  Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, afirmava que o mundo é um vale de lágrimas, onde a dor, a doença, o tédio e o sofrimento são a norma, e termina com o inescapável destino de que, "para a maioria dos homens, a vida não é outra coisa senão um combate perpétuo pela própria vida, que ao final será derrotada."

- "Uma lagarta, para ser borboleta, precisa passar pelo casulo, local aconchegante e quentinho, que proporciona um processo de metamorfose obscuro e tenebroso. Sair do casulo é um desafio extremamente doloroso. A força que a borboleta tem que fazer para sair do casulo

é tão intensa quanto necessária. Caso alguém tente ajudar a borboleta a sair do casulo, reduzindo seus esforços, estará a condenando a nunca conseguir voar, pois é no processo de se esforçar que as asas da borboleta serão expandidas e ganharão força."

Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro, filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e conhecido por seu foco em relação aos indígenas e à educação no Brasil

- "O pior gado de guardar é o homem."

  Padre Antônio Vieira (1608-1697), filósofo, escritor e orador português da Companhia de Jesus

Os *e-books* e os livros físicos: a leitura não tem rivais

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

No imaginário daquele que foi a maior expressão literária argentina, Jorge Luiz Borges (1899-1986), "o paraíso seria uma espécie de biblioteca", espaço de enlevo, democrático e ao mesmo tempo mágico, pois quem lê desenvolve a boa escrita, a oralidade, a análise crítica, o pensamento autônomo, a abstração e a imaginação. Ademais, ler o que se gosta é um dos grandes prazeres da vida. É bálsamo não apenas na ausência de companhia, mas também em qualquer hora do dia e da noite. "O livro traz a dupla delícia de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado" –, numa oportuna citação do escritor gaúcho Mário Quintana (1906-1994).

Vivenciamos uma época singular da história, pois, com a internet e os *e-books*, há uma superabundância de livros, revistas e jornais a preços acessíveis – diferentemente de uma realidade não tão distante –, bem como se tornou acessível o *download* gratuito a praticamente todos os grandes clássicos da literatura universal. Assim, podemos optar pelo aconchego de um livro impresso ou pela praticidade de um *tablet* ou outro dispositivo digital, pois, ao contrário de algumas previsões belicosas, os *e-books* e as versões em papel não são rivais, mas suportes diferentes que retratam uma harmoniosa convivência entre gerações analógicas, imigrantes digitais e nativos digitais.

A versão digital representa atualmente, no Brasil, cerca de 10% da versão física. Conforme o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, o varejo registrou um total de 43,9 milhões de livros físicos comercializados em 2021,

apesar de o hábito da leitura, no país, estar diminuindo de maneira gradual, principalmente entre as pessoas com maior escolaridade e poder aquisitivo. Os dados mais recentes do levantamento, feito a cada quatro anos, mostram que o índice de pessoas que leram pelo menos um livro nos últimos três meses caiu de 56% para 52% entre os anos de 2015 e 2019, o que representa 4,6 milhões de leitores a menos. Retratam, ainda, que a maioria considera que a leitura ensina a viver melhor e que se converte em bons hábitos.

Fruto de um costume já arraigado e do inconsciente coletivo, muitos de nós, mesmo os refratários ao e-book em virtude do encanto dos livros de papel, já se renderam às novas tecnologias. Os dispositivos tecnológicos para leitura são práticos, armazenam vários livros — uma facilidade para as viagens — e os preços são módicos. O mundo digital, no entanto, exige mais disciplina pessoal, favorece a dispersão pelas interferências fora do contexto e pode afetar a magia, a imaginação ou a reflexão mais profunda pela concorrência dos múltiplos estímulos visuais e sonoros.

Ademais, todos sabemos que uso excessivo de telas pode provocar problemas na visão, como, por exemplo, a miopia, que atinge proporções epidêmicas: na Coreia do Sul, afeta 90% dos jovens e, em Israel, 80%, diferentemente de décadas passadas, quando a causa genética era prevalecente, em que os índices raramente passavam de 23%. Além disso, alguns estudos indicam que ler na tela pode ser menos eficiente em comparação ao livro impresso para a compreensão e retenção de conteúdo, em especial os mais complexos.

Porém, seja na forma impressa, seja na digital, uma pesquisa da Universidade de Roma afirma serem mais felizes os leitores em relação aos não leitores. Afinal, ler bons livros muda — e para melhor — a mim, muda a ti, muda a plasticidade do nosso cérebro. E com o passar dos anos, o bem-estar psíquico depende essencialmente das boas relações afetivas, viagens, filmes, leituras, etc. As boas lembranças representam uma dimensão importante da nossa individualidade. À medida que envelhecemos, não há como não ter um olhar retrospectivo de nossas vidas, pois, se quero envelhecer bem, entre outros requisitos, devo fazer aflorar boas recordações e ter a sabedoria de assumir paulatinamente a própria desimportância, não para mim, mas para os outros.

Jacir J. Venturi, autor de quatro livros, é membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor da UFPR, PUCPR e Coordenador na Universidade Positivo.

Pensamentos

- "Quando uma ideologia fica bem velhinha, ela vem morar no Brasil."
  "Millor" Fernandes (1923-2012), desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro

- "Manter uma mente ativa tem sido vital para a minha sobrevivência, assim como manter meu senso de humor."
  Stephen Hawking (1942-2018), físico britânico, que com apenas 21 anos foi diagnosticado com ALS, uma doença do neurônio motor com a qual ele sobreviveu até os 76 anos, mesmo que os médicos tenham diagnosticado apenas alguns anos de vida.

- "Se os homens fossem anjos, não seria preciso governo algum. Se os anjos governassem os homens, não seriam necessários quaisquer controles internos ou externos sobre os governos."
  Alexandre Hamilton (1757-1804), grande líder da Revolução Americana, morto em 1804 vítima de tiros em um duelo com Aaron Burr, vice-presidente dos EUA.

O futuro do mercado de trabalho e os novos desafios da educação

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Dificilmente alguém atualmente defenderia que a fabricação de roupas voltasse aos teares manuais, renunciando a toda tecnologia, produtividade e economia que evoluíram desde as máquinas de tecelagem da primeira revolução industrial. Ou a volta de telefonistas conectando cabos em um painel para completar uma chamada intermunicipal após horas de espera, em vez de diversos equipamentos que sustentam autonomamente a comunicação moderna. E os exemplos análogos são muito mais numerosos do que nos damos conta em nosso dia a dia.

Historicamente, a adoção de tecnologia nas empresas gerou incremento da produtividade e substituição (não a mera eliminação) de postos de trabalho por outros de melhor qualidade e maior remuneração, inclusive com um ganho na média da qualidade de vida. Em um exemplo atual, em 2025 a Noruega encerrará a venda de automóveis à combustão, porém novos postos de trabalho ligados aos veículos elétricos tomarão o lugar de ocupações tradicionais do setor. É, portanto, uma dinâmica e uma transformação, não um processo efetivamente de redução, quando se considera o mercado de trabalho como um todo.

Todavia, o que estamos começando a experimentar é diferente. Em 1979, a General Motors empregava 800 mil funcionários e teve um faturamento de 11 bilhões de dólares. Em 2022, a receita do Google foi de 69,8 bilhões de dólares, empregando apenas 120 mil pessoas. Apesar de a comparação não ser totalmente justa, ela enfatiza o quanto as empresas de tecnologia e inovação — e delas nasce a inteligência artificial — tendem a ter cada vez mais um papel central, mas geram novos empregos diretos e indiretos numa escala proporcionalmente muito menor do que, por exemplo, quando os carros surgiram, o que é insuficiente para repor os postos de trabalho eliminados.

O ingresso da inteligência artificial nesse cenário, gostemos ou não, irá multiplicar exponencialmente esse efeito. Mesmo que o aprendizado de máquina não seja algo tão recente, tendo surgido na primeira metade do século passado, a digitalização de quase todos os aspectos da nossa vida, estudo e trabalho gerou, pela primeira vez, um banco de dados suficientemente amplo e complexo para as máquinas aprenderem, enquanto a evolução da eletrônica deu a elas a necessária capacidade de conexão, processamento e armazenamento para lidar com esse incomensurável volume de dados. Cada vez mais, o aumento da produtividade e da lucratividade estará desconectado da necessidade de incremento de horas trabalhadas, de empregos e da qualidade de vida.

Diante dessa realidade, a escola tem um papel fundamental, pois a ela é incumbida grande parcela da responsabilidade em preparar crianças e jovens para enfrentar os desafios vindouros. Todavia, restam dúvidas se as instituições de ensino estão prontas para isso. Grande parte dos empregos do futuro dependerá predominantemente da capacidade de articular diversas áreas do conhecimento e de trabalhar eficientemente em conjunto com a inteligência artificial e menos do domínio de informações ou técnicas específicas, que podem ser facilmente evocadas e aplicadas quase que instantaneamente pela máquina, o que propomos chamar de coautoria do trabalho.

Como consequência, à escola caberá conjugar o repasse do conhecimento produzido historicamente pela humanidade — principalmente com foco no desenvolvimento do raciocínio lógico e pensamento crítico — com o ensino às crianças e aos jovens da coautoria do seu próprio aprendizado e da sua vida pessoal em parceria com a inteligência artificial. Ademais, se de longa data se enfatiza o importante papel da escola na socialização, no desenvolvimento das habilidades socioemocionais e na alfabetização digital dos estudantes, um novo

desafio se impõe: proporcionalizar também a ambientação com a inteligência artificial. Sem isso, faltarão habilidades importantes para enfrentar o mercado de trabalho na vida adulta.

Em recente palestra no Rio de Janeiro, Sam Altman, 38 anos, um dos criadores do ChatGPT, reafirmou que grande será o impacto dessa tecnologia na sociedade e enfatizou que os postos de trabalho que menos correm o risco de serem substituídos pela inteligência artificial são aqueles que envolvem a criatividade e a tomada de decisão. Precisamos repensar o futuro que daremos às nossas crianças e jovens e como podemos capacitá-los para a melhor preparação possível.

Jeanfrank Teodoro Dantas Sartori, doutor e mestre em Gestão da Informação pela UFPR, é especialista em Business Intelligence pela Universidade Positivo e bacharel em Administração pela UPFR, atuando há mais de 20 anos nas áreas de tecnologia e ciência de dados. Autor do livro "Nível de Confiança dos Dados Cotidianos: implicações dos dados não probabilísticos na tomada de decisão e na pesquisa". Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "Os deuses, quando querem nos castigar, atendem as nossas preces."
  Oscar Wilde (1854-1900), escritor inglês de origem irlandesa

- "É fácil se condoer com as doenças de amigos; o difícil é celebrar com sinceridade os seus sucessos."
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Quem dá a missão, dá os meios."
  Provérbio muito utilizado na caserna e também no meio empresarial

Novo Ensino Médio: aprimorar sim, revogar não

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Por mais de três décadas fui um crítico contundente do modelo de Ensino Médio vigente até 2021. Hermeticamente dividido em 13 componentes curriculares (as conhecidas disciplinas) desconectados entre si e do interesse da maioria dos alunos, era um modelo único no mundo, uma jabuticaba vencida, responsável pela maior mazela da já combalida educação brasileira. Caso o antigo Ensino Médio fosse um aluno em uma escola, não teria passado de ano

— e não apenas uma vez, mas continuamente ao longo das décadas pelas quais perdurou, pois o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) sempre ficou abaixo de 5,0 (numa escala até 10). No último IDEB (2021), o Estado com melhor resultado (Paraná) não passou dos 4,6 pontos.

Esse modelo anterior, além de ampliar desigualdades em relação à parcela mais vulnerável socialmente da população, gerou gigantescos índices de abandono escolar. Estudos recentes patrocinados pela Federação das Indústrias do RJ (Firjan) demonstram que, anualmente, meio milhão de adolescentes brasileiros abandonavam a escola, a um custo de 135 bilhões de reais por ano. Convivemos com uma das maiores tragédias sociais, uma vez que há cerca de 7 milhões de jovens brasileiros de 15 a 29 anos que não frequentam a escola e não trabalham, conforme o Dieese, com base em dados do ano de 2021, com o agravante de que "a proporção feminina desses jovens é de 27,7%, quase duas vezes mais que a taxa registrada entre os homens jovens".

Ademais, dada a oferta limitada e grade curricular que priorizava o preparo para o vestibular, não mais que 10% dos nossos estudantes estavam matriculados em cursos técnicos profissionalizantes, conquanto o índice médio da maioria dos países é de 40%. A Formação Profissional tem a sedução do ingresso mais rápido no mercado de trabalho ou mesmo de melhorar a capacitação para uma função laboral já exercida. Por essas razões, em 2017, durante o governo Temer, a lei nº 13.415 alterou a LDB e deu legitimidade a uma nova organização curricular, denominada Novo Ensino Médio, aprovada pelo Congresso Nacional.

Finalmente, o Brasil passou a contar com um modelo de Ensino Médio bem mais flexível, que permite à escola equilibrar competências e habilidades cognitivas com as socioemocionais. Temos ainda uma BNCC (Base Nacional Comum Curricular) aprovada após cerca de sete anos de consultas públicas e muitos debates entre educadores e estudiosos do tema. Uma BNCC democrática, com diligente elaboração dos Conselhos Estaduais de Educação das 27 unidades federativas do Brasil e implementação pelas suas Secretarias de Educação, com ampla reorganização curricular, em geral onerosa e que exigiu capacitação de docentes e gestores.

Evidentemente, o atual governo sabe disso tudo, porém pressionado especialmente por alguns sindicatos de trabalhadores da educação, por parte dos estudantes e por alguns partidos, deu azo e ressonância às manifestações

políticas pela revogação do Ensino Médio em vigor. Em decorrência, teve de suportar manifestações contundentes de repúdio dos secretários estaduais de educação, dos Conselhos Estaduais de Educação, da Federação e da Confederação das Escolas Privadas do Brasil, bem como de outras entidades da sociedade civil. Foram semanas de algaravia e todo esse *frisson* gerou incertezas e angústias para 7,9 milhões de adolescentes do Ensino Médio, além de professores, pais, gestores escolares e secretários de educação.

Atitudes como essa, que sobejam no Brasil, são ervas daninhas de difícil erradicação: a prevalência de ideologias e de polarizações, independentemente do direcionamento político, que campeiam no meio educacional. Nesse cenário, me utilizo da analogia de uma locomotiva a percorrer os trilhos com direção e propósitos, embora contivesse avarias que durante o percurso podem e devem ser ajustadas, mas eis que uma tormenta a desgoverna promovendo paralizações e insegurança. Técnicos e bombeiros do MEC entraram em ação e, finalmente, foram explícitos: "revogação do Ensino Médio não está mais em discussão".

Evidentemente, nem tudo são flores na nova arquitetura curricular. Além de termos passado por uma pandemia e o Brasil ter sido um dos países que mais mantiveram os prédios escolares fechados, uma reformulação do Ensino Médio representa um desafio complexo, quer pela faixa etária que atende, quer pelas aspirações, desejos e sonhos desses adolescentes. Afinal, parte deles almeja o ingresso em faculdades concorridas e outra parte está sob o fetiche de um certificado profissional e da sua autonomia financeira, sem falar daqueles sequer afeitos aos estudos. Não há bala de prata! O arcabouço teórico do Novo Ensino Médio propõe uma arquitetura mais universal e contemporânea, pois prima por uma organização curricular por áreas de conhecimento, ampliação de carga horária de 2.400 h para 3.000 h, estimula a interdisciplinaridade e uma variada oferta de escolha profissional.

Ajustes, melhorias, adequações são imprescindíveis, tanto sob o prisma pedagógico quanto social e econômico. Mas sem vieses ideológicos, sem voltarmos ao deletério modelo anterior e sem polarizações que tanto comprometem o futuro do nosso Brasil, que da educação de qualidade depende para progredir, formar capital humano e promover inclusão social.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "O segredo para viver mais e melhor é: comer pela metade, caminhar o dobro, rir o triplo e amar sem medidas."
  Provérbio tibetano

- "É mais fácil emprestar 100 reais de quem tem 1 mil do que daquele que tem 1 milhão. Quem muito empresta nunca chega a 1 milhão."
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Netos vêm para compensar as perdas trazidas pela velhice."
  Raquel de Queiroz (1910-2003), tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista prolífica e importante dramaturga brasileira

Embates entre catarinas e curitibocas – comemorando os 330 anos de Curitiba

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

De 1965 a 1975, hordas de jovens catarinenses desembarcavam na velha rodoviária do Guadalupe, em busca da excelência das faculdades de Curitiba e das boas oportunidades de emprego. Florianópolis — a cidade dos manés e barnabés — nada oferecia nesses quesitos. Dizia-se, na época, que 30% da população curitibana era constituída de barrigas–verdes, que aqui chegavam com pouca bagagem, mas muita vontade de se arranjar na vida.

Cabe ressaltar a mais suprema ousadia: namorar uma de suas belas polacas. Poucos foram os contemplados, pois — no jargão dos forasteiros — Curitiba era tida como uma cidade puritana e provinciana. Vigiadíssimas pelos pais, eram louras, casadouras, seios fartos e naturais, pernas bem torneadas. Fogo contido e a cada avanço sabiam fingir brabeza. Sim, concordo, atributos em parte fruto do nosso imaginário.

Havia um ritual de passagem para chegar até elas:

1º) estar cursando a faculdade de Medicina, Engenharia ou Direito;

2º) ter uma atividade remunerada;

3º) preferencialmente, ter origem europeia.

Cumpridos esses requisitos, as famílias estendiam tapetes vermelhos e até convidavam para o almoço de domingo, no Cascatinha ou no Madalosso. Um

feito e tanto para os reféns do "bandejão" da Casa do Estudante Universitário, onde nos cotizávamos com os amigos para pedir Crush ou leite com capilé.

Na época um catarina boa-pinta me contava que no sábado anterior fora jantar com a família da namorada na Palazzo, a primeira pizzaria de Curitiba, no Batel.

— Você está com tudo, cara — argumentei.

E ele se mostra desconsolado:

— Qual nada, como das vezes anteriores, só tenho uma certeza: volto para casa sozinho e a pé, pois o último ônibus sai às 22 horas.

Os arranca-rabos entre curitibocas e catarinas — como pejorativamente se altercavam — foram recorrentes. Por que barriga–verde? Cada lado, com sua versão, ambas bastante chulas ou nada republicanas.

A etimologia tupi-guarani *curi-tiba* (muito pinhão) sofria por parte dos catarinas uma prosaica corruptela: *cu-ritiba*, onde "ritiba" significava "do mundo". Pândegas à parte, amavam-se mutuamente. Curitiba, Cidade Sorriso? Só se for sorriso amarelo! Um raro sorriso de curitibano cura até câncer! Ou, curitibano é igual a vinho tinto: seco e reservado. Evidentemente, o revide não tardou, com a construção da passarela da Vila Hauer, na Marechal Floriano, na época a via preferida de entrada dos catarinenses. A passarela em arco recebe dos nativos daqui a espirituosa alcunha de "quebra-chifre de catarina".

Certa feita, já estudante de Engenharia, tive ímpetos selvagens ao ler o que alguém escreveu na porta de um banheiro do Centro Politécnico: "Preserve Curitiba, devolva um catarina". O meu consolo é que aquele escriba pernóstico deve estar passando férias nas praias da bela e Santa Catarina.

E se no meu peito bate um coração que ama, este coração jamais haverá de negar amor à terra que me viu nascer e bem como à terra que me deu grandes alegrias e oportunidades. Se Agronômica (SC) me serviu de berço, com certeza Curitiba me servirá de túmulo.

Duas forças se antagonizam dentro de mim. Comemoro os 330 anos de uma Curitiba transformada e progressista. Em contrapartida, por vezes, nostalgicamente faço coro com Dalton Trevisan: "Que fim, ó cara, você deu à minha cidade". Talvez, não pela Curitiba de antigamente, mas pela Curitiba dos bons anos da juventude.

Jacir J. Venturi é catarina e Cidadão Honorário de Curitiba.

Pensamentos

- "Não quero ter razão, quero é ser feliz!"
  Ferreira Gullar (1930-2016) pseudônimo de José Ribamar Ferreira, escritor, poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro e um dos fundadores do neoconcretismo

- "Pesquisas mostram que, em uma reunião típica de seis pessoas, mais de 60% da conversa é feita por apenas dois participantes."
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Só dá para saber se uma pessoa é babaca quando ela fica rica."
  Dito popular

A Inteligência Artificial impactará significativamente a Educação e nossas vidas

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Extraordinária foi a repercussão do lançamento do ChatGPT em novembro de 2022, que representa apenas a ponta do iceberg do que teremos pela frente. Conforme já amplamente divulgado, o ChatGPT é uma Inteligência Artificial (AI) em linguagem natural capaz de compreender e gerar textos de modo muito similar aos dos humanos. A mais recente versão lançada é o ChatGPT 4, desenvolvida pela OpenAI, uma empresa fundada em 2015 por Sam Altman e outros colaboradores em São Francisco, Califórnia.

De início modesto, a OpenAI foi avaliada em US$ 29 bilhões em janeiro de 2023. As perspectivas são avassaladoras, tanto para o bem quanto potencialmente para o mal. As bigtechs, em peso, entraram de corpo e alma em pesquisas e desenvolvimento da Inteligência Artificial, mas foram todas surpreendidas, assim como nós, pela qualidade do ChatGPT, que sem dúvidas saiu na frente e tem uma bela dianteira.

Este *chatbot* da OpenAI não pode ser comparado unicamente a um site de buscas, como Google ou Bing, por desenvolver textos descritivos e analíticos sobre qualquer pergunta, já divididos em parágrafos ou em outra forma de organização solicitada pelo usuário. Oferece informações e argumentos a partir de um extenso treinamento de *machine learning* (aprendizado de máquina) lhe dá condições de interligar, aplicar e expressar esse conhecimento como se humano fosse. Uma mesma pergunta formulada por pessoas distintas gera

respostas diferentes — pois leva em conta o contexto e o interlocutor —, o que torna quase impossível para um professor, por exemplo, detectar que a resposta a um exercício ou trabalho escolar foi gerada por uma máquina.

A Inteligência Artificial impactará significativamente a Educação e todo o nosso modus vivendi et operandi. E justificadamente nós, educadores, estamos perplexos, como se estivéssemos diante do despertar de um gigante desconhecido. Uma boa parte dos analistas considera que a Inteligência Artificial promoverá transformações ainda mais significativas que aquelas produzidas pela eletricidade no início do século XX — e estamos apenas transpondo o primeiro umbral. O ecossistema para essa inovação se tornou propício com a aceleração da internet, da conectividade e da capacidade de processamento. Basta pensar que em nossos bolsos carregamos celulares com memória, velocidade de conexão e processamento maiores (e melhores) do que os computadores de mesa de apenas 10 anos atrás, bem como dezenas de vezes superiores ao computador que ajudou a guiar a Apolo 11 à Lua, em 1969.

E a Educação não escapará das transformações a serem promovidas por essa revolução provavelmente mais disruptiva que as evoluções de tecnologia educacional anteriores. E serão transformações profundas, pois atingirão o conteúdo, a forma e os objetivos do ensino. Afinal, a vida pessoal e a profissional que o educando enfrentará na sua fase adulta serão amplamente influenciadas pelo uso massivo da Inteligência Artificial. No século 21, a escola deve melhor equilibrar a qualificação acadêmica e técnica com habilidades emocionais e comportamentais. O professor não mais deve ser um expositor de conteúdos, mas se transfigurar em mediador, mentor, motivador. É preciso flexibilizar o modelo tradicional de sala de aula, e metodologias ativas serão cada vez mais necessárias.

Neste cenário desafiador, a maioria dos docentes se sente despreparada para uma boa mediação tecnológica, porém muito apreciaria receber capacitação na instituição de ensino, indica pesquisa. Evidentemente, transformar essa realidade das escolas demanda uma política consistente de curto, médio e longo prazo em uma intensa capacitação de professores e gestores — estes muitas vezes ironicamente vítimas da mesma falta de preparo digital agora incumbidos de solucionar.

De fato, pouco se fará sem o reforço na formação das pessoas que fazem a escola e a Educação, mesmo que haja uma boa disponibilidade na infraestrutura de hardware, software e conectividade. Durante o percurso escolar, funda-

mental é propiciar aos estudantes a fluência digital, uma das mais importantes e básicas competências do mundo contemporâneo. Atualmente, relegamos ao segundo plano a decoreba, a memorização, uma vez que tudo está ao alcance de um teclado.

E agora, com a aplicação da Inteligência Artificial na Educação? Textos serão produzidos sobre qualquer tema em segundos, tendo por base todo o acervo da internet. Uma equação do 3º grau ou um determinante de 4ª ordem podem ser resolvidos em um piscar de olhos. O ChatGPT foi inscrito no exame da OAB, sendo aprovado na fase a que se submeteu. E disso advém um grande desafio: nesse novo ecossistema, como desenvolver o raciocínio lógico, o esforço mental, o espírito crítico, a criatividade, o estímulo para uma boa preparação? Defrontar-se com uma tarefa mais complexa faz bem aos neurônios, desenvolve a autonomia intelectual e autoconfiança para superar outros reptos e problemas.

Por essas e outras razões, estimular o raciocínio e desenvolver o espírito crítico devem ser as principais incumbências dos pais e professores, em especial no ambiente escolar. Compreender e produzir bons textos e ser capaz de expô-los com clareza, síntese e lógica são importantes legados que a instituição de ensino deve oferecer aos nossos educandos. A neurociência está aí para provar que novas redes neurais se formam por meio de atividades que exijam raciocínio, abstração, análise mais profunda. É um desafio gigantesco, pois pode gerar mais acomodação aos estudantes, ainda mais pelos estudos recentes da Universidade de Harvard, segundo os quais a saúde mental e o bem-estar dos jovens de hoje estão piores do que há 20 anos. E eles enfrentarão não mais "apenas" a feroz concorrência entre humanos, mas também com as máquinas.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação, foi Coordenador na Universidade Positivo, professor da UFPR e PUCPR e diretor de escolas públicas e privadas.

Pensamentos

- "Tudo o que nos incomoda nos outros pode levar a uma melhor compreensão de nós mesmos."
  Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço

- "A prática de exercícios físicos também ajuda, diz o autor do livro Mente Afiada, a lidar com o estresse. E isso é importante por uma questão química. Quando identifica situações de estresse, o corpo libera o hormônio cortisol – e pesquisas têm mostrado que o nível elevado de cortisol afeta

negativamente a memória e a aprendizagem. O autor Gupta afirma que o exercício é 'a única atividade comportamental cientificamente comprovada que provoca efeitos biológicos benéficos para o cérebro'. Isso quer dizer na prática que realizar exercícios ajuda a preservar as funções do cérebro. E, além disso, pode ajudar a evitar pressão alta e diabete, que aumentam a probabilidade de desenvolver a demência."

Sanjay Gupta (n. 1969), neurocirurgião, em seu livro Mente Afiada, explicando o funcionamento do cérebro e dando dicas para mantê-lo afiado ao longo dos anos.

- "Não queira ensinar os porcos a cantar; além de não aprenderem, isso irrita os porcos."

  Gracejo popular

A maior competição estudantil do Brasil

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Com uma média anual de 18 milhões de estudantes inscritos, a Olimpíada Brasileira de Matemática (OBMEP) foi criada em 2005 pelo internacionalmente prestigioso Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) e é seguramente a maior competição estudantil do Brasil. Graças à ampla divulgação da mídia, das instituições e dos professores, no ano passado participaram 49.452 escolas públicas e 5.036 escolas particulares (estas convidadas pela primeira vez em 2017). Em 2023 (18ª edição), competirão estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, sendo as inscrições feitas exclusivamente pelas escolas no site www.obmep.org.br até 17 de março de 2023. A prova da 1ª fase será aplicada em 7 de junho, na própria escola do aluno.

A prova da 1ª fase contém 20 questões de 5 alternativas e, além dos conteúdos curriculares, prioriza a lógica, o raciocínio crítico e a criatividade. Pimba, passa ao largo das decorebas! Na 2ª fase, cuja prova será aplicada em 8 de outubro, participarão apenas os 5% melhores estudantes de cada escola. As inscrições são gratuitas para alunos de escolas públicas, conquanto os de particulares pagam na proporção dos inscritos. Todavia, não haverá ranking de classificação ou comparativo entre as escolas, ou seja, cada instituição de ensino receberá tão somente o próprio resultado e de seus discentes. Pede-se aos diretores e professores, especialmente os de Matemática, que motivem os educandos a participar com denodo e a dedicar o máximo de si. Os mais bem colocados ganham me-

dalhas de ouro, de prata e de bronze, bem como menções honrosas, e em geral portas se abrem para boas oportunidades.

Ademais, a Olimpíada Brasileira de Matemática contribui para desenvolver um ambiente de cultura e amor à "rainha e serva de todas as ciências", identifica jovens talentosos e promove inclusão social. É um ganha-ganha, e são pertinentes as referências ao estudo promovido pelo INEP, segundo o qual escolas que regularmente participaram dessa competição com organização e método por anos seguidos apresentaram evolução equivalente a até a 1,5 ano de escolaridade adicional na prova do Saeb (prova aplicada pelo INEP/MEC para estudantes de escolas públicas em praticamente todos os municípios brasileiros).

A importância de tal feito é ainda mais relevante quando rememoramos que sobejamente conhecido é o desempenho sofrível dos nossos estudantes tanto nas avaliações internas em Matemática quanto em comparação com outros países. Eis o grande paradoxo! Se há uma ponta vistosa que merecidamente enleva e orgulha a Matemática brasileira, formada por estudiosos notadamente aguerridos, há em contrapartida uma grande massa de estudantes — a parte submersa desse *iceberg* — que precisa emergir. Para citar apenas um exemplo, no último Saeb constatou-se que apenas 9,1% dos concluintes do Ensino Médio apresentaram aprendizado adequado dos conteúdos de Matemática. Ou seja, histórias de sucesso convivendo com o problema crônico do ensino da Matemática.

Tais fatos geram um misto de esperança e ameaça, uma vez que, em tempos da intensa evolução da inteligência artificial e da 4ª Revolução Industrial, nunca se deu tanto valor ao profissional com boa capacidade de raciocínio e de tomada de decisões lógicas (um "resolvedor" de problemas). Defrontar-se com uma tarefa mais complexa faz bem aos neurônios, desenvolve a autonomia intelectual e a confiança para superar outros desafios. Por essas e outras razões, estimular o raciocínio deve ser uma das principais incumbências dos pais e professores, em especial no ambiente escolar.

E nesse mister, um dos primeiros passos — embora muitos outros sejam necessários — é desmistificar a Matemática como bicho-papão, ciência abstrata, sinistra, lúgubre. Amar a Matemática é uma decisão: basta no seu estudo se debruçar e se aprofundar, o que requer esforço mental e disciplina. E isso deve começar desde cedo, pelas crianças, porque nelas o gosto pela Matemática é

imanente. Ajuda demais quando se tem um professor com boa didática e paixão, pois quem leva ojeriza e preconceito na cabecinha delas são os adultos. Para o diretor do IMPA, Marcelo Viana, nossos professores, em sua maioria, têm uma formação deficiente em conteúdo e método de ensino. E ele vai além: classifica o ensino de grande parte de nossas escolas como "massificador e chato", baseado na memorização e imposição de conteúdos — "justamente o que a Matemática não é".

Jacir J. Venturi, formado em Matemática e Engenharia, autor dos livros Álgebra Vetorial e Geometria Analítica (10ª edição) e Cônicas e Quádricas (6ª edição). Foi professor de Matemática, diretor de escolas públicas e privadas e um dos Coordenadores da Olimpíada de Matemática no Paraná. É membro do Conselho Estadual de Educação do PR.

Pensamentos

- "A humanidade não deve tolerar os intolerantes."
  Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco

- "A estratégia da guerra é baseada na dissimulação."
  Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.), em sua obra A Arte da Guerra (tradução do jesuíta francês Jean-Marie Amiot). General, estrategista, filósofo chinês e principal nome relacionado à escola militar de filosofia chinesa. Ficou amplamente conhecido no Ocidente desde o século 18.

- "Se o seu plano é para um ano, plante arroz. Se o seu plano é para uma década, plante uma árvore. Se o seu plano é para cem anos, eduque suas crianças."
  Confúcio (c.551-c.479 a.C.), filósofo chinês

Educação digital nas escolas: novo marco legal sancionado recentemente

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Aplicável a todas as escolas públicas e privadas do país, entrou em vigor a Lei 14.533, de 11/01/23, sancionada pelo Presidente Lula e aprovada pelo Congresso Nacional no ano passado. A nova lei, denominada de Política Nacional de Educação Digital (PNED), alterou o art. 4º da LDB e tem o nobilíssimo propósito de garantir a educação digital a crianças, jovens e adultos, em todas as instituições de Educação Básica e de Ensino Superior, para que desenvolvam competências digitais, com ênfase ao letramento digital e informacional, ao

pensamento computacional, à cultura digital, aos direitos digitais, à aprendizagem de computação, de programação, de robótica, entre outras.

A PNED dependerá de regulamentação pelos órgãos normativos dos sistemas estaduais e municipais de ensino, tendo como escopo a implementação de ações que atendam a quatro eixos: Inclusão Digital, Educação Digital Escolar, Capacitação e Especialização Digital, e Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Para cada eixo, a PNED estabeleceu um conjunto de estratégias e objetivos a serem alcançados pelos governos, sistemas de ensino e pelas escolas.

Para fins de mensuração do cumprimento de cada um desses eixos, o governo federal definirá um sistema de medição a ser operacionalizado pelo INEP, com a previsão de metas, avaliação e indicadores. As principais fontes financeiras para a implementação da nova política, no setor público, serão as dotações orçamentárias dos 3 entes federados e os valores que forem depositados no Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST) e no Fundo para o Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações (Funttel). Destarte, há recursos adicionais para aprimorar as infraestruturas de TI e as conexões de internet nos prédios escolares.

Após 20 anos, a Lei n. 14.533/2023 alinhou a educação brasileira à Declaração de Princípios de Genebra, publicada pela ONU em 2003. Com o estabelecimento da PNED, o Estado brasileiro reconheceu, ainda que com irrecuperável atraso, a necessidade de preencher a distância existente entre as competências digitais dos jovens e adultos brasileiros e as exigências da cada vez mais célere transformação digital, pervasiva e presente em todos os setores da vida, no exercício da cidadania e no mundo do trabalho. Muitos são os países que já adotaram planos de ação para a educação digital, como por exemplo a União Europeia, que já no ano de 2013 lançou o DigComp (Quadro Europeu de Referência para a Competência Digital), um guia para legisladores, educadores e indivíduos na compreensão e desenvolvimento as competências digitais no continente, passando por atualizações a cada dois anos. Ademais, no início de 2021 a UE também lançou a "Década Digital", estabelecendo um percurso para a transformação digital dos países membros até 2030: 80% da população deverá possuir competência digital básica.

Destaca-se, ainda, que a Lei 14533/2023 foi sancionada e publicada com três vetos do governo federal, um dos quais não permitiu a inclusão do § 11º, no art. 26 da LDB, que atribuía à educação digital a natureza de componente curricular para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Atualmente, a BNCC trata a educação digital de maneira transversal, permeando-a em todos os componentes curriculares. Muitos países adotam esse modelo transversal, mas há países que, além da transversalidade, optam pelo modelo de componente curricular e com carga horária específica. O fundamento do veto federal considerou que novos componentes curriculares só poderão ser criados se aprovados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologados pelo Ministério da Educação.

Se mantido o veto, o vigor da transformação digital (em todas as áreas da vida humana), a relevância e a necessidade premente de se dotar crianças e jovens de competências digitais sugerem ao CNE a análise detida sobre a conveniência de aprovar a educação digital como um componente curricular autônomo, com simultâneo estímulo à transversalidade. Certamente não há solução mágica nem perfeita, mas todos os esforços devem ser envidados para buscar o melhor caminho possível para que crianças e jovens tenham preparação adequada para enfrentar não apenas os desafios já postos, mas também os vindouros, numa era de céleres transformações disruptivas.

Se algumas de nossas escolas já estão navegando na Educação 4.0 — alinhada às demandas e tecnologias da Indústria 4.0, como inteligência artificial, robótica, programação, espaços maker, gamificação do ensino —, no outro extremo temos escolas cuja única "revolução" se limita a passar do quadro de giz para a lousa branca — que em tom jocoso se diz Educação 2.0. Por sua extensão e complexidade, é muito difícil acompanhar tantas transformações sem o estímulo da escola. E mais arrasadora será a disparidade com o exponencial desenvolvimento da Inteligência Artificial, que hoje já não é mais um bebê nem ficção, mas sim uma realidade, com muitos novos — e as vezes assustadores — marcos na eminência de serem alcançados.

Evidentemente, transformar essa realidade das escolas demanda uma política consistente de curto, médio e longo prazo, uma intensa capacitação de professores e gestores — estes muitas vezes ironicamente vítimas da mesma falta de preparo digital agora incumbidos de solucionar —, bem como investimentos

significativos para que, durante o percurso escolar, todos os alunos desenvolvam a fluência digital, uma das mais importantes e básicas competências do mundo contemporâneo. Há aspectos que poderão ser planejados sem o reforço na infraestrutura de *hardware* e *software*, mas pouco se fará sem o reforço na formação das pessoas que fazem a escola e a educação. E, de uma vez por todas, precisamos de uma mudança cultural que nos permita a humildade de reconhecer que o que deu certo até aqui — se é que deu — não é nem de perto suficiente para preparar esta geração para o futuro que a espera logo ali.

Jacir J. Venturi é vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, foi Coordenador na Universidade Positivo, professor da UFPR e PUCPR e diretor de escolas públicas e privadas. Dra. Dâmares Ferreira é graduada em Direito pela UEM, possui mestrado e doutorado em Direito pela PUC/SP e atua na área educacional.

Pensamentos

- "Não se consegue enriquecer os pobres empobrecendo os ricos."
  Hugh Dalton (1887-1962), economista e político, líder trabalhista inglês na década 50, citado por Roberto Campos

- "Vivi 8 décadas diferentes, 2 séculos diferentes e 2 milênios diferentes. Talvez um período da História com as maiores inovações e transformações nos costumes, nos valores e na tecnologia."
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Não existe forma amena de terminar um relacionamento: é como querer entregar um pedaço de bosta e desejar que outro pegue pelo lado limpo."
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

Sepultamos Pelé... e há exatos 40 anos, Mané Garrincha

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Mané Garrincha foi bicampeão mundial nas Copas de 1958 e 1962. Na última, com a contusão de Pelé, o gênio das pernas tortas foi de longe o principal jogador. Na semifinal contra o Chile, donos da casa, Garrincha liquidou a defesa adversária, mesmo litigando contra uma torcida hostil e um juiz peruano

gatuno. O jogo terminou em Brasil 4 x 2 Chile, com dois gols de Garrincha e um cruzamento certeiro para Vavá cabecear. No dia seguinte, o Jornal chileno El Mercurio estampou: Garrincha: *¿de qué planeta usted viene?*

Até o circunspecto Carlos Drummond de Andrade se rendeu aos encantos de Mané, quando o craque morreu de cirrose hepática, fruto de alcoolismo, em janeiro de 1983: "foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam e não há outro Garrincha disponível".

Foi um legítimo representante do futebol-arte, alegria do povo. Fez 16 gols na seleção pela qual jogou 60 partidas, sendo 52 vitórias, 7 empates e apenas uma derrota, injusta por ser a sua última partida, quando a seleção canarinho perdeu para a Hungria por 3 x 1, na Copa de 1966, sem Pelé, que estava contundido. No jogo anterior, o Brasil venceu a Bulgária por 2 x 0, com gols de Pelé e Garrincha, a última vez que jogaram juntos. O camisa 10 e o camisa 7 estiveram concomitantemente presentes pela seleção em 40 jogos, nenhuma derrota e 35 vitórias.

Em 2023, Garrincha, que em vida recebeu a alcunha de Alegria do Povo e Anjo das Pernas Tortas completaria 90 anos. Nasceu em Pau Grande, distrito de Magé (RJ), onde parou de estudar no 2º ano do antigo primário, hoje Ensino Fundamental. As pernas tortas que tanto contribuíram para as futuras glórias de sua carreira foram decorrentes de uma distrofia física: a sua perna direita era 6 cm mais curta que a outra, com as quais desenvolveu uma habilidade inata para confundir os adversários. Vida errática, boêmia, bebedeiras e múltiplas relações amorosas, das quais teve 13 filhos. Um deles com uma sueca, caso extraconjugal quando da Copa de 1958. Já separado, assumiu uma relação de 17 anos com a cantora Elza Soares, bastante conflituosa, eivada de agressões, traições e ciúmes, que terminou um ano antes de sua morte. De seu jeitão matuto, ingênuo, brejeiro, pairam histórias jocosas. Vejamos:

Fez "arte" na capital do Renascimento

Já na véspera da Copa de 1958, num amistoso contra o Fiorentina, em Florença, Garrincha driblou toda a defesa italiana e, em seguida, o goleiro. Ficou livre para chutar em direção ao gol. Parou a bola, viu o zagueirão em disparada na sua direção e, endiabrado, deu um drible tão estonteante que o

defensor bateu com a cara na trave. Só então — pimba! — um golaço. O técnico Vicente Feola surtou de raiva. Irritadíssimo, chamou-o de moleque irresponsável, atrevido e afirmou que, por isso, perderia a condição de titular. E assim o fez: a desfeita ao adversário custou ao nosso Mané a reserva — de Joel — nos dois primeiros jogos na Copa da Suécia.

O rádio que só falava alemão

Durante a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, o nosso grande ponta-direita entrou numa loja e se encantou com o rádio que estava na prateleira. Pediu para ligar na tomada e ouviu uma locução numa língua incompreensível. Ao seu lado, o zagueiro Orlando Peçanha — tremendo gozador — sussurrou: — Você está pensando em comprar o rádio? Não, não, ele só fala alemão! De pronto, o nosso querido Mané desistiu de seu sonho de consumo.

Já combinou com os russos?

Garrincha detestava duas coisas: concentração e as preleções dos técnicos. Esquemas táticos? Soavam-lhe como palavrões! Jogadas criativas e dribles desconcertantes — e sempre para a direita — eram suas características. Claro que seus marcadores sabiam disso, mas qual o quê!? Levavam sempre a pior! Um terror para os zagueiros adversários. Na Copa de 1958, véspera do jogo contra a Rússia, então URSS, a preocupação era Tsarev, temível lateral incumbido de uma missão impossível: segurar Mané. O técnico Feola se esmerava junto ao nosso craque: "quando o Tsarev vier em disparada, passe a bola. Quando o outro beque vier pela direita, drible pela esquerda...". Enfim, havia mil recomendações, cabendo as iniciativas aos russos. Sagaz, Mané Garrincha lançou a pergunta que fez história: — O senhor já combinou tudo isso com os russos?

Presente naquela memorável partida, Nilton Santos conta que "os russos começaram marcando mano a mano. Tsarev foi o primeiro a ser abatido por Garrincha. De repente, um amontoado de russos estava em volta dele. Era hilariante o desmanche que Mané fazia por ali". Foi um jogo memorável e uma grande vitória de 2 x 0, com o nosso craque jogando à sua maneira. Drummond mais uma vez prestou sua homenagem: "se há um deus que regula o futebol, Garrincha foi um de seus delegados, incumbido de zombar de tudo e de todos nos estádios".

É evidente que Garrincha foi um fenômeno. E se no Sistema Solar só existe um rei que brilha intensamente durante o dia (o Rei Sol), à noite, quando o astro-rei está ausente, há planetas e outras estrelas também muito brilhantes na constelação. Assim foi Garrincha, que brilhou espetacularmente no escrete canarinho quando da ausência de Pelé.

Edson Arantes do Nascimento, nascido em 1940, faleceu em 29/12/22, abatido por um câncer de cólon. Como ninguém, com enlevo e paixão, Pelé engrandeceu o nome do Brasil diante do mundo. Pelé é eterno, e a melhor grafia de seu epitáfio encontrei em uma capa de revista: Pelé (1940 – ∞), onde ∞ representa o infinito, a eternidade. Como outro rei de minha geração: Elvis (1935 – ∞).

Jacir J. Venturi, professor e diretor de escolas, autor de quatro livros, é Cidadão Honorário de Curitiba.

Pensamentos

- "O poder pode ser comparado a um grande rio. Enquanto se mantém dentro de seus limites é ao mesmo tempo bonito e útil. Mas, quando transborda, torna-se impetuoso e perigoso demais para ser controlado, levando tudo o que encontra em seu caminho, trazendo destruição e desolação onde quer que vá."
  Armando de La Torre (n. 1926), escritor inconformado com os governos da América Latina

- "O Japão foi um país destruído que se reergueu para se tornar uma potência em pouco tempo. A Argentina é uma nação que já esteve entre as mais ricas do mundo e que submergiu a ponto de os bons tempos pertencerem agora aos livros de História. O destino da Argentina demonstra de forma emblemática que o populismo e a gastança ilimitada são capazes de causar a ruína até mesmo dos países mais prósperos."
  Simon Kuznets (1901-1985), economista e Prêmio Nobel de 1971

- "Ao envelhecer, é sábio e vive melhor quem paulatinamente assume a própria desimportância. Desimportante sim, mas não menos prestativo."
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

Cursos técnicos profissionalizantes: embora tardiamente, é hora, é vez!

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Uma mais elevada ênfase e uma maior disponibilidade de vagas na Educação Profissional sempre foram quase unanimidade entre os educadores, inclusive este modesto escriba que há mais de 25 anos denuncia que o Ensino Médio, como vinha sendo disponibilizado, representava a maior mazela da nossa educação, um modelo único no mundo, uma jabuticaba estragada que forçávamos goela abaixo de nossos jovens e mestres. Foram décadas com oferta obrigatória de 13 disciplinas, em geral herméticas e desconectadas do interesse da maioria dos alunos, que não levavam em conta as suas aptidões e projetos de vida, cujo escopo primordial seria o ingresso em um curso superior. Entretanto, apenas 24% dos nossos concluintes do Ensino Médio prestariam o Enem ou um vestibular, e somente para parte destes houve sim boas escolas que bem cumpriram sua missão.

Esse Ensino Médio descontextualizado do mundo contemporâneo apresentou consequências desumanas e deletérias à sociedade brasileira. Com o elevado recrudescimento por consequência da pandemia da Covid-19, Brasil tem hoje 13 milhões de jovens de 15 a 29 anos, que os demógrafos denominam jocosamente "nem-nem" — pois nem estudam nem trabalham. Se, por si só, são graves as consequências sociais desse fato, também o são para as finanças do país: estudo feito pelo economista Ricardo de Barros, do Instituto Ayrton Senna, publicado na Revista Exame, indicou que, de um contingente de 7,9 milhões de matriculados no Ensino Médio em 2017, quase 3 milhões abandonaram ou reprovaram, acarretando direta ou indiretamente, somente nesse ano, um prejuízo de aproximados 100 bilhões de reais.

Em maio de 2022, a CNI (Confederação Nacional da Indústria) lançou o Mapa do Trabalho Industrial 2022-25, apontando que só para o setor fabril, nos próximos 3 anos, o Brasil terá de capacitar cerca de 9,6 milhões de pessoas para atender as necessidades de reposição dos inativos, atualização de funcionários ou preenchimento de novas vagas. Há uma preocupação generalizada com a possibilidade de o Brasil ficar na rabeira da 4ª Revolução Industrial (Indústria 4.0), pois, diferentemente de uma boa parte dos países do mundo, não estamos praticando satisfatoriamente o *skilling* e o *reskilling* — ou seja, a qualificação

e a requalificação da mão de obra, com exigências novas e mais complexas. Ademais, nossos bons profissionais em áreas como a de tecnologia estão sendo disputados não apenas por empresas locais, mas também pelas globais, com as facilidades do trabalho remoto, os atrativos de receber em moeda estrangeira e a liberdade de tornarem-se nômades digitais.

Nesse contexto, infelizmente o Brasil se tornou, na contramão de suas necessidades, um dos países com menor oferta de cursos técnicos profissionalizantes (apenas 7% a 11% das matrículas do Ensino Médio). Nos 38 países da OCDE (de alta renda, comprometidos com a democracia e economia de mercado), esse índice variou entre 38% e 72%, sendo, portanto, maior a motivação para imitá-los. Mesmo os países da América Latina têm oferta que em percentuais médios equivale a mais que o dobro aos do Brasil. O nosso Plano Nacional de Educação estabelece como meta alcançar 5,2 milhões de matriculados até 2024 em cursos técnicos, contudo atualmente esse número está aquém da metade.

A Educação Profissional tem o condão de reduzir a evasão e a reprovação, especialmente quando as ofertas são articuladas com as demandas regionais, pois privilegia a aplicação prática dos conhecimentos teóricos ministrados e oportuniza a monetização com o ingresso no mercado de trabalho. O Novo Ensino Médio, com implantação gradativa a partir de 2022, inclui a Formação Técnica e Profissional como um dos 5 itinerários formativos. Por sua amplitude, a aprovação da Lei 13.415, em 2017, durante o governo do Presidente Temer, representou uma virada de chave no enfrentamento concreto do problema. Na época, o então Ministro da Educação, ao tomar conhecimento do IDEB para o Ensino Médio, igual a 3,7 (numa escala que vai até 10), assim se manifestou: "Que chances estamos dando aos jovens do Ensino Médio? Zero!" — ele próprio respondeu.

Embora um tema complexo, a necessidade urgente de um novo modelo era de uma obviedade ululante e ipso facto cabe uma pergunta: por que o decurso de tantos anos para aprovar (foi somente em 2017) uma lei tão benfazeja? Resposta: políticas públicas equivocadas e embates ideológicos que tanto prejudicam a nossa educação. Desde então, foram anos dedicados pelo Conselho Nacional de Educação e pelos Conselhos Estaduais de Educação na customiza-

ção de normas específicas e referenciais curriculares para cada uma das nossas 27 unidades federativas. E um levantamento com abrangência nacional, feito no início deste ano pelo Datafolha, sob encomenda do Todos Pela Educação, demonstrou que 90% dos estudantes do Ensino Médio são favoráveis que nessa etapa seja dada a opção de aprofundamento em uma área — já visando ao mercado de trabalho ou a uma faculdade.

Ao fim e ao cabo, não podemos deixar de tecer loas ao Estado do Paraná, por ter sido laureado com o 1º lugar no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do Ensino Médio no ano de 2021, e na sequência, agora em 2022, numa demonstração de valorização da Educação Profissional, disponibilizou 54.876 matrículas em cursos técnicos, o que representa 15,7% de todas as matrículas do Ensino Médio público. Há uma oferta ainda mais robusta para 2023, já em análise no CEE/PR.

É preponderante afirmar que, com o Novo Ensino Médio e a ênfase renovada dada à Formação Técnica e Profissional, há boas perspectivas de termos alunos mais motivados e com potencialidades mais bem desenvolvidas. Ademais, o Brasil tem agora um arcabouço legal que, se acompanhado de investimento, boa gestão e insubstituível esforço de nossos docentes, tem o potencial para colocar a educação brasileira na trilha das nações com bons índices educacionais, embora ninguém ignore os diversos desafios adicionais da prática em sala de aula.

Jacir J. Venturi, vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de livros.

Pensamentos

- "Aquilo que não se pode medir, não se pode melhorar".
  William Thomson (1824-1907), físico-matemático e engenheiro britânico, um dos cientistas mais importantes do século XIX

- "Fuja dos *diets* e *lights*. Desembrulhe menos e descasque mais. Evite adoçantes."
  Recomendações sensatas de boa parte dos nutricionistas

- "Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se conheces a ti mesmo, mas não conhece

> o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Caso não conheça nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas."
>
> *Sun Tzu (544 a.C. – 496 a.C.), em sua obra A Arte da Guerra (tradução do jesuíta francês Jean-Marie Amiot). General, estrategista, filósofo chinês e principal nome relacionado à escola militar de filosofia chinesa. Ficou amplamente conhecido no Ocidente desde o século 18.*

É professor? Então, seja ótimo!

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Nenhuma missão é mais grandiosa do que a de um educador, que não tem o direito de ser mediano. A sala de aula representa os metros quadrados mais nobres de qualquer organização educacional, e prover o estudante de conteúdo, bons valores e autonomia é o maior legado do professor. O papel de um mestre pode até gradativamente se tornar dispensável com o inexorável passar dos anos, mas os seus ensinamentos reverberarão por várias gerações.

Aula que tem de ser dada merece ser bem dada e, para tanto, bem-preparada. E dar uma boa aula não é difícil. O desafio é fazê-lo e manter a motivação e a disciplina, sem as quais não há aprendizagem na escola, tampouco para a vida. O docente sempre deve conter a indisciplina no seu nascedouro, antes que a marola vire um *tsunami*. Impor limites é uma das suas tarefas precípuas e das mais árduas.

No convívio com os educandos, é imprescindível o equilíbrio entre afeto e disciplina, como pratos distintos de uma balança: de um lado, ternura, tolerância, diálogo. Do outro, limites, respeito às normas e à hierarquia. Uma relação que deve ser intensa e proativa, jamais morna ou tíbia. Para tanto, deve haver um grande esforço em buscar uma unidade de ação e verbalização entre professor e equipe pedagógica diante dos alunos e famílias. Afinal, posturas antagonistas de alguns pais sempre existirão — como se família e escola em trincheiras opostas estivessem. A escola erra, sim, e a família também. A tolerância ao erro, dentro de certos limites, é uma virtude. Sigmund Freud bem assevera: "educar é uma daquelas atividades em que errar é inevitável". A escola é o espaço da diversidade e, por consequência, um excelente laboratório para a vida adulta do nosso educando.

A didática é também primordial, com a premissa de que no ambiente da sala de aula são intensas e constantes as mudanças, o que requer do professor uma reciclagem continuada. A paixão pelo ensino e a vontade de investir na própria formação demonstram quem realmente quer ser um bom didata. O bom educador é um eterno aprendiz, mantendo-se atualizado nos avanços da sua especialidade e das novas práticas e tecnologias educacionais.

E há sim, ainda que lenta, uma mudança no perfil deste profissional. Infelizmente, muitos bons didatas do passado, com suas aulas expositivas bem-preparadas e bem dadas, estão perdendo espaço por não conseguirem o mesmo êxito em plataformas digitais. Nesse aspecto, valho-me de uma metáfora: os professores estão sendo convidados a embarcar em ônibus de ida, sem retorno. A maioria embarca e no caminho se capacita, se adapta, é darwinista e segue em frente, mas alguns desembarcam ou são desembarcados.

No século 21, o professor tende a ser mais do que nunca exaltado, porém não mais como um expositor de conteúdos, mas sim transfigurado em mediador, mentor, motivador. Afinal, com os avanços das tecnologias educacionais e a informação ao alcance das mãos, a escola deve melhor equilibrar as competências e habilidades cognitivas com as socioemocionais. Neste cenário desafiador, a maioria dos docentes se sente despreparada para uma boa mediação tecnológica, porém muito apreciaria receber capacitação na instituição de ensino, indica pesquisa.

Mestre: entre na sala de aula sempre com disposição alegre, com saudação vigorosa e motivadora, tendo em mente que o aluno não está interessado nos seus problemas particulares ou nos desgastes da aula anterior. Quase todo dia o professor tem o seu calvário. Conflitos com os educandos são inevitáveis. Mas pare e pense: quem é o adulto na relação? O magistério é uma árdua fadiga, conquanto sublime tarefa de legar ao mundo uma geração melhor que a anterior.

Jacir J. Venturi foi professor e/ou gestor escolar da UFPR, PUCPR, Universidade Positivo, de cursos pré-vestibulares, de escolas públicas e privadas, inclusive do Colégio Estadual do Paraná (por 52 anos, tendo aproximadamente 90 mil alunos).

Pensamentos

- "O avô é um burro xucro que o filho domou para o neto montar."
  Dito popular

- "O estado é um pai terrível, que ainda por cima deseja ser amado."
  Karl Jaspers (1893-1969), filósofo e psiquiatra alemão e suíço

- "Não existe nada tão caro quanto a ignorância."
  Horace Mann (1976-1859), educador, político e abolicionista estadunidense em frase proferida em 4/5/1796

EaD supera os preconceitos e se consolida no Ensino Superior

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Em seu início — em torno de 2003 —, a EaD (Educação a Distância) no Brasil enfrentava elevados preconceitos sob a acusação de precarizar a qualidade do ensino e, à época, merecidamente. Depreciavam-na como um supletivo da Educação Superior. Todavia, com a progressiva incorporação de tecnologias e plataformas bem mais avançadas, com a profusão de ambientes virtuais aliados a novos modelos pedagógicos, propicia-se hoje a oferta de um ensino de qualidade equiparável ao presencial. Afinal, às duas modalidades é determinante a qualidade da educação ofertada, sendo ambas indispensáveis para chegar o mais próximo possível à Meta 12 do Plano Nacional de Educação (PNE): matricular 33% dos jovens de 18 a 24 anos na Educação Superior até 2024 (seguramente inalcançável, pois atualmente o índice beira os 20%).

Soma-se, às progressivas melhorias da modalidade, a incorporação, pelas Instituições de Ensino Superior, de profissionais (professores, tutores, técnicos etc.) com expertise na modalidade, além da implantação de laboratórios, videoaulas e momentos para a troca de ideias em fóruns no ambiente virtual. E, fundamentalmente, maior potência dos equipamentos e das conexões de internet. Ademais, mesmo datada de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) faz referência à EaD em nove artigos ou incisos, tendo o MEC amparo legal e ferramental para avaliar os cursos remotos com os mesmos critérios e rigor como o faz para os presenciais.

Toda disrupção ou mudança de paradigma é naturalmente alvo de críticas, mas nesse caso não deveriam estar voltadas à modalidade EaD e sim às faculdades que eventualmente estejam defasadas na tecnologia, no suporte didático e na oferta de oportunidades de boa capacitação aos seus docentes,

tutores e técnicos. E uma parte desse problema, que não é generalizado, mas existe, tem origem em uma portaria do MEC de 21/06/17 que promoveu uma abertura descomunal e desestruturada de polos, levando à concorrência predatória por preços e uma consequente insatisfação dos estudantes pelo baixo nível de aprendizagem em diversos cursos — uma vez que ocorria uma disputa pela mensalidade mais baixa, nem sempre pela melhor formação. Todavia, nestes últimos 5 anos desde a promulgação da referida portaria, a EaD foi se ajustando, até por controles e outras ações do MEC.

Assim, alguma dicotomia que ainda hoje exista entre a educação a distância e a presencial em breve não fará mais sentido, pois são modalidades complementares: é aprendizagem e ponto! Tanto é verdade que, no Brasil, também é considerado pelo MEC como EaD o ensino semipresencial (ou também denominado híbrido ou blended) — nos quais se amalgamam o presencial e o virtual sob a premissa do que melhor convém para o aprendizado. Nesse sentido, a partir de uma Portaria do MEC de 31/12/18, até 40% do conteúdo da carga horária de um curso presencial pode ser a distância — antes esse limite era de 20% —, mas com ressalvas, como por exemplo índices menores para os cursos da área de saúde. Este alargamento mereceu, novamente, uma saraivada de críticas por parte de muitos professores, porém tenhamos em mente que a maioria dos ingressantes em nossas universidades é de nativos digitais adeptos a essas tecnologias, ainda mais após o recente período de aulas 100% remotas devido à pandemia. Ademais, observa-se um rejuvenescimento dos alunos da EaD: em 2012, a idade média era de 30 anos, caindo para 20 anos em 2020.

E diversos são atrativos da EaD: preços acessíveis, horários flexíveis e não-necessidade de deslocamentos para as aulas. Com o ganho de escala, a mensalidade, na média, fica em torno de 40% da similar na modalidade presencial. É um instrumento democrático, pois permite ao aluno estudar onde e quando puder. Com as dificuldades de mobilidade urbana, pode significar um ganho diário de 2 a 3 horas e redução nos gastos com locomoção. Ademais, no ambiente virtual desenvolvem-se habilidades muito valorizadas no mercado de trabalho: fluência digital, boa gestão do tempo, foco, autonomia para aprender e maturidade para não embicar para o sedutor mundo das mídias sociais e outras distrações on-line. E, após finalizada a graduação, o diploma não faz qualquer inferência de que foi concluída na modalidade a distância. Na outra ponta, ganhos de escala para os mantenedores, além de espaço físico menos dispendioso, pois os campi convertem-se em um ativo menos frequentado.

Nos dados do Censo da Educação Superior recém-divulgados, constata-se que, pela primeira vez na história de nosso país, as matrículas de ingressantes em nossas faculdades na modalidade EaD superaram em cerca de 15% as do presencial. Mais especificamente em 2020: 2,01 milhões optaram pela EaD e 1,75 milhão pelo presencial. Ademais, significativo foi o crescimento de matrículas em EaD na década que vai de 2011 a 2020: 428%, enquanto o presencial minguou 13%, e o que se observa é uma boa dose de canibalismo. E — pode parecer surpreendente para muitas pessoas — a qualidade dos cursos EaD se mostrou levemente superior na última divulgação do CPC (Conceito Preliminar de Curso, medido pelo MEC, numa escala que vai até 5): 94% dos cursos em EaD obtiveram nota de 3 a 5, em contraponto ao presencial, com 86,7%. Numa palestra em Curitiba, em tom de blague, o Dr. José Armando Valente, da Unicamp, promoveu risos ao afirmar: "nosso diploma, até pouco tempo atrás, era medido por horas de bunda do aluno em sala de aula". Agora, finalmente, não mais. O que realmente importa é o compromisso da instituição com um ensino-aprendizagem efetivo, não a modalidade em que isso é ofertado.

Jacir J. Venturi, atual vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, foi Coordenador na Universidade Positivo, professor da UFPR e PUCPR e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- "A fé é a força da vida. Sem fé, é impossível viver."
  Leon Tolstói (1828-1910), um dos mais renomados escritores russos

- "A concórdia não é unanimidade de ideias."
  Raymond Edward Brown (1928-1998), padre católico estadunidense e um proeminente estudioso bíblico

- "A alegria não está nas coisas, está em nós."
  Johann W. Goethe (1749-1832), poeta, dramaturgo e romancista alemão

Para (sobre)viver bem nesta era, fábulas!

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

A fábula, como gênero literário narrativo, sempre mereceu o devido encantamento de todos os povos em todos os tempos. Vivenciamos, porém, uma fase da História em que a fantasia e a imaginação estão sendo desvalorizadas, preteridas pela passividade das telas de smartphones, com seus vídeos, redes

sociais, etc. Ainda que uma miríade de escritores se ocupou em criar ou reescrever fábulas, a maioria delas provém da sabedoria popular, na qual muito se cria, mas também muito se copia. Fruto dessa inventividade, a essência das três fábulas a seguir nos foi repassada oralmente.

O pardal recalcitrante

Era uma vez um pardal tão aferrado ao seu conforto e às suas convicções que, no início do inverno, tomou a decisão de não voar para as regiões mais quentes. Contudo, a temperatura tornou o local tão inóspito que ele relutantemente empreendeu o voo migratório. Em pouco tempo, o gelo começou a se formar em suas asas e ele, gélido, caiu num curral. Uma vaca passou e defecou no pardalzinho, que pensou ser o seu fim. Mas as fezes o aqueceram e descongelaram suas asas. Restabelecido e feliz, capaz de respirar, começou a cantar. Um gavião escutou o gorjeio, atento ao movimento das fezes, vislumbrou o pardal e o devorou.

Moral da história:

Todo aquele que defeca em você não é necessariamente seu inimigo.

Todo aquele que o tira da bosta não é necessariamente seu amigo.

Quem está na bosta não pia.

O bichano poliglota

As fábulas do gato e do rato sempre foram famosas no imaginário popular: um dia é da caça, outro é do caçador. Certa feita, ao querer respirar os ares do mundo globalizado, o rato saiu do esconderijo. Após um tempo de silêncio absoluto, ouviu um latido e pensou: "Se há cachorro, é porque o gato anda longe...". Qual o quê! Mal olhou para o lado e só ouviu um miado valente do gato, que o abocanhou de um só golpe. Ainda assim, o rato conseguiu perguntar:

— Desde quando você é bicho que late?

Moral da história: Para quem não fala dois idiomas ficou mais difícil sobreviver.

O planejador astuto

Dois ratos passeavam despreocupadamente. O primeiro rato vangloriava-se de ter cursado o seu doutorado em Planejamento Estratégico em Harvard. Um gato, de tocaia, saltou com as duas patas em cima do segundo rato, que aterrorizado, suplicou ao rato planejador:

— O que você faz aí, parado? Ajude-me!
— Estou planejando!
— Planejando o quê? Socorro!
— Já sei: vire um pitbull!
— Mas como?
— Bem... Eu planejo, você tem que executar!
Moral da história: Entre planejar e executar há no meio um mar.

As três fábulas demonstram que para sobreviver é preciso estar alerta às armadilhas e às artimanhas, sendo pertinentes a relacionamentos humanos. A primeira fábula pune severamente a rebeldia e a falta de bom senso. A segunda premia a dissimulação, tida como virtude ou vício, dependendo da ocasião. Sun Tzu, general chinês que há mais de 2500 anos escreveu a *Arte da Guerra*, assim se manifesta: "Uma boa estratégia de guerra é a dissimulação". E a terceira mostra o grande erro que é dar ênfase excessiva ao planejador e pouca ao "fazedor".

A fábula, como uma narrativa elevadamente pedagógica, tem o condão de apresentar um forte efeito de moralidade, razão pela qual são as fábulas tão apreciadas desde os antigos gregos. As denominadas Fábulas de Esopo (coletânea de 40 textos escritas pelo escravo Esopo cerca de 600 anos antes da Era Cristã) são reconhecidas como o fulcro deste gênero literário. Seguiram-no outros grandes escritores, como o romano Fedro (séc. I d.C.), o francês Jean de La Fontaine (1621-1695) e o brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948).

Uma vez inquirido sobre a recorrente presença dos animais em seus textos, La Fontaine foi pedagógico em sua assertiva: "Sirvo-me dos animais para instruir os homens". E para ele, as fábulas comportam duas partes: o corpo e a alma, ou seja, a narrativa e a instrução moral. Em nossa Era Contemporânea, caracterizada por abundantes e inovadores recursos tecnológicos, talvez precisemos redescobrir que não só de gadgets se faz a moral e a educação de uma nação. Valorizar as boas fábulas é valorizar a cultura, a História e o próprio futuro.

Jacir J. Venturi foi professor e diretor de escolas. É vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, Cidadão Honorário de Curitiba e autor de quatro livros.

Pensamentos

- "Toda mudança interior e toda mudança para melhor dependem exclusivamente de nosso próprio esforço."
  Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão

- "Mágoa é um espinho que a gente finca no coração e se recusa a retirar… e como dói… dói… dói… "
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Constituição dos EUA: fruto da convenção de Filadelfia, 1787. Supervisão do Presidente George Washington. Foram impressas 500 cópias, restam 11. Apenas 7 artigos e 6 páginas. Teve 27 emendas em 234 anos.
  Constituição do Brasil: já sofreu 95 emendas em apenas 28 anos, a maioria para tentar modernizá-la. Roberto Campos mostrou que se fala em 'direitos' 76 vezes, enquanto a palavra 'deveres' tem apenas 4 menções; 'produtividade', uma; 'eficiência', duas. O sistema tributário piorou."
  Maílson da Nóbrega (n.1942), economista brasileiro, em entrevista à Veja de 21/6/2017. Obs.: A Constituição Brasileira possui 250 artigos e 95 disposições transitórias. O número de emendas já se ampliou: 128, em junho de 2023.

Ampliado o mais relevante programa socioeducacional brasileiro

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

O Programa Universidade para Todos (ProUni) nada mais é do que uma renúncia fiscal por parte do Tesouro Nacional, reduzindo ou isentando o pagamento, pelas Instituições Privadas de Ensino Superior, de quatro tributos: IRPJ, CSLL, PIS e Cofins. A bem da verdade, trata-se de uma permuta com bolsas de estudos. Além dos requisitos socioeconômicos, a meritocracia também é contemplada, pois o candidato se obriga a alcançar um mínimo de 450 pontos nas provas do Enem, numa escala que vai até 1.000.

Quanto maior a nota, maior a chance de ganhar a bolsa de estudos.

Entre 2005 e 2020, o ProUni abriu as portas do Ensino Superior para 2,8 milhões de jovens. Em 2021, foram 10.821 cursos em 952 Instituições Privadas de Ensino Superior que oferecem descontos de 50% ou 100% pelo programa em epígrafe. Na média, significa uma bolsa para cada 10,7 alunos pagantes. É um contingente significativo, pois 75,2% das matrículas do nosso Ensino Superior estão nas faculdades particulares, o que corresponde a 6,72 milhões de universitários.

Mas um fato absolutamente relevante ocorreu no primeiro trimestre de 2022: 56,8% das vagas do ProUni não foram preenchidas, conforme estudos da respeitada ABMES (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior). Evidentemente, essa ociosidade incide essencialmente em cursos menos concorridos como as licenciaturas, jamais em Medicina, por exemplo. Some-se a isso uma queda significativa de participantes no último Enem (apenas 2,1 milhões contra 5,8 milhões em 2016). Destarte, muito menos candidatos elegíveis às vagas disponíveis, o que restringe o potencial desse programa de 17 anos e elevado alcance social.

Diante dessa realidade, o Presidente Bolsonaro sancionou a Lei 14.350/22, que estende os benefícios do ProUni ao remover a exigência de que os candidatos tenham cursado o Ensino Médio integralmente em colégios públicos (ou, para uma minoria, que tenha obtido bolsa integral em colégios particulares). Assim, a partir de 16/07/22, todos os ingressantes em faculdades particulares cadastradas ao programa e não filantrópicas, desde que tenham alcançado 450 pontos no Enem e não zerado em redação, podem concorrer a uma bolsa integral se a renda familiar per capita for de até 1,5 salário-mínimo (SM); e meia bolsa para os discentes com renda familiar per capita entre 1,5 SM e 3 SM. "A inclusão dos egressos do Ensino Médio privado é meritória, na medida em que não se muda o critério socioeconômico de renda e pouco afeta o potencial quantitativo a mais de vagas que podem ser preenchidas", justificou o relator da Medida Provisória, deputado Átila Lira (PP-PI).

Por décadas, foi elevada a pressão da sociedade por mais vagas no Ensino Superior diante da realidade de que as universidades públicas não poderiam atender ao enorme contingente de concluintes do Ensino Médio, enquanto — de acordo com o INEP — havia em 2003 cerca de meio milhão de vagas ociosas nas faculdades particulares. Um ecossistema propício a um novo programa que contemplasse uma parceria com as entidades privadas de Ensino Superior.

Lembro-me bem de uma tarde de maio de 2004, na qual atendemos o deputado federal Irineu Colombo (PT – PR), em uma reunião no Sinepe/PR (Sindicato das Escolas Particulares do Paraná), quando — com o zelo de quem manuseia uma joia —, retirou da sua pasta duas folhas de papel. Ali estava uma minuta do que seria o embrião do ProUni.

O setor educacional do Paraná deu uma importante contribuição à minuta, interpondo sugestões, ofertando assistência jurídica e intermediando a adesão de outros deputados e autoridades. Depois de muitas negociações com

os ministros da Educação e da Fazenda, no governo do Presidente Lula, a versão aprimorada daquela minuta se converteu no PL 3.582, do qual o deputado Irineu Colombo foi o relator. O então ministro Aloizio Mercadante defendeu o investimento indireto como sendo "um custo bem mais barato do que se fôssemos criar vagas novas em uma Universidade Federal". Na época, em uma das reivindicações não fomos atendidos: a de que, como só agora finalmente se realiza, o ProUni abarcasse todos os alunos com renda familiar per capita de até 1,5 SM, independentemente de serem egressos de escola pública ou privada, com ou sem bolsa.

Investir em educação é uma das principais prioridades de uma nação, como bem corrobora pesquisa global (encomendada pelo HSBC, em 2018), na qual 79% dos pais brasileiros dizem considerar como o melhor investimento que podem fazer é propiciar um ensino de qualidade para os filhos. Trata-se do maior percentual entre todos os 15 países pesquisados, entre eles Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, Canadá, França, México. Sim, o estudo é o melhor investimento para a ascensão social, pois só se perde com a loucura ou com a morte, como bem ensina a sabedoria popular.

E relevante é lembrar de outra sugestão há muitos anos acalentada e que merece o debate entre sociedade civil, congressistas e governo: o ProBásico, um programa que seria similar ao ProUni, com o mesmo tipo de renúncia fiscal e com o potencial de atender centenas de milhares de alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio, com especial ênfase para os cursos técnicos profissionalizantes. Se é uma experiência tão bem-sucedida no Ensino Superior, ratificada por quase duas décadas de ótimos resultados, por que não replicar o modelo também para a Educação Básica, que concentra grande parte das graves mazelas do ensino no Brasil?

Jacir J. Venturi, professor aposentado da UFPR, foi professor e coordenador da PUCPR, da Universidade Positivo e também presidente do Sinepe/PR (que congrega cerca de 1.800 escolas particulares do Paraná).

Pensamentos

- "A ignorância é a maior multinacional do mundo."
  Paulo Francis (1930-1997), jornalista e escritor carioca

- "É preciso escolher um lado. Neutralidade ajuda o opressor."
  Elie Wiesel (1928-2016), escritor romeno, Nobel da Paz em 1986, sobrevivente dos horrores dos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald

• Frases de efeito:

1. A boa propaganda apressa a morte do mau produto.
2. Intimidade demais gera problemas ou filhos.
3. Lágrimas nos olhos, risos no coração.
4. Quem mal faz, mal espere.
5. O estômago não tem dentes, ou seja: mastigue bem os alimentos.
6. Erro de médico a terra cobre.
7. Quem tem sócio tem patrão.
8. O valente de palavras é muito ligeiro dos pés.
9. Contas certas, amigos para sempre.
10. Não há lar sem lágrimas.
11. Merda mexida, merda fedida.
12. Quem muito abarca, pouco abraça.

Ler e caminhar: essenciais para o nosso bem-estar físico e mental

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

Diante das fortes exigências da vida moderna, podemos experimentar duas formas de praticar uma boa catarse: nas páginas de um bom livro e nas caminhadas pelos parques, ruas, praias e campos sob os benfazejos raios solares. Está provado que tais atividades promovem a sensação de bem-estar provocada pela serotonina e equilibram os níveis sanguíneos de adrenalina e cortisol. Se os músculos se fortalecem com os exercícios físicos, igualmente o cérebro é estimulado pelas sinapses nos neurônios: leituras, memorizações e exercícios que exijam raciocínio. E afastam ou minimizam os declínios cognitivos que levam à demência, à depressão, à solidão e ao Alzheimer. Uma mente vazia ou preguiçosa é oficina de doenças degenerativas e vícios.

Há uma sensação de enlevo e êxtase quando imergimos em uma boa leitura, quer pelo aconchego de um livro impresso, quer pela praticidade de um tablet ou outro dispositivo digital. Afinal — ao contrário de algumas previsões belicosas —, os *e-books* e as versões em papel não são rivais, mas sim veiculam textos em suportes diferentes que retratam uma harmoniosa convivência entre gerações analógicas, imigrantes digitais e nativos digitais. Vivenciamos uma

época singular da História com a superabundância de textos em livros, revistas e jornais a preços acessíveis — diferentemente de uma realidade não tão distante.

Um recorte interessante de um estudo mostra que a maioria das pessoas considera que a leitura ensina a viver melhor e que se converte em bons hábitos, citando inclusive uma pesquisa da Universidade de Roma segundo a qual leitores são mais felizes do que não leitores.

Ler o que se gosta é um dos grandes prazeres da vida, pois promove inclusive maior equilíbrio emocional. É bálsamo para as horas de tédio ou de ausência de companhia. O dia termina em conflitos? Ofensas? Socorra-se em Montesquieu: "Jamais sofri qualquer mágoa que uma hora de boa leitura não tenha curado". A propósito, grandes pensadores se manifestaram sobre os benefícios das caminhadas, eles próprios andarilhos altamente produtivos.

Relembremos apenas três deles, dispostos em ordem cronológica. Jean-Jacques Rousseau assim se expressava: "Só consigo pensar enquanto caminho. Minha mente só funciona com minhas pernas". Immanuel Kant, nascido na cidade prussiana de Königsberg, era disciplinado e somente quebrava sua rotina de escritor prolífico com suas caminhadas vespertinas, sempre pela mesma alameda, hoje conhecida como Passeio do Filósofo. E de tão metódico que era, ficou folclórico o mito de que os vizinhos bisbilhotavam o momento em que Kant saía de casa para andar a pé, pois acertavam as horas do relógio: "Pimba: 15h30!". E Friedrich Nietzsche, que para organizar as ideias e aplacar as inquietudes e demônios, dedicava em média seis horas diárias às caminhadas: "Todos os pensamentos realmente grandiosos são concebidos enquanto se caminha."

Exercícios físicos regulares e atividades que exigem esforço mental aumentam o fluxo sanguíneo de nutrientes e oxigênio para o corpo. Pesquisas indicam que, se esse fluxo perde impulsos, a vitalidade das células do cérebro é prejudicada. Até meados da década de 60 do século 20, havia um consenso na comunidade médica em que o cérebro adulto seria um órgão estático no qual novos neurônios não poderiam ser gerados, o que foi desmentido, a partir daí, por descobertas da Universidade de Berkeley (Califórnia), demonstrando a permanência de grande plasticidade. Atualmente, está comprovado que atividades físicas, aprendizagens que exigem esforço intelectual, laços afetivos e boa convivência com amigos e familiares favorecem a neurogênese — ou seja, a formação de novos neurônios.

O cérebro humano é o formado por cerca de 100 bilhões de neurônios que crescem em ritmo célere até os 8 anos de idade. Com o passar dos anos, a neurogênese reduz em maior ou menor intensidade, proporcionalmente aos estímulos recebidos. Estímulos físicos, intelectuais e psíquicos vão muito além de beneficiar o cérebro, pois melhoram a autoestima, o humor e o sistema imunológico, retardam o envelhecimento e nos fazem dormir melhor.

Evidentemente, exercitar-se com regularidade (além de caminhar) e manter um nível elevado de atividades intelectuais (além de ler) são ações importantes e benfazejas. Mas os hábitos de "ler e caminhar" (motivos deste artigo) são acessíveis, democráticos e não requerem habilidades especiais. São daqueles bons hábitos para os quais não há desculpas em não os praticar, à exceção dos privados por orientação médica.

Jacir J. Venturi, autor de quatro livros e vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor da UFPR, PUCPR e Coordenador na Universidade Positivo.

Pensamentos

- "O que não pode ser medido, não pode ser gerenciado."
  William Edwards Deming (1900-1993), estatístico, professor universitário, autor, palestrante e consultor estadunidense, um dos pais da Gestão da Qualidade

- "Não se gerencia o que não se mede."
  Idem

- "Os pecados da carne não são os mais graves. Quais são? Orgulho e ódio."
  Papa Francisco (n. 1936), nascido em Buenos Aires, de nome Jorge Mário Bergoglio, jesuíta que sucedeu Papa Bento XVI em 2013 e primeiro Papa das Américas

Escola charter, uma alternativa para a gestão de nossas escolas públicas

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, Linha Direta e outros jornais e revistas.

No Brasil, são investidos cerca de 6% do PIB em educação pública. Não é pouco! É a média do que investem as nações com bons resultados em avaliações internacionais. No entanto, em qualquer ranking comparativo de desempenho escolar, sempre pontuamos entre os últimos países. E, internamente, a

nota 3,9 do último IDEB (2019) para o Ensino Médio é por demais ignominioso em sua escala de 0 a 10.

É admissível que um estudante conclua o Ensino Médio sem saber resolver uma equação do 1º grau? Não, mas, incrivelmente, isso aconteceu com exatos 96,6% dos estudantes paulistas do 3º ano, conforme demonstrou a prova Saresp aplicada pela Secretaria de Educação nas escolas estaduais públicas no final de 2021 (após dois anos letivos sob pandemia), cujos resultados estatísticos foram divulgados há poucas semanas.

Na supracitada prova, foram avaliados os componentes curriculares Português e Matemática. Os resultados foram pungentes: o nível demonstrado pelos estudantes do 3º ano do Ensino Médio é equivalente ao de 8º ano do Ensino Fundamental — ou seja, como se eles não tivessem cursado o Ensino Médio ou, sob outra ótica ainda, não tivessem finalizado o Ensino Fundamental. Em Português, 76% não conseguiram interpretar um texto literário. Qual a chance de essas perdas serem recuperadas? Lembremos que são alunos concluintes da Educação Básica.

A pandemia comprometeu ainda mais o nosso combalido sistema educacional, pois asfixiou perversamente as oportunidades e o futuro de nossas crianças e adolescentes. Na mesma data, a prova Saresp também foi aplicada para crianças do 5º ano (o resultado indicou que 61% não souberam calcular o troco de uma compra) e para adolescentes do 9º ano (85% erraram ao calcular um simples problema de percentagem).

Compreende-se que, para uma grande maioria de brasileiros, esses resultados tão comprometedores da qualidade de nossa educação pública sejam enfadonhos de tão repetitivos e a poucos causem indignação. Por esse motivo, talvez, escassas são as cobranças por ações dos governantes e o efetivo envolvimento deles em atitudes concretas para uma mudança de cenário. Necessitamos de alternativas consistentes e persistência, pois o atual modelo há muitas décadas apresenta resultados inaceitavelmente baixos. Cabe aqui reproduzir uma advertência atribuída a Albert Einstein: "Insanidade é continuar fazendo a mesma coisa e esperar resultados diferentes".

Se precisamos de resultados melhores, devemos agregar novas experiências e práticas, que vão desde capacitação dos professores e busca por maior comprometimento dos alunos até a própria gestão escolar (um dos grandes desafios). E uma das alternativas está no modelo de escola charter que surgiu

nos EUA em 1991 e hoje é responsável, naquele país, por 7 mil escolas, distribuídas em 86% dos estados, que atendem 3,2 milhões de matrículas (a maioria de estudantes oriundos de famílias de baixa renda). Eram e continuam sendo escolas públicas, porém administradas pela iniciativa privada mediante contrato atrelado à conquista de bons resultados.

Há estimativas de que, atualmente, há cerca de 5 milhões de alunos que gostariam de se transferir para escolas com esse formato de administração escolar. Estudos apresentados pela Universidade de Stanford mostraram resultados alvissareiros: "as escolas charter apresentaram os seus melhores resultados em grupos tradicionalmente desassistidos", pois reduziram os índices de evasão e reprovação, aumentando o contingente de ingressantes nas faculdades.

Evidentemente, nem tudo são flores, pois nem sempre as metas são alcançadas. Ademais, é um tema que gera embates urticantes pelo receio de ser o portal para a terceirização ou a privatização da educação. Mas não se trata de nada disso, pois a escola permanece pública. Em tantos outros setores, celebram-se contratos entre o público e o privado, como, por exemplo, em hospitais, saneamento básico, rodovias, metrôs, ferrovias, portos, aeroportos, geração de energia, estádios, iluminação pública, complexos prisionais, etc. Recentemente, a Prefeitura de Belo Horizonte celebrou contratos de parcerias público-privadas para a construção e manutenção de 51 centros de Educação Infantil, mas a gestão pedagógica permaneceu sob a égide da administração municipal.

O custo não necessariamente se amplia, pois a mesma verba que a Secretaria de Educação dispende para aquela unidade escolar é transferida para o novo gestor. Este, por sua vez, possui autonomia administrativa e financeira, inclusive para manejar o seu quadro de pessoal, seguindo cláusulas descritas em contrato. Prudentemente, a implantação pode inicialmente ser gradual, limitada a poucas escolas, para aprender com as eventuais oportunidades de melhoria a implementadas antes de uma adoção mais ampla do modelo.

É imperativo constar na licitação que o novo mantenedor tenha experiência consolidada e comprovada em gestão escolar, devendo ser uma organização sem fins lucrativos. Há, no Brasil, muitas instituições que se enquadram nesse critério, como as fundações, associações, entidades religiosas e outras organi-

zações do terceiro setor. Em tendo boa fidúcia, podem atrair doações privadas para investirem ainda mais na melhoria da qualidade do ensino. E, como confiança é uma via de mão dupla, o ente público precisa dar garantias de pontualidade dos repasses financeiros aos mantenedores contratados.

A boa notícia é que já temos no Brasil amparo legal a essas parcerias público-privadas por meio da Lei 13.019/14 (Marco Regulatório das Parcerias entre o Estado e as Organizações da Sociedade Civil), que prevê a celebração de termos de colaboração e cooperação da administração pública com organizações privadas sem fins lucrativos. Depende-se, assim, muito mais de vontade política em planejar e implementar essa que pode ser uma grande revolução na combalida educação brasileira, com grande potencial para gerar os tão almejados e necessários resultados, decisivos para o futuro de nossa nação.

Jacir J. Venturi foi diretor e professor de escolas públicas e privadas; foi presidente do Sinepe/PR, que congrega cerca de 1.800 escolas privadas do Paraná. É vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná.

Pensamentos

- Medir é fundamental para atingir um bom resultado, para identificar problemas, para tomar decisão, para definir metas e para praticar a melhoria contínua, como bem ensinam Peter Drucker ("O que pode ser medido, pode ser melhorado.") e William E. Deming ("Não se gerencia o que não se mede.")

  Peter Drucker (1909-2005), austríaco naturalizado norte-americano, considerado o pai da administração moderna, autor de clássicos como "O Gerente Eficaz" e "Administração para o Futuro"

  William Edwards Deming (1900-1993), estatístico, professor e consultor norte-americano, pioneiro na gestão da qualidade e no ciclo PDCA, amplamente reconhecido por sua contribuição à reconstrução industrial do Japão no pós-guerra

- "Cuidado com o vazio de uma vida ocupada."

  Sócrates (470-399 a.C.), filósofo ateniense, um dos fundadores da filosofia ocidental

- Meu amigo vamos falar de flores, amores e dores. Isso é a vida, pois quem pede dela só alegrias está pedindo o que a vida não pode dar.

  Jacir J. Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

Ensino Médio de 2025: apesar dos desafios, muito otimismo

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Para 2025, prevê-se para o Ensino Médio um cenário de muitos desafios, acertos e desacertos, ainda que meu posicionamento, aqui explicitado, evidentemente não seja consensual, até porque há poucos consensos em Educação. É imperativo que as autoridades educacionais do país promovam normas complementares à lei sancionada no final de julho de 2024, que favoreçam uma boa viabilidade prática, em busca de uma evolução nos indicadores de nosso Ensino Médio público. Elevado é o esforço de uma boa parte dos educadores na busca de uma maior eficácia nesta etapa da Educação, pois, se ela fosse um aluno, teria reprovado no percurso de todos os anos de avaliação do Ideb, uma vez que nunca obteve nota superior a 5 (4,8 em 2023, numa escala que vai até 10). O Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é o mais importante indicador da qualidade educacional da Educação Básica, implementado há 19 anos.

A responsabilidade pela oferta de Ensino Médio recai preponderantemente sobre os Estados e seus sistemas de ensino, que devem receber os necessários suportes técnico, financeiro e normativos do MEC, além de avaliações comparativas, pois, como William Deming ensina, "não se gerencia o que não se mede". Julgo que temos, sim, consistentes sistemas de avaliação de nossa combalida educação, como o Ideb, o Enem, o Pisa, as Provas Estaduais (como a Prova Paraná) etc. Somos eficientes em bem avaliar, razoáveis em teorizar melhorias de qualidade na educação, porém medianos, quando não ruins, em implementar ações eficazes e medidas pragmáticas de gestão e didática, com poucas exceções.

O Ensino Médio iniciará 2025 já com as mudanças promovidas pela Lei Federal nº 14.945, sancionada em 31/07/2024, conquanto ainda haja muito trabalho a ser feito pelas Secretarias e Conselhos Estaduais de Educação, bem como pelos gestores escolares, e os desafios para o início do ano letivo não são poucos. Nesse ínterim, desde final de julho até hoje, navegamos em noite escura, sem GPS e apenas uma carta náutica com incompletudes, destacando-se que as matrículas das escolas privadas tiveram início em setembro e das públicas, em novembro.

Há, no entanto, que se tecer encômios ao MEC e ao CNE (Conselho Nacional de Educação) pela presteza, racionalidade e concessões à flexibilização, pois a Resolução nº 2/2024, que atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, foi homologada pelo ministro Camilo Santana, em 13/11/24. Com essa normativa, em redação primorosa e bom encadeamento lógico, estabeleceu-se o farol de que necessitávamos para indicar uma direção. Porém, a partir desse documento legal, ainda decorrerão normas complementares do CNE a serem customizadas e aprovadas nos Conselhos Estaduais de Educação.

Há de se compreender, também, que até as pedras da Praça dos Três Poderes de Brasília sabem que uma mudança na legislação é árdua e morosa, ainda mais em se tratando de um tema complexo como o do Ensino Médio. E o bom senso prevaleceu quando a Resolução de nº 2/2024 permitiu que os sistemas de ensino (público ou privado) iniciem as mudanças em 2025 (preferencialmente) ou em 2026, podendo fazê-lo de maneira gradativa ou simultânea, atendendo os anseios de autoridades educacionais e dos gestores, com vistas a um melhor planejamento das matrizes escolares, regimento escolar, admissão ou realocação de professores. Para estes, como também para os diretores de escolas, é necessária uma capacitação eficaz, além do fato de vários prédios escolares precisarem de uma reconfiguração física, sem esquecer também a significativa reformulação do material didático.

Seguramente, em 2022, quando da implantação do primeiro ano do então Novo Ensino Médio (aprovado pela Lei Federal nº 13.415/17), houve falhas em diversas instituições de ensino, especialmente em relação aos itinerários formativos, que ficaram demasiado dispersos e, em alguns casos, extravagantes. Sabedores desses problemas, o MEC à época foi negligente, pois deveria delinear o caminho, definir melhor um regramento para conter e evitar essa desbragada abertura de excessivos componentes curriculares. Merecidamente, virou motivo de críticas ardorosas de educadores e de motejos da oposição.

Por outro lado, o mais inconteste mérito de ambas as leis foi a ampliação da carga horária do Ensino Médio para 3.000 h, ou seja, 25% a mais do que as 2.400 h do modelo anterior (o Antigo Ensino Médio), que reinou soberano por mais de três décadas, alvo de críticas severas da maioria dos educadores, cujo legado foram os baixos e permanentes resultados no Ideb e as altas ta-

xas de evasão escolar, agravando desigualdades sociais e econômicas. Ademais, houve aprendizado insuficiente e péssimo desempenho considerando todos os comparativos internacionais.

Passaremos a ter uma carga horária da Formação Geral Básica (FGB) de 2.400 h (bom salto, pois a lei anterior determinava 1.800 h), a serem aplicadas em sala nos componentes curriculares obrigatórios e clássicos: Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química, Biologia, Filosofia, Sociologia, História, Geografia, Arte, Educação Física e Inglês. A FGB, portanto, é mandatória, independentemente do percurso a ser trilhado. As 600 h restantes serão dedicadas aos Itinerários Formativos de Aprofundamento (IFA), em que os estudantes podem optar por uma Formação Técnica e Profissional ou uma ênfase para o ingresso no Ensino Superior, priorizando-se os componentes curriculares de maior interesse para o curso de graduação escolhido em uma das quatro áreas: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais. Os Itinerários Formativos de Aprofundamento (IFA) seguirão diretrizes a serem ainda elaboradas pelo CNE, e a unidade escolar que ofertar o Ensino Médio deve dispor de pelos menos dois IFA, que poderão ocorrer de maneira integrada. A FGB e os IFA (estes de livre escolha dos educandos) não podem se constituir em blocos distintos e segregados.

Se a opção for pela Formação Técnica e Profissional, deve-se considerar o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), que estabelece carga horária de 800, 1.000 ou 1.200 h. Devido à impossibilidade de ajustar essas cargas nas 600 h dos itinerários formativos, adotou-se o seguinte arranjo: a FGB será reduzida de 2.400 para 2.200 h para os cursos técnicos de 800 h; e reduzidas para 2.100 h no caso de cursos técnicos de 1.000 h ou 1.200 h. Mesmo assim, para acomodar os cursos de 1.000 ou 1.200 h, a nova lei admite que até 300 h da carga horária sejam destinadas ao aprofundamento de conteúdos relacionados diretamente ao curso escolhido pelo estudante. Em contraponto, cabe salientar que, pela nova lei, ficam autorizados convênios ou outras formas de parceria com instituições credenciadas de Educação Profissional, preferencialmente públicas (permitidas, portanto, parcerias com instituições privadas).

E é justamente na Formação Técnica e Profissional que está um dos maiores gargalos da educação brasileira, pois diplomamos um contingente de técnicos muito inferior às nossas necessidades e em comparação à média dos países

desenvolvidos. Durante a vigência do Antigo Ensino Médio, apenas cerca de 10% dos discentes estavam matriculados nessa modalidade. Contudo, no governo anterior, a partir de 2022, com o Novo Ensino Médio, houve um bem-vindo despertar, um ecossistema propício para uma oferta mais significativa de matrículas para os cursos profissionalizantes. No Paraná, por exemplo, em 2024, 32% das aproximadamente 115 mil novas matrículas no 1º ano do Novo Ensino Médio seguiram a trilha de uma formação técnica (em 2021, eram apenas 11%). Ademais, os cursos técnicos têm o mérito de reduzir a evasão e a reprovação, especialmente quando as ofertas são articuladas com as demandas regionais, pois são uma mola propulsora que dá tração à aplicação prática dos conhecimentos teóricos ministrados, além de oportunizar a monetização em virtude do ingresso no mercado de trabalho.

O Ensino Médio a ser implementado a partir de 2025 traz ainda duas outras alterações significativas: a) permite aos estudantes do Ensino Médio em tempo integral terem reconhecidas pelos sistemas de ensino aprendizagens, competências e habilidades desenvolvidas em experiências extracurriculares, como estágios e trabalhos voluntários supervisionados, cursos de qualificação profissional com certificação, iniciação científica ou atividades de liderança em grêmios estudantis; b) Matemática e Língua Portuguesa deixaram de ser componentes curriculares obrigatórios em cada um dos três anos do Ensino Médio, desde que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) seja cumprida integralmente no percurso dos três anos. Embora intensamente recomendável que estejam presentes nos três anos do Ensino Médio regular, podem, porém, facilitar a arquitetura da matriz em realidades específicas, como, por exemplo, educação especial inclusiva, nas comunidades indígenas, quilombolas, do campo, bilíngue de surdos e na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Foi também estabelecida a obrigatoriedade, quando houver demanda, de que todos os municípios do país ofertem turmas para o Ensino Médio regular noturno, permitindo-se uma matriz bastante flexível, conquanto seja essencial uma melhor regulamentação pelo respectivo sistema de ensino, considerando 1.257 municípios terem menos de 5.000 habitantes. Pode haver pressão política para que se abra uma turma de 1º ano noturno com cinco alunos, o que aumenta a probabilidade de no 3º ano existirem um ou dois concluintes apenas, representando um custo elevado para os cofres públicos.

Até hoje, a modalidade EaD pode ser aplicada ao Ensino Médio com um limite de 20% para o período diurno e 30% para o noturno. A partir de 2025, não mais. A Resolução 2/2024 determina que, em vez da EaD, se incorpore a educação mediada por tecnologia, que é uma prática pedagógica inovadora, mas já consagrada. Essa modalidade permite a realização de aulas a partir de um local de transmissão para salas localizadas em qualquer lugar do país, com o pressuposto de que um docente ao vivo deva estar mediando a aprendizagem dos educandos no ambiente escolar, de maneira que interajam em tempo real. Também admite a educação híbrida, que combina atividades pedagógicas presencial e não presencial, mediadas pela ação de um professor, com suporte nas tecnologias ou mesmo outras ferramentas colaborativas como, por exemplo, materiais impressos, áudios, vídeos, discussões em grupo (metodologia bastante empregada durante a pandemia da Covid-19).

O Presidente vetou a cobrança de conteúdos dos Itinerários Formativos no Enem, assim a avaliação seguirá focada na FGB, constituindo-se uma acertada decisão, ao menos para esse primeiro momento, porque, se fossem exigidos — por serem excessivamente pulverizados e diversos —, as condições de isonomia ficariam comprometidas, uma vez que o Enem é um dos principais balizadores do Ensino Médio. Isto posto, é de bom alvitre que as Universidades adotem, nos processos seletivos, o sistema de pesos para os componentes curriculares.

E a fim de que não haja uma desmotivação para a matrícula em cursos técnicos, é recomendável que, no futuro próximo, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) desenvolva uma plataforma para avaliar tais cursos, à semelhança do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), que avalia os cursos de Ensino Superior. É relevante que desde já se encontre uma maneira de motivar os estudantes a se dedicarem com denodo às 600 h e, pelo que foi sinalizado, um encaminhamento é estabelecer uma boa matriz curricular para os Itinerários Formativos de Aprofundamento (IFA), cujo conteúdo poderia ser futuramente cobrado no Enem e nos vestibulares.

Nesse ponto, decorre um grande desafio: os estudantes dos cursos técnicos ficarão, de certo modo, prejudicados nesses exames, pois é de 800 a 1.200h a carga horária dedicada à Formação Técnica e Profissional. É preciso pensar em alternativas para não desmotivar os estudantes que queiram se matricular

nesta opção tão relevante e necessária para o Brasil, caso também anseiem posteriormente ingressar no Ensino Superior. Uma sugestão é atribuir um peso adicional aos diplomados em cursos técnicos, nas provas do Enem e nos vestibulares, ou seja, um fator multiplicador de, por exemplo, 1,20 às notas desses exames. Estes 20% (ou outro índice) justificam-se, considerando que as quatro áreas (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais) e a Redação compõem cada uma delas 20% do cômputo geral da nota do Enem — por que não igual peso à formação técnica?

Ou outra sugestão para debates: a maioria dos vestibulares das universidades adota o sistema de cotas, distribuindo 50% das vagas para cotistas e 50% das vagas de concorrência geral. Isto posto, a sugestão seria dispor de metade das vagas de cotistas (ou seja, 25% do total) para os alunos com habilitação técnica profissional. Há atualmente um desvirtuamento da distribuição de vagas, pois muitos cotistas têm padrão de classe média, estudam em escolas públicas e, no contraturno, pagam aulas particulares ou cursos preparatórios, desfigurando o propósito das políticas afirmativas que visam promover equidade e justiça social.

Além disso, as diretrizes da FGB e dos IFA devem ser norteadoras, no sentido de garantir a presença de temas contemporâneos e relevantes. Direta ou transversalmente, devem ser ofertados conteúdos de Letramento Digital, Educação Financeira, Pensamento Computacional e Projeto de Vida. A propósito, a prova do Pisa 2025 vai avaliar as competências tecnológicas para o mundo digital; o Projeto de Vida deverá estar presente ao longo de todo o Ensino Médio, pois incentiva o autoconhecimento e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, preparando o aluno para as escolhas profissionais e para a vida adulta; e pela sua importância, os concursos cada vez mais têm cobrado questões de Matemática Financeira: como exemplo concreto, das 45 questões da prova de Matemática do Enem aplicada em novembro de 2024, oito questões foram relativas ao tema, superando qualquer outro.

Está praticamente definido pelo MEC que o Enem tenha mais abrangência já a partir de 2025: a) que volte a ser, assim como na década passada, uma prova de certificação para aqueles que não concluíram o Ensino Médio, com 18 anos ou mais, independentemente da escolaridade formal. Apesar de já termos, para este mister, o Encceja, que continuará sendo aplicado em outra data

(geralmente em agosto), o Enem tem mais amplitude de locais de prova); b) que, em vez da Prova do Saeb, aplicada aos concluintes do Ensino Médio, seja considerada a nota do Enem, o que proporcionaria um incremento na média das notas, pois maior é o denodo e a motivação no Enem, uma vez que nada ganham e nada perdem com o Saeb. Ademais, nem todos os concluintes do Ensino Médio se inscrevem na prova do Enem, e os que a prestam têm em geral um desempenho superior, uma vez que se esforçam pelo desejo de concorrer a uma vaga em Universidade.

Mas, acima de tudo, é preciso empenho para que não seja um *déjà-vu* do Antigo Ensino Médio com os seus componentes curriculares repletos de penduricalhos desmotivantes e extemporâneos. De fato, só não vamos ter um arremedo do Antigo Ensino Médio com a conscientização e muito treinamento em todo o ecossistema da escola, além de uma intensa vigilância por parte do MEC e das Secretarias Estaduais de Educação. É promissor o fato de o MEC estar capacitando em gestão e pedagogia mais de 200 profissionais de todas as 27 Secretarias Estaduais de Educação do Brasil. Terão a função de orientar as redes, acompanhar a implantação e se reportarem ao MEC indicando dificuldades enfrentadas em cada um dos Estados.

Já me situando na categoria dos 60+, afirmo ao leitor que muito valorizo o conteúdo clássico, acadêmico, no entanto não se pode deixar de considerar que apenas 36% de nossos alunos de escolas públicas ingressam no Ensino Superior, de acordo com dados do IBGE. Um índice *de per si* baixo, especialmente se levarmos em conta o benefício das cotas sociais e, *ipso facto*, reitero a necessidade de serem excluídos aqueles conteúdos sem serventia para a futura vida acadêmica e profissional.

Conquanto, consideremos que o mundo mudou muito nos últimos dez anos e, com ele, também a escola deve equilibrar as competências e habilidades cognitivas e socioemocionais com os avanços das tecnologias educacionais, sendo a inteligência artificial (IA) a mais avassaladora delas. O professor Pedro Flexa Ribeiro, com sólida formação pedagógica, experiência como diretor de escola e atuação como membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, muito bem expressa essa dicotomia e contemporaneidade da escola: "A nossa tradição vem de currículos escolares desenvolvidos em época de escassez de informação, na qual a escolaridade representava muitas vezes a única opor-

tunidade em que os jovens teriam acesso a determinado repertório de conhecimentos. Assim, historicamente, os currículos escolares foram constituídos em um viés enciclopédico. Quando, hoje, pensamos em currículo, é preciso considerar que as atuais gerações já chegam imersas em mídias e redes sociais. O conhecimento e a informação fluem livremente e de forma abundante. Longe da escassez, impõe-se hoje um excesso de informação. Esse contexto, externo à escola, nos convoca a revermos o seu papel e forma de atuação. O que importa agora é ensinar a filtrar e a ter criticidade."

Imbuídos de otimismo e positividade, vamos sim com intensa disposição para o trabalho árduo na implantação da nova lei do Ensino Médio, em busca de uma boa eficácia, pois, apesar dos desafios e até das discordâncias, bem ensina a sabedoria popular: "segure o choro e bola pra frente". Está posto, é lei, vamos cumpri-la. Vamos, sim, desideologizar, despolarizar o ambiente escolar e educacional. Os vieses, os extremos, os corporativismos muito comprometem o futuro do nosso país, que elevadamente da educação de qualidade depende para promover inclusão social e formar capital humano para o exercício pleno da cidadania.

P.S.: Peço desculpas ao paciente leitor pela extensão deste artigo, justificando-me, pois não posso deixar muitas pontas soltas ao tratar das mudanças no Ensino Médio. As opiniões aqui expressas enaltecem os acertos, mas também sugestões e críticas construtivas, e não refletem necessariamente as posições das entidades com as quais colaboro ou colaborei. A complexidade do tema e a diversidade de visões entre meus colegas de trabalho enriquecem o debate.

Jacir José Venturi, durante cinco décadas como professor e gestor escolar do Ensino Médio em instituições públicas e privadas, testemunhou muitas transformações e desafios do setor educacional. Representou, em duas audiências públicas sobre o tema em Brasília, o Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR) e a Federação das Escolas Privadas do Brasil (Fenep). Como Conselheiro Estadual de Educação, participou ou participa de reuniões e comissões para a adequação da Lei nº 13.415/2017 e, agora, da Lei nº 14.945/2024. Foi professor e coordenador na UFPR, PUCPR e na Universidade Positivo.

Pensamentos

- "Acuse-os do que você faz, critique-os do que você é."
  Essa frase é frequentemente atribuída a Vladimir Lenin (1870-1924), líder revolucionário russo e fundador da União Soviética

- "É preciso garantir um lugar para os excêntricos."
  J. S. Mill , na Inglaterra da década de 1850, quando da 1ª Revolução Industrial

- "Não existe o não venerar. Todo mundo venera algo. Nossa única escolha é o que venerar." ("There is no such thing as not worshipping. Everybody worships. The only choice we get is what to worship.")

  David Foster Wallace (1962-2008), escritor e professor norte-americano, conhecido por sua obra "Infinite Jest"

Há aqueles que fazem da estrela um sol. Outros nem conseguem vê-la.

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Há uma fábula da saga intelectual do povo grego que enseja preciosas lições. Os deuses do Olimpo estariam temerosos com a evolução dos homens pelo uso da inteligência, tendo percebido que, em pouco tempo, poderiam se igualar aos próprios imortais. Então, o tonitruante e todo-poderoso Zeus, divindade suprema, vociferou: "Vamos nos insurgir! Escondamos do homem o seu talento e ele jamais nos alcançará!"

Mas onde esconder o talento do homem? Poseidon, deus dos mares, sugeriu mergulhar nas profundezas dos oceanos; Apolo, deus da luz e das artes, indicou levar ao cume do Himalaia; Ares, deus da guerra, propôs lançar nos desfiladeiros das Termópilas; Deméter, deusa da agricultura e da fertilidade, recomendou enterrar nas areias movediças do Saara; Hefesto, deus do fogo, aconselhou jogar nos magmas vulcânicos do Vesúvio.

Impávido e altaneiro, o poderoso Zeus levantou-se do trono e deu o veredito: "Nada disso! O melhor esconderijo para o talento do homem é no interior dele mesmo, onde ele não há de procurar."

Essa fábula enaltece o quanto jazem latentes e escondidos, em tantos de nós, as potencialidades, os dons, as virtudes, os valores, o autoconhecimento. Quanta riqueza desconhecida há em cada um de nós!

Howard Gardner, professor e psicólogo da Universidade de Harvard, publicou, em 1987, a teoria das nove inteligências múltiplas: lógico-matemática, linguístico-verbal, musical, espacial, corpóreo-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista e existencial.

Na teoria, Gardner baseou-se em duas premissas complementares: a primeira, que cada tipo de inteligência nos é concedida como herança biológica; e a segunda, que as habilidades do ser humano são "como um cristal multifacetado e, tal qual, pode e deve ser polido".

Para neurocientistas e psicólogos, o peso atribuído à genética na formação de uma pessoa talentosa é estimado entre 30% e 50%. No entanto, é também consenso que nossas potencialidades serão desenvolvidas com elevados estímulos, determinação, muita transpiração e disciplina pessoal, pois, no caminho que leva aos píncaros de algum reconhecimento, poucos são os bancos com sombra. Além disso, tão importante quanto ter consciência de nossos talentos é conhecer nossas limitações e fragilidades, pois nem todos os caminhos são para todos os caminheiros.

Em muitas fases da vida, a travessia é penosa, plena de incertezas como se estivéssemos navegando em noite escura sem carta náutica. Mas com enlevo e espiritualidade, sejamos flexíveis, resilientes, solidários, porque sempre há uma lua que resplandece no céu, símbolo da esperança e da fé em um novo amanhã com as luzes de um sol radiante.

"A gente é para brilhar. Brilhar com brilho eterno", declama o grande poeta soviético Vladimir Maiakóvski (1893-1930). Ele próprio era um gênio do talento linguístico, mas inconsistente nos relacionamentos humanos, na inteligência interpessoal, por ser intempestivo, vaidoso, cáustico, alcoólatra. Dizia: "prefiro morrer de vodca a morrer de tédio". Após concluir o famoso poema *A plenos pulmões*, com um tiro no peito tirou a própria vida. O poema, publicado postumamente, é um manifesto de despedida e desilusão. Por ser crítico do regime stalinista, há a versão de que o suicídio de Maiakóvski teria sido forjado.

Aqui entre nós, temos como exemplo a poeta paranaense Helena Kolody (1912-2003), intensamente expressiva por seus talentos linguísticos, inter e intrapessoais. Era afável, carismática e, como professora, uma grande didata. A obra da saudosa poeta nos serviu de inspiração para o título deste artigo: "Deus dá a todos uma estrela. Uns fazem da estrela um sol. Outros nem conseguem vê-la".

Jacir J. Venturi foi professor e diretor da Educação Básica e Superior. É Cidadão Honorário de Curitiba. Autor de 4 livros.

Pensamentos

- "Conversa franca faz bons amigos."

  Dom Hélder Câmara (1909-1999), arcebispo brasileiro, defensor dos direitos humanos e figura proeminente da Teologia da Libertação

- "Idade não é termômetro de maturidade."

  Euver Takashi, autor contemporâneo brasileiro, conhecido por suas reflexões e citações compartilhadas em plataformas digitais

- "Nada pode destruir o ferro, mas a sua própria ferrugem pode; da mesma forma, nada pode destruir você, a não ser seus próprios pensamentos."

  Ratan Tata (1937-2024), renomado industrial indiano e ex-presidente do Grupo Tata. É uma reflexão sobre a importância dos pensamentos e da autossabotagem. Assim como o ferro é corroído pela ferrugem, nossos pensamentos negativos e autodestrutivos podem prejudicar nosso próprio progresso e felicidade. É um lembrete poderoso de cuidar da saúde mental e manter uma mentalidade positiva, ou seja, é fundamental enfrentar os desafios da vida com resiliência

"Não transforme o meu Texas em uma Califórnia" – relatos de minha viagem ao Texas

Do autor, publicado no HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Dos 50 estados norte-americanos, o Texas é atualmente o mais referenciado por sua cultura, história, extensão territorial e população, contando com elevado grau de desenvolvimento e de aporte de investimentos. Há, inclusive, um grande movimento de transferência das instalações das *big techs* da Califórnia para o Texas, como Apple, IBM, Dell, Amazon, Google, Facebook, HP Enterprise e, recentemente, Tesla. Os principais motivos dessa migração para o Texas são menores impostos, melhor qualidade de vida e custos mais módicos, além de infraestrutura e ambiente mais amigáveis em virtude de uma regulamentação mais racional e uma menor burocracia a ser vencida.

Porém, diante desse influxo, parte da população teme perder as tradições e valores, dando luz a um *slogan* que se vê em *souvenirs* e adesivos de automóveis: "Don't California my Texas". Afinal, o texano raiz tem ojeriza à Califórnia, estado excessivamente liberal nos costumes e com um viés político-econômico mais à esquerda, enquanto o Texas é mais conservador e mais liberal na economia. No contexto do bipartidarismo reinante naquelas plagas, tipicamente a Califórnia é Democrata e o Texas é Republicano.

A população do Texas é de aproximadamente 31 milhões de habitantes, segundo estado mais populoso daquele país, atrás apenas da rivalizada Califórnia. Quanto à extensão territorial, é 2,5 vezes maior que o Paraná, o que o torna

o segundo maior dos EUA, perdendo apenas para o Alasca. Quanto ao PIB, gerou em 2023 um total de 2,37 trilhões de dólares, o que, para fins de comparação, é ligeiramente maior do que o resultado agregado de todo o Brasil, que atingiu um total de 2,13 trilhões de dólares de acordo com o FMI. Mas nesse quesito a Califórnia — sempre ela — ganha com folga com seus 3,37 trilhões.

Para os que conhecem a fama da cidade paulista de Itu, é similar a forma de pensar dos texanos, para os quais o estado é em tudo avantajado. E em relação ao cultivo de referências históricas, consuetudinárias (costumes) e valores culturais, muito lembram o nosso Rio Grande do Sul. Em tom de blague, isso transparece até nos chifres proeminentes do emblemático gado bovino *longhorn* (cornos grandes), pois cada guampa mede de 40 a 90 cm. Muito cultuada no Texas, essa raça, pela tradição e por ser um animal rústico, resiste bem às pragas, à seca, e a carne tem baixo teor de colesterol. Mas, em produtividade, perde feio para a nosso nelore.

Prevalece o lema "Don't mess with Texas" (Não mexa com o Texas) e entenda-se esse sentimento não como presunção, gabolice, mas como um orgulho cívico, pois sempre foram corteses, eficientes e prestativos conosco nos serviços de atendimento. E, a bem da verdade, o Texas já foi um país independente, separando-se do México, em 1835, após uma sangrenta batalha contra o exército mexicano na cidade de Álamo, na qual os rebeldes, comandados pelo Gal. Houston (que empresta o nome à cidade homônima, no sul do Texas), vencendo a guerra em 1836, proclamaram a República do Texas, cujo território abrangia uma área muito maior. Vários presidentes chegaram a ser empossados e hoje podem ser vistos na galeria de fotos no Capitólio do Texas, na cidade de Austin, imponente edificação com altivez muito própria, pois é 1,5 m mais alta e tão admirável quanto o Capitólio de Washington.

A então novel república foi incorporada aos EUA em 1845, quando foi selado um acordo pelo qual foi anexado todo o território da denominada República do Texas, constituindo-se assim o 28º estado estadunidense. Do seu breve período de nação independente, a bandeira do Texas ainda conserva tão somente uma estrela, garbosamente denominada de bandeira da Estrela Solitária (Lone Star). Importante esclarecer que os EUA adotaram, naquela época, uma fortíssima política expansionista e, após a Guerra Mexicano-Americana (1846-1848), o país latino perdeu quase metade do território, inclusive a Califórnia.

Mas essa anexação foi extremamente conturbada e politizada entre os estados, pois o Texas era escravagista, com uma agropecuária robusta, em contraponto ao norte, essencialmente abolicionista, onde predominavam estados industrializados. Essas tensões em muito contribuíram para a eclosão da Guerra Civil Americana (1861-1865), com Abraham Lincoln exercendo a presidência do país, considerada a fase histórica mais sombria, de um conflito bélico fratricida, com mortes de cerca de 650 mil soldados e um número indefinido de civis.

É, ainda, um estado politicamente forte, pois quatro de seus homens públicos se tornaram presidentes na história mais recente do país: Eisenhower (que foi comandante em chefe dos aliados na 2ª Guerra e liderou as tropas no desembarque da Normandia), Lyndon Johson (sucedeu a John Kennedy, após o fatídico dia 22/11/63, ironicamente assassinado na cidade de Dallas) e, para completar o quarteto, o Bush pai e o Bush filho.

A imagem estereotipada do texano, com o seu inglês carregado, de botas e chapéu estilo caubói, estradas empoeiradas pelo trânsito do gado, velhas limusines com chifres de bovinos no capô, atualmente são conservadas apenas como tradição. A cidade de Fort Worth, a 53 km de Dallas, popularmente chamada de "Cowtown", celebra com orgulho esse patrimônio, oferece um vislumbre do Velho Oeste e é onde ocorrem diariamente eventos de rodeio e desfiles do já mencionado gado *longhorn*.

Dois grandes eventos no Texas foram significativos para a migração de uma economia primária fundamentada na agropecuária, para um ecossistema propício ao desenvolvimento tecnológico e industrial: a descoberta de petróleo e a implantação do Centro Espacial da Nasa, em Houston, atualmente a maior cidade, com 2,3 milhões de habitantes. A Nasa, instalada a poucos minutos do centro de Houston, a partir de 1962, foi a mola propulsora para o desenvolvimento da indústria e engenharia espacial. É uma visita recomendadíssima e muito didática para conhecer uma das mais arriscadas aventuras da humanidade, que deixou como legado grandes avanços tecnológicos.

Muitas pessoas não sabem, mas Austin (capital do Texas), com quase um milhão de habitantes, difere muito das demais cidades, sendo famosa por sua energia jovem, pelo vibrante cenário musical e pelo seu reconhecimento como Capital Mundial da Música, refletindo seu espírito criativo e eclético. É uma

das capitais estaduais que mais crescem nos EUA, o que se comprova pelo grande número de gruas. E foi para Austin que Elon Musk decidiu transferir a sede da Tesla e construir a maior fábrica, um investimento de 10 bilhões de dólares. A megaplanta, nominada Giga Texas ou Gigafactory, já em plena produção, atingiu em 2023 a marca de 5.000 carros produzidos por semana, além de ter fabricado mais de 50 milhões de células de bateria.

Em nosso giro em torno da fábrica, presenciamos 3 *cybertrucks* na pista de testes, recém-saídos da linha de produção. Com aparência futurista, é um dos mais arrojados *designs* para um automóvel, cuja versão mais cara custa, nos EUA, a bagatela de US$ 99.999,00 (aprox. 556 mil reais), enquanto o felizardo brasileiro que quiser esse brinquedinho na sua garagem terá de pagar, pelo mesmo modelo, cerca de 1,4 milhão de reais, devido aos impostos escorchantes sobre os automóveis.

A partir de 2012, ocorreu outro investimento de grande porte em Austin, perto de US$ 400 milhões, para edificação de um megacomplexo de esportes, lazer, restaurantes e eventos, denominado Circuit of the Americas, que abriga inclusive uma pista de Fórmula 1 (a edição de 2024 foi realizada em 20 de outubro). No sábado que lá estivemos, presenciamos das arquibancadas uma corrida entre Porches e Ferraris.

Evidentemente, há restaurantes para todos os gostos e preços. Em Austin, um dos mais icônicos é o Terry Black's Barbecue, que oferece uma variedade impressionante de carnes, acompanhamentos e molhos caseiros, tudo em abundância — para fazer jus à fama do Texas. Imperdível para quem for almoçar na cidade e a preços justos, porém há um problema: fila de espera. Quem saboreou um churrasco nesse restaurante foi o então Presidente Barack Obama ao visitar a cidade em 2016. Como tinha outros compromissos, furou a fila, mas pagou a conta de todos à sua frente. Foi aplaudido!

Por diversas cidades e vilas, percorremos cerca de 1.300 km do Texas em carro alugado. Observador atento, há alguns encantamentos que mereceram a atenção: atendimento cordial, sorriso fácil nos serviços de hotéis, restaurantes e lojas, estradas muito bem conservadas, pouquíssimos pedágios, uma abundância de elevados pré-moldados que dão fluidez ao trânsito e poucos, muito poucos congestionamentos. Não vimos pedintes ou moradores de rua. Raríssimos são os automóveis das marcas chinesas, como da GWM, BYD, pois o governo

federal taxou em 100% a importação de carros provenientes da China, para proteger a economia contra as práticas comerciais consideradas desleais. Em contrapartida, há uma profusão de carros elétricos da Tesla, embora o predomínio absoluto ainda seja dos movidos à combustão. Um paralelo: o Brasil, que pertence aos Brics, é hoje o maior importador mundial de carros eletrificados chineses.

Foi uma viagem de muito aprendizado, para mim e para os meus dois filhos, e muito colaborou o bom sol e a temperatura amena. Mas o coração de um pai se enche de alegria quando na companhia de filhos maiores há um clima de colaboração, presteza, concessões e tolerância, pois nada mais certo em uma viagem que os imprevistos, ainda mais quando no total percorremos 3.200 km — no Texas e em mais quatro estados norte-americanos — em carro alugado, com um bom planejamento de roteiro, mas sem reserva alguma em hotéis ou restaurantes.

Jacir J. Venturi, que há muitos anos viaja pelo Brasil e pelo exterior com a família, sempre mediante um bom planejamento prévio de roteiro, em carro alugado, com intenso uso de aplicativos e sem reservas de hotéis (ou no máximo por apenas um dia em cada localidade), para se ater apenas o tempo necessário aos pontos turísticos mais interessantes e relevantes. O ritmo é forte, caminha-se muito, dorme-se pouco, os almoços são rápidos, em contrapartida os jantares, esses sim, são bem selecionados e preferencialmente típicos do país.

Pensamentos

- "Os mais fortes de todos os guerreiros são estes dois: tempo e paciência."
  Leon Tolstói (1828-1910), um dos mais renomados escritores russos, autor de clássicos como "Guerra e Paz" e "Anna Karenina"

- Para obter bons resultados em um trabalho em equipe, não se preocupe em ser reconhecido como o autor das boas ideias. Em vez disso, valorize e conceda protagonismo àqueles que aprimoram suas ideias.
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Se uma empresa pública der lucro deve ser privatizada, antes que algum governante a torne deficitária."
  Frase atribuída a Paulo Guedes (n.1949), economista brasileiro e ex-Ministro da Economia, conhecido por suas posições liberais e defesa das privatizações. Reflete uma perspectiva frequente entre economistas e políticos que defendem o liberalismo econômico e a redução da participação do Estado na economia

Dois problemas clássicos da Geometria: quadratura do círculo e duplicação do cubo

Do autor, publicado no HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

O renomado escritor argentino Ernesto Sábato (1911-2011) descreveu, de maneira bastante lírica, que sentiu enlevo, até mesmo uma espécie de vertigem quando ainda jovenzinho, aos 12 anos, assistiu ao professor de Matemática demonstrar um teorema da Geometria que o fez se curvar "a um mundo de infinita harmonia, pois acabara de descobrir o universo platônico, com sua ordem e objetos eternos, de uma beleza perfeita."

A história da Geometria é fascinante: os primeiros registros vêm de civilizações antigas, como os babilônios e os egípcios, por volta de 3.000 anos a.C., e atribuem o surgimento da Geometria à necessidade prática de medir terras, daí a etimologia grega geo (terra) + metron (medição).

Euclides, cognominado merecidamente como o "pai da Geometria", escreveu *Os Elementos* há cerca de 300 a.C., considerado o livro de maior influência na história, depois da Bíblia, tendo sido efusivamente replicado na forma de manuscritos pelos monges copistas. Mais tarde, com a invenção da imprensa de Gutenberg, passou de mil edições (a publicação de 1482, em Veneza, foi considerada a primeira delas). Escrito originalmente em grego, é uma compilação metódica e ordenada de 465 proposições, tendo como característica marcante a didática na exposição.

Quem trouxe Euclides de Atenas para ser professor da Biblioteca de Alexandria foi o General Ptolomeu I, imperador do Egito, um dos sucessores de Alexandre Magno. Um exemplar de *Os Elementos*, na época escrito em rolos de papiro, foi apresentado a Ptolomeu I. Ao "desenrolar" o *volumen* (termo em latim), na expectativa de bem compreender os teoremas, axiomas e postulados, perguntou a Euclides se havia uma maneira mais fácil de aprender Geometria. Lacônico, porém reverente, Euclides respondeu: "Majestade, não há uma estrada real para a Geometria". Ou seja, o caminho da aprendizagem matemática não é florido nem pavimentado; ao contrário, requer disciplina pessoal e esforço intelectual.

Platão acreditava que a Geometria ajudava a treinar a mente para pensar de maneira abstrata e lógica, razão pela qual supostamente estaria escrito no frontão de sua Academia em Atenas (advertências eram comuns nas entradas de templos antigos): "Que nenhum desconhecedor da Geometria entre aqui."

Ao longo da história, a Geometria glorificou dois problemas que se tornaram clássicos: quadratura do círculo e duplicação do cubo. O primeiro foi proposto por Anaxágoras (c.495-429 a.C.) enquanto aprisionado em Atenas por suas ideias muito avançadas para a época e que contrariavam a mitologia grega: sugeriu a existência de uma mente onisciente, responsável pela ordem e constância do Cosmo; afirmou que o Sol tinha luz própria e iluminava a lua; deu explicações sobre a ocorrência dos eclipses solares. Mesmo assim, como teria sido professor de Péricles, este o libertou da prisão. Ademais, exerceu forte influência em Sócrates, o primeiro dos três grandes filósofos, seguidos de Platão e Aristóteles.

O desafio era, a partir de um círculo qualquer, construir um quadrado de mesma área. Como os gregos priorizavam a Geometria, pois desconheciam as operações algébricas, propunham encontrar uma solução geométrica, utilizando apenas régua (sem escala) e compasso, para o seguinte problema: calcular o comprimento do lado de um quadrado cuja área seja equivalente a um círculo de raio conhecido. Atualmente, com os recursos da Álgebra se chega à trivial solução: o lado desse quadrado é igual ao raio do círculo multiplicado pela raiz π ($l=R\sqrt{\pi}$), lembrando que $\pi = 3{,}14$. Assim, por exemplo, para um círculo de raio igual a 3 cm, o lado do quadrado equivalente em área deve ser 5,31 cm, o que corresponde a 3 multiplicado pela raiz de π.

Em relação ao problema da duplicação do cubo, conta uma lenda que, durante o cerco espartano da Guerra do Peloponeso, em 429 a.C., uma peste dizimou um quarto da população de Atenas, matando inclusive Péricles, governante da cidade-estado por mais de 30 anos. Diz-se que uma plêiade de sábios fora enviada ao oráculo de Apolo, em Delfos, para inquiri-lo sobre como a peste poderia ser eliminada.

O oráculo respondeu que o altar cúbico de Apolo deveria ser duplicado. Sem muita surpresa, os atenienses celeremente dobraram as medidas das arestas do cubo. No entanto, em vez de a peste amainar, recrudesceu. Qual o erro? Em vez de dobrar, os atenienses octuplicaram o volume do altar, pois, para um cubo de aresta medindo 1 m, por exemplo, tem-se um volume de 1 m^3 (1 x 1 x 1 ou 1^3), mas, para outro cubo com uma aresta de 2 m (obviamente o dobro), tem-se um volume de 8 m^3 (2 x 2 x 2 ou 2^3).

A complexidade desse problema, assim como a do primeiro, deve-se novamente ao fato de que os gregos procuravam uma solução geométrica, com régua (sem escala) e compasso. Porém, ainda no século IV a.C., o geômetra grego Menaecmus encontrou a resposta com o traçado de uma parábola e de uma hipérbole. Hodiernamente, tal solução é facilmente compreensível por meio da Geometria Analítica. Menaecmus obteve geometricamente o ponto de interseção da parábola $x^2 = 2y$ com a hipérbole $xy = 1$. Contudo, foi apenas relativo o sucesso de Menaecmus entre os seus compatriotas, pois não se valeu de régua (sem escala) e compasso apenas!

A solução é trivial com os recursos da Álgebra, bastando construir a igualdade em que a aresta "a" do cubo procurado, elevada à terceira potência, é igual ao dobro do volume do cubo original. Se, por exemplo, o cubo original tiver aresta 1 m, aplica-se a fórmula ($a^3 = 2 \times 1^3 \rightarrow a = \sqrt{2} \cong 1{,}26$). Ou seja, dado um cubo de aresta 1 m, a aresta do cubo com o dobro de volume vai ser aproximadamente 1,26 m.

E a solução geométrica, existe? Decorreram séculos, mentes brilhantes foram desafiadas e somente no século 19 foi encontrada tal resposta. Em 1837, Pierre L. Wantzel, com apenas 23 anos, genial professor da renomada Ècole Polytechnique de Paris, demonstrou que os dois problemas, denominados de clássicos da Geometria (da quadratura do círculo e da duplicação do cubo), não têm resolução utilizando-se apenas de régua sem escala e compasso.

Nos dias de hoje, a expressão "quadratura do círculo" é bastante usada como uma expressão idiomática para se referir a uma tarefa impossível. Extenuante tarefa tal qual o personagem mitológico Sísifo? Não, pois a Matemática avançou extraordinariamente na busca de respostas a essas e a outras cascas de banana, os chamados enigmas da Matemática, considerada "a rainha e serva de todas as ciências", por vezes zombeteira de nossas limitações mentais.

Igualmente árdua foi a faina para provar a irracionalidade do π: 20 séculos separam Arquimedes de Joham Lambert, que só em 1761 provou que π não pode ser representado na forma de fração de dois números inteiros. E o que afirmar do zero (símbolo do nada, tão prosaico e desprezível pelos estudantes, cuja criação exigiu extraordinária abstração), considerado tão importante quanto a invenção da roda ou o domínio do fogo? Desconhecido dos antigos gregos e romanos, o zero foi apresentado à Europa pelos árabes apenas na Idade Média.

Se foi extraordinário o incremento dado à Geometria pelos estudiosos helenísticos, o mesmo não aconteceu com a Álgebra. Os gregos desenvolviam a Matemática não com escopo prático, utilitarista, mas movidos pelo desafio intelectual, pelo "sabor do saber" e pelo prazer intrínseco, uma vez que a Matemática enseja o apanágio da lógica, da têmpera racional da mente e da coerência do pensamento.

Jacir J. Venturi, professor e diretor da Educação Básica e do Ensino Superior, é autor dos livros Álgebra Vetorial e Geometria Analítica; Cônicas e Quádricas; Da Sabedoria Clássica à Popular, volumes 1 e 2, todos disponíveis para acesso gratuito neste site.

Pensamentos

- "Perdoar é libertar o prisioneiro... e descobrir que o prisioneiro era você."

  Robert Muller (1923-2010), diplomata francês, ex-Secretário-Geral Assistente das Nações Unidas, conhecido por seu trabalho em prol da paz mundial

- "Envelhecer é como escalar uma grande montanha: enquanto se escala, as forças diminuem, mas o olhar é mais livre, a visão mais ampla e mais serena."

  Gabriel García Márquez (1927-2014), escritor colombiano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, autor de "Cem Anos de Solidão"

- "A vida é uma constante oscilação entre a ânsia de possuir e o tédio de possuir."

  Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, conhecido por sua obra "O Mundo como Vontade e Representação"

O populismo e a demagogia são perversões da democracia

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Quando líderes propõem mudanças significativas para um futuro melhor, mas que exigem sacrifícios no presente, por certo encontrarão uma resistência feroz de muitos e o apoio tíbio de uns poucos. São dirigentes que vão além do seu tempo, não se dobrando a uma maioria míope e reivindicadora, sendo por isso alvos da incompreensão, da maledicência, do isolamento e das agressões. Confortam-se com o dever cumprido e com o julgamento da posteridade. Sim,

a História — essa "juíza imparcial" — repara injustiças, mas tem o péssimo hábito de andar tão devagar que raramente esses governantes veem em vida o justo reconhecimento, sem contar aqueles que, pela postura de estadista, pagaram com a própria vida. E os exemplos são muitos.

Abraham Lincoln, presidente dos EUA entre 1861 1865, um dos períodos mais conturbados da História estadunidense, conseguiu manter a reunificação do país após os quatro anos da Guerra Civil e sancionou a lei da abolição da escravidão. Mesmo com esses feitos e em meio a uma avalanche de agressões, costumava repetir que, se fosse responder a todas as críticas que lhe eram dirigidas, não trataria de mais nada. Tempos antes de ser assassinado por um fanático sulista em um teatro de Washington, proferiu um aforisma sobejamente conhecido: "Você pode enganar todo o povo durante algum tempo e parte do povo durante todo o tempo, mas não pode enganar todo o povo todo o tempo."

Winston Churchill, ao assumir o governo de coalizão em 1940, proclamou em seu histórico discurso: "I have nothing to offer but blood, toil, sweat and tears" (Eu não tenho nada a oferecer, a não ser sangue, trabalho, suor e lágrimas). Hodiernamente considerado o maior estadista do século XX, conheceu o gosto amargo do ostracismo e da ingratidão dos ingleses, sofrendo derrotas diretas ou indiretas em três eleições. Dizia ainda que, se fosse parar para atirar uma pedra em todo cão que late pelo caminho, nunca chegaria a lugar algum.

E o que dizer de um dos maiores líderes indianos? Para Mahatma Gandhi, a pobreza é a pior forma de violência. Acusado de traidor por fanáticos hindus, foi morto em 1948 a tiros por um deles. Logo ele, o apóstolo da não-violência, que costumava catequizar: "olho por olho e o mundo acabará inteiramente cego."

Em 44 a.C., um dos mais cultuados imperadores romanos, Caio Júlio César, foi atraiçoado por 23 punhaladas, vítima de uma conspiração. Suas palavras derradeiras demonstram, antes de tudo, um coração dilacerado pela ingratidão, especialmente de Brutus, filho único e adotivo: "Tu quoque, Brutus, fili mi!" (Até tu, Brutus, filho meu!).

Mesmo tendo um histórico de boas realizações, quando o líder comete um erro, incúria, ou nega um pedido, é crucificado. Até mesmo Ele, por se insurgir contra o *status quo* do poder religioso da época, de ovacionado pelas ruas de Jerusalém em um domingo, já na sexta-feira acabou agonizando na cruz.

E assim padecem muitos dos bons líderes, e só não erra quem nada faz.

Também se faz apropriada uma breve incursão no reino animal. Em algumas regiões inóspitas da Mongólia e do Cazaquistão, há manadas de cavalos selvagens que galopam céleres as pradarias e estepes, guiados por um deles. É o cavalo líder, que, quando expõe os demais a uma situação de grande risco de vida, é golpeado com coices e patadas por toda a tropa, independentemente de quantas vezes a levou pelo caminho aprazível. Por sua vez, um bando de macacos sempre escolhe um líder-olheiro, experiente e vivaz, que é severamente punido se não alertar a tempo a iminência de um perigo ou razia, não importando quantas vezes tenha, em um bom exercício de sua função, salvo o bando de outras ameaças.

Já no outro extremo, o populismo e a demagogia promovem aplausos temporários, como cantos da sereia, mas desgraçam as gerações vindouras. "Ainda não descobri a maneira infalível de governar. Mas aprendi a fórmula certa de fracassar: querer agradar a todos, ao mesmo tempo" — discursava apropriadamente John F. Kennedy (1917-1963), meses antes de ser abatido por tiros certeiros em Dallas. E de fato, parafraseando Dante, os piores lugares do inferno deveriam ser reservados a esses governantes que seduzem o povo com promessas e feitos temporários, porém logo adiante geram miséria, inflação e comprometem o futuro.

Só para citar três exemplos aqui na América Latina: a Argentina, no início do século XX, foi a 7ª economia do mundo; a Venezuela, nos anos 50, detinha uma renda *per capita*, só superada pelos norte-americanos, suíços e neozelandeses; Cuba, também nos anos 50, antes da Revolução Cubana de Fidel Castro, era a 7ª economia entre todos os 47 países da América Latina. E todos conhecem o nefasto legado das políticas populistas implementadas nessas nações.

Para finalizar, vale relembrar dois pensamentos que se fazem pertinentes e se complementam. O primeiro de Roberto Campos (1917-2001): "Nas veias dos demagogos não corre o leite da ternura humana e sim o veneno da hipocrisia."

E o segundo, de quem nos apropriamos para o título deste artigo, o conspícuo filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), que já advertia: "a demagogia é a perversão da democracia".

Jacir J. Venturi, professor e diretor da Educação Básica e do Ensino Superior, autor dos livros Álgebra Vetorial e Geometria Analítica; Cônicas e Quádricas; Da Sabedoria Clássica à Popular, volumes 1 e 2, todos disponíveis para acesso gratuito neste site.

Pensamentos

- "Uma vida calma e modesta traz mais felicidade do que a busca do sucesso combinada com uma constante inquietação."
  Albert Einstein (1879-1955), físico teórico alemão, desenvolvedor da teoria da relatividade, laureado com o Prêmio Nobel de Física

- De que valem teus bons propósitos quando estás de joelhos em oração, se ao levantar praticas ações malévolas? Oh, sepulcros caiados, diria o evangelista!
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Todos somos ignorantes, apenas em assuntos diferentes."
  Will Rogers (1879-1935), humorista e comentarista social norte-americano.

Entre planejar e executar, há no meio um mar

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Se nos permitirmos mergulhar na fantasia, sem nos dissociarmos da realidade, nenhum gênero literário é tão intenso quanto as fábulas, e por isso sempre mereceu o devido apreço em todos os tempos e de todos os povos. Para Jean de La Fontaine, a fábula comporta duas partes: o corpo e a alma, ou seja, a narrativa e a moralidade.

Uma miríade de escritores se ocupou de criar ou reescrever fábulas, gênero no qual se notabilizaram Esopo (um escravo que viveu no século VI a.C., na Grécia), o francês La Fontaine (1621-1695) e mais recentemente George Orwel (1903-1950), autor de *A Revolução dos Bichos* e *1984*. Nessas obras, Orwell faz uma reflexão: se um homem é o lobo de outro homem, é porque um deles faz o papel de cordeiro, ou seja, quando alguém se resigna a ser vítima, está fortalecendo o predador.

No entanto, uma parte dessas narrativas tão aprazíveis é enriquecida pela sabedoria popular, na qual muito se cria e se inova. Fruto dessa inventividade, a essência das duas fábulas a seguir nos foi repassada oralmente.

O rato planejador

Dois ratos caminhavam despreocupados, e o primeiro, julgando-se o professor de Deus, gabava-se de seu doutorado em Planejamento Estratégico obti-

do nos EUA, embora nunca tivesse administrado um carinho de pipoca. Enquanto isso, um gato, fazendo tocaia, num salto abocanhou o segundo rato sob sua pata. Aterrorizado, o rato capturado implorou ao companheiro planejador:

— O que está fazendo aí parado!? Ajude-me!

— Calma, estou planejando!

— Planejando o quê!? Socorro!

— Já sei: transforme-se em um *pit bull*!

— Mas como?

— Ora, eu planejo, você executa!

Moral da história: entre planejar e executar, há no meio um vasto oceano, pois não é incomum encantar-se com as ideias e dar pouca ênfase ao "fazedor". Ninguém deve minimizar a importância de um bom e consistente planejamento, mas o que mais deve ser valorizado é o *maker*, aquele que efetivamente resolve os problemas na prática.

O gato que late

Nas tramas do imaginário, as fábulas de gato e rato sempre tecem boas lições: um dia é da caça, outro é do caçador. Certa vez, um rato ousado decidiu aventurar-se além de seu refúgio, enfim queria ganhar o mundo.

Enquanto explorava, um latido cortou o silêncio. "Um cão por perto, o gato deve estar distante", pensou aliviado o rato. Mas, em um instante, um miado astuto ecoou, e o gato, num bote certeiro, capturou sua presa. Entre os dentes do felino, o rato indagou surpreso:

— Desde quando você é gato que late?

Moral da história: em tempos de globalização, dominar mais de uma linguagem é vital para a sobrevivência. Se de um lado se pode condenar a dissimulação, de outro se premia a habilidade, a astúcia, o planejamento, para se atingir o fim.

Pensamentos

- "O trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante. Esta é uma das lições do século XX. Também é uma razão pela qual os conservadores sofrem desvantagem

quando se trata de opinião pública. Sua posição é verdadeira, mas enfadonha; a de seus oponentes é excitante, mas falsa."

Roger Scruton (1944-2020), filósofo e escritor inglês, um cânone do pensamento conservador contemporâneo, autor de aproximadamente 50 livros.

- "O desejo por sua natureza é dor; sua realização traz rapidamente a saciedade".

  Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, afirmava que o mundo é um vale de lágrimas, onde a dor, a doença, o tédio e o sofrimento são a norma, e termina com o inescapável destino de que, "para a maioria dos homens, a vida não é outra coisa senão um combate perpétuo pela própria vida, que ao final será derrotada."

- "Nunca desperdice uma oportunidade para um elogio sincero."

  Jacir Venturi (n.1949), foi professor de matemática e diretor da Educação Básica e Superior. É Cidadão Honorário de Curitiba. Autor de quatro livros.

Que não seja um retrocesso ao antigo Ensino Médio

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

A implantação do Novo Ensino Médio, aprovado em 2017 pela Lei nº 13.415, teve o condão de ampliar a carga horária para 3.000 h e promover uma nova arquitetura curricular, bem mais contemporânea, enxuta, interdisciplinar e com significativo protagonismo do aluno. Para permitir esses aprimoramentos, o conteúdo do antigo Ensino Médio, para o qual eram destinadas 2.400 h, foi compilado em 1.800 h, naquilo que passou a se chamar Formação Geral Básica (FGB), sendo comum a todos os estudantes e composta de 13 componentes curriculares obrigatórios e clássicos, como Língua Portuguesa, Inglês, Matemática, Física, Filosofia, Arte etc. E, nas 1.200 h restantes, a inovação mais significativa: uma ampla flexibilidade de escolha nos Itinerários Formativos (IF), sendo possível optar entre uma Formação Técnica e Profissional ou a preparação para ingressar no Ensino Superior, neste caso priorizando o aprofundamento nos componentes de mais interesse para o curso de graduação escolhido.

Essas inovações seguem o percurso trilhado nas duas últimas décadas pelos países com bom desempenho educacional, trazendo um maior equilíbrio entre as competências e habilidades cognitivas e as socioemocionais, ambas

muito relevantes para a vida pessoal e profissional contemporânea. Opção acertada, pois vivenciamos um novo cenário de mudanças avassaladoras, em razão dos avanços das plataformas e tecnologias (com enormes impactos na educação), sendo a Inteligência Artificial a mais relevante delas.

Esse formato ficou conhecido no Brasil como Novo Ensino Médio e foi efetivamente implementado em 2022, cabendo à União a coordenação da Política Nacional de Educação, porém com liberalidade para as Secretarias Estaduais de Educação no processo de escolha dos modelos. Houve, sim, falhas graves em muitas instituições de ensino, especialmente em relação aos Itinerários Formativos, que ficaram por demais dispersos e, em alguns casos, extravagantes. Sabedora desse imbróglio, no governo anterior a gestão do MEC (pela qual passaram quatro ministros insuficientemente preparados para o mister) errou, pois deveria definir um regramento para conter essa desbragada abertura de excessivos componentes curriculares. Merecidamente, virou motivo de críticas severas de educadores e de chacotas da oposição. Entretanto, também se equivocou o atual governo ao não estabelecer, como meta primeira, regras, limites e diretrizes para criação e oferta de componentes curriculares para os IF. Por que tanta algaravia, tantas incertezas aos estudantes e professores ao longo de 2023 e 1º semestre de 2024, propondo modificações que desfiguravam por completo a Lei 13.415/17, indo além, inclusive, ao propor a sua revogação?

Há que se fazer justiça em reconhecer que mudanças tão significativas e profundas em relação ao antigo Ensino Médio demandaram um esforço hercúleo (inclusive financeiro) das instituições de ensino (e, para agravar, a pandemia). Uma nova matriz curricular exigiu a contratação de novos professores ou a realocação de profissionais em outros componentes curriculares, para os quais necessitariam de uma intensa capacitação. Precisou-se, ainda, realizar uma reconfiguração física de uma parte das escolas e investimento pecuniário vultoso que não pode ser desconsiderado — "pouco mais de dois bilhões de reais foram gastos pelas secretarias estaduais na implementação do novo Ensino Médio", afirma Cláudia Costin. Tal organização foi ainda prejudicada pela covid-19 e pela inação de muitos estados.

Todavia, nos 14 últimos meses, a mãe de todas as batalhas foi a carga horária da Formação Geral Básica: para a atual gestão do MEC, deveria ser ampliada para 2.400 h, uma verdadeira contrarreforma da Lei 13.415/17, que

determinava justamente a redução para 1.800 h, com maior ênfase aos componentes curriculares convencionais na 1ª série, bem como a inclusão do componente curricular Projeto de Vida (relevante para orientar o estudante a pensar com mais clareza no seu futuro profissional, escolha a ser feita na matrícula da 2ª série). Nas 2ª e 3ª séries, era possibilitado ao estudante reduzir a carga horária da FGB, para um aprofundamento nas áreas relativas ao curso superior pretendido ou, então, optar por uma Formação Técnica e Profissional, que traz a sedução do ingresso mais rápido no mercado de trabalho.

Em vez de 2.400 h (80%), como quer o governo, e considerando as atuais 1.800 h (60%), pergunto: por que não padronizar para todos os estudantes uma FGB de 2.200 h? Presumo que uma proposta intermediária do total da carga horária de 3.000 h é a que melhor contemplaria aspectos pedagógicos, financeiros e principalmente de gestão por parte dos diretores. Como a política é a arte da busca pelo possível, em termos de negociação o "caminho do meio" seria certamente mais palatável para as correntes antagônicas.

Embora o Relator da Câmara dos Deputados Mendonça Filho, não aceitasse de início uma ampliação tão elevada, ao fim e ao cabo, prevaleceu carga horária de 2.400 h na votação da Câmara em 20/03/24, e o PL nº 5230 (Projeto de Lei) foi assim encaminhado ao Senado com a FGB de 2.400 h. Na 2ª quinzena de junho, a senadora Dorinha, como relatora, apresentou uma primeira versão reduzindo para 2.200 h, convergindo para aquilo que defendemos. Entretanto, a relatora recuou, rendendo-se à pressão do governo, e apresentou uma nova proposta retornando às 2.400 h e possibilitando as 2.200 h apenas para a Formação Técnica e Profissional, que têm que comportar cursos não só de 800 h, mas também de 1.000 e 1.200h. Além disso, também aprovada no Senado em 19/06/24 por votação simbólica, a inserção do Espanhol como componente curricular obrigatório (além do Inglês). Nossa posição é que se mantenha como um componente optativo, pois aulas dedicadas ao Espanhol significa menos aulas para outros componentes. Ademais, cria mais um complicador para as secretarias estaduais, pois não há professores licenciados em Espanhol para atender os 7,7 milhões de estudantes matriculados nas 254 mil turmas do Ensino Médio (dados de 2023 do Inep), quer nas cidades de porte médio, quer nos rincões deste Brasilzão.

Outras alterações aprovadas pelo Senado, sob o meu modesto prisma, tornam ainda mais indigesta a aplicação prática de todas essas mudanças. Exemplos: ainda mais restritivas ficaram as normas para a EaD, permitidas apenas "em casos de excepcionalidade emergencial temporária", para a contratação de docentes de notório saber (importante para os cursos técnicos) e como também critérios mais complexos para se implantarem os cursos de Formação Técnica e Profissional. Enfim, um presente de grego, ou talvez pior, um nó górdio para o relator deputado Mendonça Filho. Conquanto a senadora Dorinha tenha acertado em dois temas: 1) ao propor que o Enem contemple tão somente os conteúdos da FGB; 2) uma nova redação, de modo que impeça que os estágios dos estudantes possam se converter em trabalho infantil. Ademais é necessário que deputado Mendonça Filho se atenha à obrigatoriedade de abrir turmas quando houver demanda para o Ensino Médio regular noturno em todos os municípios do país (lembramos que 1.257 dos municípios têm menos de 5.000 habitantes). Forças políticas pressionarão para que se abra uma turma de 1ª série noturna com cinco alunos (pois se aprovada estaria na lei), sendo elevada a probabilidade de na 3ª série existirem um ou dois concluintes apenas. Portanto, é louvável a ideia, desde que os sistemas estaduais de educação possam definir regras claras, pois pode significar uma sangria aos cofres públicos.

Com o retorno do PL à Câmara dos Deputados — em virtude de tantas mudanças —, é tempo, é hora, de a Comissão de Educação se debruçar sobre todas essas questões, sem vieses políticos ou ideológicos, e debater com renomados educadores a respeito da conveniência de o Espanhol permanecer como um componente opcional, bem como as 2.400 h para a FGB, carga horária que traz um estigma, pois coincide exatamente com o que de pior tivemos na história recente da combalida educação deste país — o antigo Ensino Médio, que vigorou até 2021. Cabe também o debate se o PL nº 5230 deveria ter sido implementado já em 2025, uma vez que se requer tempo para a reformulação do material didático e a readequação do corpo docente, com vistas a uma nova matriz curricular, mesmo que a vigente tenha apenas três aninhos.

Para aqueles que foram bons alunos nas gerações passadas, pode parecer sedutor esse retorno a uma visão clássica, tradicional, mas o mundo mudou, e muito: os jovens atualmente são diferentes daqueles das décadas anteriores. E, principalmente, todas as pesquisas indicam que os estudantes preferem se

aprofundar em áreas do curso de graduação no qual pretendem ingressar ou, então, seguir uma Formação Técnica e Profissional, o que é corroborado por um levantamento com abrangência nacional, aplicado em abril de 2022 pelo Datafolha, sob encomenda do Todos Pela Educação, em que 90% dos estudantes do Ensino Médio são favoráveis que nessa etapa seja dada a opção de aprofundamento em uma área do conhecimento ou em um dos cursos técnicos — já visando ao mercado de trabalho ou a uma faculdade.

Ademais, a Formação Técnica e Profissional é tão necessária e importante para o desenvolvimento do país que a Lei 13.415/17 muito bem oportunizou — e na prática está acontecendo — um aumento na oferta. As estatísticas nacionais indicam um forte incremento nas matrículas da Educação Profissional (segundo dados a partir de 2022, mais que o dobro). Especificamente no Paraná, de 11% dos ingressantes em cursos técnicos no ano de 2021 elevou-se para 32% em 2024. A Educação Profissional tem o mérito de reduzir a evasão e a reprovação, especialmente quando as ofertas são articuladas com as demandas regionais, pois privilegia a aplicação prática dos conhecimentos teóricos ministrados e oportuniza a monetização com o ingresso no mercado de trabalho. Enfim partir de 2022, com o Novo Ensino Médio, houve um bem-vindo despertar, uma mola propulsora, um ecossistema propício para uma oferta mais significativa de matrículas para os cursos profissionalizantes.

É impossível deixar de perguntar: corre-se ou não o risco de um retrocesso ao antigo Ensino Médio com a aprovação das 2.400 h (para a FGB) e uma parte dos professores voltando a ensinar penduricalhos desnecessários e desmotivantes nos 13 componentes curriculares? Um aluno que, por exemplo, queira prestar vestibular para o curso de Direito, na FGB de 2.400 h terá de assistir a aulas de Física, Química e Matemática iguais às de seu colega de classe que ingressará em Engenharia. Em contrapartida, se a carga horária da FGB fosse 2.200 h, esse mesmo futuro advogado teria mais aulas para se aprofundar em Língua Portuguesa, Inglês, História, Geografia, Arte, Filosofia e Sociologia. Faz muito mais sentido, e é o que acontece em países desenvolvidos, pois são priorizadas as competências e habilidades efetivamente necessárias a um bom desempenho acadêmico e profissional na carreira.

Ironicamente, foram justamente estes os principais motivos de até 2021 (último ano do antigo Ensino Médio) o Brasil apresentar na 3ª série um pa-

tamar ignominioso, comprovado pelos resultados do Ideb e outras mensurações nacionais ou internacionais, o que, além de ampliar desigualdades em relação à parcela socialmente mais vulnerável da população, gera gigantescos índices de abandono escolar. Em 2021, estudos patrocinados pela Federação das Indústrias do RJ (Firjan) demonstraram que, anualmente, meio milhão de adolescentes brasileiros abandonavam a escola, a um custo de 135 bilhões de reais por ano.

Recente divulgação do IBGE, tendo por base dados de 2021, mostrou que a taxa de conclusão do antigo Ensino Médio no Brasil, em relação aos ingressantes, foi de 73,3% (nos EUA, é de 94,5%), com o agravante adicional de uma elevada distorção idade/série. Em comparação a países do G20, ocupamos a 5ª posição — de trás para a frente, entre os piores. Uma verdadeira tragédia nacional, ano após ano, enxugando gelo, com índices elevadíssimos de evasão e reprovação, ilustrando o cenário atual de 12,7 milhões de jovens de 15 a 29 anos que nem estudam, nem trabalham, denominados "nem-nem".

Para clareza, já me situando na categoria dos 60+, afirmo ao leitor que muito valorizo o conteúdo clássico, acadêmico, no entanto não se pode deixar de considerar que apenas 36% de nossos alunos de escolas públicas ingressam no Ensino Superior, ainda de acordo com dados do IBGE. Um índice *de per si* baixo, especialmente se levarmos em conta o benefício das cotas sociais, reiterando a necessidade de serem excluídos aqueles conteúdos sem serventia para a futura vida acadêmica e profissional.

Assim, clamo e conclamo para que todo esse imbróglio legislativo e administrativo não termine gerando o arremedo do antigo Ensino Médio, que produziu um contingente gigantesco de analfabetos funcionais, como demonstrou o último resultado do Pisa — estudantes de 15 anos que não souberam resolver problemas simples de juros, regra de três, proporções. Se parte da culpa está no desinteresse dos estudantes, a outra parte cabe aos professores e ao sistema como um todo, por privilegiarem aulas descontextualizadas e com conteúdos desmotivadores (em tom de blague, professores se comprazem em ensinar a calcular a apótema de um eneágono). Espera-se, sim, que os Itinerários Formativos também contemplem componentes curriculares atrativos, contemporâneos e relevantes, como Educação Financeira, Educação Digital e Pensamento Computacional, somando-se ao Projeto de Vida. A propósito, a prova do Pisa de 2025 vai avaliar também as competências tecnológicas para o mundo digital.

E finalizo com os necessários pedidos de desculpas ao paciente leitor pela extensão deste texto. Estou convicto de que ajustes, melhorias e adequações são imprescindíveis no denominado Novo Ensino Médio, tanto sob o prisma pedagógico quanto social. Porém, sem voltarmos ao deletério modelo anterior. Vamos sim desideologizar, despolarizar o ambiente escolar e educacional. Os vieses, os extremos, os corporativismos muito comprometem o futuro do nosso Brasil, que da educação de qualidade depende para progredir, formar capital humano e promover inclusão social.

Jacir J. Venturi participou de duas audiências públicas sobre o tema em Brasília, como representante do Conselho Estadual de Educação do Paraná e da Federação das Escolas Privadas do Brasil. Até recentemente, foi professor e gestor escolar do Ensino Médio, no qual atuou por cinco décadas, em escolas públicas e privadas e da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo.

P.S.: as manifestações de sugestões ou críticas (que considero construtivas) presentes neste artigo não refletem necessariamente as entidades nas quais atuo ou atuei, até pela complexidade deste tema e pela ampla diversidade de opiniões de meus colegas de trabalho.

Pensamentos

- "A velhice tira o que herdamos e nos dá o que merecemos."
  Provérbio milenar chinês

- "Marketing sem dados é como dirigir com os olhos fechados."
  Philip Kotler (n.1931), economista e professor norte-americano, considerado o pai do marketing moderno, autor de obras como "Administração de Marketing" e "Princípios de Marketing"

- "Leva dois anos para aprender a falar e sessenta para aprender a calar a boca."
  Ernest Hemingway (1899-1961), escritor norte-americano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, autor de "O Velho e o Mar" e "Por Quem os Sinos Dobram"

Pessoas falsas são piores que os inimigos declarados

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

O fabulista francês Jean de La Fontaine (1621-1695) se fez apropriado quando afirmou, em tom jocoso, que, "em vez de humanizar os animais, procurava ressaltar os aspectos animais da natureza humana". As duas fábulas, abai-

xo transcritas, demonstram que, para sobreviver no mundo contemporâneo, é preciso estar alerta às artimanhas da astúcia e às armadilhas da dissimulação. Um oponente conhecido é menos danoso que um amigo hipócrita. As pessoas falsas são piores do que aquelas que nos hostilizam.

1ª fábula: A rã e o escorpião

O fogo crepitava feroz e avassalador. Na margem do largo rio, que permeava a floresta, encontram-se a rã e o escorpião. Lépida e faceira, a rã prepara-se para o salto nas águas salvadoras, enquanto o escorpião — que não sabe nadar — aterroriza-se diante da morte certa: estorricado pelas chamas ou impiedosamente tragado pelas águas revoltas.

Arguto, e num esforço derradeiro, implora o escorpião:

— Bela rã, leva-me nas tuas costas na travessia do rio!

— Não confio em ti! Teu ferrão é inclemente e mortal. — responde a rã.

— Jamais tamanha ingratidão. Ademais, se eu te picar, morte certa para nós dois.

— É verdade! — pensou candidamente o bondoso batráquio. — Então suba!

E lá se foram, irmanados e felizes. No entanto, no meio da travessia, a rã é atingida no dorso por uma impiedosa ferroada. Entremeando dor e revolta, trava o derradeiro diálogo:

— Quanta maldade! — exclama a rã, contorcendo-se. — Não vês que morreremos os dois?

— Sim! — responde o escorpião. — Mas esta é a minha natureza!

2ª fábula: A aranha, o camaleão e o gafanhoto

A aranha, o gafanhoto e o camaleão habitavam o aprazível bosque da cidade. Conviviam a uma distância razoável, pois, reciprocamente, temiam as artimanhas sempre recorrentes. E a aranha foi a primeira a urdir:

— Meu caro gafanhoto, sejamos previdentes e cuidadosos! O camaleão é o rei dos disfarces. Muda de cor e a gente nem percebe.

— É mesmo! — completa o gafanhoto. — Ele fica nos troncos das árvores com cara de "boi-sonso" e é só passar por perto que ele estica aquela língua imensa e... "crau!".

— Sim, companheiro, sempre alerta! — continua a aranha. — Eu passo o dia fiando, mas é um olho na teia, o outro no camaleão. Você sabe, o seguro morreu de velho. Precaução e caldo de galinha não fazem mal a ninguém, dizia a minha avó.

— Belos conselhos, Dona Aranha. Esse camaleão é o mestre da desfaçatez, é o rei da dissimulação.

— Vá por mim! Dificilmente eu me engano! E tem mais. — disse a aranha sussurrando. — O camaleão tem uma armadilha mortal! Chegue mais perto, meu caro amigo gafanhoto, que lhe contarei.

Ingenuamente, o gafanhoto se aproxima e se enrosca todo na teia. Diante da morte certa, fica a pensar o quanto foi tolo ao confiar na ardilosa aranha.

Moral das fábulas: devemos estar sempre alerta às intenções ocultas das pessoas, pois nem sempre são o que aparentam ser, por isso é essencial conhecer a verdadeira natureza das pessoas antes de confiar nelas. A falsidade pode ser mais perigosa do que a hostilidade aberta, pois se disfarça de amizade enquanto prepara a traição. Pouco ou nada aprendemos com aqueles que sempre concordam conosco.

Jacir J. Venturi, graduado em Matemática e Engenharia pela UFPR, autor de quatro livros, foi professor da Educação Básica e do Ensino Superior. Também foi Presidente do Sinepe/PR (entidade que congrega as escolas privadas do PR).

Pensamentos

- "Você tem todo o direito de não gostar de política, mas sua vida terá influência e será governada por aqueles que gostam dela. Portanto, o castigo dos bons que não fazem política é ser governado pelos maus que a fazem."

  Platão (428 a.C.-348 a.C.), aluno de Sócrates e fundador da Academia de Atenas

- "Quando não podemos mais mudar uma situação, somos desafiados a mudar a nós mesmos."

  Viktor Frankl (1905-1997), neuropsiquiatra judeu e austríaco, deportado em 1942 para um campo de concentração nazista. Defendeu a tese de que o sentido da vida é encontrar um propósito. Criou o método chamado logoterapia

- "Se os porcos pudessem votar, o homem com o balde de lavagem sempre seria eleito, não importa quantos porcos já houvesse abatido."
  Orson Scott (n.1951), escritor norte-americano, autor de diversos livros de ficção científica

O berçário do Vale do Silício

Do autor, publicado no HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

A Universidade de Stanford, em Palo Alto, nos EUA, iniciou as atividades letivas em 1891, num legado do casal Leland e Jane Stanford à memória de seu filho único, que faleceu aos 15 anos de febre tifoide quando passavam férias em Florença, na Itália. Leland Stanford, empresário, senador e governador da Califórnia, dedicou a essa empreitada parte de sua fortuna, em uma área — hoje com 3.310 ha — adquirida como um dos *big four* construtores de ferrovias daquele país, inclusive fazendo parte da fazenda onde residia o casal.

A concepção da universidade mereceu um planejamento meticuloso que perdurou cinco anos e contou com a participação de um dos mais conceituados arquitetos do país, que assinou também o projeto do Central Park, em Nova Iorque. À época, na região escolhida, predominava a exploração de minas de ouro, e a Califórnia como um todo era tida como terra inóspita, de caipiras.

Nesse ecossistema tão pouco promissor e fruto dos anseios de genitores que se defrontam com galhardia a mais intensa tragédia humana — a perda de um filho —, nasceu uma universidade com DNA inovador. Até então, o acesso das moças ao ensino superior era quase nulo, enquanto Stanford, desde o primeiro ano, não restringia as vagas tão apenas aos rapazes. A maioria absoluta das universidades era vinculada a credos religiosos, mas Stanford nasceu laica. Por iniciativa de Jane, foram construídos alojamentos para estudantes e professores dentro do câmpus, algo inédito para a época.

Ademais, tamanho foi o zelo em contratar bons docentes e em projetar um câmpus faustoso que choveram estocadas — dizia-se que renomados catedráticos iriam ensinar para as belas paredes. Os fatos, para o nosso gáudio, chicotearam os críticos: 555 alunos matriculados no primeiro ano de funcionamento.

Apenas dois anos após concretizado o sonho, Leland veio a falecer, e a viúva doou quase toda a fortuna remanescente à universidade, na época US$ 11 milhões, quantia cuja aparência nominal não representa adequadamente a expressiva cifra em valores correntes: mais de US$ 320 milhões.

Dessa academia e de todo esforço dedicado a ela, emergiu uma megaempresa com orçamento anual em 2023 de US$ 8,9 bilhões, detentora de hospitais, pesquisas, patentes e ações de empresas ali incubadas ou aceleradas, sendo o ensino responsável por apenas 17% da renda bruta, uma vez que as doações são igualmente significativas: US$ 1,13 bilhão/ano, com 76 mil doadores cadastrados, numa cultura muito intensa lá, quase inexistente cá. Alunos matriculados perfazem cerca de 17 mil, mais da metade em programas de especialização, mestrado e doutorado, cuja anuidade média é de US$ 69 mil.

Contíguo geograficamente à Stanford e longe de qualquer coincidência, o Vale do Silício é reconhecido como a Meca da Tecnologia. Em meio à diversidade de origens — 40% das pessoas que ali trabalham são estrangeiras de nascimento —, há uma atmosfera de *bits* e *bytes* que paradoxalmente também desperta valores humanos como competências socioemocionais, trabalho em equipe, comunicação interpessoal, transparência, solidariedade, etc.

Um marco histórico desse protagonismo da Universidade de Stanford sobre o Vale do Silício foi a fundação da HP, em 1939, pelos estudantes Hewlett e Packard, inicialmente uma pequena empresa de componentes eletrônicos. Desde então, nasceram nessa região nada menos que Google, Instagram, Cisco, eBay, LinkedIn, Netflix, Nike, NVIDIA, Sun Microsystems, Tesla, Yahoo. Além disso, é a instituição de ensino que detém o maior número de prêmios Nobel em todo o planeta. Ademais, como fruto da persistente prática de um tríplice hélice — universidade, empresa e governo — na propulsão da inovação e resolução de problemas, estima-se que 40 mil empreendimentos criados por alunos e egressos geram uma receita anual de US$ 2,0 trilhões, muito próximo ao PIB brasileiro.

O que torna ainda mais estimulante o magnífico e bem conservado câmpus, ornamentado por dezenas de esculturas de Auguste Rodin, são as bicicletas. Sempre aceleradas (são 13 mil delas, enquanto os carros são proibidos), se deslocam para as bibliotecas, cantinas, alojamentos, ou de um bloco para outro. Naquela tarde ensolarada de primavera, maravilhados em visita à Stanford, testemunhamos cenas prosaicas nesse templo do saber — rapazes e moças de calções, pedalando suas *bikes*, alegremente a se galantearem. Mas atenção nefelibatas: há casos de atropelamentos, suprema inglória para um turista ou um stanfordista...

Jacir J. Venturi participou de uma missão oficial a Stanford e a oito empresas do Vale do Silício, com mais 32 diretores e mantenedores de Instituições de Ensino do Brasil.

Pensamentos

- "A diferença entre o remédio e o veneno está na dosagem."
  Paracelso (1493-1541), médico e alquimista suíço

- "Sofremos mais em nossa imaginação do que na realidade."
  Sêneca (4a.C.-65d.C.), filósofo estoico romano, estadista e dramaturgo, conhecido por suas obras sobre ética e moral

- "Dai-me teu corpo, e ofereça tua alma a quem merece mais do que eu."
  De um apaixonado anônimo

Do anedotário futebolístico

Do autor, publicado no HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Atualmente com 76 anos, Dadá Maravilha, ex-atacante da seleção nacional, é uma lenda do futebol brasileiro, tendo sido três vezes artilheiro do Campeonato Brasileiro. Em um jogo épico entre Sport e Santo Amaro, fez história ao marcar dez gols, superando assim a marca de Pelé (que havia feito oito). Com 926 gols no total, ele se tornou o terceiro maior artilheiro do Brasil, atrás apenas de Pelé e Romário, sendo também conhecido por seu carisma e suas frases marcantes e galhofeiras:

* "Existem três poderes: Deus no céu, o Papa no Vaticano e Dadá na grande área."
* "No ar, pairam três coisas: helicóptero, beija-flor e Dadá."
* "Não me venha com a problemática, pois eu tenho a 'solucionática'."
* "Não existe gol feio; feio é não fazer gol."

Nascido na Espanha, o folclórico Vicente Matheus (falecido em 1997) foi eleito presidente do Corinthians pela primeira vez em 1959 e reeleito oito vezes, totalizando 18 anos não consecutivos à frente do clube até 1991. Foi um empresário bem-sucedido e suas tiradas geniais tinham um objetivo claro: ganhar as manchetes da mídia. Seu jeito caipira e bem-humorado o tornou ainda mais notório com expressões hilárias, como:

* "Comigo ou sem migo, o Corinthians será campeão."
* "Depois da tempestade, vem a ambulância."
* "Peço aos corintianos que compareçam às urnas para naufragar nossa chapa."

* "Haja o que 'hajar', o Corinthians vai ser campeão."
* "O Sócrates é inegociável e imprestável." (Sobre o empréstimo do atacante a outro clube.)
* "Vou dar uma anestesia geral para os sócios com mensalidade atrasada."

Jardel, atualmente com 51 anos, foi um centroavante e ídolo do Grêmio, time no qual foi campeão e artilheiro da Copa Libertadores da América em 1995. Ele costumava dizer:

* "Quando o jogo está a mil, a minha 'naftalina' sobe."
* "Clássico é clássico e vice-versa."

Roberto Axe, por sua vez, gaúcho, escritor e profissional de *marketing*, tem uma visão peculiar sobre jogadores de futebol:

* "Jogador de futebol é aquele cara que usa uma bola para ganhar dinheiro e duas para perdê-lo."

Em resumo, como disse uma vez o próprio Matheus: "Quem está na chuva é pra se queimar."

O futebol brasileiro nunca será o mesmo sem essas figuras icônicas!

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, da PUCPR e da Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "O mundo é filho da desobediência. Se Adão tivesse cumprido as ordens do Senhor, a humanidade teria ficado limitada às personagens do paraíso."

  Manuel Francisco Correia Júnior (1831-1905), advogado, deputado e senador do Império do Brasil, nascido em Paranaguá

- "Um perdedor é sempre desconfiado."

  Publius Syrus (séc. I a.C.), escritor romano conhecido por sua obra Sentenças

- "Se alguém nos causa repulsa ou raiva, e realmente queremos estar o mais longe possível dessa pessoa, tudo o que temos que fazer é não odiá-la. Se nos permitimos cair na armadilha do rancor, principalmente das rixas, viveremos a ingrata experiência de ter essa pessoa sempre próxima de nós."

  Nilton Bonder (nascido em 1957, em Porto Alegre), escritor e rabino da Congregação Judaica do Brasil no Rio de Janeiro

É melhor andar à toa do que ficar à toa

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

No Pantanal mato-grossense, um fazendeiro — lá apelidados de gigolôs de vacas — fazia a rotineira ronda pelas suas terras e a tudo fiscalizava, pois, como ele próprio dizia, "é melhor andar à toa do que ficar à toa".

Todos os amigos o consideravam abonado. Ele retrucava:

— Meu pai, sim, era um homem rico. Tinha 15 mil cabeças de gado, mas, como éramos em 13 irmãos, sobrou pouco para cada um. Meu pai brincava que vendia bois por hora. Dizia: "Hoje eu vou vender duas horas de boi." Outra frase dele: "fazenda tem um nome bem apropriado: sempre fazendo."

Certo dia, percorrendo o trecho em seu trator que puxava uma carreta e, chegando perto de uma lagoa, inusitadamente ouviu vozes femininas. Aproximou-se mais e o que avistou? Sim, diversas garotas nuas nas margens da lagoa que, surpreendidas, nadaram até quase não dar mais pé.

A mais pudica das garotas gritou para o fazendeiro:

— Não sairemos daqui enquanto não deixar de nos espiar e for embora!

— Eu não vim espiá-las. — respondeu o fazendeiro. — Vim apenas alimentar os jacarés da minha lagoa!

Moral da história: para alcançar os objetivos, às vezes abordagens indiretas podem ser mais eficazes do que as diretas, especialmente se usadas com criatividade e persuasão.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "Os homens lutam com mais bravura pelos seus interesses do que pelos seus princípios."
  Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador da França

- "Quem quer fazer alguma coisa encontra um meio. Quem não quer fazer nada, encontra uma desculpa."
  Aforisma árabe

- "A competição desperta o que há de melhor nos produtos. E o que há de pior nas pessoas."
  David Sarnoff (1901-1974), empresário norte-americano

A história de Ana é uma tragédia de erros e escolhas infelizes

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Eis aqui um belo caso para testar seus conhecimentos jurídicos e valores morais. Paulo e Ana eram recém-casados e viviam felizes. No entanto, passados dois anos, Paulo voltou aos amigos — e com eles aos bares e às farras —, começando a chegar tarde em casa.

Ana chorou, implorou e nada. Sentindo-se abandonada, Ana procurou Cláudio, do outro lado da ponte, e tornaram-se amantes. Num final de tarde, depois de encontrar-se com Cláudio e voltando para casa, foi atacada por um bandido na ponte. Conseguiu fugir, correu para a casa do amante e pediu proteção.

— O problema é seu! — respondeu secamente ele.

Desamparada, Ana juntou forças e procurou um amigo, vizinho de Cláudio, que interesseiro se fez valente:

— Ana, vou com você enfrentar esse facínora!

Qual nada! Ao se defrontar com o bandido, acovardou-se e ambos fugiram. A noite caiu e, aterrorizada e temendo as reações de Paulo por não a encontrar em casa, Ana, sem alternativa, procurou o barqueiro para atravessar o rio de canoa. O homem foi rude:

— Só por R$ 500,00, grana na minha mão!

Sem dinheiro, Ana implorou, suplicou, mas o barqueiro permaneceu intransigente.

— Que fazer? — pensou Ana. – Só me resta enfrentar o bandido!

Assim o fez e, infelizmente, foi morta pelo bandido.

São seis personagens: Paulo, Ana, Cláudio, o bandido, o amigo e o barqueiro. Quem cometeu o maior erro?

Obs.: resposta ao final (após Pensamentos).

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "O importante não é o que fizeram de nós, mas o que fazemos do que fizeram de nós."

  Jean Paul Sartre (1905-1980), escritor e filósofo francês

- "É bom ter dinheiro e as coisas que o dinheiro pode comprar. Mas é bom também verificar de vez em quando se não estamos perdendo as coisas que o dinheiro não pode comprar."
  George Horace Lorimer (1867-1937), editor norte-americano

- "Na boca de quem não presta, quem é bom não tem valia."
  Chico Anysio (1931-2012), humorista, produtor, roteirista, nascido em Maranguape, Ceará

Resposta (da história de Ana – narrativa da página anterior)

O bandido, pois foi o único a cometer um crime. No entanto, a história de Ana é uma tragédia de erros e escolhas infelizes. Paulo, ao negligenciar o casamento, desencadeou uma cadeia de eventos que levou Ana ao desespero. Cláudio (o amante), ao rejeitar Ana no momento de maior necessidade, mostrou uma falta de compaixão. O amigo, ao falhar na promessa de proteção, revelou covardia. O barqueiro, ao se recusar a ajudar sem pagamento, demonstrou ganância. E, finalmente, o bandido, cuja ação violenta resultou na morte de Ana, cometeu o ato mais condenável.

Essa história ensina que nossas ações têm consequências e que a indiferença e a falta de empatia podem ser tão destrutivas quanto a maldade explícita. A moralidade não reside apenas em evitar o mal, mas também em fazer o bem, especialmente quando os outros estão em perigo.

Obs.: apliquei na escola a narrativa como um teste, para estudantes do Ensino Médio, isso há um bom tempo. Fiquei surpreso com as respostas: quem mais errou foi Ana (28%), Paulo (24%), o bandido (19%) e na sequência o amante, o barqueiro e o amigo. Entendo que essa narrativa convida a uma reflexão sobre valores morais, culturais e legais.

Como ter sucesso em vestibulares e concursos

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Por cinco décadas, convivi com adolescentes e jovens em escolas e universidades (com adultos também, mas em pequena proporção), sempre observando com muito interesse aqueles estudantes que obtinham melhor desempenho. Alguns métodos de estudo são elevadamente recomendados, embora nem sempre praticados por todos, até porque temos inteligências distintas (segundo a

teoria do psicólogo Gardner). Por exemplo, há aqueles que aprendem muito em sala de aula, assim como outros, autodidatas, preferem o estudo solitário. E, comum a todos, aconselhado é reforçar e aprimorar os bons hábitos de estudo desenvolvidos ao longo da trajetória acadêmica.

Para um bom rendimento escolar, a inteligência ajuda. Porém, para ter sucesso em vestibulares e concursos (e, é claro, na vida profissional), são necessárias a disciplina e a boa gestão do tempo. Ambiente silente, uma cadeira confortável, uma mesa com folhas de rascunhos para resolver exercícios ou resenhar o conteúdo estudado. Costuma-se dizer, em tom de blague, que se aprende pelo cérebro e pelas nádegas, portanto nada de cama ou sofá (é para estudar ou tirar uma soneca?). E concentração máxima para a fixação do aprendizado, de maneira que, nesse sentido, *smartphones* e outros dispositivos eletrônicos — maquininhas de Deus e do diabo — representam um desafio hercúleo, especialmente pelas futilidades tentadoras das mídias sociais. Afastá-los por completo nos horários de estudo é o mundo ideal, mas uma alternativa intermediária é responder às mensagens mais urgentes de hora em hora.

Diferentemente de países desenvolvidos, a cultura brasileira em geral pouco valoriza o raciocínio lógico, o aprofundamento, a têmpera racional, o esforço, o mérito, o rendimento escolar significativo e a rotina de estudos. Mas a neurociência está aí para provar que novas redes neurais se formam justamente por meio de atividades que ensejam esforço mental.

Há também, atualmente, uma elevada valorização do profissional com domínio das ciências dos números, e todo profissional com bom raciocínio dedutivo é um "resolvedor de problemas" — que para o mercado de trabalho é uma das mais recomendadas competências socioemocionais ou *soft skills*. A maioria das questões de concursos e vestibulares concorridos igualmente priorizam o raciocínio lógico e a interpretação de textos, contrapontos à nossa predominância histórica de um ensino hermético, conteudista, minimamente interdisciplinar ou contextualizado.

A assimilação dos principais conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade — com especial foco no desenvolvimento do raciocínio lógico, leituras e pensamento crítico — é um bom começo. Leitores contumazes desenvolvem a boa escrita, a oralidade, a análise crítica, o pensamento autônomo, a abstração e a imaginação, pois são capazes de melhor compreender textos, bem como produzi-los com qualidade e expô-los com clareza, síntese e lógica.

Vale também lembrar que, durante o percurso escolar, é indispensável desenvolver uma boa fluência digital, uma das mais importantes e básicas competências do mundo contemporâneo. Atualmente, quase tudo está ao alcance de um teclado, e se a decoreba está relegada ao segundo plano, capacitar a memória continua uma habilidade valorizada que se fortalece com a repetição e os atalhos criativos dos mnemônicos. Estamos talvez vivenciando o início da mais disruptiva evolução de tecnologia educacional (e do mundo) com o uso massivo da Inteligência Artificial. No entanto, até onde a vista alcança, as competências e habilidades mencionadas serão sempre valorizadas.

Evidentemente, sob a perspectiva curricular, o Ensino Fundamental é a base, mas ter bom desempenho no Ensino Médio é a joia da coroa. Prioridade à Língua Portuguesa e à Matemática, os dois componentes curriculares de maior peso ou maior número de questões no Enem e em quase todos os vestibulares e concursos mais concorridos. No Enem, por exemplo, a redação vale 1.000 pontos, tanto quanto a prova de Matemática e três vezes mais que a de Física, portanto deve-se treinar muito e, quanto mais redações forem feitas e corrigidas por professores, apontando vícios ou erros, melhor. Ler livros, jornais, revistas é importante tanto para se manter atualizado no momento das provas quanto ajuda a promover uma boa escrita, o vocabulário, a articulação de ideias e uma melhor compreensão dos enunciados.

Na hora da prova, deve-se buscar serenidade e equilíbrio emocional. Se uma prova tem 45 questões, só para exemplificar, primeiro resolver as mais acessíveis e pular as questões que demandarão mais tempo, deixando-as para o final. "O tempo faz parte da prova" — é um velho adágio.

Se, para efeito de exemplo, um estudante tem aulas no turno da manhã, deve priorizar no período da tarde os estudos, tarefas e atividades dos componentes curriculares ministrados no dia, pois é mais eficaz a compreensão e a fixação, uma vez que o conteúdo ainda está "fresquinho" na cabeça. Não se pode ter preguiça de mergulhar fundo nos temas, pois o que se aprende superficialmente é efêmero, se esquece rápido.

E quanto aos exercícios físicos e descansos? Uma vez estabelecida uma rotina intensa de estudos, é necessário pausar a cada uma ou duas horas. Nesse

ínterim de uns 20 minutos, caminhar, fazer flexões, movimentar os braços e a cabeça, respirar pausada e profundamente, passar os olhos nas mensagens do celular, mas só responder às mais urgentes. É essencial uma rotina de sete a oito horas de sono, para revitalizar o corpo, momento em que o cérebro processa a memorização e o armazenamento de longo prazo, em especial durante a fase REM. É precioso respeitar o ritmo circadiano do corpo!

Ademais, exercícios em academias ou caminhadas preferencialmente em aprazíveis e canoros parques, em meio à natureza, são atividades recomendadíssimas, pois promovem o bem-estar holístico (*holos*, do grego, "todo" ou "inteiro"), físico, emocional, intelectual e transcendental. Está provado que tais atividades promovem a sensação de bem-estar provocada pela serotonina e equilibram os níveis sanguíneos de adrenalina e cortisol. Se os músculos se fortalecem com os exercícios físicos, igualmente o cérebro é estimulado com todo o esforço mental, pelas sinapses entre os neurônios. Para complementar, espiritualidade e positividade promovem uma força extraordinária, pois geram autoconfiança e propósitos de vida.

A alimentação, igualmente importante, deve ser comedida e bem diversificada, para que o corpo esteja bem nutrido com proteínas, frutas, verduras e legumes, além de bem hidratado e submetido a uma boa exposição ao sol nos horários recomendados (pratique a helioterapia). A diversidade é importante, pois o corpo necessita não só de nutrientes, mas também de uma vasta gama de micronutrientes (encontrados em castanhas, sementes etc.) para um bom desempenho cognitivo.

Por fim, não abandonar — pode-se até reduzir — os lazeres preferidos, mantendo-se um ritmo cadenciado de horas de estudo. E não mergulhar desesperadamente nos estudos nas vésperas das provas, pois um bom equilíbrio emocional é um dos principais requisitos na preparação. Ensinar colegas pode ser uma ótima estratégia, pois é um ato de generosidade que faz bem e favorece laços afetivos, além de ser uma forma poderosa de reforçar o aprendizado. Desde muito jovem depreendi, remetendo à cultura latina, que *docendo, discitur* ("ensinando se aprende").

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, de cursos preparatórios, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo.

Pensamentos

- "O segredo de uma boa velhice não é outra coisa senão um pacto honrado com a solidão."

  Émile A. Faguet (1847-1916), crítico literário, historiador e membro da Academia Francesa

- "Mostre-me o homem e eu lhe mostrarei o crime."

  Frase atribuída a Lavrenti Beria (1899-1953), que foi chefe da polícia secreta de Stalin durante o período do Grande Expurgo na União Soviética. Reflete a prática autoritária de encontrar ou fabricar crimes para incriminar indivíduos, independentemente de sua culpa real.

- "O mais dificil na vida é decidir."

  Cora Coralina (1889-1985), poetisa e contista brasileira, conhecida por sua sensibilidade poética e valorização da cultura popular

Uma fábula moderna: os desafios nos fortalecem

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Japonês gosta de peixe, mas de peixe fresco. Gosta de receber visitas, porém visitas breves. Para um nipônico — uma analogia é pertinente — visita é como peixe: fresco e gostoso no primeiro dia, bom no segundo dia, mas no terceiro dia começa a cheirar mal. Deixemos de lado as visitas que entraram na história apenas para fazer blague.

Japonês gosta de pescado fresco, mas, como obtê-lo, se em suas costas marítimas não há mais peixes? Pensaram ter encontrado a solução ao construírem barcos com maior autonomia para permanecerem semanas em alto mar. No retorno, porém, ao aportarem, os pescados estavam sem viço, sem frescor. E japonês não compra pescado velho.

Nova tentativa: instalaram câmaras frigoríficas e os peixes chegavam ao porto congelados. No entanto, japonês não aprecia o pescado congelado. Sashimi assim, nem pensar! Altera o paladar!

Surge, então, uma nova ideia que parecia definitiva: aumentaram o tamanho dos navios e neles instalaram grandes tanques. Contudo, ao retornarem à costa — após semanas ao largo — os peixes estavam exauridos, com poucos movimentos. Eram mortos-vivos. E japonês não é bobo! Aperta o peixe, observa a cor das guelras, dos olhos... e não compra!

Foi então que surgiu uma ideia muito criativa de, ainda em alto mar, atirar um pequeno tubarão para cada tanque. Para saciar a fome, o tubarão devora

alguns peixes. Porém, a maioria dos peixes — por terem de enfrentar o desafio — chegam ao porto bem vivos, lépidos e com boa aparência.

Moral da história: num ambiente competitivo podemos ser engolidos pelo nosso antagonista, mas quando somos desafiados saímos fortalecidos.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "O pior de nossos problemas é que ninguém tem nada com isso."
  Mário Quintana (1906-1994), poeta gaúcho
- "De tanto ver triunfar as nulidades, hei de vencer."
  José Carlos Capinam (n. 1941), médico, poeta e letrista de música popular brasileira
- "Ninguém comete erro maior do que não fazer nada porque só pode fazer pouco."
  Edmundo Burke (1729-1797), escritor e político anglo-irlandês

Bullying e *cyberbullying* agora são tipificados como crime

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

A nova lei federal nº 14. 811/24, sancionada em janeiro de 2024, tipifica o *bullying* e o *cyberbullying* como crimes previstos no Código Penal, estabelecendo dois a quatro anos de reclusão ou multas. Se as condutas forem praticadas por crianças ou adolescentes, cabe a aplicação de medidas socioeducativas descritas no Estatuto da Criança e do Adolescente. A lei também amplia o rigor para quem exibe ou facilita a exibição de pornografia infantil, passa a classificar como crime hediondo os casos de abuso e de exploração sexual de menores de idade e aumenta, ainda, a pena de homicídio se praticado dentro da instituição de ensino. Neste caso, especialmente, trata-se de medida plenamente justificável, pois, nos últimos dois anos, o Brasil enfrentou um aumento sem precedentes de ataques em colégios, com um total de 21 ocorrências.

Antes da sanção da lei, o *bullying* só estava previsto em uma legislação de 2015 que descrevia os atos que o configuram, mas não estabelecia penalidades. "Essa nova legislação tem como objetivo central garantir a proteção de crianças

e adolescentes contra a violência nos estabelecimentos educacionais e reveste-se de extrema importância diante do crescente número de tragédias escolares e casos de suicídio entre os jovens." — se faz oportuna a delegada de polícia Raquel Gallinati.

A lei define *bullying* como uma intimidação sistemática, intencional, repetitiva, praticada mediante ações verbais, psicológicas e morais, na modalidade presencial. O *cyberbullying*, por sua vez, é a versão *online*, promovida na internet, em redes sociais, ou em qualquer outro ambiente digital. E, de fato, o termo *bullying* é o gerúndio do verbo to *bully*, que, na língua inglesa, literalmente tem acepção de intimidar e/ou ameaçar. Entre as várias consequências deletérias, a vítima sofre também pela rejeição, pelo não pertencimento ao grupo.

Infelizmente, é nas instituições de ensino onde mais se pratica essa violência. Segundo pesquisas, os espaços de maior incidência estão dispostos nessa ordem: salas, recreios, entradas e saídas, enquanto a intensidade do *bullying* indica o quanto moralmente a escola está comprometida. Reiteradas vezes se ouve a analogia a uma barrica de maçãs, na qual por falta de uma boa assepsia se depositam no fundo ácaros ou mofo que infestam os demais frutos. No ambiente escolar, essa infestação pode se disseminar como decorrência de conflitos mal resolvidos, da falta de regras claras e de punição adequada, ausência de uma cultura mais humana no colégio e/ou em casa.

Em diversas instâncias judiciais, mesmo antes da nova lei, já foram responsabilizados com indenização pecuniária os pais, os professores e os gestores escolares. E a todos cabem duas frentes de combate: prevenção e ação. É preventiva a prática de uma cultura de respeito, tolerância e aceitação de que somos diversos, enquanto a ação é vigilante e punitiva sobre os agressores. Em resumo: ação como remédio e prevenção pelo comportamento ético.

Porém, se de um lado a lei traz um desejado efeito dissuasivo e punitivo que supera a lacuna legislativa anterior, por outro é preciso cuidar com a classificação indiscriminada, onde tudo é *bullying*. É impossível sermos aceitos em todos os grupos e que todos concordem com tudo o que fazemos ou pensamos. O crime nasce quando a mera discordância se transmuta em ameaças, intimidação ou outras ações vexatórias.

Nesse mesmo sentido, é preciso entender que o ambiente escolar é um cadinho de humanos e é ilusão imaginar que a diversidade não vai se manifestar,

assim como na vida. Num crescendo, o educando vai assimilando as oportunas lições das alegrias e agruras na convivência com os colegas — diversos, mas quiçá não adversos — e, destarte, torna-se mais robusto para o enfrentamento dos desafios e frustrações que serão ainda mais frequentes e intensos na fase adulta. As raízes de um carvalho só se fortalecem pala ação das inclementes rajadas de vento. E cada vitória tem o sabor de uma perdoável vingança, como nas palavras de Kate Winslet — vítima por ser uma adolescente fora dos padrões de peso e estética no início da carreira —, ao receber o Oscar de melhor atriz, por sua atuação no filme *O Leitor*: "Lá do palco, quando olhei a plateia, não vi nenhum dos meus agressores."

A escola é um laboratório para a vida adulta e, evidentemente, o mundo do trabalho é muito competitivo, por isso em determinados momentos a resiliência às hostilidades é necessária. Esse aprendizado deve ser gradual — não pontualmente intenso, que é uma característica do *bullying* —, para indicar que o caminho a ser percorrido na vida não é plano, florido e pavimentado.

É preciso estar atento o tempo todo. Como bem expõem os dados do IBGE: 40% dos estudantes brasileiros foram alvos da prática do bullying, sendo os principais motivos o corpo, o rosto, a cor da pele e a etnia. Portanto, esse avanço legislativo se faz necessário, pois não respeitar características individuais de um ser humano pode gerar marcas indeléveis e sofrimento, provocadas pela insensibilidade moral do *bully* (agressor). É preciso uma ação não só pedagógica, mas também punitiva, e os estudos comprovam que o praticante do *bullying* (criança ou adolescente), quando adulto, tenderá à violência doméstica e a outros desvios de conduta, como furtos, álcool, drogas e crimes, configurando uma consequência duradoura para a sociedade.

E para a vítima é um sentimento que dói intensamente, como se infere das palavras do filósofo norte-americano William James (1842-1910): "O princípio mais profundamente enraizado na natureza humana é a ânsia de ser apreciado". Nós, educadores, devemos atacar as causas, para que a consciência não nos acuse de leniência quando vierem as inevitáveis consequências.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "O Brasil é um país que está no buraco e não para de cavoucar."
  José Pio Martins (n.1949), renomado economista, professor e escritor de Curitiba. Como reitor da Universidade Positivo, deixou uma marca significativa na Educação Superior do Paraná, inspirando estudantes com sua paixão pela economia e gestão.

- "Quando há uma expectativa de trajetória explosiva do endividamento público, as taxas de juros são elevadas, resultando em uma transferência perversa de renda que favorece apenas os rentistas."
  Paulo Guedes (n.1949) foi Ministro da Economia no governo de Jair Bolsonaro, PhD pela Universidade de Chicago

- "Do atrito de duas pedras chispa faíscas; das faíscas vêm o fogo; do fogo brota a luz."
  Victor Hugo (1802-1885), escritor e poeta francês, autor de clássicos como "Os Miseráveis" e "O Corcunda de Notre-Dame", grande defensor dos direitos humanos e da liberdade

Malu, o carismático: reminiscências da coluna do Malu

Do autor, publicado no HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Os deuses do Olimpo — na crença dos antigos gregos — concediam a poucos homens o *khárisma*, ou seja, a graça, a fascinação. Luiz Alfredo Malucelli, o nosso Malu, colheu em vida os frutos desse precioso dom nutrindo-se do afeto dos familiares, dos cinco filhos e de milhares de amigos. Um dom manifesto intensamente em suas profícuas atividades laborais, especialmente no Canal 12 e no Palácio Iguaçu.

Faz aproximadamente dez anos que Malu nos deixou. Por cerca de vinte anos tive intensa convivência como amigo e também pelas relações comerciais, uma vez que fui sócio-diretor de três colégios em Curitiba e de uma gráfica.

Mas Malu, antes de tudo, foi gente boa, que falava, que ouvia e antes de tudo descontraía com seus risíveis causos. Jamais ofensivos. Para dar mais sabor às suas pilhérias, se justificava: "eu não invento, só aumento".

Cultivei um hábito por três décadas: aos sábados, levantava e de pronto abria a Gazeta do Povo. Em qual página? Na Coluna do Malu, na qual, num estilo chistoso, permeavam reminiscências, algumas com fulcro histórico; em outras, prevalecia o critério do *"se non è vero, è ben trovato"*.

Quando fui apresentado ao Malu, o convite foi à boca pequena, por ser uma ocasião especial: uma paca ao forno. Sim, o quadrúpede preparado com maestria sob nobilíssimos tempêros. Foi uma ocasião inolvidável ao palato e às meninas dos olhos, pois como cozinheiro ele sempre foi uma unanimidade. Fruto de nossa amizade, eu sempre fazia blague: "Malu, ao lhe ver você me dá água na boca".

E lembro da primeira, que acabou com o título de "A modéstia do professor":

"O professor Jacir Venturi foi ao lançamento do livro de poesias *Plantares*, do também mestre Nilson J. Machado. Jacir mostrou-se surpreso com a publicação de um livro de poesias, pois o escritor já tinha publicado mais de dez livros, todos de Matemática. O professor Nilson respondeu: 'Meu caro Jacir, depois de 50 anos, da cintura pra cima poesia; da cintura pra baixo, só prosa'."

Enfim, muitas foram as horas de convivência com o Malu, horas de alegria, de bons vinhos e do riso saudável e terapêutico. Que fazem bem à mente e à alma, pois, nas oportunas palavras de Umberto Eco, "o riso aproxima o homem de Deus".

Reminiscências da Coluna do Malu II

Por duas a três décadas o nosso querido Malu (Luiz Alfredo Malucelli), que faleceu em 2014, manteve uma coluna — denominada Coluna do Malu — publicada na Gazeta do Povo, aos sábados. À época, uma das colunas das mais lidas da GP, por ser descontraída por seus risíveis causos. Com Malu, tive intensa convivência como amigo e também pelas relações comerciais, e Malu sempre me pedia para abastecê-lo, sejam causos que aconteceram comigo ou de outrem (Malu, um lorde, sempre teve o cuidado de só publicar nomes, mediante consultas ao próprio).

No artigo anterior de minha autoria, que pode ser lido logo abaixo, neste Jornal HojePR, prestei minha homenagem ao amigo que nos deixou e, aos que se interessarem pelo tema, sugiro a sua leitura para um melhor contexto desta sequência de três artigos sobre a Coluna do Malu.

Abaixo, mais três causos publicados, por certo um pouco de cabotismo, mas o propósito não é a autorreferência, e sim a pilhéria, o humor:

A sogra muito "viva"

A feijoada do Restaurante Vallentina, no Água Verde, foi premiada com o 2º lugar pelo júri popular promovido pela Gazeta do Povo. O proprietário, Fábio L. Oliveira, ex-professor de cursinho, recebeu a visita do amigo Jacir Venturi neste último sábado.

Na saída, ao elogiar a saborosa comida da senzala, o prof. Jacir recordou que sua mulher também faz uma feijoada apetitosa e que uma vez comentou com sua sogra, fazendo blague:

— Casei com sua filha por causa da feijoada!

E a sogra foi rápida no gatilho:

— Ah, não sabia que mudou de nome!

(Coluna do Malu — publicada na Gazeta do Povo)

E todo o Guairão gargalhou

Conta o professor Jacir Venturi que, num sábado à noite, o Teatro Guaíra estava lotado para o belíssimo show do Almir Sater. Quando da apresentação de cada um dos instrumentistas, todos estavam curiosos para saber quem era a única e linda jovem do palco.

Muito formal, anuncia o Almir:

— E agora a minha irmã fulana de tal....

De pronto um curitibano bem-humorado se manifestou em alto e bom som:

— Valeu, cunhadão!

(Coluna do Malu — publicada na Gazeta do Povo)

Dormindo com o inimigo

O pai do professor Jacir Venturi foi expedicionário na Segunda Guerra Mundial e lutou nos campos da Itália contra os nazistas. Retornando ao Brasil, em pouco tempo estava casado com uma donzela de 15 anos — pasmem —, uma bela e legítima descendente de alemães.

Depois de muitos anos de casamento, o prof. Jacir gostava de fazer gracejo com o velho, na frente de sua mãe:

— E aí, pai, qual das guerras foi pior? — referindo-se à Segunda Guerra e ao casamento.

Naturalmente, o velho dava boas risadas, mas certo dia, à prudente distância da esposa, fez uma pausa, gargalhou e disse:

— Na Segunda Guerra, o inimigo era conhecido, e a gente tinha chance de sobreviver!

(Coluna do Malu — publicada na Gazeta do Povo)

Pensamentos

- "Seres humanos são pensadores lineares vivendo em um mundo exponencial."

  Peter Diamandis (n.1961) é um médico, engenheiro e empresário greco-americano, fundador da X Prize Foundation. O autor já publicou vários livros, entre os quais se destaca "Abundância: O Futuro É Melhor do Que Você Pensa", lançado em 2012

- Diálogo entre duas pessoas não se mede pelo tempo, e sim pela a qualidade do que se diz.

  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

- "Casamento é a única condenação à prisão perpétua da qual você pode se libertar por mau comportamento."

  Blague graciosa de José Pio Martins (n.1949), renomado economista, professor e escritor de Curitiba

Apesar do acesso facilitado aos conteúdos escolares, somos uma fábrica de analfabetos funcionais

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Vivenciamos uma época singular historicamente, com muitas facilidades para acessar o conhecimento, em razão da superabundância de livros, revistas e jornais a preços acessíveis ou gratuitos — muito diferente de uma realidade não tão distante. Enfim, aprender, é mais fácil do que no passado. Essencialmente é uma questão de direcionamento e alocação do tempo. E o tempo é o bem mais precioso que temos, pois nunca saberemos quanto de areia resta na parte superior da ampulheta. Administrar bem o tempo é a suprema sabedoria, para dispô-lo de maneira útil aos estudos, ao trabalho, ao lazer, aos bons afetos e aos relacionamentos saudáveis.

A vida é feita de escolhas e deletérias são as consequências quando desperdiçamos tempo com relacionamentos que pouco nos acrescentam ou com

as futilidades de boa parte das redes sociais, programas de TV, *streamings*, jogos digitais. O ambiente virtual é potencialmente riquíssimo para a aprendizagem, além de desenvolver características muito valorizadas no mercado de trabalho, como disciplina pessoal, gestão do tempo, autodidatismo, fluência digital, foco, desde que haja maturidade para não embicar para o sedutor mundo digital das redes sociais e a pletora de outras distrações frívolas.

Considerada como a propulsora da Era da Informação, pela profusão ampla e democrática de conteúdos, a internet tornou-se a quase realização do grande sonho dos diretores da antiga Biblioteca de Alexandria (no período do século III a.C. ao século IV d.C.), que era "adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra". No entanto, a aquisição desses exemplares era uma odisseia. Cada pergaminho era obtido por diferentes meios — prioritariamente escambo ou pilhagem —, aproveitando-se do fato de que os navios que partiam de Alexandria singravam todos os mares conhecidos à época. No entanto, pela raridade, o manuseio era restrito aos mais colendos mestres.

Hodiernamente, temos acesso facilitado aos conteúdos escolares, mas isso não se traduz em resultados no que diz respeito à aprendizagem de nossos estudantes, haja vista os resultados do Pisa 2022, agora com 81 países avaliados, em que o Brasil obteve a 64ª posição em Matemática, a 61ª em Ciências e a 53ª em Leitura. Ou seja, no último quartil em Matemática e Ciências e no último terço em Leitura.

Analisando-se de outra forma, aproximadamente 73% dos alunos de 15 anos matriculados em escolas brasileiras não atingiram o patamar mínimo em Matemática e 50% não atingiram em Leitura, pois permaneceram no Nível 1, que é a escala mais baixa (os níveis variam de 1 a 6). O Nível 2 é considerado pela OCDE o mínimo necessário para que os jovens passem a exercer plenamente a cidadania. Muitos desses estudantes podem, sim, ser considerados analfabetos funcionais para as exigências do século XXI, uma vez que não conseguem interpretar um texto de nível mediano, tampouco resolver problemas de porcentagem, de regra de três, bem como fazer conversão de moedas, comparar distâncias, etc.

Em outro teste internacional, conhecido pela sigla Pirls, são avaliados em leitura estudantes de 65 países no 4º ano. Na última prova, em 2021, cujo resultado também foi divulgado este ano, ficamos à frente de apenas três países: Jordânia, Egito e África do Sul.

O que fazer? Não há bala de prata. De pronto, a resposta que mais se ouve: falta dinheiro para educação. Porém, convenhamos, o Brasil não investe pouco comparativamente a outros países que apresentam bom desempenho educacional. Na média, os países da OCDE investem 5,5% do PIB, enquanto o aqui investimos 6%. Temos de arregaçar as mangas e priorizar a sala de aula da Educação Básica (os m² mais nobres de qualquer organização educacional), onde estão os alunos e os professores. Como fez Sobral (CE). Como está fazendo Pernambuco para o Ensino Médio. Como fizeram cerca de uma dezena de países destroçados por guerras, invasões, pobreza e, atualmente, bem situados nos *rankings* globais.

Se houvesse um ou dois culpados, seria bem mais fácil, mas as nossas deficiências são multifacetadas. Começa pela nossa cultura de pouca valorização do professor, pela baixa participação e cobrança dos pais em relação ao rendimento escolar dos filhos e pela deficiente qualidade do ensino ministrado. Também pouco se prestigiam o desempenho escolar, o esforço e os méritos do discente, como o fazem os asiáticos, que nas últimas edições do Pisa ocuparam, na média, 7 das 10 primeiras colocações. Uma das principais queixas dos bons professores comprometidos com uma educação de qualidade é o desinteresse dos nossos alunos e a falta de empenho deles nos estudos.

Outros fatores são abundantemente conhecidos, como faculdades de licenciaturas com pouca prática, consequentemente professores chegam à escola despreparados e, quando na escola, recebem pouca capacitação. Também sobejam no Brasil e são ervas daninhas de difícil erradicação a prevalência de ideologias, de polarizações e o corporativismo, independentemente do direcionamento político.

O Brasil partiu da década de 1970 como importador de alimentos e hoje é o celeiro do mundo. Temos a Embrapa, a Petrobras, a Embraer, a WEG e tantos centros de pesquisas e indústrias de ponta que empregam tecnologias complexas. O agro é um *case* de superação e na média somos mais produtivos e tecnológicos que os norte-americanos. Mérito de quem? Da ação contínua, perseverante, organizada e empreendedora de brasileiros. Até mesmo na educação, pois em 2022 um grupo de escolas privadas pagou para participar pela primeira vez dos exames do Pisa. Se fosse computar o desempenho das escolas privadas, entre os 81 países participantes elas ocupariam a 30ª posição em Matemática, a 22ª em Ciências e a 11ª em Leitura. Portanto, nada mau.

No entanto, sem escola pública de qualidade jamais haverá justiça social neste país, e não é enfraquecendo a escola privada que se fortalece a escola pública. Há décadas colhemos, tanto interna como externamente, resultados ruins de nosso combalido sistema educacional. Indignação manifesta das famílias ou da sociedade? Quase nada. Comunidade silenciosa perpetua o fracasso.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Autor de quatro livros.

Pensamentos

- "A tragédia da vida é que ficamos velhos cedo demais. E sábios, tarde demais."

  Benjamin Franklin (1706-1790), estadista, inventor, diplomata e um dos fundadores dos Estados Unidos, conhecido por suas contribuições à ciência, à filosofia e à política

- "Uma das coisas que a história não perdoa é ignorar o momento da retirada."

  Roberto Campos (1917-2001), economista, diplomata e político brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, conhecido por suas ideias liberais e por sua defesa do livre mercado

- "Acredito que, para se desenvolver, um país precisa mais de disciplina do que de democracia."

  Lee Kuan Yew (1923-2015), foi um estadista e advogado de Singapura, amplamente reconhecido como o fundador e primeiro-ministro do país de 1959 a 1990, período durante o qual ele transformou a cidade-estado de uma pequena cidade portuária em um dos centros financeiros mais prósperos do mundo

O otimista transforma problemas em desafios

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

A sabedoria popular nos presenteia com narrativas aprazíveis, criadas e enriquecidas com inventividade ao longo dos séculos e transmitidas oralmente de geração em geração. Muitas delas ilustram como, diante de um mesmo fato, podemos observar visões e comportamentos antagônicos. Em uma tempestade com ventos fortes, o que faz o comandante do veleiro? Se for pessimista, entrega-se a lamentos e queixumes; se for otimista, espera que o vento mude; se for realista, vai até o mastro e ajusta as velas.

Uma historieta conta que, com a chegada do Natal, um bom pai resolveu presentear os dois filhos. O mais velho era um empedernido pessimista e de sua boca só saíam lamúrias e reclamações. O segundo filho, ao contrário, era um otimista contumaz, contagiando a todos com suas manifestações de júbilo e exultação.

Ao pessimista, o pai deu uma bicicleta:

— Poxa, pai, mal sei andar, temo me machucar. Além disso, a cor verde não me agrada...

Para o outro filho, entregou um pacote. Ao desembrulhá-lo, o filho verificou que era estrume e, saltitando de alegria, exclamou:

— Oba, oba... cadê o meu cavalo, cadê o meu cavalo?

E, de fato, no estábulo, lá estava o cavalo com o nome do filho otimista. Ou seja, o bom pai, com seu "feeling"realista, já havia intuído que, para um filho, muito seria pouco e, para o outro, pouco seria muito.

História à parte, a positividade é de fato essencial em qualquer ambiente (social, familiar ou corporativo). Todavia, em excesso, tanto o otimismo quanto o pessimismo geram vieses, extremismos e partidarismos que tornam míope uma boa parte da população em relação aos seus governantes, daí decorrem provocações espirituosas, troças e motejos.

Nesse sentido, no Brasil, conta outra narrativa que o povo estaria dividido entre otimistas e pessimistas:

— Quem são os otimistas? — perguntou o Presidente.

— São os que acham que, em poucos meses, comeremos capim — respondeu o Ministro.

— E os pessimistas?

— São os que acham que o capim não vai dar para todo mundo.

Os italianos são até mais irreverentes e pessimistas do que nós em relação aos políticos, sendo comum o mote: 'Sta piovendo, governo ladro!' – ou seja, até mesmo um fenômeno natural e frequente como 'Sta piovendo' (está chovendo) seria culpa do governo, que é ladrão, corrupto.

Sou apaixonado por histórias como essas, bem como por frases e pensamentos clássicos ou populares. Ao longo dos anos, colecionei milhares, garimpados em águas límpidas ou barrentas, da margem ao talvegue. Ao longo de minha vida profissional, dediquei-me ao ensino da matemática, à gestão escolar e à engenharia, mas nunca deixei de reservar cerca de uma hora diária para leituras, durante as quais, tergiversando, milhares de conchas passaram por mim. Abri-las, uma a uma, foi um prazer com a volúpia de quem escolhe maravilhosas pérolas entre moluscos e nácares.

Uma boa frase pode suplantar cinco ou dez páginas de um livro, com o efeito de um petardo, pois, além de facilmente memorizável, tem o condão de provocar uma catarse que impacta o coração e a mente. É com esse propósito que deixo para o estimado leitor três frases sobre o otimismo ou seu contraponto, sendo a primeira delas a inspiração para este texto.

- "O pessimista transforma desafios em problemas. O otimista transforma problemas em desafios."
  Rupert Murdoch (n.1931), empresário australiano-americano, acionista majoritário de grandes grupos de comunicação nos EUA

- "Nem todos os otimistas são profissionais de sucesso, mas todos os profissionais de sucesso são otimistas."
  Conceito amplamente difundido em literatura de gestão e desenvolvimento pessoal, em que o otimismo é frequentemente associado à resiliência, à capacidade de superar desafios e à manutenção de uma atitude proativa diante das adversidades.

- "É preciso ser pessimista na análise e otimista na ação."
  Antonio Gramsci (1891-1937), filósofo, político e marxista italiano. Para Gramsci, quando na fase de planejamento, devemos analisar os fatos sem ilusões, reconhecendo os desafios, obstáculos e possíveis falhas.

Jacir J. Venturi foi professor e gestor da Educação Básica e do Ensino Superior; atualmente é membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR) e do Centro de Letras do Paraná (CLP).

Pensamentos

- "Quando dizem que estou velho demais para alguma coisa, na mesma hora tento fazê-la."
  Pablo Picasso (1881-1973), pintor, escultor e um dos mais influentes artistas do século XX, cofundador do movimento cubista, conhecido por sua criatividade incansável e por viver intensamente até os 91 anos

- "Viva de forma que, ao morrer, você deixa saudades e não alívio."
  Da sabedoria popular

- Nas relações humanas temos que ser muitas vezes convenientes, porém com amigos devemos conjugar sinceridade e polidez
  Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

Os riscos da ausência de limites e da negligência afetiva

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Educar um filho é a missão mais nobre e uma das mais árduas e desafiadoras. Amar os filhos significa impor limites e disciplina para preparar o educando para os desafios da vida adulta. Os limites precisam ser claros, consistentes e previamente combinados para que a criança ou o adolescente saiba o que pode e o que não pode. Pais e mães permissivos, filhos abusivos — é um mote da sabedoria popular. Imprescindível é dar a segurança do amor ao rebento, nutri-lo afetivamente, lembrando que importa mais a qualidade do afeto que a quantidade de tempo disponível. Afinal, a paternidade ou a maternidade responsável é uma missão e um dever aos quais não se pode furtar, amiúde, não raramente, veem-se filhos órfãos de pais e mães vivos. Negligência afetiva se caracteriza quando se é em demasia concessivo, tíbio e ausente, em vez de assertivo, intenso e proativo na relação com o filho ou a filha.

Afeto e limites são como pratos distintos de uma balança, na qual se busca um saldo equilibrado: no dia a dia, há horas em que prevalece a convivência prazerosa e há horas em que a prevalência deve ser das obrigações. Assim como um rio não existiria sem que as margens balizassem ou limitassem o ímpeto de suas águas, também não haverá adulto responsável, solidário, bom cidadão e bom filho sem os limites bem definidos — e obedecidos — na infância e na adolescência.

Para os filhos, desde muito cedo, somos modelos. Eles compreenderão nossa árdua labuta pela sobrevivência profissional e para o importante papel de provedores. Apesar das elevadas exigências da vida contemporânea, é possível ajustar os deveres familiares com as obrigações profissionais. Sim, é necessário renúncia, ou seja, significa menos convivência com amigos, menos telas e mídias sociais, menos academia e menos lazer. O dia foi extenuante, mesmo assim podemos ir além para atender as obrigações. A escritora e psicóloga Rosely Sayão é enfática: "O mundo mudou muito e as crianças, também. Só uma coisa não mudou: elas continuam a necessitar da presença cuidadora, reguladora, protetora e atenciosa dos adultos."

Crianças (em especial) e adolescentes necessitam de uma rotina bem estabelecida: 1) sono reparador em ambiente silente, sem interferências de telas ou outros *gadgets* eletrônicos; 2) alimentação saudável (com proteínas, frutas, verduras), a mais variada possível, para que o organismo metabolize todos os nutrientes necessários; 3) prática de esportes, pois desenvolve a sociabilização,

as habilidades motoras e cognitivas; 4) hábitos de higiene e cooperação com as tarefas de casa, importante para o desenvolvimento da autonomia e de uma boa convivência social; 5) e os estudos, obrigação primeira, por isso é preciso estabelecer horários fixos, em ambiente apropriado com mesa, cadeira, rascunhos, distante dos eletrônicos não absolutamente necessários. A escola deve ser valorizada não só em razão da aprendizagem dos conteúdos, mas pelos valores, pela convivência com a diversidade, pela solução de conflitos, etc.

Em minha experiência profissional como professor e diretor de escolas, muito chamou atenção o grande número de pais e mães superprotetores e excessivos na concessão de benesses aos filhos, atitudes limitadoras para o desenvolvimento da autonomia e sociabilização. Cheguei a ter ímpetos de fincar uma tabuleta no gramado em frente ao prédio escolar, com palavras bem singelas: "Amem mais os seus filhos, não facilitem demais as coisas para eles". Ou, até mesmo, afixar uma faixa com palavras e símbolos bem estilizados: "+ brincadeiras e — telas". Talvez lhe pareça ridículo, caro leitor ou leitora: tabuleta? faixa? Sim, para os tempos atuais pode parecer antiquado, demodê, mas é para chamar atenção em meio a tanta algaravia eletrônica.

E ninguém se aposenta do papel de pai e mãe: é como ter um segundo coração, um coração fora do seu corpo. Bem oportuna é a frase de Ray Dalio, em seu *best seller* intitulado *Princípios*: "Ter filhos é uma decisão difícil e irrevogável." Seguramente, filhos nos tornam pessoas melhores, eles vêm para ser nossos professores. Não os ter já é uma opção de muitos casais, bem respeitada, sejam quais forem as motivações. No Brasil, a taxa de fecundidade em 2022 foi de 1,6 filho, quando a taxa de reposição é de 2,1. Não faz tempo, em 1960, a taxa de fecundidade era de 6,1.

Para finalizar, quem merece toda a nossa reverência, ninguém mais, ninguém menos que José Saramago, Nobel de Literatura em 1998 e Prêmio Camões em 1995, falecido em 2010: "Filho é um ser que nos foi emprestado para um curso intensivo de como amar alguém além de nós mesmos, de como mudar nossos piores defeitos para darmos os melhores exemplos e de aprendermos a ter coragem. Isto mesmo! Ser pai ou mãe é o maior ato de coragem que alguém pode ter, porque é se expor a todo tipo de dor, principalmente da incerteza de estar agindo corretamente e do medo de perder algo tão amado. Perder? Como? Não é nosso, recordam-se? Foi apenas um empréstimo."

Jacir J. Venturi, professor, foi diretor de escolas e coordenador de curso superior. É pai de três filhos e avô de quatro netos.

Pensamentos

- "O homem pode suportar tudo, menos a falta de sentido."

  Viktor E. Frankl (1905-1997), foi um neurologista e psiquiatra austríaco, é amplamente conhecido por fundar a logoterapia, uma abordagem psicoterapêutica centrada na busca pelo sentido da vida. Dizia que uma das origens do sofrimento humano é de natureza espiritual, nascida da absurda perda de sentido da vida. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi prisioneiro em vários campos de concentração nazistas, incluindo Auschwitz e Dachau. As experiências desumanas que viveu nesses lugares o levaram a refletir profundamente sobre a natureza humana, a resiliência e o significado da existência mesmo diante do sofrimento extremo

- "Quem poupa o lobo, sacrifica a ovelha."

  Victor Hugo (1802-1885), escritor, poeta e dramaturgo francês, autor de clássicos como "Os Miseráveis" e "O Corcunda de Notre-Dame", conhecido por sua defesa apaixonada dos direitos humanos

- "Embora o tempo tenha marcado meu rosto, meu coração permanece jovem; a alma, afinal, não envelhece. Cada ano que passa é um presente único e inestimável. Não lamente por envelhecer – é um privilégio que muitos não chegam a conhecer. Viver com uma mente jovem e um espírito vibrante é o segredo para aproveitar cada instante até o último dia de nossas vidas."

  Richard Gere (n.1949), ator norte-americano, conhecido tanto por sua carreira no cinema quanto por sua dedicação a causas humanitárias, defensor ativo dos direitos humanos no Tibete e em outras regiões. Ao completar 75 anos, compartilhou essa reflexão poderosa sobre a idade e a vida

As circunstâncias da vida e um tributo à educação

(Discurso de posse no Centro de Letras do Paraná)
Jacir J. Venturi

Saudações!

Sejamos nós professoras e professores, escritoras e escritores, mães e pais, sempre há de prevalecer que somos educadores e, como educadores, não temos o direito de ser medianos.

Educar é a missão mais nobre que nos foi concedida pelo Criador, o que exige de nós sermos inteiros e não medianos na manifestação de afeto, resiliência e entusiasmo. A propósito, pela sua etimologia, as duas mais belas palavras do nosso léxico são "educar" e "entusiasmo". "Educar" provém do latim *ducere*, que significa "conduzir, mostrar o caminho". "Entusiasmo" tem origem no grego *en-theo*, que literalmente se traduz como ter "deus dentro de si" (*en* = dentro

e *theo* = deus). Para os gregos politeístas, quem carrega a chama esplendorosa do entusiasmo tem um deus dentro de si. Portanto, sejamos educadores entusiastas.

Com 11 anos de idade, parti da pequena e bucólica cidade de Agronômica (SC) para estudar em Lages (SC), num colégio interno de padres. Muito latim, grego, humanidades, música, esportes, mas também a bela matemática — a rainha e, acima de tudo, serva de todas as ciências. Se os conteúdos cognitivos da escola nos conduzem ao cartesianismo, as boas lições de vida nos movem ao darwinismo, ou seja, bem se adaptar quando a realidade se impõe.

Gardner, professor e psicólogo da Universidade de Harvard, publicou em 1987 a Teoria das Inteligências Múltiplas (são nove). Quando uma jornalista lhe perguntou qual seria a mais importante, de início titubeou, como se tivesse de escolher uma, duas ou três filhas entre as nove, mas foi enfático na resposta: "é a combinação do pensamento lógico com a capacidade de lidar com as pessoas". O maior mérito de Gardner foi inserir em sua teoria as inteligências Intrapessoal (valores, virtudes) e Interpessoal (habilidades socioemocionais).

De Lages, meu plano era prestar vestibular em Florianópolis, mas, por circunstâncias alheias à minha vontade, decidi estudar em Curitiba. Um episódio efêmero, aparentemente sem importância, mas aqui conto para demonstrar que as circunstâncias (citando Ortega y Gasset), por vezes, promovem mudanças extraordinárias em nossas vidas. Se tivesse escolhido Florianópolis, hoje seria médico, portanto outra profissão, em outra cidade, outros amigos, outra mulher, outros filhos, outros netos — e o que seria de nós sem esses netos.

Permitam-me uma breve digressão filosófica, e aqui o faço, pois é o fio condutor desta modesta oratória: a vida é bela, mas tenho de aceitar que a minha vontade não é soberana, pois são as circunstâncias que se impõem. A minha vida é conduzida apenas parcialmente pelo livre-arbítrio, minhas escolhas e minha vontade. Em maior grau, sou dependente das forças transcendentes, dos desígnios do Criador, do acaso; sou caudatário das pessoas que me circundam: é a esse conjunto que podemos chamar de circunstâncias. "Eu sou eu e minhas circunstâncias" — famosa frase de Ortega y Gasset, filósofo espanhol.

Em 1968, frustrado o plano cursar Medicina em Florianópolis, rumei para Curitiba. Quando cruzamos pela primeira vez a divisa PR-SC, brinco que "só não dei meia volta porque estava dormindo dentro do ônibus". Não vi as

gigantescas placas que o então governador Paulo Pimentel fincou nas estradas de acesso ao Estado do Paraná, onde se lia: "Aqui se trabalha". Não imaginava o quanto teria de trabalhar e estudar.

Desde que aqui cheguei, Curitiba me fascinou e me proporcionou grandes alegrias e oportunidades. E, se no meu peito bate um coração que ama, este coração jamais haverá de negar amor a essa terra. Se Agronômica me serviu de berço, com certeza Curitiba servirá de túmulo. Ademais, Curitiba serviu de berço para meus três filhos e quatro netos, também apaixonados por essa cidade.

Era uma época em que jovens forasteiros, com pouca bagagem e muita esperança, desembarcavam na velha rodoviária do Guadalupe em busca das boas faculdades, oportunidades de emprego e custo de vida mais acessível que em outras capitais.

Tivemos o privilégio de pertencer a uma geração de jovens com intensa participação político-social. Campeava o Regime Militar e, após 1968, eclodiram os movimentos estudantis também nas ruas de Curitiba, em que grandes marchas e passeatas partiam da Reitoria, da UPES e da CEU.

E aqui presto uma homenagem póstuma a dois grandes baluartes da literatura paranaense: sim, também conhecemos a Curitiba provinciana que Dalton Trevisan tão bem descreveu em prosa e verso como a cidade das belas "polacas", mas que prudentemente nos ignoravam. Ou nos reportemos a Paulo Leminski (com o qual convivemos, pois ele era professor de latim no Curso Camões e quase todo mês nós, professores dos cursinhos de Curitiba, jantávamos no velho Bar Palácio). Leminski, irreverente e entre tragadas de cigarro e talagadas de vodca, subia numa cadeira, na qual em alto e bom som declamava algumas de suas pérolas. Lembro-me de uma delas: "Rio de Janeiro é o mar, Curitiba é o bar e onde beber é legítima defesa".

No entanto, a homenagem de hoje não faz sentido se não rendermos um tributo à ternura, ao afeto e, principalmente, à gratidão. Primeiramente à família, pois na família, quando se convive com zelo e paixão, se de um lado alternam-se muitas alegrias, de outro originam-se conflitos e crescimento pessoal. A sabedoria milenar chinesa ensina que nenhuma família pode ostentar em frente à sua casa uma tabuleta: "Aqui não temos problemas". Sim, é na família que o ser holístico de cada um — corpo, mente e espírito — se desnuda e revela

suas virtudes e fraquezas. Aos filhos, devemos dar-lhes asas e raízes, e nós, pais, educamos pouco por meio de cromossomos e muito de como somos.

Somos um pouco de cada amigo, de cada colega de trabalho, a quem venero com muita gratidão. Por muitos deles cultivo uma inveja santa.

Bem sabemos que a vida contemporânea tem imposto reveses ao afeto e às amizades reais, verdadeiras. Um dos bons analistas dessa realidade foi o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, falecido há apenas oito anos, que chamou os atuais laços afetivos de líquidos, frágeis e individualistas. Ele refletiu em sua obra sobre as relações humanas efêmeras do mundo das redes sociais, onde tudo é fugaz: se sentia perplexo com as pessoas com 500 ou 1000 "amigos", pois ele, que passou dos 90 anos, contaria nos dedos aqueles a quem chamaria de amigos.

Para Bauman, é um grande paradoxo, pois é um solitário em meio a uma multidão de solitários, onde "tudo é mais fácil na vida virtual, mas perdemos a arte das relações sociais e da amizade. Esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, o trabalho bem-feito. O que se consome e o que se compra são apenas sedativos morais que tranquilizam os próprios escrúpulos éticos."

Finalizando, sempre há vida e vida boa quando há propósito, espiritualidade e positividade, desde que nos mantenhamos úteis, solidários, com a mente ativa e, acima de tudo, saudáveis, como bem se manifesta Schopenhauer: "se tens saúde não diga que a vida não te deu uma oportunidade."

E, sobremaneira, não perder o estímulo de ser um eterno aprendiz, de ser interessante e interessado. Quando se chega à fase do 60+, é preciso ter a sabedoria de assumir a própria desimportância, sem perder a autoestima.

(Este texto reflete a essência de meu discurso de posse no Centro de Letras do Paraná, em 10/12/24, na minha admissão e de mais 11 novos membros desta entidade literária e cultural fundada em 1912, talvez a mais longeva do Estado. Naturalmente, há acréscimos e supressões entre a apresentação oral e este texto.)

Pensamentos

- "Porque és morno, e não és quente nem frio, vomitar-te-ei da minha boca."

  Citação bíblica encontrada no livro do Apocalipse, capítulo 3, versículo 16. Esta passagem é parte de uma mensagem dirigida à igreja de Laodiceia, criticando a falta de fervor espiritual e a indiferença dos seus membros

- "Quando você morre, você não sabe que está morto: quem sofre são as pessoas que estão a seu lado. A mesma coisa acontece quando você é idiota."

  Ricky Gervais (n.1961), comediante, ator, escritor, produtor e diretor britânico

- "Eu avalio as coisas e as pessoas pelo saldo entre qualidades e defeitos."

  Gilberto G. Garbi (n.1944), amigo nosso, e renomado matemático e autor brasileiro, conhecido por seu livro "A Rainha das Ciências: um passeio histórico pelo maravilhoso mundo da Matemática", que oferece uma visão fascinante da história da matemática. Também teve uma carreira destacada na Telepar, onde chegou a ser Diretor Técnico e Diretor Presidente, e posteriormente foi Presidente da Telebras

Defrontar-se com tarefas mais complexas faz bem aos neurônios

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

Um rico fazendeiro, dono de uma vasta área de terra no Mato Grosso, distante 45 km da sede do município, decidiu dividir seus bens em vida. Além da terra, havia substanciosas aplicações em bancos, equivalentes ao valor da fazenda. Viúvo, chamou seus dois filhos, ambos exímios cavaleiros e apaixonados pela vida rural, porém viviam litigando, dia e noite dissensos em arranca-rabos, deixando o pai convencido de que, após a sua morte, haveria uma grave ruptura afetiva entre eles.

Sabiamente, decidiu separar os bens, mas somente após um desafio, cujo vencedor teria o direito de escolher entre a fazenda e as aplicações bancárias. Chamou os filhos e disse: "Tenho uma grande extensão de terra e não pretendo dividi-la. Sei que ambos desejam a fazenda, mas as aplicações financeiras são de valor equivalente. Assim, vou propor-lhes um desafio: cada um deve pegar seu cavalo, e o dono do último cavalo a chegar à matriz da cidade poderá escolher entre a fazenda e as aplicações bancárias."

Não muito tempo depois, o velho pai faleceu, e o filho F1 montou o su cavalo C1, enquanto o filho F2 montou o seu cavalo C2. Passaram-se meses, e o filho F1 percorria um trecho com seu cavalo e, tentando ludibriar o irmão, sempre voltava para a sede da fazenda, e o mesmo fazia o filho F2, pois nenhum deles queria chegar primeiro à matriz da cidade montando o próprio cavalo.

Em busca de uma solução, entraram com um processo no juizado da comarca, e o juiz proferiu a sentença: "Determino que o motorista da viatura leve os dois litigantes à sede da fazenda, e a partir daí cumpram a decisão que transcrevo abaixo."

Cientes da sentença do juiz, os dois irmãos, ao descerem da viatura na sede, correram em direção aos cavalos e, montando-os, saíram a galope, cada um querendo chegar primeiro à matriz, mas sem descumprir a ordem do pai. Pergunta: qual foi a decisão formal emitida pelo juiz?

Este é um enigma capcioso, com uma armadilha, e exige um bom esforço mental para ser decifrado (a resposta está no final deste artigo).

Defrontar-se com tarefas que desenvolvam o tirocínio mental, como entender um texto complexo, resolver um problema difícil ou praticar uma atividade lúdica que demanda concentração (como quebra-cabeças, jogos de tabuleiro, sudoku, games, músicas clássicas, palavras-cruzadas, cubos mágicos, atividades artísticas etc.) promove benéficas sinapses entre os neurônios. Quinze minutos dedicados a um problema difícil — mesmo que não resolvido — promovem mais impulsos elétricos no cérebro do que a resolução de cinco exercícios mais fáceis.

Por essas e outras razões, estimular o raciocínio de crianças e adolescentes deve ser uma das principais incumbências de pais e professores, especialmente no ambiente escolar, sendo importante que nossos estudantes compreendam e produzam bons textos, bem como sejam capazes de expô-los com clareza, síntese e lógica. Sem dúvida, são importantes legados que qualquer família e instituição de ensino podem oferecer. Afinal, todo profissional com bom raciocínio dedutivo se destaca em resolução de problemas, uma das habilidades socioemocionais mais valorizadas no mercado de trabalho. Pensar criticamente, lidar com desafios de maneira eficaz e encontrar soluções criativas exige autoconhecimento, equilibrio emocional, empatia, razão pela qual tais habilidades socioemocionais precisam ser desenvolvidas desde sempre.

O impacto das redes sociais e de um conteúdo digital superficial na saúde mental e na capacidade cognitiva das pessoas fez com que a expressão brain rot (cérebro deteriorado) fosse escolhida como a palavra do ano de 2024 pelo Dicionário Oxford. Ela descreve a deterioração do estado mental devido ao consumo excessivo de material online trivial ou que não apresenta desafio ao usuário, que deixa de aproveitar os benefícios já citados de enfrentar tarefas

mais complexas e envolventes para turbinar os neurônios e cuidar da saúde mental, minimizando-se os riscos de doenças degenerativas.

Diferentemente de países desenvolvidos, a cultura brasileira em geral pouco valoriza o raciocínio lógico, o aprofundamento, a têmpera racional, assim como o esforço, o mérito e o bom rendimento escolar. Sem uma significativa mudança nessa perspectiva ou nessa cultura, será difícil construir o futuro pelo qual tanto sonhamos para o nosso país.

Resposta ao desafio para a partilha dos bens do fazendeiro:

Atente para a proposição do velho pai: "o dono do último cavalo que chegar à matriz da cidade...". O juiz simplesmente sugeriu que trocassem de cavalos. Assim, F1 montou em C2 e disparou em direção à matriz, pois, se chegasse em primeiro, seu cavalo C1 chegaria em último. Por sua vez, F2 montou em C1 e também disparou em direção à matriz, para que seu cavalo C2 chegasse em último.

Obs.: certamente essa linguagem matematizada no presente texto pode ser repulsiva a alguns, mas acredito que para a resposta ao desafio é preciso apropriar-se de uma linguagem universal, concisa e sincopada.

Jacir J. Venturi, formado em Matemática e Engenharia, autor de livros para o Ensino Superior. É membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR) e do Centro de Letras do Paraná (CLP). Foi professor e diretor de escolas públicas e privadas.

Pensamentos

- "A prova de que existe vida inteligente em outros planetas, é que eles nunca vieram para cá."

  Bill Watterson (n.1958), frase frequentemente atribuída a este escritor e humorista norte-americano, criador da famosa tira de quadrinhos Calvin e Haroldo (Calvin and Hobbes)

- "Nem o amor, nem os desencontros verdadeiros, nem mesmo os desencontros profundos, são obras de coincidências, mas estão misteriosamente reservados para nós. Quantas vezes na vida me surpreendeu como, entre as multidões de pessoas que existem no mundo, nos cruzamos com aqueles que, de alguma forma, possuíam as tábuas do nosso

destino, como se tivéssemos pertencido a alguma organização secreta, ou aos capítulos do mesmo livro! Nunca soube se são reconhecidos porque já eram procurados, ou procurados porque estavam bordando os arredores de nosso destino."

Ernesto Sábato (1911-2011), escritor argentino, físico nuclear de sucesso. É considerado um dos maiores expoentes da literatura latino-americana do século XX, conhecido por explorar temas profundos sobre a condição humana, existencialismo e críticas à sociedade moderna.

- Uma prática muito usual na administração pública é fabricar demônios, que os próprios governantes se encarregam de exorcizar.

Jacir Venturi (n.1949), professor e gestor escolar

Celular: a maquininha de Deus e do Diabo

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR, HojeSC e outros jornais e revistas

A partir do ano letivo de 2025, os estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio estão proibidos de usar aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante a aula, o recreio e os intervalos entre as aulas. A medida é válida para instituições de ensino públicas e privadas, conforme determina a Lei nº 15.100, recém-aprovada em 13/01/25, definindo que tal uso só será permitido mediante orientação do professor ou outro profissional da educação, com escopo didático e pedagógico. A direção de cada escola tem autonomia para definir se o aparelho eletrônico permanece na mochila do estudante ou fica guardado em um local específico.

Implicitamente, depreende-se da lei que será permitido o uso no período que antecede às aulas e após o término delas. "O tempo anterior e posterior às atividades não está dentro da proibição. Fora da atividade educacional formal, há de prevalecer a orientação da família, até porque muitas vezes, antes ou depois da aula, o aluno precisa se comunicar com pais, responsáveis e amigos." — é a resposta à consulta que fizemos ao Dr. Luiz César Esmanhotto, especialista em Direito Educacional e que assessora dezenas de escolas privadas do Paraná. Ademais, há situações em que o uso será permitido nos horários formais de aulas: em emergências e para garantir acessibilidade e inclusão.

A lei foi aprovada nas duas câmaras do Congresso, com pleno apoio dos deputados e senadores de todos os matizes ideológicos, tendo como principal

mérito o estabelecimento de uma normatização, ou seja, um padrão para todas as escolas, públicas e privadas, e todos os níveis de ensino da Educação Básica. Muitos países adotaram restrições similares, como, por exemplo, Holanda, Canadá, Suíça, Reino Unido, Finlândia, Itália, França, Espanha etc., bem como, desde junho de 2024, a própria Unesco as recomendava. É um movimento que se amplia a nível mundial.

Um bom número de escolas privadas e escolas municipais do Rio de Janeiro já havia implantado em 2024 (portanto, antes da Lei nº 15.100) a proibição de celulares nas salas de aula. Porém, como não havia um regramento, houve uma resistência feroz por parte dos discentes. Decorridos alguns meses da experiência carioca, muitos estudantes relatam que, de início, sofriam de abstinência tecnológica, contudo hoje enxergam benefícios de um distanciamento temporário do celular, pois nos intervalos têm bons papos e socialização, brincadeiras com bolas, ida à biblioteca etc.

O banimento nacional e padronizado é uma medida acertada, pois, acima de tudo, promove o tão necessário empoderamento do professor, que passa a ter autoridade para decidir em quais momentos de uma aula o celular pode ser usado. Ademais, o uso de *smartphones* se tornou abusivo, seja pelas espiadelas dos alunos durante as aulas (o que provoca distrações), seja pela troca de mensagens com críticas a certas atitudes do professor, zoação ou paqueras com colegas, seja pelas chamadas (sonoras) em plena aula, o que causa um frisson em todo o ambiente. Além disso, tem-se agora no celular amplo acesso às ferramentas de Inteligência Artificial (IA) que, se mal utilizadas, podem comprometer o processo de aprendizagem ao disponibilizar, em segundos e sem esforço, respostas a qualquer pergunta ou atividade proposta em sala de aula. Evidentemente esta proibição não exclui a necessidade de apropriação de uma boa educação digital durante as aulas.

A maioria dos professores manifesta que, atualmente, o maior problema em ministrar aulas não é a indisciplina, mas o desinteresse e a desmotivação dos alunos, em geral distraídos pelo uso do celular (é a denominada ausência presencial). Porém, também é verdade que o professor não mais deve ser um expositor de conteúdos, mas se transfigurar em mediador, mentor, motivador, ainda mais num contexto em que as perspectivas da IA são avassaladoras, tanto para o bem quanto potencialmente para o mal, impactando significativamente

a Educação e todo o nosso modus vivendi et operandi. E justificadamente nós, educadores, estamos perplexos, como que diante do despertar de um gigante desconhecido.

Entre os adolescentes de 15 a 17 anos do país, 95% têm celular próprio, e 67% (apenas um pouco menos) entre os de 9 e 10 anos, diz a pesquisa da Tic Kids Online do Brasil. Pesquisa da Nexus, com cerca de 2 mil entrevistados de diversas faixas etárias, mostrou que 86% são favoráveis ao banimento total ou parcial dos smartphones nas instituições de ensino. Seria, no entanto, impróprio demonizar o ambiente *on-line*, mas, reconheçamos, significativa parcela de seus *bits* é fútil e sobremaneira perniciosa a crianças e adolescentes que dedicam de duas a quatro horas diárias às redes sociais, games, vídeos — nem sempre educativos —, etc. Sacrifica-se a sociabilização, a cooperação doméstica, a compleição física por falta de esportes e, em especial, as leituras e os estudos.

A internet, nos torna mais produtivos e oferta uma miríade de informações instantâneas e avanços extraordinários na qualidade do entretenimento e do labor. No entanto, é também caótica e falaciosa por enredar o usuário a um desperdício de tempo com futilidades e conteúdos fragmentados, por levar à perda de concentração e à redução do contato presencial com amigos e familiares. A sabedoria está no uso consciente e equilibrado deste útil, fascinante, porém pernicioso e fútil, mundo da web. Numa roda de amigos, ouvi o que julgo ser a mais pertinente alegoria, que compara a internet à lua cheia: brilhante e sedutora, mas tem o seu lado oculto.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo.

Pensamentos

- "O coração alegre aformoseia o rosto."
  Provérbios 15:13, Bíblia Sagrada

- "Por trás da alegria e do riso, pode haver uma natureza vulgar, dura e insensível. Mas, por trás do sofrimento, há sempre sofrimento. Ao contrário do prazer, a dor não usa máscara."
  Oscar Wilde (1854-1900), escritor, poeta e dramaturgo irlandês, conhecido por sua sagacidade e críticas à sociedade vitoriana, autor de "O Retrato de Dorian Gray"

- "Se quiser viver uma vida feliz, amarre-se a metas, não a pessoas, não a coisas."

  Albert Einstein (1879-1955), físico teórico alemão, desenvolvedor da teoria da relatividade e Prêmio Nobel de Física de 1921

Ponte de Guaratuba: o mais belo cartão postal do litoral paranaense

Do autor, publicado em vários jornais.

Na companhia de meus dois filhos, Fábio e Eduardo, e do amigo Saul, todos engenheiros, passamos uma tarde visitando, de barco ou a pé, a nova Ponte de Guaratuba, com a sua inauguração prevista para abril de 2026. O prazo é exequível, pois 60% da obra já foi concluída (em 2/06/25).

Tivemos uma acolhida VIP por parte do diretor do consórcio, Eng. Luciano, e do chefe da obra, Eng. Rodrigo.

A ponte e sua importância

A ponte sobre a Baía de Guaratuba, no Paraná, foi planejada para substituir o sistema de travessia por *ferry boat* entre Matinhos e Guaratuba, e será uma das maiores obras de infraestrutura da gestão do governador Ratinho, trazendo benefícios significativos à população paranaense. A licitação para sua construção estava prevista há quatro décadas, determinada pela Constituição do Estado do Paraná em seu artigo 36, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

A ponte terá 1.244 metros de extensão, com quatro faixas de tráfego, ciclovia, calçadas e barreiras de segurança, mediante um significativo investimento: R$ 386,9 milhões, dos quais R$ 150 milhões já foram repassados pelo governo estadual.

Estrutura e técnicas avançadas

A construção envolve técnicas de engenharia inovadoras e estão previstos gigantescos volumes de materiais:

- 2.500 toneladas de aço;
- 17.000 metros cúbicos de concreto;
- 250 toneladas de gelo, fornecidas por empresas terceirizadas de Guaratuba, para controle da temperatura durante a concretagem.

A ponte terá um vão para o canal de navegação de 160 metros de largura e 17 metros de altura, sob a parte estaiada, que é um tipo de estrutura na qual o tabuleiro (onde passam veículos e pedestres) é sustentado por cabos tensionados, chamados estais, ancorados em torres verticais, transferindo o peso da ponte para as torres e, posteriormente, para as fundações, garantindo estabilidade e segurança. Estruturalmente, os estais são formados por cordoalhas de aço de alta resistência.

No caso da Ponte de Guaratuba, serão sete estais paralelos em cada conjunto, cuja instalação começará em julho deste ano. Esse método construtivo permite criar pontes longas e elegantes, garantindo que a obra será um marco e um cartão postal do litoral paranaense.

Detalhes técnicos da construção

• 64 estacas cilíndricas sustentam a ponte no fundo da baía; 47 já foram concluídas.

• No interior dessas estacas metálicas são inseridas armações de ferro circulares, feitas no canteiro de obras, em um trabalho artesanal de dobraduras e soldagens.

• Após a inserção das armações de ferro, caminhões betoneiras navegam sobre uma balsa e despejam concreto sobre as armaduras, formando as estacas de sustentação do tabuleiro da ponte.

• Uma estrutura metálica amarela, denominada treliça motorizada, desliza sobre o tabuleiro já concluído e assenta as longarinas sobre um novo vão. As longarinas, com 48 metros de comprimento e 75 toneladas de peso, ficam apoiadas sobre as colunas que sustentam a ponte.

Capacidade da ponte

Quando perguntamos aos engenheiros sobre o tráfego de caminhões, nos responderam: "A ponte suporta carretas carregadas, porém no momento não serão permitidas, pois as estradas de acesso não suportariam. Tampouco seria viável o trânsito de caminhões de carga em meio à cidade de Guaratuba. Mas projetamos uma ponte para 100 anos, capaz de suportar grandes cargas."

Voltamos para Curitiba eufóricos e otimistas, pois prevaleceu o bom-senso para superar entraves burocráticos e ambientais. Ademais um mimo para os usuários: travessia sem pedágio. Certamente a Ponte de Guaratuba será um

grande marco da gestão do governador Ratinho e um orgulho para a engenharia brasileira. *Link* de fotos da visita feita por nós em 2/06/25, com 60% da ponte já construída: https://www.geometriaanalitica.com.br/fotos-ponte-de-guaratuba

Pensamentos

- Aliemo-nos soberanamente à Inteligência Artificial, antes que sejamos usurpados por ela.
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escolar

- "Mais vale um asno que me carregue que cavalo que me derrube."
  Gil Vicente (1465-1536), poeta de renome considerado o primeiro grande dramaturgo português

- "Procures me amar quando menos mereço, pois é quando mais preciso."
  Mario Quintana (1906-1994), poeta, tradutor e jornalista brasileiro, conhecido por sua sensibilidade e simplicidade poética

A Era do Conhecimento de hoje apoia-se sobre os ombros de gigantes do passado

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR e outros jornais.

Cada geração ergueu novas estruturas sobre fundações sólidas legadas pelos nossos antepassados. A Era do Conhecimento, que atualmente experimentamos, finca suas raízes em marcos históricos notáveis, com destaque a dois colossos do saber: a lendária Biblioteca de Alexandria e a revolucionária imprensa de Gutenberg.

A Biblioteca de Alexandria, precursora do conceito moderno de Universidade, resplandeceu como um imponente farol de conhecimento entre os séculos III a.C. e IV d.C. Guardava em seus 700 mil rolos de papiro e pergaminho o cerne do saber da Antiguidade, com a audaciosa missão de reunir um exemplar de todos os manuscritos existentes na face da Terra. Porém, seu acervo era privilégio de um seleto e conspícuo grupo de sábios, poetas e matemáticos. A destruição da Biblioteca, carregada de simbolismo, é considerada por muitos como a maior tragédia da história da ciência e da cultura.

Até a metade do século XV, a transmissão escrita do saber no Ocidente era em boa parte limitada aos monges copistas dispersos por algumas dezenas

de mosteiros e universidades. Foi nesse contexto que Johann Gutenberg, um engenhoso ourives alemão, mudou o curso da História ao criar a tipografia por volta de 1440, em Mainz, Alemanha (onde se pode visitar o Museu de Gutenberg com réplicas de alguns artefatos históricos — vale a pena a visita!). A prensa de tipos móveis provocou uma transformação monumental, moldando a era da Renascença e empoderando o Iluminismo, a Reforma Protestante e a Revolução Científica. Aclamada por muitos como a maior revolução tecnológica do milênio, com a prensa o conhecimento foi democratizado, viabilizando-se a produção em escala de livros e jornais.

Na Europa renascentista, devido à escassez de livros apenas 15% da população estimada (em 50 milhões de habitantes) era alfabetizada. Contudo, a invenção de Gutenberg alterou profundamente esse panorama, haja vista ter dobrado o número de leitores europeus em poucos anos. Por volta de 1500, meio milhão de livros circulavam pelo continente.

Ironicamente, a pesquisa realizada pela Retratos da Leitura no Brasil de 2024, amplamente reconhecida por sua credibilidade, afere que na população adulta, pela primeira vez, o número de leitores é menor em comparação ao número de não leitores (47% contra 53%, respectivamente). É considerado não leitor aquele adulto que não leu em 2024 um livro sequer, nem mesmo aquele com poucas dezenas de páginas. Nos últimos 14 anos, 11 milhões de pessoas se afastaram por completo dos livros impressos ou digitais, boa parte delas alegando ter perdido o interesse e preferindo se dedicar às telas para entretenimento.

E isso ocorre, paradoxalmente, na era digital, na qual jamais o acesso ao saber e à pesquisa foi tão democrático, pois em questão de segundos, mediante um simples teclado ou comando de voz, é possível acessar conteúdos de praticamente qualquer área do conhecimento, inclusive com contextualização, aplicação e exemplos por meio das ferramentas de inteligência artificial.

Atualmente, a internet e as mídias multimodais disponibilizam conteúdos técnicos e pedagógicos com muita didática, estética e dinamismo, incluindo animações 3D, mas é imperativo também reconhecer que grande parte dos dados presentes na web é fútil ou perniciosa. Quando estudante nos anos 1960, recordo-me de uma comunicação escrita sóbria, para não dizer sisuda; os livros, então dispendiosos, eram monocromáticos e com ilustrações contidas, além de textos densos.

Um estudo da Universidade de Harvard reforça o que é praticamente um consenso na neurociência: o uso excessivo de dispositivos digitais compromete áreas cerebrais como o córtex pré-frontal, responsável pela atenção e pela tomada de decisões. O impacto das redes sociais e de um conteúdo digital superficial na saúde mental e na capacidade cognitiva das pessoas fez com que a expressão brain rot (cérebro deteriorado) fosse escolhida como a palavra do ano de 2024 pelo Dicionário Oxford, por descrever a deterioração do estado mental devido ao consumo excessivo de material online trivial, privando o usuário dos benefícios de enfrentar tarefas mais complexas e envolventes, capazes de turbinar os neurônios e cuidar da saúde mental, minimizando-se os riscos de doenças degenerativas.

Em sua autobiografia (Código-fonte: como tudo começou), lançada em 2025, Bill Gates comenta que desde jovem costumava se refugiar em seu quarto, imerso em livros e reflexões — práticas que moldaram a sua capacidade analítica e visão estratégica. Gates expressa preocupação atualmente sobre o fato de as novas gerações passarem muitas horas diárias em atividades digitais.

Estudar, de maneira profunda e eficaz, ainda exige um espaço silente, uma mesa e uma cadeira. Como dizia, com graça e sotaque alemão, um venerável professor de Matemática: "O aprendizado entra 'pelo bunda' e sobe ao cérebro."

Apesar da abundância de recursos tecnológicos e da ludicidade didática, uma verdade permanece imutável: o aprendizado consistente e duradouro requer autodisciplina, esforço e introspecção.

Para alcançar os píncaros do saber, recorro à analogia do Cabo do Bojador, que tal qual o Cabo da Boa Esperança representa um símbolo de superação na tradição portuguesa, conforme bem eternizado por Fernando Pessoa: "Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor."

E há êxtase. Há conquista. A dor transfigura-se em um doce sabor — o sabor do saber.

Jacir J. Venturi, diretor de escolas e professor. Autor dos livros Da Sabedoria Clássica à Popular (em dois volumes); Cônicas e Quádricas; Álgebra Vetorial e Geometria Analítica (dispostos gratuitamente em www.geometriaanalitica.com.br).

Pensamentos

- "O futuro nos espera e não perdoa a falta de preparo."
  Martha Gabriel (n. 1965), futurista brasileira, autora de "O Líder do Futuro", reconhecida internacionalmente por suas palestras e publicações sobre inovação, tecnologia e liderança

- "Hoje eu sou 'um tanto faz' para quem 'eu tanto fiz'."
  De um senhor de 90 anos, numa casa de repouso, raras visitas dos filhos, noras, genros e netos

- "Nada une tão fortemente quanto o ódio – nem o amor, nem a amizade, nem a admiração."
  Anton Tchekhov (1860-1904), escritor russo

20 anos do ProUni: 3,4 milhões de universitários beneficiados

Do autor, publicado no Estadão, na Gazeta do Povo, no HojePR e vários outros jornais.

Entre 2005 e 2025, o Programa Universidade para Todos (ProUni), seguramente o programa social de Estado mais bem sucedido na área educacional, abriu as portas do ensino superior privado para 3,4 milhões de jovens, trazendo forte impacto social e de diversidade étnica, pois 55% dos beneficiados são afrodescendentes. Para o primeiro semestre de 2025, 1.862 Instituições de ensino superior (IES) particulares estão oferecendo 338 mil bolsas de estudo, o que corresponde a uma proporção média de cerca de 1:10 para todo o território brasileiro, ou seja, para cada 10 pagantes, 1 não paga ou paga metade da mensalidade na graduação instituição privada.

Além dos requisitos econômicos, uma vez que o programa é destinado à população de baixa renda, a meritocracia é também devidamente contemplada, pois o candidato deve alcançar um mínimo de 450 pontos no Enem, numa escala que vai até 1.000, e notas mais altas significam mais chances de se obter uma bolsa no curso almejado. A bolsa concedida, por sua vez, é paga por meio de renúncia fiscal do governo, referindo-se à isenção dada à IES privada em relação a quatro tributos federais (IRPJ, CSLL e PIS e Cofins), considerada absolutamente razoável em relação aos benefícios.

O resultado é uma parceria público-privada de ganha-ganha: de um lado, cumpre-se um relevante papel social e, de outro, as IES privadas preencham vagas ociosas, embora o programa também abarque todos os cursos da instituição, inclusive o de Medicina, no qual não há vaga sobrando. Para o governo federal, cada universitário do ProUni representa apenas cerca de 20% do custo de um aluno nas universidades públicas, conforme depoimento de um reitor de uma universidade privada. Sendo isso verdadeiro, para o governo federal, o

custo de um estudante em uma universidade pública corresponde ao custo de cinco alunos em uma universidade privada, em decorrência da renúncia fiscal do governo.

Poucos sabem, mas o ProUni teve seu berçário no Paraná. Lembro bem da tarde de 2004, em uma reunião com diretores de escolas privadas, na qual recebemos o deputado federal Irineu Colombo (PT-PR), quando — com o zelo de quem busca uma joia — retirou da sua pasta duas folhas de papel com o texto que seria o embrião do ProUni. Nos anos que antecederam o programa, forte era a pressão da sociedade por mais vagas no Ensino Superior diante da realidade de que as universidades públicas não dariam conta do enorme contingente de concluintes do ensino médio, enquanto — de acordo com o Inep — havia mais de meio milhão de vagas ociosas nas instituições particulares de ensino superior. Uma realidade propícia e que clamava por um desafogo nesse afunilamento, e destarte a proposta foi apresentada em maio de 2004 ao então ministro da Fazenda, Antônio Palocci, que anuiu que ela fosse encaminhada à Câmara dos Deputados.

Julgo que o Sindicato das Escolas Privadas do Paraná (Sinepe-PR), que congrega cerca de 2.100 instituições privadas, deu uma importante contribuição, interpondo sugestões, ofertando assistência jurídica ao texto preliminar e intermediando a adesão de outros deputados e autoridades. Depois de muitas negociações com os ministros da Educação e da Fazenda, o projeto de lei foi sancionado, ainda no primeiro mantado do Presidente Lula (Lei 11.096/2005). O então ministro da Educação, Aloizio Mercadante, defendeu o investimento indireto como sendo "um custo bem mais barato do que se fôssemos criar vagas novas em uma Universidade Federal".

Na época, uma das nossas reivindicações, alijada do texto final, propunha que o aluno egresso de uma escola privada também fosse contemplado, desde que atendidas as mesmas exigências de renda daquele estudante oriundo de uma instituição pública. Esse pleito foi, no entanto, atendido anos mais tarde, quando em 2022 o presidente Bolsonaro sancionou a Lei 14.350/22. Assim, a partir do 2º semestre de 2022, todos os ingressantes em uma IES particular cadastrada ao programa, desde que alcançados os 450 pontos no Enem e não tendo zerado em redação, podem concorrer a uma bolsa integral se a renda familiar per capita for de até 1,5 salário-mínimo (SM); e meia bolsa para os

discentes com renda familiar per capita entre 1,5 SM e 3 SM. "A inclusão dos egressos do ensino médio privado é meritória, na medida em que não se muda o critério socioeconômico de renda e pouco afeta o potencial quantitativo a mais de vagas que podem ser preenchidas", justificou na época o relator da Medida Provisória, deputado Átila Lira.

Investir em educação é uma das principais prioridades de uma nação, como bem corrobora pesquisa global, na qual 79% dos pais brasileiros consideram um ensino de qualidade como o melhor investimento que podem propiciar aos filhos. Trata-se do maior percentual entre todos os 15 países pesquisados, entre eles Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, Canadá, França, México. Sim, de fato, o estudo é o melhor investimento para dar tração a uma ascensão social, pois só se perde com a demência ou com a morte.

E relevante é lembrar de outra sugestão há muitos anos acalentada e que merece o debate entre sociedade civil, congressistas e governo: o ProBásico, um programa similar ao ProUni, com o mesmo tipo de renúncia fiscal e adotando-se o mesmo percentual do ensino superior, com o potencial de atender cerca de 10% dos 9,4 milhões de alunos da educação infantil ao ensino médio, com especial ênfase para os cursos técnicos profissionalizantes. Se é uma experiência tão bem-sucedida no ensino superior, ratificada por duas décadas de ótimos resultados, por que não replicar o modelo também para a educação básica, que concentra grande parte das graves mazelas do ensino no Brasil?

Jacir J. Venturi foi professor e gestor escolar da Educação Básica pública e privada; foi professor da UFPR, PUC-PR e Universidade Positivo; foi também diretor e presidente do Sinepe-PR.

Pensamentos

- Cada vez que um grupo recebe um direito, um dever é imposto no outro prato da balança.

  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escolar

- "A saúde não é tudo, mas sem ela o resto é nada."

  Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, autor de "O Mundo como Vontade e Representação", conhecido por sua visão pessimista e reflexões profundas sobre a condição humana

- "Se a roça não roça, a cidade não almoça; se a roça não planta, a cidade não janta."

  Faixa em uma feira agropecuária. Parodiando: se o agricultor não planta, a cidade não janta; e o agricultor não roça, a cidade não almoça.

Perrengues de um professor de Matemática 1

Do autor, publicado no HojePR e vários outros jornais.

A graça, os gracejos e as boas tiradas de humor são terapêuticos e, quando em sala de aula, são ferramentas valiosas da didática, pois permanecem indeléveis na memória dos estudantes. Ao encontrar muitos ex-alunos, somos em boa parte das vezes relembrados especialmente pelos causos cômicos, os ditos hilários, sem desmerecer as menções às exigências das provas ou à profundidade dos conteúdos, bem como aos ensinamentos de vida.

Mas professor não tem direito às vingançazinhas, aos melindres, mesmo diante dos perrengues, dos motejos, dos arranca-rabos, e aqui registro alguns deles que, embora estejam em primeira pessoa, não têm o propósito da autor-referência, até porque a graça maior é quando o professor não se sai bem – o que importa é a pilhéria, o humor e não quem leva a melhor. Evidentemente, todo professor é um ser humano e, num primeiro momento, prevalece a zanga: "esperem a próxima prova!", em linha com o que ensina o dito popular: "A vingança é um prato que se come frio."

A morte anunciada

Nos anos 1980, eu era professor de cursos da Engenharia no Centro Politécnico aos sábados, às 7:15 da manhã. Ano após ano, semestre após semestre, parte da turma se esbaldava na sexta à noite, em baladas e barzinhos, e chegava atrasada – quando ia – na aula do dia seguinte.

Sabendo disso, costumava estabelecer uma regra: a tolerância de atraso era de cinco minutos para a primeira aula, pois cada estudante que chegava atrasado tirava a atenção da turma. Depois disso, os alunos só poderiam entrar na segunda aula e, em tom de brincadeira, acrescentava:

– Atraso meu, só em caso de morte. Mas, se eu morrer, aviso antes.

Tudo corria bem até que, num belo sábado, um pneu da minha Belina furou e eu cheguei atrasado. Ao me aproximar da sala, um misto de ansiedade e nervosismo, pelas reclamações e blagues que eu já imaginava me esperarem. Mas eis que, para minha surpresa, nenhum aluno estava na sala! No quadro-de-giz e em letras garrafais, o veredito:

– O Jacir morreu.

O poeta bom de prosa

Nos idos de 1997, fui ao lançamento do livro de poesias Plantares, de um renomado autor de compêndios de Matemática, o mestre Nilson J. Machado. Na hora da dedicatória, disse a ele que estava muito surpreso com o tema da sua nova publicação, pois ele já era autor de mais de dez livros, porém todos sobre Matemática, ao que se justificou:

– Meu caro Jacir, depois de 50 anos, da cintura pra cima poesia; da cintura pra baixo, só prosa.

Jacir J. Venturi foi professor de Matemática e Física e diretor de escolas por 49 anos, da Educação Básica ao Ensino Superior, passando por cursos pré-vestibulares, tendo lecionado para mais de 90 mil alunos. Recebeu os títulos de Cidadão Honorário de Curitiba e de Comendador de Curitiba.

Pensamentos

- "O heroico num ser humano é não pertencer a um rebanho."
  José Saramago (1922-2010), escritor português, Prêmio Nobel de Literatura em 1998, autor de obras como "Ensaio sobre a Cegueira" e "O Evangelho Segundo Jesus Cristo"

- Ter paz no coração é mais desejável que um coração alegre
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escolar

- "Se você se alimenta bem, mas é sedentário, é apenas um doente que come bem."
  Rodrigo Schroder (n. 1980), médico ortopedista brasileiro. É conhecido por seu trabalho com atletas e celebridades, além de ser um influenciador nas redes sociais, onde compartilha dicas de saúde, nutrição e qualidade de vida

Perrengues de um professor de Matemática 2

Do autor, publicado no Estadão, no HojePR e vários outros jornais.

Dizíamos em nossa crônica anterior, que ao encontrar muitos ex-alunos, somos em boa parte das vezes relembrados especialmente pelos causos cômicos, pelos perrengues, pelos motejos, sem desmerecer as menções às exigências das provas ou à profundidade dos conteúdos, bem como aos ensinamentos de vida. Sempre a graça maior é quando o professor não se sai bem e essas invertidas, pilhérias, ditos jocosos enlevam de alegria a mente e o espírito, pois, nas oportunas palavras de Umberto Eco, "o riso aproxima o homem de Deus".

E a glória maior é a vingança sobre o professor de Matemática, pois a Matemática é tida como uma ciência sisuda, sinistra, lúgubre, abstrata e tem cara de poucos amigos — pensam muitos que por ela foram humilhados. No entanto, sendo a Matemática a rainha e serva de todas as ciências, uma das joias da coroa de Sua Majestade é lúdica, bem-humorada, divertida, e o mais importante: desenvolve a o raciocínio lógico.

Dando continuidade, presenteio o amigo leitor com mais 3 causos hilários:

3) Sono perdido, hoje me divirto

Nas décadas de 1970 e 1980, as provas de Geometria Analítica e Álgebra Linear dos cursos da Área de Exatas eram aplicadas aos sábados, às 7 h da manhã, na chamada "câmara de gás" do Centro Politécnico. Como eram muitos, de 500 a 700 alunos, incluindo todas as engenharias e licenciaturas, a prova era comum a todos os cursos.

Sob o comando do temível Leo Barsotti, éramos em 5 professores, que mais parecia um pelotão da polícia, olhos de lince, pois "quem não cola não sai da escola" era o mote, mas a bem da verdade boa parte deles passava a noite em claro, preparando-se para aquela prova dantesca.

Às 4 h da manhã do dia da prova, tocou o telefone (fixo) na minha residência. Acordei assustado, atendi e do outro lado escutei:

– Alô... O Napoleão está?

– Aqui não tem nenhum Napoleão! – respondi, sonolento e irado.

– Mas então por que o cavalo dele está dormindo aí?

4) O urologista vingador e zombeteiro

Em meados da década de 1970, fui professor de Matemática do então denominado 2º grau (atual Ensino Médio) do Colégio Estadual do Paraná. Exigente e com fama de "ferrador", tinha ciência de que, quando pudessem, os alunos dariam o (talvez merecido) troco. Um dia da caça, outro do caçador.

O tempo passa, o tempo voa e, ao se avizinhar os meus 50 anos, fui indicado a um urologista bastante conceituado, para o primeiro e inesquecível "toque". A consulta rolava amena e agradável e ele me olhava de esguelho, com um sorriso maroto, e até então eu não lembrava que ele tinha sido meu aluno.

Mas, chegado o momento apoteótico, segui as orientações do ritual: deitei-me na maca, encolhi as pernas, enquanto o médico empunhava caprichosamente a luva no dedo indicador. Foi quando o urologista quebrou o silêncio com uma tirada magistral:

– É, professor, eu vou fazer com você o que muitos alunos gostariam de ter feito!

5) O homem que calculava

Certa feita, fui comprar bezerros, duas cargas de caminhões, sendo de costume separar os melhores, desde que a gente se propusesse a pagar mais. O fazendeiro vizinho era um tremendo gozador, zoava de tudo e de todos, sem falar de suas divertidas gabolices – em tom de chacota dizia-me que preferia vender os animais por hora e não ficar perdendo tempo contando um a um.

Mas, enfim, o gerente dele e eu nos posicionamos sobre as tábuas do curral para a contagem do lote, e a manada (tocada por peões a cavalo) passava acelerada por uma porteira, o que dificultava a contagem.

Então, veio a hora do veredito, e eu já imaginava o pior:

– Jacir, contou quantos? – perguntou o fazendeiro.

– Contei 146. – respondi.

O fazendeiro perguntou ao gerentão, que tinha estudado até a 4ª série. Ele respondeu 147 bezerros. O fazendeiro, que também havia contado 147 (ou fingiu que contou), foi espirituoso:

– Jacir, é muito fácil saber quantos bezerros: basta contar o número de patas e depois dividir por 4! Você não é professor de Matemática?

Jacir J. Venturi foi professor de Matemática e Física e diretor de escolas por 49 anos, da Educação Básica ao Ensino Superior, passando por cursos pré-vestibulares, tendo lecionado para mais de 90 mil alunos. Recebeu os títulos de Cidadão Honorário de Curitiba e de Comendador de Curitiba.

Pensamentos

- "O amor é sábio, o ódio é estúpido. Neste mundo, que cada vez se torna mais e mais estreitamente interconectado, temos que aprender a tolerar-nos uns aos outros, temos que aprender a aceitar o fato de que alguém nos dirá coisas de que não gostaremos. Só podemos viver juntos dessa maneira. Se vamos viver juntos, e não morrer juntos, de-

vemos aprender um pouco de caridade e um pouco de tolerância, que é absolutamente vital para a continuação da vida humana no planeta."

Bertrand A. W. Russell (1872-1970) filósofo, matemático e escritor britânico

- "Quando a esquerda perde uma eleição, ela tenta destruir o país. Quando ganha, ela consegue."

  Juca Chaves (1938-2023), humorista, compositor e cantor brasileiro conhecido por suas sátiras políticas e sociais

- O bom Deus, que limitou a inteligência humana, poderia ter limitado também a estupidez.

  Konrad Adenauer (1876-1967) foi Chanceler da Alemanha Ocidental de 1949 a 1963 e peça-chave na reconstrução da Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial. Sua política externa foi marcada pelo alinhamento com os Estados Unidos e pela rejeição ao comunismo. A frase revela não apenas frustração, mas também uma visão realista e irônica sobre os desafios da convivência e da governança.

Perrengues de um professor de Matemática 3

Do autor, publicado no HojePR e vários outros jornais.

Esta crônica é a terceira de uma série que não tem o propósito da autorreferência, pois quer graça maior do que quando o professor não se sai bem? O que importa é o humor, a blague, e o professor de Matemática, muitas vezes é o alvo preferencial de chacotas.

Até mesmo entre os caminhoneiros, há aquele que percorre esse Brasilzão rememorando a sua antiga 4ª série, tendo como inscrição no para-choque: "Minha vida é como a Matemática, cheia de problemas." Mas a bem da verdade, a Matemática é rainha e serva de todas as ciências, porém não admite indiferença ou "mornice": é têmpera racional da mente ou bicho-papão, é enlevo ou ranger de dentes.

Nesta semana, no dia 14/3 (14 de março), cuja grafia em inglês é 3/14, celebra-se o Dia Mundial do $\pi = 3{,}14\ldots$, sendo o mais notável símbolo matemático e também a letra inicial da palavra grega περιφερεια, que significa a periferia da circunferência. O símbolo foi proposto por William Jones em 1706, e Euler popularizou a notação. Sabemos que o π é um número irracional e é a razão entre o comprimento da circunferência e o seu diâmetro.

Em vista da boa aceitação de uma parte de meus leitores, os presenteio com mais três causos:

Que aula de bosta!

Em décadas passadas, os cursos preparatórios para o vestibular mantinham normalmente aulas aos sábados, em um dos quais, em pleno verão inclemente, as salas estavam lotadas com potentes e barulhentos ventiladores. Neste dia, eu tinha de ministrar aulas pela manhã e também à tarde.

Meu sogro, vindo do Mato Grosso, me intimou: "Ao meio-dia de sábado, vamos comer uma feijoada no Senac". "Ok", respondi, "só que tenho aulas às 13h30, inclusive não vou beber nada" (até porque ele sabia que a única concessão que eu fazia ao álcool era a Malzbier — hoje uma esquisitice).

Sentamo-nos à mesa, e o sogrão chamou o garçom:

— Por favor, duas caipiras de vodca!

Tentei argumentar, mas qual nada, e até pensei que apenas uma não iria prejudicar a minha aula. Mas não satisfeito, ele mais uma vez foi incisivo:

— Por favor, garçom, mais duas caipiras!

Gelei e tentei argumentar que não podia. O sogrão tinha fama de "coronel", mas, sempre brincalhão e espirituoso, deu o seu "conselho":

— Experimente uma vez na vida, você vai entrar alegre, vai se divertir e os alunos vão amar, ainda mais sendo aulas de Matemática num sábado à tarde.

Sem alternativa e terminado o almoço, saí correndo para dar aula. Ao subir no tablado, percebi que estava levitando, língua enrolada, mas num esforço sobre-humano peguei o giz e no quadro tentei desenhar um sólido geométrico, do qual tinha que deduzir a fórmula do volume e da área. Olhava para a figura, torta, desengonçada, um horror, por maior que fosse o meu esforço. Bateu o sinal do intervalo e, como eram duas aulas geminadas, fui direto ao banheiro mais próximo, que era o dos alunos, onde vários deles lá se encontravam.

Entrei, coloquei minha cabeça debaixo da torneira e fiquei jogando água no rosto, para refrescar, quando um deles entrando gritou:

— Puta que o pariu, que aula de bosta!

A sogra e minha falha semântica

Mais uma de feijoadas: nós, professores de Matemática, fundamos uma associação denominada AMO^2 — Associação dos Matemáticos Oprimidos e Opressores (oprimidos pelos patrões e opressores dos alunos) — e nos reuníamos uma vez por semestre em algum restaurante.

Certa feita, decidiu-se que iríamos a um cuja feijoada tinha sido premiada como uma das melhores de Curitiba e, ademais, o proprietário havia sido um professor de cursinho.

Então, em meio a tantas histórias e gargalhadas, comentei com os amigos quão delicioso estava aquele prato que nasceu na senzala e que só perdia para a feijoada que minha mulher fazia. E contei um causo que rendeu boas risadas, acontecido com minha sogra, uma mulher bem-humorada, sagaz em suas boas tiradas. Certa feita, eu disse a ela:

— Casei-me com sua filha por causa da feijoada!

E a sogrinha foi rápida no gatilho:

— Ah, não sabia que mudou de nome!

Aqui antiguidade é posto, viu professor novato?

Em 1974, passei no concurso da UFPR para a única vaga de professor da disciplina de Cálculo Diferencial e Integral, realizando um grande sonho de minha vida. Entusiasmado, durante todo o período de férias de verão que antecederam o noviciado no cargo, estudei muito e me preparei para as aulas que ministraria. Eis que, uma semana antes do início do ano letivo, o então chefe do Departamento de Matemática, Prof. Jaime Cardoso, me chamou e foi direto ao ponto: você não mais vai dar aulas de Cálculo e sim de Geometria Analítica e Álgebra Linear.

Uma bomba no meu colo. Refeito, ousei responder a ele que fiz concurso para Cálculo e queria dar aula de Cálculo, pois não gostava das disciplinas que estava me oferecendo e muito menos queria ser assistente do Prof. Barsotti. De pronto, o Prof. Jaime Cardoso, que tinha a alcunha de "Jaime Louco", me respondeu:

— Aqui no Departamento ninguém quer ser assistente do Barsotti, e eles têm preferência na escolha das aulas. Ou você pega ou chamo o 2º colocado.

O Prof. Barsotti foi a pessoa mais emblemática e temida da história do Centro Politécnico, pelas reprovações elevadíssimas, a ponto de se cunhar uma frase muito repetida: "é mais fácil descobrir a cura para o câncer do que passar por média com o Barsotti." Além de motejos e muitas lendas sobre sua genialidade, frases ultrajantes contendo o nome dele eram frequentemente encontradas em banheiros e em praticamente todas as carteiras das salas de aula.

Os alunos tinham-no como um cartesiano, essencialmente racional, e havia uma lenda que, quando contava a história dos Três Porquinhos a seus filhos, assim iniciava:

— Era uma vez uma floresta F, que continha um conjunto de três porquinhos {P1, P2, P3}, com P1 > P2 > P3 ...

Mal sabia eu que seria, durante 11 anos, assistente dele: preparava aulas até a meia-noite e em finais de semana, muitas vezes renunciando ao bem-bom de um recém-casado. Mas, sendo sincero, a convivência com o ele me levou a admirá-lo, pela sua elevada cultura e sabedoria, tendo sido comigo sempre extremamente acolhedor. Sobre sua mesa de trabalho lia-se uma única frase, em bom latim: Homo sum; humani ninhil a me allenum puto – verso de Terêncio (c. 190 – c. 159 a.C.), comediógrafo romano. Traduzindo: "Homem sou; nada do que é humano reputo alheio a mim."

Jacir J. Venturi foi professor de Matemática e Física e diretor de escolas por 49 anos, da Educação Básica ao Ensino Superior, passando por cursos pré-vestibulares, tendo lecionado para mais de 90 mil alunos. Recebeu os títulos de Cidadão Honorário de Curitiba e de Comendador de Curitiba.

PENSAMENTOS

- "A vida nos é dada, mas não nos é dada pronta."

  José Ortega y Gasset (1833-1955), filósofo espanhol e pensador influente do século XX, conhecido por obras como "A Rebelião das Massas" e por desenvolver a ideia de que o ser humano é um projeto em construção, sempre em busca de sentido e realização. Esse pensamento expressa justamente essa visão: embora recebamos a vida como um presente, cabe a nós moldá-la, construí-la e dar-lhe forma. Não vem com manual, nem com garantias — é um convite à responsabilidade e à criação.

- Alguém perguntou: "O que você ganha orando a Deus regularmente?" Ele respondeu: "Geralmente, não ganho nada. Mas, sim, perco coisas." E então explicou tudo o que perdeu ao orar com frequência: perdeu o orgulho, a arrogância, a ganância, a inveja, a raiva, a luxúria, o prazer de mentir, o gosto pelo pecado, a impaciência, o desespero e o desânimo.

  Pensamento atribuído a autores diversos como Gandhi, Rumi, etc. Às vezes, oramos não para ganhar algo, mas para perder aquilo que nos impede de crescer espiritualmente. A oração educa, fortalece e cura. Ela é o canal que nos conecta diretamente com Deus.

- Entrevistador: Deputado Roberto Campos, como o senhor, sendo um intelectual reconhecido, consegue suportar tanta mediocridade no

Parlamento?
Roberto Campos: Como vacina, aprendi a arte de ouvir sem odiar, sabendo que no Brasil a burrice tem um passado glorioso e um futuro promissor.

Roberto Campos (1917-2001), nascido em Cuiabá, foi deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, exercendo dois mandatos consecutivos entre 1991 e 1999. Além de político, Campos foi um economista, diplomata, professor e escritor — conhecido por seu pensamento liberal e por frases provocativas sobre o Brasil e a política.

Perrengues de um professor de Matemática 4

Do autor, publicado no Estadão, HojePR e outros jornais.

Uma amiga pedagoga sempre repete, com humor, que até gosta de Matemática, mas prefere manter distância dos matemáticos. Segundo ela, esses indivíduos são sorumbáticos, macambúzios e meditabundos. Parece até que decorou o dicionário para fazer chiste, pois, em sua visão, esses "seres estranhos" só pensam em problemas. Eu acho graça, conformado com aqueles que veem os matemáticos de maneira estereotipada, uma vez que, por vezes, fazemos por merecer. Mas essas contendas ocasionais, nem sempre tão bem-humoradas, entre os profissionais das áreas de Exatas e Humanas — comumente descritas como razão versus emoção — acabam evidenciando o quanto ambas as perspectivas se complementam.

Durante minha trajetória como gestor escolar, sempre mantive uma convivência harmoniosa com os colegas, mesmo que tivessem ideologias diferentes das minhas. Quando emergiam naturais discordâncias, busquei seguir o preceito de Voltaire: "Discordo do que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo." Contudo, como professor, essa liberalidade não se aplica à sala de aula, território em que o aluno é um ser cativo e em formação.

Temos aqui alguns causos anedóticos, narrados por um professor de Matemática que exerceu sua profissão com zelo e paixão por quase cinco décadas. Muitos outros episódios ocorreram durante essa trajetória, porém respeitamos a paciência do leitor. Em meu site (www.geometriaanalitica.com.br), já visitado por 1,3 milhão de pessoas de cerca de 70 países, conforme o Google Analytics, você encontra mais causos e livros gratuitos — portanto, sem qualquer interesse comercial —, dois dos quais no passado fizeram grande sucesso em disciplinas de Matemática no Ensino Superior.

Uma busca insana

Samuel Lago, grande didata da Biologia, foi meu colega de tablado no Colégio Estadual do Paraná, nos anos 1970, e também um dos fundadores de um conhecido curso pré-vestibular de Curitiba, tendo infelizmente falecido em 2020. Homem culto e leitor voraz, escrevia e editava inúmeros livros, seus ou de outros, frequentemente até altas horas.

Sempre que nos encontrávamos, ele me cumprimentava com a mesma saudação: "E daí, Cotangente de Beta, tudo bem?". Eu retribuía o carinho, chamando-o de "Professor Pornófono", por suas incontinências verbais — título que ele adorava.

Por diversas vezes, ele me ligava pela meia-noite, começando a conversa: "E daí, dormindo, meu amigo 'Cotangente de Beta'?". Mesmo em sono profundo, por cortesia respondia que não. Ele então engatava as perguntas: "Para que servem esses tais de seno, cosseno, tangente, secante?" e "Me diga aí, acharam o 'x'? Faz dois mil anos que vocês procuram essa p***a do 'x', e nada! Em todos os livros de Matemática está escrito: 'Ache o x', 'Calcule o x'... e vocês nunca encontram!".

Quando a memória não ajuda

Nos anos 1970, 1980 e 1990, professores de cursos pré-vestibular eram celebridades. Certo dia, caminhava com um deles, amigo meu, pela Rua das Flores no centro de Curitiba, quando alguém bateu em suas costas. Ao virar-se, deparou-se com um rosto familiar, mas não o reconheceu de imediato. Para quebrar o breve silêncio, tomou a iniciativa:

— "E aí, estudando muito?"

— "Pô, professor, sou seu vizinho de apartamento!"

Perguntar às vezes ofende, sim!

Em algumas ocasiões, como infelizmente já aconteceu com tantos outros mestres, alunos me abordaram com curiosidade genuína, mas impalatável ao pobre docente: "Professor, você trabalha ou só dá aulas?"

Com o Coronel, melhor não arriscar!

Em 1975, casei-me no Mato Grosso. Eu era um professor esforçado, engenheiro formado e de "boa família", predicados valorizados à época. Meu sogro,

prefeito da cidade e conhecido como um "coronel", estando brigado com o pároco local mandou buscar de avião o bispo de Campo Grande para celebrar o casamento.

Na festa de noivado, ele foi enfático: "Filha minha não se separa. Fica viúva!". Depois, brincava comigo, dizendo que não passava de uma tirada humorística da região.

Jacir J. Venturi foi professor de Matemática e Física e diretor de escola por 49 anos, atuando na Educação Básica, no Ensino Superior e em cursos pré-vestibulares. Teve, ao longo de sua carreira, mais de 90 mil alunos. Recebeu os títulos de Cidadão Honorário de Curitiba e Comendador de Curitiba. Foi eleito o Professor do Ano, em 2023, prêmio da Escolas Privadas do PR.

PENSAMENTOS

- "Não é a fome, nem os terremotos, nem os micróbios, nem o câncer, mas o próprio homem que é o maior perigo para o homem, pelo simples motivo de que não há proteção adequada contra epidemias psíquicas, que são infinitamente mais devastadoras do que as piores catástrofes naturais."

  Carl Gustav Jung (1875-1961), professor e psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica, na qual defendia o inconsciente coletivo, "que não se desenvolve individualmente, mas é herdado". Na frase acima, há um alerta inquietante sobre a vulnerabilidade humana diante de forças internas — as chamadas "epidemias psíquicas". Isso nos leva a refletir sobre: 1) a natureza autodestrutiva do ser humano: guerras, genocídios, fanatismos religiosos e ideológicos e colapsos sociais são frutos de impulsos psíquicos descontrolados; 2) a ausência de imunidade psíquica: enquanto temos vacinas e protocolos para lidar com vírus e terremotos, não há "vacina" contra o ódio coletivo, o medo irracional ou a manipulação em massa.

- "A velhice é uma indignidade, a certeza de que o inferno existe."

  Lolita Rodrigues (1929- 2023), atriz, cantora, apresentadora, nascida em Santos

- O melhor de um bom vinho não está na taça, mas no entorno — nas pessoas que amamos. Brindar com amigos é o verdadeiro sabor da vida.

  Jacir J. Venturi, (n. 1949), professor e gestor escolar

Praticar o bem é uma terapia gratificante. É a 'voluntarioterapia'.

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Estadão, HojePR e outros jornais.

Mais do que um gesto altruísta, o trabalho voluntário é uma experiência que humaniza quem recebe e engrandece quem oferece. É uma estrada

com dois sentidos: de um lado, leva dignidade, autoestima e apoio concreto a quem precisa; do outro, devolve ao benfeitor algo ainda mais valioso: a transformação interior, a alegria genuína de ser útil. Não por acaso, é cada vez mais reconhecido pelas empresas como sinal de empatia, proatividade e inteligência emocional.

Surpreendente e encantadora é a alegria com que os voluntários relatam suas atividades, compartilhando uma energia positiva muito forte como se praticassem uma terapia gratificante: é a 'voluntarioterapia'. Por quase cinco décadas, atuei como diretor de escola e professor. Ao longo desses anos, especialmente no contraturno das aulas, organizávamos saídas em ônibus com alunos e alunas, docentes e até pais, mães e responsáveis — todos voluntários —, para vivenciar uma realidade pouco conhecida por grande parte deles: passar uma tarde em uma escola pública da periferia, interagindo com os estudantes locais nas salas de aula, nos pátios e, mais enfaticamente, por meio de atividades esportivas e recreativas.

Outra iniciativa que realizávamos com frequência eram visitas a asilos, para pintar os muros, plantar heras e promover momentos de profunda humanização. Os estudantes cantavam músicas cuidadosamente ensaiadas — sucessos da juventude dos idosos —, encenavam pequenos jograis, aparavam unhas e cabelos, bem como levavam doações de alimentos e medicamentos. Aos professores e professoras, cabia a missão de contextualizar essas ações por meio de atividades escolares nos diversos componentes curriculares, transformando cada gesto solidário em aprendizado significativo.

Dessas ricas experiências, colhemos alguns depoimentos dos participantes, entre os quais jovens alunos e alunas:

- "Quando estou praticando o voluntariado, esqueço os meus problemas, até porque os meus problemas são pequenos diante da realidade que estou vivenciando."
- "Saí da zona de conforto e arregacei as mangas. Estou cansada, mas feliz."
- "Combate a tristeza e amplia a rede de amigos, e amigos generosos."
- "Aprendi a ser mais humano e mais humilde."
- "Levanta o ânimo e afasta os pensamentos ruins."

Milhares de jovens vivem em uma torre de marfim, alheios às dores coletivas em seu blindado mundo — o universo de redes sociais, shoppings, clubes, games, festas glamourosas, condomínios, prédios-fortalezas e, o mais grave, escolas igualmente indiferentes às desigualdades que os cercam. Em geral, a juventude é generosa, mas carece de iniciativa e de uma consciência mais ampla de seu papel na transformação da realidade.

Numa pesquisa que realizamos com 1.900 alunos e alunas de três escolas de Curitiba, constatamos que apenas 8% dos jovens participavam de ações comunitárias, conquanto 71% gostariam de participar, mas não sabiam como. Assim, estamos muito aquém dos Estados Unidos (onde cerca de 43% dos jovens entre 16 e 24 anos já participaram de algum tipo de voluntariado formal) e da Europa (na qual países como Holanda, Alemanha e Suécia apresentam taxas superiores a 50%).

É imprescindível que o jovem se incorpore às práticas e à cultura de solidariedade na família, na escola ou na igreja, um aprendizado de cidadania, empatia e liderança, porque vai desenvolver habilidades interpessoais, ampliar a visão de mundo e tornar-se mais resiliente. O terceiro setor, que concentra atividades sem fins lucrativos, movimenta cerca de 4,27% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e é responsável por aproximadamente 6 milhões de ocupações, indo muito além da filantropia: é relevante, dá boa tração à economia e à transformação social.

Mesmo fazendo pouco, o trabalho comunitário enobrece, e o voluntário se torna mais colaborativo, estabelece bons relacionamentos, aprende a se doar, desenvolve mais rapidamente a liderança e deixa de se apequenar diante das vicissitudes inerentes à vida. Belas e oportunas são as palavras do ícone maior do voluntariado, Madre Teresa de Calcutá: "Minhas ações podem ser pequenas, gotas no oceano. Mas sem essas gotas, o oceano seria menor."

É preciso ser proativo, como o fabulativo beija-flor em contraponto ao egocêntrico elefante: era verão e o fogo crepitava feroz na floresta, levando o pesado elefante a fugir para o grande rio que permeava a floresta, enquanto os outros animais se puseram a debelar o incêndio. O beija-flor apanhava uma minúscula porção de água e a arremessava sobre as chamas, enquanto o elefante, com sua tromba avantajada, refestelava-se na segurança do rio. Este, ao observar a pequena ave colaborativa em suas idas e vindas, perguntou: "Meu amigo,

que fazes? Não vês que de nada serve a tua ajuda?". "Talvez sim", respondeu o beija-flor, "mas o importante para mim é que estou fazendo a minha parte!"

Jacir J. Venturi foi professor e diretor de escola da Educação Básica e, como presidente do Sinepe/PR — entidade que congrega cerca de 1.800 escolas privadas do Paraná —, desenvolveu, com a participação de diretores de escolas e professores, centenas de ações voluntárias com os estudantes. É membro do Rotary Club Curitiba, além de Cidadão Honorário e Comendador de Curitiba.

PENSAMENTOS

- "Os brasileiros são destruidores de heróis."

  Ozires Silva (n. 1931), natural de Bauru/SP, foi piloto militar da Força Aérea Brasileira, tendo ingressado na Escola de Aeronáutica em 1948, formado em Engenharia Aeronáutica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) em 1962. Foi um dos fundadores e primeiro presidente da Embraer, criada em 1969, liderando a equipe que desenvolveu o avião Bandeirante, marco inicial da indústria aeronáutica nacional. Ademais, presidiu a Petrobras, foi Ministro da Infraestrutura e Ministro das Comunicações, atuou como reitor universitário e foi líder em diversos projetos de inovação e educação. A frase cima, proferida por ele em uma palestra na Universidade Positivo, de Curitiba, teria sido ouvida por ele em uma conversa com membros do Comitê do Prêmio Nobel, da Suécia, ilustrando como o país frequentemente desvaloriza seus próprios grandes nomes que deixaram um legado de grandes transformações.

- "Uma vida calma e modesta traz mais felicidade do que a busca do sucesso combinada com uma constante inquietação."

  Albert Einstein (1879-1955), físico de nacionalidade alemã, suíça e norte-americana, Prêmio Nobel da Física de 1921

- "Como vou participar de uma festa de amigo-secreto se tenho aqui 23 inimigos declarados?"

  Décio Sperandio (n. 1950) foi professor de Matemática e também Reitor da UEM (Universidade de Maringá). Autor de tiradas de humor muito apreciadas, ouviu a boa blague acima de um colega professor quando, em uma reunião de final de ano do Departamento de Matemática da UEM, foi proposta uma festa de amigo-secreto.

Cigarros eletrônicos: a nova face de um velho vilão

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR e diversos outros jornais.

Durante décadas, o cigarro foi símbolo de charme e status, mas o glamour se dissipou diante da dura realidade: fumar é a principal causa de mortes evitáveis no mundo. O Brasil, referência mundial em campanhas antitabagistas, viu o número de fumantes adultos cair de 34,8% nos anos 1980 para 9,3%

em 2023. Porém, em maio de 2025, esse índice saltou para 11,6%, aumento observado tanto entre homens (de 11,7% para 13,8%) quanto entre mulheres (de 7,2% para 9,8%). Um alerta preocupante!

O vilão da vez? Os cigarros eletrônicos, também chamados de vapes, que com design colorido, aromas adocicados e apelo à socialização seduzem especialmente os jovens, com estimativas apontando que aproximadamente três milhões de brasileiros já os utilizam. Diferentemente dos cigarros tradicionais, funcionam por vaporização de líquidos com nicotina (com seu poder viciante) e aditivos tóxicos. Mesmo sem haver combustão, liberam-se partículas e metais que podem causar inflamação nos sistemas respiratório e cardiovascular. Ou seja, o cigarro convencional perdeu o glamour, mas o poder viciante da nicotina encontrou um novo veículo.

Na perspectiva da contenção de danos e enfrentamento desse crescimento no consumo, estamos diante de um dilema, uma vez que alguns estudos indicam que a concentração de nicotina nos usuários de vapes pode ser superior à dos fumantes tradicionais, porém outros estudos apontam que, quando oriundos de fabricantes idôneos e bem regulamentados, poderiam causar menos danos que os cigarros convencionais, além de tolher o mercado clandestino. Como metáfora da escolha de Sofia, não há escolha isenta de riscos — ambas apresentam consequências negativas.

Em 2024, no Brasil, a Anvisa reafirmou a ampliou a proibição total (aplicada desde 2009) da fabricação, importação e comercialização de vapes, sob a justificativa da ausência de evidências científicas sobre segurança e eficácia, além do risco, já comprovado, de aumento do consumo entre jovens. Nos Estados Unidos, a FDA (agência reguladora similar à Anvisa brasileira) adota uma abordagem oposta: permite a comercialização, mas apenas após rigorosa análise científica dos produtos, dos quais, até agora, 39 foram aprovados, com sabores restritos a tabaco e mentol (sabores doces e frutados são proibidos por atraírem jovens). O objetivo é claro: mais controle e fiscalização sobre este limbo sombrio.

Regulamentar não é liberar: é controlar, fiscalizar e tributar. No Brasil, o consumo cresceu em proporções geométricas, e a proibição, claramente ineficaz, tem gerado um mercado clandestino, sem geração de empregos, sem arrecadação de impostos, com mais risco de toxidade e sem controle sanitário. Como

bem pontua a farmacêutica Alessandra Bastos, ex-diretora da Anvisa: "No Brasil, não sabemos o que as pessoas estão consumindo e o único beneficiado é o crime organizado." Cabe lembrar que, no próprio Brasil, o sucesso passado no enfrentamento ao consumo de cigarro se deu pela via educativa e regulatória, não pela proibição.

O país já amarga um prejuízo anual de R$ 125 bilhões com o tabagismo, dos quais R$ 50,3 bilhões referem-se a gastos médicos pelo SUS, enquanto a arrecadação com impostos sobre cigarros é de apenas R$ 15 bilhões. A conta não fecha — e o contribuinte, fumante ou não, paga a diferença.

É preciso ampliar o debate e as campanhas educativas não apenas sobre os malefícios do cigarro tradicional, mas também sobre os riscos disfarçados de modernidade, com envolvimento e atenção de pais, educadores, políticos, gestores, mídia e ciência, pois a saúde pública e a sociedade não podem ser reféns da omissão.

Ignorar o problema é, sem dúvida, a pior decisão e cabe ao Congresso abrir espaço para um debate público qualificado, ouvindo especialistas e se inspirando na experiência de mais de 80 países que permitem a comercialização, mas com restrições — entre eles Estados Unidos, União Europeia, Reino Unido, Suécia, Canadá, França e Nova Zelândia. Imprescindível, também, que toda a sociedade se mobilize para dar mais luz ao problema.

Jacir J. Venturi, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo.

PENSAMENTOS

- "A verdadeira compaixão não significa apenas sentir a dor dos outros, mas estar motivado a aliviá-la."

  Dalai Lama (n. 1935), líder espiritual tibetano. A verdadeira compaixão é mais do que empatia silenciosa — é movimento, não bastando que o coração se comova; é preciso que as mãos se estendam. Sentir a dor do outro é o primeiro passo, mas o gesto que busca aliviá-la é o que transforma o sentimento em humanidade.

- "Quando se organiza o mundo externo, o interno também se coloca em ordem."

  Maria do Rocio Vaz, poeta, uma das vozes líricas mais sensíveis da literatura paranaense contemporânea, é membro do Centro de Letras do Paraná e da Academia Paranaense da Poesia. Em tempos

de excesso de estímulos e distrações, a organização do mundo externo torna-se um gesto simbólico e terapêutico, pois apesar da harmonia externa não resolver todos os conflitos internos, abre espaço para que eles sejam vistos com mais lucidez.

- Duas coisas são fundamentais para um bom relacionamento entre duas pessoas que coabitam: oxigênio e matemática. Como assim? É preciso que muitas vezes respirar fundo e contar até 10.

  Metáfora poderosa, de autoria desconhecida. Um dito chistoso, pois o "oxigênio" representa a necessidade de respirar fundo, manter a calma e evitar reações impulsivas, conquanto a "matemática" simbolize a paciência e o equilíbrio, como contar até 10 antes de responder em momentos de tensão. Essa metáfora reflete a importância da comunicação e do autocontrole em qualquer relacionamento.

Entre o nascer e o morrer: o sentido da existência humana

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, HojePR e diversos outros jornais.

Steve Jobs, já com diagnóstico de um tumor no pâncreas, não via a morte como um fim trágico, mas como um mecanismo essencial para que inovações floresçam. Num dos trechos mais marcantes de seu discurso de formatura em Stanford (2005), afirmou: "A morte é provavelmente a melhor invenção da vida. Ela remove o velho para dar lugar ao novo. É um agente de mudança." A morte, na visão de Jobs, é uma força ativa que impulsiona transformações tanto para o avanço da humanidade quanto para abrir espaço a novas gerações.

A natureza é cíclica: folhas caem para dar lugar a novas, plantas morrem e fertilizam o solo, e assim também é com a tecnologia, com as ideias e com a própria humanidade. Sem o ciclo da substituição — de pessoas, cargos, produtos e práticas — o progresso se estagna. Aceitar serenamente nossa mortalidade não é morbidez: é realismo, é humildade, é libertação do ego.

Temos consciência de nossa finitude. Dizer que o ser humano é o único animal que sabe que vai morrer é coerente com a filosofia dos antigos gregos. Para Sócrates, quase todos temem a morte como se ela fosse o maior dos males. Ele, porém, dizia que a felicidade é um bem da alma, alcançável apenas por meio da conduta virtuosa e justa, e que sofrer uma injustiça era preferível a cometê-la. Recusando-se a fugir da prisão, mesmo tendo essa oportunidade, enfrentou serenamente a condenação: em 399 a.C., tomou o cálice de cicuta e partiu em paz.

Só os humanos possuem a clarividência da finitude, que nos acompanha diariamente — às vezes como assombro e angústia, outras vezes como resignação ou sublimação. A morte não é antítese da vida: o oposto da morte é o nascimento. E é nesse intervalo que a vida acontece. No livro de Salmos, o sábio Salomão relata a preferência por um funeral em vez de uma festa, pois seria no primeiro que se pode contemplar o verdadeiro sentido da vida.

Permita-me uma breve digressão filosófica: a vida é bela, sim, mas quem dela espera apenas alegrias pede a ela o que não pode oferecer. A existência exige resiliência e capacidade de adaptação — um princípio darwinista diante de uma realidade que se impõe com força.

A vontade humana não é soberana. São as circunstâncias que, em grande parte, nos moldam e direcionam. Assim, a vida é guiada apenas parcialmente pelo livre-arbítrio, pelas escolhas e pelos desejos que cultivamos. Em boa medida, somos movidos por forças transcendentes, pelos desígnios do Criador, pelo acaso e, inevitavelmente, pelas pessoas que nos rodeiam. Esse entrelaçamento de fatores forma o que chamamos de circunstâncias, e é nelas que nos encontramos. Como bem expressou Ortega y Gasset: "Eu sou eu e minhas circunstâncias."

Nesse intervalo entre o nascer e o morrer, sempre há vida (e vida em abundância) quando há propósito, espiritualidade e positividade. Isso se concretiza quando nos mantemos úteis, solidários, mentalmente ativos e, sobretudo, saudáveis. Como bem expressou Arthur Schopenhauer: "Saúde não é tudo, mas sem ela pouco podemos." Para ele, o sofrimento físico era um dos maiores entraves à felicidade — e, portanto, à plenitude da própria existência.

Carrego com carinho uma lembrança marcante da adolescência: todas as semanas, minha família se reunia para rezar o terço, num ritual conduzido com profunda devoção por minha avó italiana. Ao final das preces, ela sempre dizia com ternura: "E agora, vamos rezar uma Ave-Maria por uma boa morte."

Numa noite de fevereiro, já com 80 anos, ela nos despertou com gemidos vindos do quarto. Cada suspiro soava como um silencioso presságio de adeus. Meus pais correram para chamar os demais filhos dela, que moravam perto. Enquanto isso, a pedido de meus pais, permaneci ao lado dela, segurando uma

vela entre suas mãos. E assim, serenamente, sem dor, após um dia comum de trabalho, ela partiu com suavidade, agraciada, como sempre desejou, por uma boa morte. Deixou saudades, muitas saudades, e não alívio. Deixou, acima de tudo, um legado que ressoa por gerações. Tantas décadas já bem vividas, em tom de gracejo, costumo dizer aos amigos: é hora de salvar a alma, pois o corpo já está perdido.

"Tu és pó e ao pó retornarás." Essa frase do Gênesis ecoa como um lembrete sereno da efemeridade da vida. Diante da morte, não há títulos, fortunas ou diplomas que nos distingam — ela nos iguala a todos, nivelando ricos e pobres, letrados e simples, fortes e frágeis. É uma sentença universal que convida à introspecção: o que estamos deixando para trás em nossa travessia? Quais marcas inscrevemos nas vidas que tocamos? De afeto ou de feridas? De luz ou de escuridão?

Reconhecer a finitude não deve nos levar ao desalento, mas despertar um senso de propósito. Viver não é apenas atravessar os dias: é deixar pegadas que acolham, inspirem e edifiquem.

Jacir J. Venturi, diretor de escolas e professor. Autor dos livros "Da Sabedoria Clássica à Popular" (em dois volumes); "Cônicas e Quádricas"; "Álgebra Vetorial e Geometria Analítica".

PENSAMENTOS

- "Pare de buscar garantias."

  Jacques Lacan (1901-1981), notório psicanalista, sendo considerado um dos principais intérpretes de Sigmund Freud, que nos lembra como o desejo não se satisfaz com certezas, mas se alimenta daquilo que falta. A vida não dá recibo de segurança, nem mesmo no amor… ou muito menos no amor. Porém, ainda que se admita que o amor seja louco, não pode ser burro, que provoque grandes danos.

- "Breve é a vida, seja grato, perdoe, cultive intensamente o afeto. Tenha o coração alegre e ria bastante – pois como está na Bíblia, em Provérbios, "o riso aformoseia o rosto."

  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escolar

- "A água que afunda o barco é a de dentro. Portanto, vigie suas emoções."

  Metáfora poderosa, de autoria desconhecida. Ou seja, o perigo maior não são as manifestações externas, mas o que permitimos que internamente nos afete.

A sabedoria popular pelas estradas do Brasil: frases de para-choque

Do autor, publicado no Estadão, HojePR e diversos outros jornais.

Introdução

No asfalto das rodovias brasileiras, deslizam não apenas caminhões, mas também expressões que carregam a alma popular do nosso amado Brasil. As frases de para-choque são verdadeiras cápsulas de sabedoria e poesia popular sobre rodas, refletindo o Brasil heterogêneo, com lições de vida ou toques de humor algumas vezes eivados de pitadas de irreverência, insolência, lascívia que podem até transgredir o conceito do politicamente correto.

É bem verdade que essas expressões estão progressivamente caindo em desuso, por uma série de razões. Há três ou quatro décadas, porém, eram presença marcante nas traseiras e dianteiras de caminhões, compondo uma estética singular das estradas brasileiras, contendo frases leves, filosóficas ou irreverentes que revelavam uma classe trabalhadora que pensa, ama, sofre..., mas que também ri, zomba e provoca. Formavam o que se pode chamar de uma literatura de para-choque: ora poesia marginal, ora conselhos de vida, ora piadas transgressoras que arrancavam sorrisos até mesmo de almas mais pudicas. Embora hoje sejam raras, essas frases ainda guardam seu valor como expressão autêntica da cultura popular que brotou do asfalto.

São manifestações culturais espontâneas, microcrônicas em movimento. Neste artigo, celebro essa tradição criativa e espirituosa que circulava em cada curva do país. Na boleia do Brasil, levavam e ainda levam não apenas cargas, mas a alma de um povo. Vamos pegar carona nessa estrada literária?

A voz popular do asfalto

A sabedoria popular é como um rio que atravessa gerações e, portanto, se modifica, levando consigo lições, crenças, valores e formas de ver o mundo. Nascem do cotidiano e se expressam em ditados, chistes, fé, cordéis e, claro, até em para-choques de caminhões, carretas e treminhões. E como não lembrar da malícia velada na frase: "Ela espera ver aquele caminhão voltando... de para-choque duro" — trecho de uma música da banda Blitz, sucesso nos anos 80 do século passado, que muitos caminhoneiros cantavam com orgulho.

Também ecoam nas estradas as canções que retratam a solidão e os desafios desses heróis do volante, nas vozes de Roberto Carlos, Sérgio Reis, Chitãozinho & Xororó, Renato Teixeira e tantos outros que deram alma ao asfalto. Com esse tom reflexivo e valorizador da cultura popular, reproduzo abaixo algumas dessas frases em dois grupos. Parte delas anotei apaixonadamente, nas andanças por esse Brasilzão, em uma caderneta no console do meu carro.

1) Frases convencionais

Este primeiro grupo reúne frases que seguem o protocolo social contemporâneo, refletindo valores amplamente aceitos e que buscam ressonância imediata com o senso comum, enquanto evitam polêmicas e prezam pela neutralidade:

- "Melhor chegar atrasado nesta vida do que adiantado na outra."
- "Construímos muros demais e pontes de menos."
- "A mulher que é flor, o caminhão leva com cuidado."
- "Seja paciente no volante para não ser paciente no hospital."
- "O tempo cura tudo, menos a velhice."
- "Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono."
- "No tempo de Lampião, ninguém cantava Maria Bonita."
- "Antigamente eu dava um boi por uma briga, hoje brigo por um bife."
- "Coração de pobre não bate: apanha."

2) Frases criativas e divertidas, com provocações sutis

O bom humor é quase regra no repertório dos para-choques, e muitas frases nos levam ao riso desbragado, até por sua irreverência, tensionando valores dominantes, sem chegar à hostilidade explícita:

- "Se trabalho enricasse, burro andava de relógio de ouro."
- "Conheça a vida selvagem: tenha filhos!"
- "Faça um político trabalhar: não o reeleja!"
- "Parar de fumar é fácil. Já parei mais de 20 vezes."
- "Certos políticos, assim como as fraldas, devem ser trocados constantemente. Sempre pelo mesmo motivo."

• "Se és capaz de sorrir quando tudo deu errado, é porque já descobriste em quem pôr a culpa."
• "Visitas sempre dão prazer: na chegada ou na saída."
• "Tudo o que é bom na vida é ilegal, imoral ou engorda."
• "Do cigarro para o fumante: hoje você me acende, amanhã eu te apago."

3) Frases que desafiam o politicamente correto

Nem todo humor sobre rodas é inocente. Muitas vezes, carregam uma dose maior de irreverência, pois provocam, afrontam e até incomodam.

Muitas desafiam abertamente os códigos do politicamente correto, rompendo com filtros sociais historicamente construídos. Embora façam parte do imaginário das estradas, podem gerar desconforto ou rejeição ao retratarem visões datadas sobre gênero, classe, sexualidade e outros marcadores sociais. Ainda que seu objetivo muitas vezes seja apenas o riso, é importante lembrar que toda linguagem carrega marcas do tempo em que foi criada.

Como qualquer expressão de um patrimônio cultural vivo, essas frases também precisam ser lidas com consciência crítica — algumas envelhecem mal e exigem um novo olhar, que não as perpetue de forma acrítica, mas que as reinterprete à luz de valores mais inclusivos e respeitosos.

Por esses motivos, optou-se por não reproduzir diretamente tais frases. Em vez de reforçar estereótipos ou discursos excludentes, a proposta aqui é convidar à reflexão sobre o impacto das palavras e sobre como o humor também pode (e deve) evoluir com a sociedade.

Conclusão

A graça, os gracejos e as boas tiradas são terapêuticos, um genuíno reflexo da cultura popular brasileira que vai de conselhos sábios a transgressões bem-humoradas, da fé à crítica social. Ao percorrermos as estradas do Brasil, essas pequenas pérolas de sabedoria nos lembram da criatividade e do espírito resiliente do nosso povo, uma expressão autêntica (e até simplória) de uma classe cuja força pode tanto levar progresso quanto parar o país.

É um mosaico, um caleidoscópio da alma de um povo que sofre, reza, ama, ri... e às vezes, transgride, em linha com o que bem retrata Ambrose G. Bierce: "Em cada coração humano há um tigre, um porco e um rouxinol." É

nesse equilíbrio entre fúria, instinto e poesia que viviam as estradas, nas quais os para-choques seguem contando histórias dos nossos heróis caminhoneiros.

Jacir J. Venturi, membro do Centro de Letras do Paraná (CLP). Autor de "Da Sabedoria Clássica à Popular" (vols. I e II), "Cônicas e Quádricas", "Álgebra Vetorial e Geometria Analítica". Professor da UFPR, da PUCPR e da Universidade Positivo.

PENSAMENTOS

- "Na esfera pública, o que pode e o que não pode é preciso estar escrito. Porém, na esfera privada, o que não é proibido, pode."
  Oscar Alves (n. 1940), com doutorado em Medicina, é membro do CEE/PR (desde 2003) e foi Presidente do CEE/PR (de 2012 a 2019), reitor da UEL (de 1974 a 1978), deputado Federal pelo Paraná (1983 a 1987), Secretário de Estado da Saúde e do Bem-Estar Social do Paraná (1979 a 1982). Essa frase expressa uma distinção clássica entre os princípios que regem o setor público e o privado: no público, a legalidade é estrita e tudo precisa estar normatizado; no privado, prevalece a liberdade até que algo seja explicitamente proibido.

- "Não há enfermidade cardíaca mais danosa, para o corpo e para a alma, do que viver com o coração vazio de afeto."
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escolar

- "Perdoe as pessoas, mas não confunda isso com amnésia."
  Das Redes Sociais

Cursos técnicos: é imperativa uma maior valorização no Enem e nos vestibulares

De cinco co-autores, publicado no Estadão, HojePR e diversos outros jornais.

A partir de 2022, com a nova carga horária de 3.000 h do Novo Ensino Médio, houve um despertar, um ecossistema propício para uma oferta mais significativa de vagas para os cursos de nível médio de Educação Profissional Técnica (EPT), os chamados cursos técnicos, o que não se converteu, no entanto, em um expressivo incremento em matrículas. No Brasil, em 2024, apenas 17,2% dos alunos do Ensino Médio estavam matriculados em cursos técnicos, muito aquém do Chile (40%), dos países da OCDE (46%) e seguramente muito abaixo da média mundial. É, todavia, um modesto avanço em relação à média de 10% durante a vigência do Antigo Ensino Médio (até 2021).

Ademais, o Plano Nacional de Educação (PNE) estabeleceu como meta, até 2024, alcançar 4,8 milhões de matriculados em cursos técnicos, número que atingiu apenas perto da metade (2,57 milhões). Esse cenário reflete uma

grande preocupação dos setores produtivos em nosso país: a maioria das empresas empregadoras se queixa do déficit desses profissionais, o que atualmente representa um gargalo, como bem manifestado pelo presidente da TOTVS, gigante desenvolvedora de softwares: "Corremos o risco de um apagão sistêmico de capital humano."

Considerando que, de acordo com dados do IBGE, apenas 36% dos estudantes de escolas públicas ingressam em uma faculdade, isso significa que 64%, maioria absoluta, priorizam o mercado de trabalho. Para esse contingente, a formação técnica é a que melhor faz a conexão entre o ensino e a vida real, abrindo as portas para o estágio, a capacitação e a remuneração.

Outro fator relevante é que, nos cursos técnicos, a taxa de evasão reduz em até 50%, segundo a Fiocruz, bem como a de reprovação, especialmente quando as ofertas são articuladas com as demandas regionais, pois os cursos funcionam como uma mola propulsora que dá tração à aplicação prática dos conhecimentos teóricos, além de oportunizar a já mencionada monetização em virtude do ingresso imediato no mercado de trabalho. É um santo remédio para o enfrentamento de um de nossos maiores dramas sociais: os 5,3 milhões de jovens entre 15 e 24 anos que nem estudam nem trabalham, jocosamente chamados de "nem-nem", fato que pode comprometer o futuro de toda uma geração e do próprio país.

O técnico formado, porém, enfrenta alguns desafios extras na busca pelo curso superior, seja imediatamente, seja alguns anos depois, pela perspectiva de ampliação da carreira. Com parte de sua rotina diária tomada pela jornada de trabalho, enfrenta uma luta desigual por uma vaga na universidade, uma vez que concorrerá com estudantes com mais tempo livre e com mais bagagem nos temas cobrados nas avaliações de vestibulares ou no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), cuja nota, por vezes, serve para o aceso ao Ensino Superior. Dizemos isso porque, no curso técnico, as 600 h dos Itinerários Formativos de Aprofundamento (IFA), assim como parte da Formação Geral Básica (FGB), deixam de ser dedicadas ao conteúdo voltado ao ingresso no Ensino Superior. Por exemplo, enquanto muitos técnicos formados não tiveram em sua matriz o componente curricular Matemática Financeira, foi esse o tema de 8 das 45 questões da prova de Matemática do Enem de 2024.

Por outro lado, um técnico com bons conhecimentos e experiência prática tem grande potencial de se destacar em uma graduação na mesma área, além de enriquecer o aprendizado dos colegas ao compartilhar aquilo que muitos

dos demais estudantes só veem nos livros. Quer melhor exemplo do que o da professora da Educação Infantil ou dos Anos Iniciais que, além da Pedagogia, tenha também concluído o Curso de Formação de Docentes (antigo Magistério ou Normal)?

Isto posto, necessitamos, sim, de colégios que preparem o estudante para a aprovação em universidades mais concorridas, porém também é absolutamente necessária uma fórmula que valorize os estudantes de cursos técnicos no momento de ingressar no Ensino Superior. E isso pode ser concretizado por meio da aplicação de um bônus sobre a nota que o diplomado em um curso técnico (oriundo de escolas públicas ou privadas) obtiver na prova do Enem, sem prejuízo ao sistema de cotas em vigor. Estimula-se, dessa forma, que o bônus possa ser aplicado nos vestibulares das universidades públicas, com a devida observância da autonomia universitária.

O que se quer aqui é a reflexão de uma sugestão viável: valorizar a verticalização na formação do estudante que cursou um itinerário profissional técnico, de modo que ele seja incentivado ainda mais a ingressar no Ensino Superior. Exemplo: um estudante que tivesse finalizado o curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas teria uma pontuação de bonificação no Enem (e em avaliações de vestibulares), caso optasse por uma graduação em Ciência de Dados. Vale enfatizar que o próprio Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (documento normatizador da oferta no Brasil) traz sugestões de verticalização para o Ensino Superior em cada um dos cursos técnicos.

Certamente, um elã significativo para que o segmento das escolas privadas investisse mais em cursos técnicos, cujo percentual de matrículas atualmente é muito baixo, conquanto o Sistema S representa elevada qualidade nessa modalidade de oferta. É imperativo propor alternativas para um up, um estímulo aos estudantes a se matricularem nessa opção tão relevante e necessária ao Brasil, caso também queiram posteriormente ingressar no Ensino Superior. Vamos, a seguir, melhor argumentar a nossa proposta.

Considerando que as quatro áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais) e a Redação compõem, cada uma delas, 20% do cômputo geral da nota do Enem, poderia ser esse também o percentual de bonificação aos diplomados em cursos técnicos nas provas do Enem, ou seja, seria aplicado um fator multiplicador de 1,2 à

nota final no exame, conquanto o curso técnico tivesse aderência (ou afinidade, ou compatibilidade, qual substantivo queira) com a vaga disputada. Assim, o estudante que concluísse um curso técnico em Agropecuária, Agronegócio, Agricultura, Zootecnia ou Florestas seria elegível ao bônus para ingresso em Ciências Agrárias e Ciências da Terra, por exemplo, mas não em Odontologia, Direito ou Engenharia Civil. De per si, se o candidato tivesse o diploma em Técnico em Eletrotécnica, teria o bônus de 20% aplicado para o ingresso nas engenharias Elétrica, Eletrônica, Energia ou Telecomunicações.

É preciso despertar a consciência cívica diante da gravidade dos resultados sobejamente conhecidos de nossa participação em avaliações que mensuram o desempenho dos estudantes do Ensino Médio, tanto internacionais (o Pisa é apenas um dos exemplos) quanto nacionais, como o Saeb (cujo resultado nunca obteve nota superior a 5, numa escala que vai até 10). Esse baixo desempenho também é um dos fatores que contribuem para a repetência e a evasão escolar, as quais implicam em graves consequências sociais e financeira ao país: estudo feito pelo economista Ricardo de Barros, do Instituto Ayrton Senna, publicado na Revista Exame, indicou que, em 2017, o abandono e a reprovação no Ensino Médio representaram um gasto de aproximadamente 100 bilhões, que poderia ter sido minimizado grandemente com mais estímulos ao ingresso nos cursos técnicos.

A articulação da Educação Profissional com o Ensino Médio, aliada à valorização da verticalização para o Ensino Superior, representa um caminho estratégico para o avanço de uma educação comprometida com o pleno desenvolvimento do estudante, sua preparação para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

P.S.: Com a Lei Federal nº 13.415/17, que vigorou em 2022, 2023 e 2024, teve início a prática da carga horária mínima de 3.000 h para os três anos do Ensino Médio, distribuídas em 1.800 h para FGB (Formação Geral Básica), 1.200 h para IF (Itinerários Formativos). De per si, a Lei Federal nº 14.945/24, com vigência a partir de 2025, manteve as 3.000 h, porém alterou a distribuição: 2.400 h para FGB e 600 h para IFA (Itinerários Formativos de Aprofundamento).

Flávio Arns, atual senador pelo Paraná, foi Vice-Governador e Secretário de Educação do Estado do Paraná.

Roni Miranda Vieira, atual Secretário de Estado da Educação do Paraná e professor da Rede Estadual do Paraná, foi também Diretor de Educação da mesma Secretaria.

João Carlos Gomes, atual Presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR), foi Reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia do Paraná.

Oscar Alves, atual conselheiro do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR), exerceu os cargos de Reitor da Universidade Estadual de Londrina, Secretário de Estado de Saúde e Bem-estar Social do Paraná e Presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR).

Daiane Pereira Fraile, pós-graduada em Gestão Educacional, atualmente é consultora em Educação Profissional na Secretaria de Estado da Educação do Paraná e membro do Grupo de Trabalho Interinstitucional da construção da Política Nacional de Educação Profissional e Tecnológica.

Jacir J. Venturi, atual conselheiro do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE/PR), foi professor e diretor de escolas da Educação Básica e do Ensino Superior (UFPR, PUCPR e Universidade Positivo).

PENSAMENTOS

- "Quem encontra um sentido para viver é capaz de suportar qualquer sofrimento."

  Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão. Posteriormente essa frase foi retomada por pensadores como Viktor Frankl, psiquiatra austríaco, que a utilizou como base para sua obra "Em busca de sentido", escrita após sua experiência nos campos de concentração nazistas, afirmando que o 'propósito' é o que permite ao homem suportar o sofrimento mais extremo — e que mesmo no horror, há espaço para liberdade interior.

- "Descobri, pelos caminhos incertos da vida, que o mais importante é decidir."

  Frequentemente atribuída a Cora Coralina (1889-1985), poetisa e contista brasileira. A vida exige decisões, e nelas reside nossa força, conquanto raramente há acerto nas decisões sem planejamento e sem ações objetivas.

- "O Brasil é o único país do mundo onde a ignorância é fonte de autoridade."

  Olavo de Carvalho (1947-2022), filósofo, escritor, jornalista e polemista brasileiro, conhecido por suas aulas de filosofia (online e presenciais), seus livros e artigos de crítica cultural e política, e por ter sido uma figura bastante influente no pensamento conservador brasileiro nas décadas de 2000 e 2010.

A dependência química é um limbo sombrio, com efeitos devastadores

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, e vários outros jornais.

Johann Wolfgang von Goethe, amplamente considerado o maior literato da língua germânica, já em seu leito de morte, em 1832, pronunciou suas derradeiras palavras: "Lich, mehr licht!" – "Luz, mais luz!". Uma frase instigante,

não apenas sob o prisma histórico, mas como metáfora. Nenhum problema se resolve sem foco, sem clareza do que se está buscando enfrentar, sem que projetemos luz sobre ele.

Um dos problemas que merecem foco atualmente é a dependência química, condição que se caracteriza pelo consumo compulsivo, excessivo e contínuo de substâncias psicoativas ilícitas, bebidas alcoólicas, tabaco e medicamentos, capazes de modificar comportamentos e reações no usuário, trazendo consequências negativas para a saúde física, mental, social e financeira. Reconhecida como doença e classificada no Brasil com o CID F19, é um limbo sombrio, oculto e silencioso, com efeitos devastadores, em diferentes gradações. O comércio ilegal e o tráfico devem ser enfrentados como uma questão policial, mas a pessoa com dependência deve ser tratada e entendida num espectro social e de saúde pública, com intensa participação da comunidade científica e civil, da mídia, das escolas e das famílias.

Um tabu que precisa ser enfrentado

Ainda que seja um tabu a ser enfrentado, as estratégias e ações em relação à pessoa com dependência devem ser conduzidas sem os preconceitos que muitas vezes causam vergonha, medo e barreiras na busca por tratamento. Como analogia, vale lembrar que, na década de 1970, o termo câncer era maldito e impronunciável, e atualmente é tema circula abertamente, facilitando a conscientização, a prevenção e o diagnóstico precoce.

Semelhantemente, nos anos 1980, a Aids era uma sentença de morte e um estigma social que pairava sobre as pessoas acometidas, então segregadas como os leprosos do Evangelho (hoje, hansenianos) e envoltas em preconceito e ignorância. No entanto, com empenho de governos, da sociedade civil organizada e com a evolução da ciência, o HIV saiu do armário escuro, e a doença tornou-se uma condição crônica gerenciável.

Ademais, também como esforço de conscientização, prevenção e informação, nos anos 1990 iniciou-se, no Brasil e em parte do mundo, a desconstrução do consumo de cigarro, que até então simbolizava status e glamour. Durante o governo FHC, medidas antitabagistas ousadas e muito bem-sucedidas foram implementadas, incluindo a proibição de propagandas e a demonstração dos

danos à saúde, o que promoveu a redução do número de fumantes de 32% para, nos dias atuais, apenas 10% da população adulta brasileira, um dos menores índices do mundo.

Por uma sociedade bem informada

Pesquisas indicam que cerca de 12% da população adulta brasileira têm algum tipo de dependência química, grupo no qual há uma incidência maior de comportamentos de risco e violência.

Em relação ao usuário de drogas ilícitas, é inadequado tratá-lo como um delinquente grave, marginalizando-o, ou com leniência. Ambas são atitudes extremadas, pois, de um lado, prisões servem como escolas do crime; de outro, o usuário pode ser coautor dos delitos dos traficantes. Nesse contexto, a reabilitação surge como alternativa sensata, promovendo a recuperação da dignidade do indivíduo, prevenindo reincidências e contribuindo para a segurança pública. Investir em tratamento e reinserção social é romper o ciclo da criminalidade e devolver ao cidadão a possibilidade real de reconstrução de sua trajetória. A abordagem terapêutica equilibrada reconhece tanto a responsabilidade individual quanto a vulnerabilidade humana diante da dependência.

Viu-se recentemente, nas Filipinas, um exemplo emblemático de um desses antagonismos apontados acima, em que o ex-presidente Duterte foi preso por ordem da Corte Penal Internacional em virtude de sua política de guerra às drogas, conhecida pela tolerância zero tanto a traficantes quanto a usuários. Já detido em Haia, na Holanda, onde aguarda julgamento, foi recentemente eleito prefeito da metrópole de Davao, prova da popularidade da mesma política que o levou aos problemas com a justiça.

No outro extremo, há quem ainda minimize os efeitos da maconha e defenda a legalização. No entanto, é preciso levar em conta que os traficantes intensificam sua potência, elevando a concentração de THC (tetrahidrocanabinol, o principal componente psicoativo da planta) de 4% nos, anos 1980, para até 30% atualmente. Como consequência, os efeitos psicológicos, físicos e cognitivos são bem mais danosos, mesmo para usuários casuais ou de fim de semana.

Ademais, são vários os estudos sobre os efeitos deletérios da maconha, inclusive publicados em revistas conceituadas de psiquiatria e medicina (como a The Lancet britânica, fundada em 1823). E há diversos experimentos que comparam grupos de jovens usuários a grupos de não usuários da cannabis a longo prazo e mostram que usuários têm até 50% mais chances de desenvolver psicoses, depressão e ideação suicida.

E não há como ignorar que a cannabis pode ser porta de entrada para opioides mais perigosos, como crack, cocaína, heroína, fentanil, ecstasy e LSD. Nos EUA, a overdose já é uma das principais causa mortis entre pessoas de 18 a 45 anos. O consumo de fentanil (opioide sintético 70 vezes mais potente que a morfina), por exemplo, avança a cada ano.

Um esforço coletivo

Percorreu-se um espinhoso caminho na busca da redução dos danos causados pelo consumo de bebidas alcoólicas, tabaco e drogas ilícitas. Embora eivados de preconceitos e tabus, é indispensável o combate com estratégia e vigor aos tentáculos crescentes das redes de narcotráfico, que já é o maior empregador em muitos municípios do Amazonas. Um órgão da ONU estima que, em 2020, foram produzidas duas mil toneladas de cocaína nos países andinos, com rotas que passam pelas facções criminosas brasileiras rumo à Europa, África e Ásia. Ou seja, carga para 66 carretas. Ao mesmo tempo, e tão importante quanto, as políticas de conscientização, prevenção e tratamento da dependência química precisam de investimento, esforço e persistência.

Os desafios são enormes e não cabe apenas ao governo enfrentá-los. É imprescindível que toda a sociedade — famílias, escolas, mídia e ciência — se mobilize para dar mais luz ao problema.

Haja luz! Fiat lux! Frase do Gênesis, quando o Criador separa a luz das trevas. É uma das expressões mais icônicas da Bíblia, simbolizando clareza, conhecimento e ordem emergindo do caos.

Jacir J. Venturi foi professor da Educação Básica e das Universidade UFPR, PUCPR, Positivo, diretor de escola, pai de três filhos e avô de quatro netos.

PENSAMENTOS

- "Nem o amor, nem os verdadeiros desencontros – nem mesmo os mais profundos – são fruto do acaso. Há algo misterioso que os reserva para nós. É surpreendente como, entre as multidões que habitam o mundo, cruzamos justamente com aqueles que parecem guardar as tábuas do nosso destino. Como se fôssemos parte de uma sociedade secreta, ou personagens de um mesmo capítulo, escritos na mesma página. Nunca soube se os reconhecemos porque já os buscávamos, ou se os buscamos porque já bordavam os contornos do nosso destino."

  Ernesto Sábato (1911-2011), escritor argentino, físico nuclear de sucesso. Para muitos Sábato está para a Argentina assim como Neruda está para o Chile. Há milênios, pensadores nos levantam dúvidas existenciais: somos autores do nosso próprio destino ou apenas peças num tabuleiro cósmico movido pelo acaso? Quanto do nosso livre arbítrio define a nossa vida?

- "A diferença ente os humanos e os animais, é que os últimos nunca permitem que um estúpido lidere a manada."

  Citação frequentemente atribuída a Winston Churchill (1874-1965), porém não há fontes que confirmem essa autoria.

- "Um viva muito especial às mulheres que colorem nossas vidas com afeto e presença. Elas têm a nobre missão de nos acalmar quando estamos irritados – e o legítimo direito de nos deixar irritados quando estamos calmos."

  Jacir J. Venturi, (n.1949), professor e gestor escolar, em tirada carinhosa, com bastante humor.

Sogra: um estereótipo universal. Mas existe sogra boa?

Do autor, publicado em vários jornais.

No imaginário popular, a figura da sogra é frequentemente envolta em conotações pejorativas, protagonizando anedotas, tiradas jocosas ou desdenhosas. No entanto, essas brincadeiras geralmente têm o intuito de entreter, de zoar sem malícia. Afinal, como bem disse o poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321): "O riso aproxima o homem de Deus."

O pesquisador Luís da Câmara Cascudo destaca que o estigma da sogra é universal, atravessando culturas e línguas, desde os tempos dos antigos gregos

e romanos até os dias atuais. Mas existe sogra boa? Claro que existe! É a sogra da minha mulher! A resposta a essa pergunta é o ponto de partida para muitas tiradas hilárias.

Somos em sete irmãos e, muitas vezes, questionávamos nossa mãe, Dona Otília: — A mãe sempre dá razão para o genro ou para a nora! Com sabedoria, ela respondia: — Eu posso brigar com um filho hoje e amanhã estaremos bem. Mas, se eu brigar com um genro ou uma nora, pode levar anos para nos reconciliarmos.

Apesar das piadas e do folclore que envolvem a figura da sogra, vale lembrar que muitas delas desempenham um papel essencial na manutenção dos laços familiares, oferecendo suporte e conselhos em momentos difíceis. Assim como em qualquer relação, o afeto, o respeito e o diálogo são fundamentais para construir vínculos que superem os estereótipos. Afinal, por trás de toda sogra há uma mãe que estende seu amor além dos próprios filhos, acolhendo noras e genros como parte da família. Noras e genros que ela não escolheu!

Dia da Sogra

Comemorado anualmente em 28 de abril, o Dia da Sogra foi instituído em 1957 pelo presidente Juscelino Kubitschek, coincidindo com um período em que funcionários públicos enfrentavam atrasos salariais e recorriam à ajuda das sogrinhas para sobreviver.

Chistes populares e piadas

Ao longo dos tempos, a sabedoria popular eternizou diversas frases jocosas sobre sogras:

- Minha sogra quer ensinar a educar meus filhos. Se ela fosse boa nisso, eu não teria o marido que tenho.
- Sogra não deve morar tão perto que possa vir de pantufas, nem tão longe que precise desembarcar com malas.
- Qual a punição por bigamia? Duas sogras!
- Nunca tenha uma sogra chamada Esperança, porque ela é a última que morre.
- Sogra é como mandioca: quanto mais enterrada, melhor.
- Como se escreve "sogra" em russo? Sóestrova.

Histórias pessoais e boas risadas

Minha sogra Zuleika, já falecida, morava no Mato Grosso do Sul e muito nos ajudou na criação de nossos três filhos. Mulher sagaz, carismática e bonita, com quem tivemos uma convivência intensa e prazerosa, costumava me chamar de genro predileto. Um dia, ao desconfiar que dizia o mesmo ao outro genro, resolvi retribuir o elogio chamando-a de "sogra predileta", mas, apesar de usar da mesma lógica, não me saí bem...

Outra "falha semântica" minha aconteceu ao tentar elogiar a feijoada da minha esposa: — Casei-me com sua filha por causa da feijoada! Sem perder tempo, ela sacou uma resposta genial: — Ah, não sabia que "a feijoada" mudou de nome!

Encerrando com humor: "A fila dos esperançados"

Era um enterro inusitado: na frente um caixão e, ao lado, um senhor conduzindo um cachorro pela coleira, seguidos por uma fila de mais de 100 pessoas. Passando de automóvel, um motorista, intrigado com a cena, perguntou ao dono do cachorro:

- Perdoe-me senhor, mas quem faleceu?
- Minha sogra.
- E como isso aconteceu?
- Foi mordida por este cachorro.
- Quer vender o cachorro?
- Bom... só se entrar na fila.

Jacir J. Venturi, diretor de escolas e professor. Autor dos livros "Da Sabedoria Clássica à Popular" (em dois volumes); "Cônicas e Quádricas"; "Álgebra Vetorial e Geometria Analítica"

PENSAMENTOS

- "O único tirano que aceito neste mundo é a voz silenciosa dentro de mim, a consciência."
  Mahatma Gandhi (1869-1948), pacifista indiano

- Tão essencial quanto o esforço físico, todo esforço mental fortalece as conexões neurais, importantes para o nosso bem-estar e para afastar doenças degenerativas.
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

- Na escola da vida, onde estamos matriculados desde o nascimento sem que nos perguntem, não há férias nem intervalos: aprendemos todos os dias — mais pelas dores que nos moldam do que pelos amores que nos acariciam.

  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

1962 — A Copa menos lembrada. Não para este menino de Pastagem!

Do autor, publicado em HojePR e em outros jornais

Junho de 1962. Dia de matar porco na pequena vila de Pastagem (SC), evento que mobilizava a família inteira e metade da vizinhança. Água fervendo para raspar o couro, vísceras separadas para virar sabão, cortes nobres reservados ao escambo com os vizinhos... Geladeira era luxo de cidade grande!

Os melhores pedaços, já cozidos, iam para latas de banha, nosso "freezer rural". No fim do dia, ainda sobrava disposição para lançar no tacho escaldante os nacos de carne com pele destinados ao tradicional torresmo. Depois, a carne era moída e embutida nas tripas do próprio animal, dando início ao preparo da linguiça que seguiria para a chaminé de defumação.

Mas, às 14h, em meio àquele ritual quase medieval, acontecia algo novidadeiro em minha vida: Brasil x Chile, semifinal da Copa de 1962. O Chile era o anfitrião daquela Copa, Pelé estava lesionado, e eu, aos 12 anos, tentava conciliar a lida com a curiosidade despertada por um rádio Semp tratado como joia de família. Pela precariedade da época, encontrar uma extensão com mais de cem metros para levar energia até o aparelho foi uma tarefa hercúlea. Pedi ao meu pai, que detestava futebol com fervor quase religioso, que o ligasse. Ele resmungou: "Escuta, mas trabalha."

O locutor se esgoelava. E o jogo parecia ter um único protagonista: Garrincha. Garrincha endiabrado.

Resultado: Brasil 4 x 2 Chile. Dois gols dele, uma assistência para Vavá e uma atuação inesquecível. Eu seguia no serviço, tentando acompanhar o ritmo da lida com o porco já esquartejado, enquanto vibrava por dentro. No dia seguinte, o jornal santiaguino El Mercurio estampou a manchete que atravessaria o tempo: "¿De qué planeta es usted, Garrincha?"

O Brasil seria bicampeão mundial, talvez a Copa menos celebrada e menos presente no imaginário popular entre os nossos cinco títulos. Como bem escreveu o Jorn. André, do HojePR, ao me fazer o convite para escrever sobre " Qual foi sua Copa inesquecível":

"A Copa do Mundo é feita de gols, títulos e grandes personagens, mas também de lembranças que atravessam gerações e marcam a vida de cada torcedor por meio de emoções, histórias familiares, celebrações ou até frustrações." Para mim, porém, entre cheiro de banha quente, rádio chiando e o menino ali olhando para o pai que fingia não ouvir nada do rádio, foi a mais marcante de todas.

Há memórias que não dependem de estádios nem de megashows, mas das circunstâncias, do cenário que cerca os acontecimentos, dos detalhes que o tempo preserva – como aqueles vividos por um menino que nunca tinha ouvido uma partida de futebol pelo rádio. Coração é terra que ninguém pisa.

Jacir J. Venturi, nascido em Pastagem, então distrito de Rio do Sul (SC), hoje município de Agronômica. Vim para Curitiba aos 17 anos.

PENSAMENTOS

- "O pessimista transforma desafios em problemas. O otimista transforma problemas em desafios."
  Rupert Murdoch (n.1931), empresário australiano-americano, conhecido por construir um dos maiores impérios da mídia no mundo.

- Minhas atitudes são mais eloquentes que minhas palavras.
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

- Metaforicamente, podemos dizer que nosso DNA traz um gene da transcendentalidade: uma disposição humana de ultrapassar não apenas os limites do mundo físico, mas também os da própria consciência, buscando sentido e propósito em nossas vidas.
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

Tutancâmon, maldição e morte – viagem ao Egito (out/25)

Do autor, artigo publicado em diversos jornais.

Tutancâmon desperta fascínio universal, sendo um ícone do esplendor faraônico, envolto em lendas e mistérios. Durante a nossa viagem de nove dias ao Egito, visitamos os principais pontos turísticos, de norte ao sul, sob um sol escaldante e caminhando sobre a areia desértica. Visitamos a tumba de Tutancâmon no Vale do Reis, em Luxor, bem como os três principais museus do Cairo (que exibem os principais tesouros encontrados no interior da tumba).

A morte de Tutancâmon

Tutancâmon assumiu o trono egípcio aos nove anos e morreu apenas 10 anos depois, aos 19, por volta de 1323 a.C. Durante décadas, especulou-se que teria sido assassinado, hipótese atualmente bastante contestada, mantendo a morte dele como um dos grandes enigmas da arqueologia. A teoria mais aceita atualmente, com base em tomografias e testes de DNA realizados em sua múmia, aponta que o jovem faraó teria contraído malária, agravada por uma infecção generalizada (septicemia) causada por uma fratura na perna esquerda.

Tutancâmon era filho do faraó Akhenaton com sua própria irmã, o que resultou em alta consanguinidade e diversas deformações físicas, com a presença de múltiplas muletas em sua tumba reforçando essa condição debilitada. Casou-se com sua meia-irmã, com quem teve duas filhas, porém ambas natimortas.

A tumba de Tutancâmon foi encontrada em 1922, numa montanha desértica denominada Vale dos Reis, perto de Luxor, após cinco anos de buscas aleatórias lideradas arqueólogo britânico Howard Carter. Os corpos mumificados dos faraós eram levados através de corredores escavados (muitos deles com mais de 100 m). As entradas eram rigorosamente tampadas, para evitar que os túmulos fossem saqueados. A ação dos ventos, por milênios, fez com que as dunas se movessem, por isso descobrir um desses túmulos é encontrar uma agulha no palheiro. Diferentemente de outras tumbas saqueadas ao longo dos séculos

e milênios, a de Tutancâmon estava praticamente intacta: um verdadeiro tesouro arqueológico que revelou ao mundo o esplendor do Egito Antigo. Tudo o que o faraó precisaria para a vida eterna estava junto de seu corpo mumificado. No caso de Tutancâmon, eram mais de cinco mil artefatos, desde alimentos a tesouros valiosíssimos.

Tutancâmon restaurou a ordem religiosa e social

Akhenaton, pai de Tutancâmon, promoveu uma revolução religiosa ao substituir o tradicional panteão de muitos deuses pelo culto exclusivo ao deus solar Aton: implantou o monoteísmo, uma mudança que não foi apenas espiritual, mas também política, pois enfraqueceu o poder dos sacerdotes, centralizando, assim, a autoridade religiosa no faraó.

Com a morte do pai, o novo rei, ainda menino e por influência de conselheiros e da elite sacerdotal, reverteu as reformas religiosas, restaurou o culto aos deuses tradicionais (especialmente Amon) e restabeleceu Tebas (atualmente Luxor) como capital, pacificando a elite religiosa e política, que havia sido marginalizada por Akhenaton.

Essa tentativa de transformação religiosa foi uma das mais radicais da história egípcia, mas durou pouco, aproximadamente 17 anos, e foi amplamente apagada pelos sucessores, que chegaram a chamar Akhenaton de "faraó herege" nos registros oficiais em hieróglifos.

Maldição de Tutancâmon

Um dos mistérios mais fascinantes que cercam essa descoberta é a chamada Maldição do Faraó, que, segundo relatos, estava inscrita numa pedra de argila encontrada na antecâmara da tumba, advertindo: "A morte atacará aqueles que perturbarem o repouso do faraó."

A superstição ganhou força quando, nos anos seguintes à abertura da tumba, das 26 pessoas envolvidas na expedição seis morreram, incluindo Lord Carnarvon, o financiador da missão, que faleceu poucos meses depois, acometido por uma infecção misteriosa.

Estudos atuais sugerem que essas mortes podem ter sido causadas por fungos e bactérias selados na tumba por mais de três milênios, organismos potencialmente letais ao entrarem em contato com o sistema imunológico humano.

Dois famosos personagens

Tal como Tutancâmon, é impossível falar do Egito sem fazer referência à Cleópatra, ambos separados por aproximadamente 1.300 anos. Cleópatra VII viveu em Alexandria, Egito, onde nasceu em 69 a.C. e morreu em 30 a.C., aos 39 anos. Ela foi a última governante

ativa da dinastia ptolomaica, descendente de Ptolomeu I, um general de Alexandre, o Grande. Embora fosse de origem greco-macedônica, Cleópatra foi a única de sua dinastia a aprender a língua egípcia, o que reforça seu vínculo com o povo egípcio, tendo vivido numa época áurea da tão decantada Biblioteca de Alexandria, assunto para um de nossos próximos artigos.

Jacir J. Venturi, num breve relato de uma viagem ao Egito de norte ao sul, ou seja, desde Alexandria até Assuã e Abu Simbel, por nove dias em outubro de 2025. Obs.: Relativamente ao texto acima sobre Tutancâmon, apresento 7 fotos de nossa visita ao Vale dos Reis e aos 3 museus, neste link: https://www.geometriaanalitica.com.br/fotos-egito-out25

PENSAMENTOS

- "Eliminação da miséria é o desafio ético do nosso tempo. É esta a fronteira civilizatória, assim como foi, no século 19, o fim da escravidão."
  Fernando Schüller (n. 1965), pós-doutor na Universidade de Columbia, diretor do Insper, articulista do Estadão, da Folha de São Paulo e da Veja. Foi Secretário de Estado do Rio Grande do Sul.

- Há muitos anos abandonei a pretensão de ter uma vida boa ou uma vida feliz. Desde então, minha busca é outra: construir uma vida interessante — aquela que me desafia, me inquieta e me faz seguir adiante.
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

- "A inteligência é a capacidade de se adaptar à mudança."
  Stephen Hawking (1942–2018), físico teórico britânico, cosmólogo, autor de livros bem vendidos, professor emérito da Universidade de Cambridge. Tornou-se mundialmente conhecido tanto por seu trabalho científico quanto pela forma como enfrentou a esclerose lateral amiotrófica (ELA), doença degenerativa diagnosticada aos 21 anos, que o levou à tetraplegia progressiva. Mesmo assim, continuou produzindo ciência de ponta por mais de cinco décadas. Nessa frase, Hawking destaca a flexibilidade como um fator determinante para o sucesso. É necessário se adaptar a um mundo de grandes mudanças e mudanças rápidas. É a inteligência adaptativa.

A nova Biblioteca de Alexandria: a Fênix do Saber

Do autor, artigo publicado na Gazeta do Povo, no Estadão, no HojePR e em outros jornais.

Após visita recente ao Egito, em outubro de 2025, compartilho reflexões sobre como a nova Biblioteca de Alexandria, no Egito, às margens do Mar Mediterrâneo, se tornou um monumento à diversidade cultural, à memória das ciências e à esperança de um mundo mais tolerante, uma vez que a destruição da sua antiga versão talvez tenha representado o maior crime contra o saber em toda a história da humanidade. Dedicamos aproximadamente três horas à visita ao suntuoso edifício, concluído em 2002, e atualmente abriga cerca de quatro milhões de livros, além de milhares de manuscritos e mapas, ao custo de 220 milhões de dólares, boa parte financiado por um consórcio de 30 países, sob iniciativa da UNESCO. No granito do frontispício da face sul, foram gravados letras e símbolos de todos os alfabetos das civilizações antigas e modernas, como um tributo à diversidade linguística e cultural.

Porém, mais do que o acervo e a suntuosidade, o soerguimento da nova Biblioteca enseja um emblemático simbolismo histórico ao literalmente ressurgir das cinzas da antiga construção, tal qual a fênix da mitologia grega, inspirada, por sua vez, na mitologia egípcia, mais especificamente na ave Bennu, (que, segundo a tradição, vivia cerca de 500 anos, construía um ninho aromático, incinerava-se e renascia das próprias cinzas). Essa crença remonta ao período faraônico e representa a alma de Amon-Rá, a divindade suprema associada ao Sol e ao seu ciclo eterno de nascer, morrer e renascer.

Alexandria, capital do Egito por quase mil anos, foi fundada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C., durante sua campanha militar na região. O conquistador esteve pessoalmente no local e escolheu a posição estratégica da cidade, planejada como um centro militar e comercial que conectaria o Egito ao mundo helênico e protegeria o delta do Nilo. Alexandria reinou quase absoluta como o centro da cultura mundial do século III a.C. ao século IV d.C. A célebre Biblioteca de Alexandria reunia praticamente todo o saber da Antiguidade, como uma espécie de internet daquele longínquo tempo, com um acervo estimado em mais de 500 mil documentos, entre papiros e pergaminhos, fazendo jus ao seu lema ambicioso: “adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra”.

A Biblioteca dispunha de uma enorme estrutura, com dormitórios, refeitórios, salas de aula e espaços destinados à pesquisa. Os navios que partiam do porto de Alexandria tinham a nobre missão de retornar com manuscritos produzidos por gregos, egípcios, romanos, hebreus, persas, assírios, entre outros povos. Era frequentada pelos mais eminentes sábios, poetas e matemáticos da época. Foi lá que se realizou a primeira tradução do Antigo Testamento, do hebraico para o grego. Notável foi o feito de Euclides (c. 325 – c. 265 a.C.), que, neste templo do saber, fundou a Escola de Matemática e escreveu Os Elementos, o mais reverenciado compêndio de Matemática de todos os tempos, com mais de mil edições desde o advento da imprensa (a primeira foi publicada em Veneza, em 1482), perdendo apenas para a Bíblia em número de edições.

A Biblioteca de Alexandria aproximava-se, também, do que atualmente entendemos por universidade. É oportuno, nesse sentido, o depoimento do insigne Carl B. Boyer, em A História da Matemática: "A Universidade de Alexandria evidentemente não diferia muito de instituições modernas de cultura superior. Parte dos professores provavelmente se notabilizou na pesquisa, outros eram melhores como administradores e outros ainda eram conhecidos pela capacidade de ensinar."

O ocaso da Biblioteca foi causado por uma combinação de fatores ao longo de séculos: incêndios, intolerância religiosa e um devastador terremoto em 365 d.C., ou seja, uma sucessão de episódios que culminaram em sua gradual extinção. Em 48 a.C., ao envolver-se no conflito entre Cleópatra e seu irmão Ptolomeu XIII, o imperador Júlio César, à frente de quatro mil legionários, incendiou a esquadra egípcia ancorada no porto de Alexandria, cujo fogo teria se alastrado e atingido parte do acervo da Biblioteca.

Mais tarde, após o imperador Teodósio decretar a proibição das religiões pagãs, o bispo Teófilo, Patriarca de Alexandria entre 385 e 412 d.C., determinou a queima de todas as seções que contrariavam a doutrina cristã. Por volta de 640 d.C., o califa Omar ordenou que todos os livros da Biblioteca fossem destruídos pelo fogo, sob o argumento de que "ou os livros contêm o que está no Alcorão e são desnecessários, ou contêm o oposto e não devemos lê-los".

Se é inexorável a marcha do aprimoramento científico, artístico e até humano, continuamos, no entanto, convivendo com os mesmos fatores que des-

truíram a antiga Biblioteca: o belicismo e a intolerância religiosa. Bom seria se todos entendessem que o mundo é diverso, mas não adverso.

Jacir J. Venturi, num breve relato da nova Biblioteca de Alexandria, registrou impressões de uma viagem ao Egito, de norte a sul (de Alexandria até Assuã e Abu Simbel), realizada ao longo de nove dias, em outubro de 2025, na aprazível companhia de familiares

PENSAMENTOS

- "Grandes almas sempre encontram forte oposição de mentes medíocres."
  Albert Einstein (1879-1955), cientista alemão.

- Desapegue-se de pessoas que o puxam para baixo; só assim a subida se torna mais leve.
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

- "No Brasil, o Executivo carrega a responsabilidade sem deter o Poder; o Legislativo concentra o poder sem assumir a responsabilidade."
  Roberto Campos (1917-2001), economista, diplomata, professor, escritor e político brasileiro, considerado um dos maiores defensores do liberalismo econômico no Brasil no século XX. A frase sintetiza uma crítica de Roberto Campos ao funcionamento institucional brasileiro, especialmente à dissociação entre poder e responsabilidade. Essa crítica se inseria em uma avaliação mais ampla de Campos sobre a Constituição de 1988, que, segundo ele, teria dado grande ênfase à ampliação de direitos e pouca atenção à produtividade e à eficiência. Como ilustração dessa percepção, costumava destacar que a palavra "produtividade" aparece uma vez no texto constitucional, "eficiência", duas vezes, enquanto "direitos" aparece 76 vezes.

Grandes gênios eternizados na Biblioteca de Alexandria

Do autor, artigo publicado na Gazeta do Povo, no Estadão, no HojePR e em outros jornais.

A Biblioteca de Alexandria, erguida às margens do Mediterrâneo no século III a.C., tornou-se o mais célebre centro de saber da Antiguidade. Reunia dezenas de milhares de rolos de papiros e pergaminhos — alguns relatos falam em centenas de milhares — e tinha como ambição reunir todo o conhecimento produzido pelo ser humano. Era frequentada por sábios, filósofos, poetas e matemáticos que muito contribuíram para moldar o pensamento clássico helenístico.

Esse templo do saber aproximava-se notavelmente do que atualmente entendemos por uma universidade. O corpo administrativo era composto de

gestores, pesquisadores e docentes, além de uma ampla estrutura, distribuída em dormitórios, refeitórios, salas de aula e espaços dedicados à investigação. Os copistas, altamente valorizados, eram incumbidos de reproduzir e preservar os manuscritos que transmitiam o saber da época. Por sua organização e influência, faz sentido considerá-la como a primeira universidade da história.

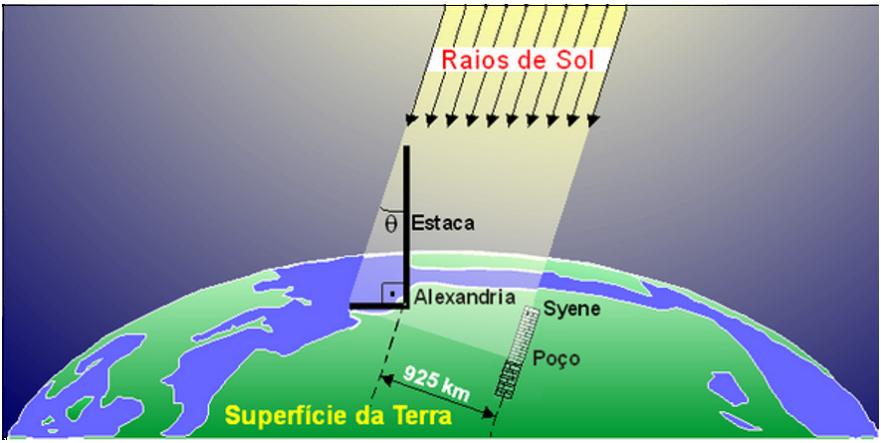
A destruição da Biblioteca, ocorrida ao longo dos séculos, representou uma das maiores perdas culturais da humanidade. Ptolomeu I, general e sucessor de Alexandre Magno, que reinou no Egito, esteve associado à fundação da Biblioteca e teria trazido Euclides de Atenas para Alexandria. Foi ali, por volta de 300 a.C., que o mestre produziu sua obra monumental, Os Elementos, um compêndio considerado por George Simmons como o livro de maior influência sobre a mente humana depois da Bíblia, atravessando milênios em mais de mil edições desde a invenção da imprensa.

Euclides distinguiu-se pela clareza didática e pela rara habilidade de sistematizar e axiomatizar o pensamento matemático. Conta-se que um exemplar em papiro de Os Elementos chegou às mãos de Ptolomeu I, esperançoso de compreender com facilidade os teoremas, axiomas e postulados. Ao desenrolá-lo, o rei teria perguntado a Euclides se não haveria um caminho mais suave para aprender Geometria. Lacônico, o sábio respondeu: "Majestade, não há estrada real para a Geometria". Assim, a lição permanece: o aprendizado matemático não é florido nem pavimentado; é árido e pedregoso, exigindo disciplina e esforço pessoal.

Aplicando princípios geométricos simples de proporção entre ângulos e arcos da circunferência, Eratóstenes (matemático, astrônomo, geógrafo, poeta e então diretor da Biblioteca) demonstrou, por volta de 250 a.C., a esfericidade da Terra e calculou, com engenhosidade e notável precisão para época, o perímetro do planeta. Em um dos rolos de papiro, encontrou o registro de que, na cidade de Assuã — chamada Syene na Antiguidade —, ao meio-dia do solstício de verão (21 de junho, o dia mais longo do ano no Hemisfério Norte), o Sol ficava exatamente a pino, iluminando as águas profundas de um poço. Entretanto, o geômetra observou que, no mesmo dia e horário, as colunas verticais da cidade de Alexandria projetavam uma sombra perfeitamente mensurável.

No solstício seguinte, Eratóstenes mandou instalar uma grande estaca em Alexandria. Ao meio-dia, enquanto o Sol iluminava as profundezas do poço em

Syene (formando um ângulo de 90° com a superfície da Terra), ele simultaneamente mediu em Alexandria o ângulo da sombra (= 7,2°), equivalente a 1/50 de uma circunferência completa. Concluiu, portanto, que o comprimento do meridiano terrestre deveria corresponder a 50 vezes a distância entre Alexandria e Syene.



Com base nesses cálculos, Eratóstenes estimou que o perímetro da Terra seria de aproximadamente 46.250 km. Embora hoje saibamos que a medida correta é 40.075 km, um erro de cerca de 15% (elevado para os padrões atuais) torna-se plenamente compreensível diante dos métodos rudimentares de medição da época. Além disso, duas outras razões contribuíram para essa diferença: 1) as duas cidades não se encontram exatamente no mesmo meridiano (há cerca de 3° de diferença); 2) a distância entre elas era estimada por meios bastante imprecisos, o que influenciou significativamente o resultado.

Eratóstenes não alcançou o posto de maioral em matemática, razão pela qual recebeu a alcunha de "Beta" (a segunda letra do alfabeto grego), título que reconhecia seu valor, mas insinuava a existência de um "Alfa" acima dele. Aos 82 anos, já cego e consciente do ocaso da vida, recusou-se a alimentar-se e morreu de inanição. Contemporâneo de Eratóstenes e celebrado pelos antigos com o epíteto de "Grande Geômetra", Apolônio de Perga (c. 262–190 a.C.) também lecionou em Alexandria. Seu tratado As Cônicas, composto de oito livros — dos quais sete chegaram até nós — exerceu profunda influência sobre Ptolomeu, Newton, Kepler e Galileu. A propósito, Leibniz observou com pro-

priedade: “Quem entende Arquimedes e Apolônio, admirará menos as realizações dos homens mais célebres em épocas posteriores”.

Supõe-se que Arquimedes também tenha estudado, em sua juventude, na Biblioteca de Alexandria. Dotado de uma genialidade como físico e matemático comparável apenas à de Newton e de Einstein, retornou mais tarde a Siracusa, na Sicília (cidade que, em 212 a.C., seria tomada pelas legiões romanas, dando início a pilhagens e a uma sangrenta matança). Segundo uma das versões de sua morte, um soldado encontrou o sábio, então com 75 anos, absorto em traçar diagramas na areia, indiferente ao massacre ao redor. Interpelado, teria murmurado: “Não perturbes os meus círculos”. Enraivecido, o soldado o trespassou com a espada, e assim teriam sido pronunciadas as últimas palavras de Arquimedes.

Hiparco, por sua vez, considerado um dos maiores astrônomos da Antiguidade, atuou principalmente na Ilha de Rodes, onde instalou um observatório. Por volta de 135 a.C., elaborou o primeiro catálogo estelar conhecido, registrando cerca de 850 estrelas e classificando-as por magnitude aparente numa escala de 1 a 6. Dialogou intensamente com o ambiente intelectual helenístico e acredita-se que também estivesse ligado à Biblioteca de Alexandria.

Cláudio Ptolomeu (c. 100–170 d.C.), astrônomo, matemático e geógrafo, trabalhou na Biblioteca e deixou contribuições duradouras. Em sua obra Geographia, sistematizou o uso de coordenadas geográficas e métodos de projeção cartográfica, lançando bases para o sistema de latitude e longitude que seria aperfeiçoado séculos depois. Catalogou aproximadamente 6.000 localidades (cidades, rios e pontos de referência) e seus mapas influenciaram fortemente a cartografia medieval e renascentista. No século XV, após a circulação de traduções de sua obra, os mapas ptolomaicos tornaram-se referência para navegadores europeus, influenciando inclusive Cristóvão Colombo no planejamento de sua travessia rumo às Américas.

Neste artigo, concentrei-me em alguns dos grandes gênios que atuaram na Biblioteca de Alexandria, como Euclides, Eratóstenes, Apolônio de Perga, Hiparco e Cláudio Ptolomeu, figuras que se destacaram sobretudo nas áreas da Matemática e da Astronomia. É evidente, contudo, que a célebre instituição abrigou também médicos, poetas, historiadores e artistas, cujas contribuições foram igualmente notáveis. A opção por privilegiar o campo matemático não

pretende reduzir a riqueza da Biblioteca, mas oferecer um recorte temático que evidencia como, por meio da ciência dos números e das formas, ergueram-se pilares fundamentais para o desenvolvimento do pensamento humano. E, em reverência a tantos gênios que nos antecederam, cabem as palavras de Isaac Newton (1643–1727): "Se pude enxergar mais longe, foi porque me apoiei sobre ombros de gigantes".

A História das Ciências revela que formulações inicialmente frágeis e difusas percorrem um longo e árduo caminho até alcançar plena maturidade. A cada geração, novos degraus se erguem sobre a estrutura anterior e, assim, a humanidade avança, passo a passo, na construção do conhecimento. Nos dias atuais, contudo, proliferam versões fantasiosas e inverdades revestidas de forte apelo emocional, muitas vezes associadas a valores positivos, razão pela qual raramente suspeitamos de sua inverossimilhança. Ao redigir este artigo, mesmo apoiado em fontes confiáveis, deparei-me com relatos divergentes. Portanto, é possível que o leitor encontre narrativas distintas das aqui apresentadas, reflexo da complexidade e da riqueza da tradição histórica, sempre marcada por múltiplas vozes, interpretações e perspectivas.

Jacir J. Venturi, diretor de escola, professor da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Este artigo complementa dois outros a respeito de breves relatos e de impressões de uma viagem ao Egito, de norte a sul (de Alexandria até Assuã e Abu Simbel), realizada ao longo de nove dias, em outubro de 2025, na aprazível companhia de familiares. Dedicamos um dia inteiro à cidade de Alexandria, tendo visitado, durante 3 horas, o recinto da Nova Biblioteca de Alexandria, concluída em 2002, às margens do Mediterrâneo, supostamente no mesmo local da Antiga Biblioteca.

PENSAMENTOS

- "Há duas fontes perenes de alegria pura: o bem realizado e o dever cumprido."
  Eduardo Henrique Girão (1882-1961), professor de Direito, político e escritor

- À medida que envelhecemos, não há como não ter um olhar retrospectivo de nossas vidas. Se desejo envelhecer bem, preciso cultivar boas lembranças e, sobretudo, adquirir a sabedoria de aceitar minha desimportância crescente — não para mim, mas para o mundo ao re-

dor. Para os 60+, uma lição silenciosa se impõe: a cada ano nos tornamos um pouco mais invisíveis. Por isso, é sábio e libertador acolher essa gradual retirada de cena.

Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

- "Que eu tenha paz para seguir em frente, sabedoria para corrigir meus defeitos, inteligência para fazer boas escolhas, compaixão para me colocar no lugar dos que sofrem, e principalmente que eu tenha força e amor suficiente para continuar lutando. Se a vida tem sentido, que eu o encontre na bondade humana e não no medo do castigo."

  Arthur Schopenhauer (1788-1860), foi um dos filósofos mais influentes do século XIX, conhecido por seu pessimismo metafísico e pela ideia de que a vontade é a essência de toda realidade. Schopenhauer nos lembra que a mais elevada expressão moral da vida é a compaixão. Ela surge quando o nosso ego, por um instante, se dissolve, permitindo que percebamos o sofrimento do outro como algo que também nos toca. Nesse breve apagamento da vontade individual, reconhecemos no outro a mesma essência que habita em nós — e é justamente essa percepção que rompe o individualismo exacerbado e enfraquece o egoísmo.

Como o Brasil entrou na 2ª Guerra Mundial: pressões, decisões e narrativas

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, HojePR e diversos outros jornais

Em maio de 2026, fizemos uma viagem diferente, daquelas que não servem apenas para conhecer novos lugares, mas para reencontrar um pedaço essencial da nossa história familiar. Atravessamos o oceano seguindo as pegadas de 25.334 pracinhas que cruzaram o Atlântico para enfrentar o nazifascismo. Nosso pai estava entre eles.

Voltamos aos mesmos vales, montanhas e estradas onde os pracinhas caminharam, temeram, sofreram e perseveraram. Ali, onde tantos viram a face mais dura e cruel da humanidade, queremos revelar também o outro lado, pois, em meio à dor e à crueldade da guerra, havia gestos de solidariedade e irmandade. No frio gélido das montanhas italianas, havia um calor humano que salvava vidas e sustentava esperanças.

É essa história, dura, mas profundamente humana, que queremos resgatar, ainda que parcial e modestamente, por meio de uma série de três artigos

sobre a trajetória dos nossos pracinhas, desde a partida, em 2 de julho de 1944, no Rio de Janeiro, até 8 de maio de 1945, o Dia da Vitória. Uma jornada que merece ser lembrada e jamais esquecida.

Em dezembro de 1941, o ataque japonês a Pearl Harbor, talvez um dos maiores erros de cálculo estratégico daquele conflito, precipitou a entrada oficial dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. A ofensiva, concebida para neutralizar a frota norte-americana no Pacífico, produziu o efeito inverso: unificou a opinião pública do país, mobilizou a capacidade industrial dos Estados Unidos e consolidou a adesão do governo ao bloco dos Aliados, ao lado do Reino Unido e da União Soviética, contra o Eixo, liderado por Alemanha, Itália e Japão.

Enquanto isso, no Brasil, assim como em muitos outros países, o governo de Getúlio Vargas mantinha naquele momento uma posição calculadamente ambígua. Parte do alto escalão do Estado Novo e de setores das comunidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (com forte presença de imigrantes alemães e italianos) demonstravam simpatia pelo nazismo e pelo fascismo.

Tomar partido na guerra, no início do conflito, implicava escolhas difíceis, pois, no plano ideológico, a imagem de um Estado forte, coeso e próspero, como defendia o nazifascismo, encontrava eco em diferentes sociedades. Além disso, a indústria alemã era bastante robusta, e o Brasil, eternamente em desenvolvimento, importava da Alemanha uma grande quantidade de ferramentas e máquinas.

Ademais, pouco se sabia, naquele momento, sobre a real extensão das barbáries nazistas, muitas das quais só viriam à tona anos depois. A circulação de informações praticamente restringia-se ao jornal impresso e ao rádio, frequentemente submetidos ao controle estatal, como evidenciava a poderosa máquina de propaganda conduzida por Joseph Goebbels. Somava-se a isso um cálculo pragmático: alinhar-se ao lado posteriormente derrotado poderia significar um futuro incerto para qualquer nação. A cautela, portanto, impunha-se.

Todavia, a ditadura varguista passou a enfrentar crescente pressão diplomática dos Estados Unidos e do Reino Unido, que chegaram a bloquear navios alemães em portos brasileiros. Os norte-americanos foram além: restringiram o fornecimento de petróleo e condicionaram o financiamento da Companhia Siderúrgica Nacional à cooperação militar do Brasil.

Ao mesmo tempo, o Itamaraty, sob a liderança firme de Osvaldo Aranha, atuava internamente em favor da aproximação com os Aliados, sustentando que o Brasil não poderia permanecer neutro diante da escalada do conflito. Circulavam rumores de que, caso Vargas insistisse na neutralidade, os Estados Unidos cogitariam ocupar áreas do Norte e Nordeste para garantir acesso à borracha e instalar uma base militar em Natal.

A Segunda Guerra também se caracterizou pela disputa por recursos estratégicos indispensáveis à sustentação da voraz máquina de guerra. O ataque japonês a Pearl Harbor esteve diretamente ligado ao estrangulamento econômico imposto pelos EUA, sobretudo após o embargo de petróleo de 1941. Privado de cerca de 80% de seu suprimento energético, o Japão encontrava-se diante de uma escolha dramática: recuar em sua política expansionista ou avançar, pela força, sobre o Sudeste Asiático, região rica em petróleo e matérias-primas.

Para viabilizar essa expansão, o alto comando japonês buscava neutralizar a Frota do Pacífico, que poderia interferir decisivamente na conquista das colônias britânicas, holandesas e espanholas. Nesse contexto, o ataque de 7 de dezembro de 1941 surgiu, na lógica estratégica japonesa, como uma arriscada ação preventiva destinada a ganhar tempo, embora, na prática, tenha se revelado um ponto de inflexão desfavorável aos japoneses.

Entre 1941 e 1943, a costa brasileira passou, de maneira crescente, a integrar uma guerra que até então parecia distante. Submarinos alemães e italianos começaram a torpedear embarcações nacionais, inclusive em mares distantes, resultando no afundamento de cerca de 32 navios mercantes e de passageiros, com a morte de aproximadamente 971 pessoas (importa esclarecer que o número de navios brasileiros afundados apresenta variações para mais ou para menos, conforme o critério adotado).

À época, circularam versões alternativas, algumas alimentadas por desinformação e por disputas políticas internas, sugerindo que submarinos norte-americanos poderiam ser os verdadeiros responsáveis pelos afundamentos, numa manobra destinada a precipitar a entrada do Brasil na guerra. Para corroborar esta tese, suscitava-se uma questão: não seriam contraproducentes ações diretas do Eixo, uma vez que tenderiam a provocar uma reação brasileira? Entretanto, a documentação atualmente disponível, à luz da historiografia contemporânea, tanto brasileira quanto alemã, indica de maneira consistente que os torpedeamentos foram, ao menos majoritariamente, se não na totalidade, perpetrados por submarinos do Eixo.

De todo modo, pressionado pelas manifestações populares que se seguiram e pela crescente assertividade da diplomacia norte-americana, Getúlio Vargas declarou, em 22 de agosto de 1942, o "estado de beligerância" contra a Alemanha e a Itália, marcando o abandono definitivo da neutralidade.

Aquele era também um momento em que o curso da guerra começava a dar sinais de inflexão. O mito da invencibilidade nazista revelava as primeiras fraturas: às portas de Moscou, no rigoroso inverno de 1941–1942, o Exército alemão sofrera sua primeira grande derrota diante do implacável contra-ataque soviético.

Em janeiro de 1943, Vargas e Franklin D. Roosevelt se encontraram em Natal (RN), na Conferência do Potengi, realizada a bordo de um encouraçado norte-americano ancorado na capital potiguar. Ali se consolidou o entendimento de que o Brasil enviaria um contingente para integrar o 5º Exército dos EUA na campanha da Itália. O país também garantiu o fornecimento de borracha e cedeu aos Estados Unidos uma área estratégica em Natal para a instalação de bases aérea e naval, que chegaram a abrigar cerca de 10 mil militares norte-americanos.

Roosevelt chegava diretamente da Conferência de Casablanca, no Marrocos, onde estivera com Winston Churchill, chefes militares britânicos e estadunidenses. Na ocasião, os Aliados definiram a estratégia para a invasão da Sicília e da Itália continental e anunciaram ao mundo que só aceitariam a rendição incondicional do Eixo. Enquanto isso, no Norte da África, as tropas ítalo-alemãs recuavam, e o equilíbrio estratégico da guerra passava a se alterar decisivamente.

O comando da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi confiado ao general João Baptista Mascarenhas de Moraes, que passou por capacitação em centros militares norte-americanos. Oficiais brasileiros foram enviados para treinamentos especializados em Fort Benning (infantaria) e Fort Sill (artilharia). Mascarenhas foi um líder disciplinado, responsável e profundamente comprometido com sua tropa — realista o bastante para reconhecer as deficiências do preparo militar brasileiro. Essa postura só aumentava a confiança que Getúlio depositava nele, justamente por ser um comandante sem ambições políticas e inteiramente dedicado à missão.

A preparação abrangia logística, guerra de montanha e coordenação com artilharia, blindados e aviação, com o objetivo de padronizar procedimentos e integrar a FEB ao sistema operacional do Exército dos EUA. Após o treinamento em Fort Sill, a artilharia brasileira tornou-se notavelmente eficiente, com uma precisão elogiada pelo comandante do 5º Exército, general Mark Clark, que chegou a classificá-la como first class.

Vargas obteve de Roosevelt o compromisso de fornecer armamentos às Forças Armadas brasileiras e empréstimos para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional. Ainda assim, havia ceticismo quanto à capacidade brasileira de atuar no conflito europeu. Daí o dito: "seria mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar". A resposta veio em forma de ironia: a FEB adotou como símbolo uma cobra fumando um cachimbo.

Criado em 1943, o 1º Grupo de Aviação de Caça (1º GAvCa), da Força Aérea Brasileira (FAB), levou à Itália um contingente de 374 militares, entre eles 48 pilotos encarregados de operar os robustos caças P-47 Thunderbolt. Ao longo da campanha, o grupo perdeu 16 das 28 aeronaves que utilizou no teatro de operações, um índice que revela a intensidade e o risco das missões de ataque ao solo que desempenhou em apoio direto às tropas aliadas. A atuação dos pilotos brasileiros, que adotaram o dístico "Senta a Pua!", foi decisiva em ações que contribuíram para o avanço aliado na Itália, consolidando o 1º GAvCa como um dos símbolos mais marcantes da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

O bordão "Senta a Pua" consolidou-se como um autêntico grito de guerra — significando "pra frente, vai ou racha". Ele nasceu da combinação entre humor, circunstâncias históricas e identidade de grupo, sem qualquer relação direta com a ave representada no emblema. O avestruz foi adotado porque, durante o treinamento e o traslado nos Estados Unidos, os pilotos brasileiros andavam sempre juntos e comiam praticamente qualquer coisa que encontravam pela frente, devido às dificuldades com o inglês e às diferenças da comida americana. A brincadeira de que eram "um bando de avestruzes" acabou virando caricatura e, depois, símbolo oficial. O próprio comandante reforçou o espírito bem-humorado ao dizer: "Vocês parecem um bando de avestruzes: andam sempre juntos e comem qualquer coisa." A piada ficou marcada entre os pilotos e ajudou a moldar a identidade da unidade.

Na primeira vez em que visitei o Museu do Expedicionário em Curitiba, nos anos 1980, fui acompanhado por nosso pai, que raramente falava da guerra. Caminhamos pelas salas, observando armas que ele conhecia não como objetos de exposição, mas como instrumentos de combate. Ele permaneceu em silêncio e apenas murmurou: "passamos muito medo e muito frio". Hoje entendo que talvez eu tenha cometido um equívoco ao levá-lo lá, pois o que eu via como heroísmo, ele sentia como peso que, talvez, desejasse deixar no passado.

Rubem Braga, correspondente de guerra, descreveu os pracinhas como soldados que, embora não tivessem recebido treinamento adequado, revelaram-se corajosos e resilientes. Enfrentaram um inimigo experiente, nevascas de –15 °C, terrenos minados e artilharia pesada. Ainda assim, adaptaram-se rapidamente e conquistaram respeito. Porém, durante décadas, a FEB foi injustamente retratada como tendo lutado em áreas "sem importância", mas pesquisas recentes demonstram o contrário.

Monte Castelo (nov/44–fev/45): batalha de montanha; após quatro ataques, os pracinhas foram decisivos na ofensiva final em 21/02/45. Montese (abril de 1945): batalha urbana sangrenta; ruptura da Linha Gótica. Collecchio–Fornovo: rendição da 148ª Divisão Alemã, com mais de 15 mil prisioneiros capturados.

A participação brasileira na Itália teve proporcionalmente um custo significativo: 457 soldados e oficiais da FEB morreram em combate, além de 8 pilotos da FAB, enquanto cerca de 3 mil feridos passaram pelos hospitais aliados. Em contrapartida, a FEB obteve um dos resultados mais expressivos entre os países que suplementaram as forças aliadas, capturando cerca de 20 mil prisioneiros em toda a campanha, entre eles 2 generais e cerca de 900 oficiais — um feito que impressionou até os comandos norte-americanos. E foi o único país sul-americano a participar deste conflito bélico.

Custo alto teve também a Itália, que estava muito ferida: cidades em ruínas, fome generalizada, frio extremo. Nesse cenário, nasceu um vínculo comovente entre brasileiros e italianos. Os pracinhas (chamados pelos locais de I brasiliani buoni e Liberatori, isto é, "bons brasileiros" e "libertadores") dividiam suas rações: pão, chocolate, café, cigarros.

Por determinação de Vargas, a FEB foi desmobilizada em setembro de 1945, ainda na Itália, uma decisão recebida com perplexidade, pois a tropa não

era apenas uma força militar, mas um grupo de homens unidos por vínculos de companheirismo e identidade coletiva, forjados sob fogo inimigo. Talvez essas mesmas características e o medo de suas consequências tenham motivado essa desmobilização, mas o tiro, porém, saiu pela culatra: a medida desgastou ainda mais o governo e alimentou o clima que culminaria na deposição de Vargas em outubro de 1945.

O retorno foi marcado por entusiasmo popular, mas indiferença institucional. Não houve suporte psicológico, profissional ou previdenciário adequado. Muitos voltaram sem perspectivas e carregando traumas. Ainda assim, os ex-combatentes formaram comunidades coesas, verdadeiras "irmandades das trincheiras". Nosso pai carregava o pesar das perdas do amigo Mario Nardelli (Monte Castelo, 12/12/44) e do primo Alessio Venturi (Montese, 15/04/45). Em fevereiro de 2026, ainda havia 24 pracinhas vivos no país, todos centenários.

Apenas em 1988 a Constituição reconheceu direitos especiais aos veteranos, posteriormente regulamentados em 1990, garantindo pensão vitalícia equivalente ao soldo de 2º Tenente. Para nossa família, foi providencial: naquele mesmo ano, nosso pai sofreu um AVC que o incapacitou em seus últimos cinco anos de vida.

Nosso tronco familiar na guerra: o sobrenome Venturi foi um dos que mais contribuíram com soldados para a FEB, considerando a particularidade de todos serem parentes próximos (quatro primos entre si). Nosso pai serviu por quatro anos no Exército, integrou a artilharia do 11º Regimento e embarcou para a Itália em 22 de setembro de 1944. No front italiano, atuou como um dos operadores de metralhadoras pesadas Browning .30, fornecidas pelo Exército norte-americano, que exigiam equipes de três ou quatro homens para operá-las. Trouxe muitas fotografias da guerra, que permaneceram expostas nas paredes de nossa casa, em Agronômica (SC), mas se perderam numa das mais inclementes enchentes, em 1983.

Retornou ao Brasil em 17 de setembro de 1945 e voltou para a roça, iniciando mais tarde, como sócio, uma pequena serraria e fábrica de esquadrias de madeira. Nos anos de 1960, passou a trabalhar nos Correios, em Rio do Sul.

E, num daqueles caprichos da vida, acabou se casando justamente com uma descendente de alemães, então com apenas 15 anos, que, até os sete, mal

arranhava o português (em sua casa só se falava a língua da terra natal), aprendendo o idioma apenas na escola, aos sete anos. Na região, a vida tornou-se difícil para os descendentes de alemães durante e após a guerra, com nossa mãe, hoje com 93 anos, ainda recordando-se de que evitavam sequer sair à rua.

A história, por vezes, é impiedosa, mas também é pródiga em ironias que só o tempo consegue transformar: de episódio épico em narrativa insólita e, acima de tudo, pitoresca, para os sete filhos agradecidos de uma descendente alemã e de um pracinha que lutou justamente contra os alemães na Segunda Guerra Mundial.

Jacir J. Venturi, filho do expedicionário Leopoldo Venturi. No dia 13 de maio de 2026, embarcamos para a Itália para turistar por 18 dias; porém, em 8 dias percorremos a trajetória dos pracinhas brasileiros: Pisa, Pistoia, Monte Castelo, Montese, Collecchio, Fornovo di Taro e outros locais marcantes, acompanhados de Mário Pereira, um guia especialista e igualmente filho de um veterano da FEB. Visitamos também Roma, Florença, Milão e Lago de Como. A comitiva, composta de nove pessoas, reuniu três filhos do expedicionário (Jamil, Neri e Jacir), o sobrinho Ariosnaldo, os netos Fábio, Eduardo, Rennan, Jaline, além da nora Regina. Uma viagem de memória, gratidão e reconexão familiar.

PENSAMENTOS

- "Educação não é o melhor caminho — é o único caminho para que uma pessoa e um país prosperem econômica, social, política e ambientalmente. Uma economia competitiva, uma sociedade justa e uma democracia estável começam todas no mesmo lugar: na sala de aula."

  Viviane Senna (n.1957) é empresária e filantropa brasileira, presidente do Instituto Ayrton Senna, organização criada em 1994 após a morte de seu irmão, o piloto Ayrton Senna. Vivine Senna se tornou uma das vozes mais influentes do país na defesa da educação pública de qualidade, liderando projetos que impactam milhões de estudantes e professores em todo o Brasil. Seu trabalho é reconhecido internacionalmente por unir gestão, ciência da aprendizagem e políticas públicas para transformar a educação básica.

- "Há momentos em que é necessário que o mal se exceda para que o bem, enfim, se manifeste e prevaleça."

  Allan Kardec (1804-1869), pedagogo francês, formado na tradição de Pestalozzi, dedicou grande parte da vida ao ensino. Tornou-se mundialmente conhecido por organizar e estruturar a doutrina espírita em obras como O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e O Evangelho segundo o Espiritismo. A visão de Kardec enfatizava que o progresso moral precede o progresso social, e que a educação – entendida como formação integral do ser – é a chave para o aperfeiçoamento individual e coletivo.

- Conheci muitas pessoas inteligentes, mas pouco sábias, incapazes de conduzir bem a própria vida no equilíbrio entre família e trabalho. Cultivar harmonia entre a vida afetiva e a vida profissional deveria ser um dos propósitos centrais da existência.

  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

Nos passos da FEB: do embarque no Rio ao batismo de fogo na Itália

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, HojePR, Jornal de Brasília, etc.

Deixando Pisa para trás, conhecemos San Rossore, centro de acampamento e treinamento intensivo dos pracinhas, e adentramos o deslumbrante Vale do Serchio — uma região marcada pela história. Aqui, tivemos a oportunidade de explorar as impressionantes casamatas alemãs, feitas de concreto ou esculpidas nas encostas das montanhas.

Somos uma comitiva de nove familiares refazendo o percurso de nossos pracinhas na Segunda Guerra Mundial. Nosso pai foi um deles. Cruzou o Atlântico ao lado de outros 25.334 brasileiros, integrando a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que lutou não apenas pelo Brasil, mas também pela liberdade e pela humanidade. Foi uma epopeia em solo italiano, escrita com suor, sangue, sacrifício e coragem.

Em oito dias, percorremos 2.140 quilômetros em uma van conduzida por Mario Pereira, filho de um expedicionário e morador de Pistoia. Nossa jornada começou em Pisa e nos levou aos principais monumentos erguidos em homenagem aos pracinhas. Visitamos todas as cidades por onde nossos heróis combateram e prestamos homenagem nos quatro principais cemitérios militares da campanha: o americano, o alemão, o sul-africano e o de Pistoia.

Neste último repousaram os soldados brasileiros até 1960, quando os restos mortais de 467 combatentes foram transladados para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, conhecido como Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Nossa viagem foi motivada pelo turismo histórico, pela homenagem aos nossos combatentes e pela reconexão familiar.

Em 16 de julho de 1944, após 14 dias de travessia, o navio que transportava o 1º escalão da FEB adentrou a baía de Nápoles. O impacto visual era devastador: casas e prédios reduzidos a escombros, uma população faminta e ferida, e o cenário típico de uma praça de guerra — soldados circulando entre tanques e navios, alguns operantes, outros em ruínas. Foi nesse ambiente que desembarcaram os 5.075 homens do primeiro contingente brasileiro, em sua maioria jovens soldados.

Nápoles já se encontrava sob controle dos Aliados, mas permanecia semidestruída pelos intensos bombardeios dirigidos às forças alemãs e aos remanescentes do regime de Mussolini, em retirada desde a perda da Sicília. A cidade simbolizava o destino cruel que se abatia sobre tantas localidades italianas naquele momento em que a superioridade militar dos Aliados começava a se consolidar.

Um ano antes, em julho de 1943, Benito Mussolini havia sido deposto e preso, encerrando mais de duas décadas de governo fascista. Formou-se então um novo gabinete, chefiado pelo marechal Pietro Badoglio, que estrategicamente buscou preservar uma aparência de continuidade. Ainda assim, a Itália encontrava-se exausta e fragilizada pelos reveses de uma guerra para a qual entrara antes de estar devidamente preparada, como advertiram, sem sucesso, muitos generais italianos.

Pouco depois, em setembro de 1943, Badoglio anunciou medidas decisivas: o armistício com os Aliados e a ordem para proteger os principais ativos militares, especialmente a frota naval, para evitar que caíssem nas mãos dos alemães e dos fascistas remanescentes, que logo avançariam sobre Roma. Esse momento marcou o início da guerra civil italiana, que passaria a dividir o país entre o sul, apoiado pelos Aliados, e o norte, sob ocupação alemã.

Naquele mesmo mês, no auge da turbulência que sacudia a Segunda Guerra Mundial, Mussolini foi resgatado de seu cativeiro secreto, no alto do maciço de Gran Sasso, numa operação de contornos cinematográficos. Deposto e mantido sob absoluto sigilo, foi localizado e retirado por comandos alemães sob a liderança do coronel Otto Skorzeny, oficial da SS que se tornaria célebre por operações de audácia quase teatral.

Planadores pousaram silenciosamente sobre o platô rochoso, e um pequeno avião aterrissou em terreno improvável. Mussolini, atônito, foi levado a Hi-

tler. Skorzeny teria dito a frase que a propaganda nazista transformou em mito: "Duce, o Führer mandou-me buscá-lo." Instalado na República Social Italiana, no norte, Mussolini passou a chefiar o governo, mas com poderes reduzidos e sob estreita subordinação ao Reich.

Após o avanço sobre Roma, as tropas nazifascistas — cerca de 125 mil homens recuados da Sicília — passaram a viver quase exclusivamente em retirada. O norte da Itália tornou-se alvo de bombardeios aliados constantes e devastadores.

Foi nesse cenário convulsionado que, meses depois, a FEB desembarcaria em Nápoles, chamada a ocupar o espaço deixado no front italiano quando, em agosto de 1944, parte das forças aliadas foi deslocada para o sul da França, na Operação Dragoon, desencadeada após o Dia D (6 de junho de 1944).

A Operação Dragoon tinha como objetivo capturar portos estratégicos no Mediterrâneo, especialmente Marselha e Toulon, ampliando a pressão sobre as forças alemãs e, em seguida, unir-se às tropas da Overlord, completando o grande movimento de pinça sobre o exército alemão.

Sob rigoroso sigilo quanto ao destino e aos detalhes da partida, o 1º escalão da FEB embarcou em 2 de julho de 1944, no porto do Rio de Janeiro, em cerimônia com a presença de Getúlio Vargas e do ministro da Guerra, general Dutra. Pelos alto-falantes, Vargas assegurou que as famílias dos soldados não ficariam desamparadas e concluiu: "Não é um adeus, mas um 'até breve', quando ouvireis a palavra da pátria agradecida."

Para iludir a espionagem inimiga, o destino permaneceu oculto até o último instante. O embarque foi ensaiado repetidas vezes, e o deslocamento de trem até o cais seguiu por trajeto inesperado, enquanto outros trens circulavam vazios sob vigilância reforçada — tudo para confundir os serviços de inteligência.

Em Roma, visitamos o bunker de Mussolini — um labirinto subterrâneo concebido para proteger o líder fascista e sua família dos bombardeios aliados. Entre julho de 1943 e maio de 1944, a capital sofreu 51 ataques aéreos. Na Villa Torlonia, residência de Mussolini desde 1929, foram construídos dois abrigos antiaéreos. O mais impressionante, escavado a seis metros de profundidade, tinha uma laje de quatro metros de concreto armado, portas antigás e sistema de purificação de ar. Paradoxalmente, estava inacabado quando Mussolini foi deposto.

Além do 1º escalão, outros quatro contingentes deixaram o porto do Rio rumo à Itália, todos em navios americanos adaptados ao transporte de tropas. Dois partiram em setembro, o quarto em novembro e o último em fevereiro de 1945, cada qual levando cerca de cinco mil expedicionários.

As embarcações seguiam escoltadas por contratorpedeiros brasileiros e navios americanos, com cobertura aérea em alguns trechos. Durante o dia, os pracinhas permaneciam no convés; à noite, recolhiam-se aos alojamentos, em beliches completamente às escuras, para evitar qualquer luz que denunciasse a posição do navio.

Os navios navegavam em zig-zag evasivo, alterando o rumo a cada 15 ou 20 minutos para dificultar o cálculo de lançamento de torpedos pelos U-boats alemães.

A FEB era um caleidoscópio social: imigrantes, filhos de imigrantes, mestiços, afrodescendentes, indígenas, trabalhadores urbanos e rurais. Diante deles, um inimigo experiente e bem equipado, além de um inverno rigoroso, com temperaturas que chegavam a –15 °C.

Mascarenhas de Moraes resumiu o desafio: "Os três primeiros escalões chegaram à Itália com treinamento incompleto e inadequado, e os dois últimos partiram do Brasil praticamente sem instrução."

Após a chegada, o 1º escalão seguiu até Tarquinia para treinamentos adicionais. Outros grupos foram para Pisa ou Livorno, seguindo depois para San Rossore.

O deslocamento terrestre ocorreu ao longo de duas noites, em comboios sob rigoroso controle de luzes. Já a navegação costeira em barcaças militares foi penosa: o balanço das ondas e o cheiro de combustível derrubavam o estômago de muitos. As LCI — Landing Craft Infantry — ganharam o apelido bem-humorado de "Lança Comida Interna".

As tropas brasileiras foram passadas em revista pelo general Mark Clark, comandante do 5º Exército americano. Em 7 de setembro de 1944, a FEB celebrou o Dia da Independência em solo estrangeiro. Mascarenhas conclamou seus homens à missão de libertar o povo italiano do jugo nazifascista.

Os pracinhas estavam ansiosos para entrar em combate. Os primeiros tiros foram disparados na noite de 16 de setembro de 1944, quando começaram a substituir unidades americanas na linha de frente.

Mark Clark registrou: "Os brasileiros estavam ansiosos por entrarem em ação. De fato, era tal a pressa deles que provavelmente não completaram o treinamento de que precisavam após a chegada à Itália."

A FEB capturou 45 soldados inimigos e sofreu 35 baixas nessa primeira ofensiva. Avançou cerca de 18 km e, em 26 de setembro, rompeu a Linha Gótica na região do Monte Prano.

Esse sistema defensivo estendia-se por 280 km, do Tirreno ao Adriático. Construída sob ordens de Albert Kesselring, reunia fortificações, campos minados, arame farpado, abrigos de concreto, fossos, trincheiras e posições de artilharia.

Foi erguida com trabalho forçado de 15 mil civis italianos pró-Aliados, submetidos ao frio, à fome e ao risco constante de bombardeios. O rompimento dessa linha contou com atuação decisiva da FEB.

Hoje, 81 anos depois, refizemos esse trajeto, não mais a pé, sob chuva ou neve, mas no conforto de uma van climatizada. O roteiro nos levou por Pisa, Lucca, Pistoia, Castelnuovo, Porretta Terme, Monte Castelo, Montese, Collecchio, Fornovo di Taro e, por fim, Milão. Visitamos também o Lago de Como, onde Mussolini foi fuzilado em 28 de abril de 1945.

Ao longo do percurso, destacam-se três batalhas decisivas para a FEB: Monte Castelo, Montese e Fornovo di Taro — tema do próximo artigo.

Apesar dessa trajetória, alguns historiadores ainda atribuem ao Brasil papel secundário na frente italiana. É verdade que o país ingressou no conflito quando a prioridade estratégica dos Aliados já se deslocava para a França. Ainda assim, com a retirada de tropas veteranas da Itália, a FEB tornou-se essencial para manter a pressão sobre as forças alemãs.

Rubem Braga, correspondente brasileiro na guerra, registrou com precisão a realidade enfrentada pelos pracinhas. Chegaram com preparo insuficiente, mas adaptaram-se rapidamente, improvisaram quando necessário, cultivaram forte espírito de solidariedade e conquistaram respeito dos Aliados e da população italiana.

Junto às tropas da FEB — uma divisão completa com soldados, oficiais, médicos, engenheiros, capelães, pilotos, mecânicos, pessoal de suprimentos,

transporte e comunicações — embarcaram 67 enfermeiras brasileiras, todas voluntárias, além de outras seis da FAB, totalizando 73 profissionais (sete delas curitibanas). Foram as primeiras mulheres autorizadas a usar o uniforme oficial do Exército brasileiro.

Esse passo abriu caminho para que, em março de 2026, uma mulher alcançasse pela primeira vez o generalato no Exército brasileiro: Cláudia Lima Cacho, médica pernambucana, promovida a general de brigada.

Jacir J. Venturi, filho do expedicionário Leopoldo Venturi. No dia 13 de maio de 2026, embarcamos para a Itália e, ao longo de 18 dias, percorremos a trajetória dos pracinhas brasileiros, além de turistar por Roma, Florença, Milão e Lago de Como. A comitiva de nove pessoas reúne três filhos do expedicionário (Jamil, Neri e Jacir), o sobrinho Ariosnaldo, os netos Fábio, Eduardo, Rennan, Jaline e a nora Regina. Uma viagem de memória e gratidão. Este é o segundo artigo de um conjunto de três sobre a FEB no front italiano. Viemos reviver o sofrimento, a coragem e os momentos épicos que marcaram a trajetória dos nossos pracinhas até 8 de maio de 1945, o Dia da Vitória. Uma jornada de dor, bravura e humanidade que merece ser lembrada.

PENSAMENTOS

- "A capacidade do governo de fazer o bem é limitada, mas a capacidade de fazer o mal é infinita."

  Ludwig von Mises (1881-1973) foi um economista austríaco, um dos principais representantes da Escola Austríaca de Economia e uma das maiores influências do pensamento liberal clássico no século XX. A obra de Míses enfatiza a importância da liberdade individual, dos mercados livres, da propriedade privada e da impossibilidade do cálculo econômico sob o socialismo.

- "Nossas sociedades são feitas de assimetrias injustas. Não vivemos em um mundo pautado por uma hipotética meritocracia. Mesmo um liberal como Hayek reconheceu a necessidade de mecanismos de proteção. O problema é como fazer isto, equilibrando valores como igualdade e liberdade individual, proteção e incentivos à produtividade."

  Fernando Schüler, no Estadão de junho/26, cientista político gaúcho, doutor em Filosofia (UFRGS) e professor do Insper

- Muitos atribuem sua condição financeira limitada ao fato de terem sido honestos — como se a honestidade não fosse uma obrigação moral de todos. Em vários casos, porém, foram honestos apenas por falta de oportunidade de não o serem, ou recorrem a esse argumento para justificar sua própria insuficiência profissional.

  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola

Refizemos o caminho dos pracinhas brasileiros nos Campos de Batalha da Itália: Monte Castelo, Montese, Collecchio e Fornovo

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, HojePR, Jornal de Brasília e outros jornais

Já estamos de volta ao Brasil, depois de percorrer em maio de 1926, um total de 2.140 km, em uma van climatizada, refazendo o trajeto dos nossos compatriotas durante a Segunda Guerra Mundial. Nosso pai foi um deles, nos anos de 1944 e 1945, atravessando o Atlântico, assim como outros 25.334 brasileiros e brasileiras, para integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB), em uma saga escrita em solo italiano com coragem, suor e sangue, especialmente nos combates que neste texto destacamos.

Refazer o caminho desses homens e mulheres é mais do que um turismo histórico. É um gesto de homenagem, de reconexão familiar e de reconhecimento. É caminhar por onde caminharam e contemplar as montanhas e os vales que contemplaram.

Voltamos com o coração mais cheio: com mais respeito, mais compreensão e um orgulho sereno por saber que eles ajudaram a devolver liberdade a um continente ferido. Essa viagem foi nossa forma de dizer: nós lembramos, nós honramos, nós reconhecemos, mesmo que o Brasil, institucionalmente, por razões políticas, tenha feito pouco e, ainda assim, tardiamente.

Recordemos que, a partir de junho de 1944, a prioridade dos Aliados passou a ser a libertação da França, sobretudo após o desembarque na Normandia, em 6 de junho daquele ano, operação que mobilizou cerca de 156 mil militares. Por essa razão, várias divisões aliadas que atuavam na Itália foram transferidas para o sul da França, reduzindo o contingente disponível naquele front.

Nesse contexto, a presença da FEB tornou-se essencial para compensar a diminuição das tropas aliadas e manter a pressão sobre as forças alemãs na região. É justamente nesse cenário que se destacam quatro grandes feitos que permanecem entre os capítulos mais heroicos da história militar brasileira, quando homens e mulheres, longe de sua terra, lutaram não apenas pelo Brasil, mas pela liberdade de todas as nações.

Embora não tenha sido o principal teatro de operações da Segunda Guerra Mundial, a campanha da Itália é reconhecida por muitos autores como uma das mais duras e complexas de todo o conflito. O relevo montanhoso e hostil,

o clima rigoroso e a notável capacidade defensiva do general alemão Albert Kesselring, somados a sucessivas falhas de planejamento e coordenação do comando aliado, retardaram significativamente a conquista da península, cuja conclusão estava originalmente prevista para meados de 1944.

Como se esses obstáculos não bastassem, soldados e civis italianos ainda enfrentaram uma guerra fratricida que dilacerou o país: o sul, sob controle do governo alinhado aos Aliados, e o norte, onde o fascismo permanecia ativo, embora submetido ao jugo militar alemão, na chamada República Social Italiana, sob a liderança limitada de Mussolini. Esse conjunto de fatores exigiu das tropas envolvidas uma extraordinária capacidade de resistência, adaptação e equilíbrio ao longo de toda a campanha.

Após o armistício de 8 de setembro de 1943, mais de 600 mil soldados italianos foram capturados pelos alemães por se recusarem a aderir à República Social Italiana. Reclassificados como Internati Militari Italiani (IMI), uma categoria criada para lhes negar o status de prisioneiros de guerra, foram submetidos à fome, aos trabalhos forçados e a altíssimas taxas de mortalidade nos campos de internamento e nas fábricas do Reich. A eles somaram-se mais de 32 mil deportados políticos e raciais, vítimas da repressão nazifascista, muitos dos quais não sobreviveram aos campos de concentração.

Nas regiões da Toscana e da Emília-Romanha, visitamos quatro cemitérios militares que guardam a memória de soldados de diversas nacionalidades: americanos, alemães, sul-africanos e, naturalmente, o antigo Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, onde repousaram, entre 1945 e 1960, os restos mortais dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira tombados na Itália. Ao todo, recebeu 462 militares, número que varia ligeiramente nas fontes da época, mas que se consolidou oficialmente nessa contagem.

Com a decisão do governo brasileiro de repatriar seus combatentes tombados (um gesto único entre os países envolvidos no conflito), os corpos foram trasladados, em 1960, para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, espaço dedicado à memória e à reverência.

Pistoia, contudo, ficou um símbolo: em 1967, foi encontrado entre escombros de Montese o corpo de um soldado brasileiro não identificado. Ele permanece ali até hoje, como o Soldado Desconhecido da FEB, representando

todos aqueles cujos destinos se perderam na névoa da guerra.

Além dele, a história registra ainda dois pracinhas desaparecidos: um que se afogou no Rio Pó e outro que não retornou de uma patrulha. Seus corpos jamais foram localizados e, por isso, não figuram entre os restos mortais oficialmente identificados.

Esse é o saldo de tantas batalhas, das quais buscamos retratar, neste texto, as principais, reunindo os dados mais coerentes e consistentes disponíveis, ainda que números e relatos possam variar ligeiramente conforme a fonte consultada.

Monte Castelo, a mais emblemática conquista da FEB

Símbolo maior da bravura do soldado brasileiro, Monte Castelo tornou-se a vitória mais emblemática da FEB. Essa conquista abriu o caminho para o avanço aliado rumo ao norte da Itália e contribuiu decisivamente para acelerar o colapso das forças alemãs e fascistas na região.

Erguido na espinha dorsal da Cordilheira dos Apeninos, o monte integrava um dos trechos mais fortificados da Linha Gótica, a última grande barreira defensiva alemã na Itália. Ali funcionava um dos principais postos de observação nazifascista, o que tornava sua tomada uma missão de enorme risco e sacrifício.

Estendia-se por cerca de 280 quilômetros, de leste a oeste da Itália, e sua complexidade impressiona até hoje. Documentos registram aproximadamente 4 mil fortificações de concreto ou escavadas na rocha ou na terra, além de cerca de 100 mil minas terrestres, um terror constante para os soldados, que temiam sobretudo as mutilações provocadas por essas armadilhas invisíveis. Foi nesse cenário brutal que os pracinhas brasileiros escreveram uma das páginas mais duras e honrosas de nossa história militar.

As quatro ofensivas realizadas entre novembro e dezembro de 1944 fracassaram, deixando centenas de mortos e feridos entre os brasileiros. Esses reveses acentuaram tensões técnicas e humanas entre o comando da FEB e o 5º Exército dos EUA, ao qual a tropa brasileira estava subordinada. Os norte-americanos haviam subestimado tanto a capacidade defensiva alemã quanto a severidade do inverno nos Apeninos, insistindo em ataques frontais contra posições elevadas e fortificadas, sem o apoio adequado de artilharia e blindados. Mal equipa-

dos e submetidos a um clima implacável, os brasileiros passaram a pressionar por ajustes táticos e por uma melhor coordenação das operações.

O moral caiu, o medo cresceu e, para muitos pracinhas, conquistar aquele cume significava atravessar o "corredor da morte". O general Mascarenhas de Moraes foi categórico: novos ataques só seriam realizados com apoio maciço de artilharia e com a participação de uma Divisão de Montanha norte-americana. Sua postura firme, somada ao êxito em fevereiro de 1945, consolidou o respeito do comando americano pela capacidade e pela autonomia tática da FEB.

A vitória veio em 21 de fevereiro de 1945, após doze horas de combate intenso. Ela só foi possível graças ao esforço conjunto das forças brasileira e norte-americana e ao fato de que, naquele momento, a FEB já se encontrava mais bem treinada e experiente em operações de montanha e nas duras condições do inverno europeu.

A artilharia brasileira, sob comando do general Cordeiro de Farias, teve papel decisivo na conquista. Entre 16h e 17h, seus grupos realizaram um preciso fogo de barragem sobre o cume de Monte Castelo, neutralizando posições inimigas e abrindo caminho para o avanço das tropas. Os pilotos brasileiros, voando caças P-47 Thunderbolt, também tiveram atuação amplamente reconhecida durante a operação.

Em combates de montanha, quando o inimigo ocupa posições elevadas, protegido por casamatas e apoiado por armamento pesado, os manuais militares são categóricos: a força atacante deve dispor de uma superioridade mínima de três para um em homens e equipamentos. As tropas aliadas, entre elas a FEB, avançaram em condições muito inferiores a esse parâmetro e, ainda assim, prevaleceram.

No maciço de Monte Castelo, os brasileiros enfrentavam soldados alemães experientes, bem posicionados e profundamente entrincheirados no terreno acidentado dos Apeninos. Embora não seja uma montanha particularmente alta em termos absolutos, Monte Castelo exerce amplo domínio sobre a paisagem local, controlando vales, estradas e acessos estratégicos entre a Emilia-Romagna e a Toscana. Foi, portanto, uma vitória tática e de grande valor operacional e simbólico para a FEB.

Aquele cume, conquistado com suor, sangue e honra, permanece como um dos capítulos mais heroicos da participação brasileira na Segunda Guerra

Mundial. O custo dessa vitória foi alto: aproximadamente 400 baixas entre os brasileiros, incluindo mortos e combatentes temporariamente incapacitados para a luta, no jargão militar. Foi o preço pago pela superação de um dos mais difíceis desafios enfrentados pela FEB na Itália.

Para compreender o que significava avançar sob fogo cerrado em Monte Castelo, nenhuma análise técnica é suficiente. Apenas a voz de quem esteve lá consegue traduzir o horror, a coragem e a obstinação que impulsionavam cada passo. Segundo o professor Dennison de Oliveira, no livro Para entender a Segunda Guerra Mundial (Editora Juruá, 2020), um pracinha teria relatado que os alemães "mandavam bala" contra qualquer movimento ou cor que destoasse da terra e das pedras. Cada avanço exigia enfrentar não apenas o fogo inimigo, mas também a consciência de que aquele poderia ser o último passo.

Tudo isso acontecia em meio a tiros, morteiros, granadas e aos gritos dos companheiros feridos, muitos deles "com um pedaço de metal na boca, no olho, no meio da barriga, gemendo e chorando, gargarejando sangue até morrer".

Nosso pai foi um dos combatentes e, por razões íntimas que talvez só ele conhecesse, raramente falava em detalhes sobre Monte Castelo. Mas, nas poucas vezes em que se permitia recordar aqueles dias, uma cena sempre retornava com absoluta nitidez. Ele contava que, ao toque da alvorada, às cinco da manhã, o tenente reuniu o grupo de soldados e proclamou, em voz firme e resoluta: "Hoje vamos tomar o Monte Castelo, nem que seja à força de baioneta."

Ao narrar esse momento, nosso pai, com uma mistura de respeito e uma gana quase juvenil, sempre se referia aos inimigos como "tedescos" – aportuguesamento do termo italiano Tedeschi (alemães) – e às célebres metralhadoras MG-42 como "lurdinhas", expressão que se tornou parte marcante do folclore dos pracinhas.

Uma das versões mais difundidas conta que, devido à altíssima cadência de disparos da arma (cerca de 1.200 tiros por minuto), o som lembrava a fala acelerada da noiva ciumenta de um soldado, chamada Lurdinha, que falava sem parar quando se irritava. A anedota, repetida entre trincheiras e abrigos, ajudava a trazer um toque de humor, tão característico da cultura brasileira, a uma realidade dura e cruel.

Dedicamos um dia inteiro a conhecer o lendário Monte Castelo e seus arredores. Iniciamos a jornada com uma subida de cerca de 1h20 por trilhas íngremes, acompanhados pelo guia Mário. Ao longo do percurso, fizemos diversas paradas em antigos pontos estratégicos alemães — casamatas, ninhos de metralhadora, posições de morteiro, trincheiras e áreas que, à época, estavam coalhadas de minas. No cume, fizemos preces pela alma de nosso pai e por todos os que ali combateram.

Em seguida, visitamos um dos monumentos mais emblemáticos da participação brasileira na campanha da Itália, erguido no local do episódio conhecido como "Os 17 de Abetaia". Em 12 de dezembro de 1944, 17 pracinhas realizavam uma patrulha de reconhecimento quando foram cercados por tropas inimigas. Travou-se um combate intenso e desigual, no qual todos acabaram mortos. Seus corpos só seriam encontrados em fevereiro de 1945, após a conquista de Monte Castelo, dispostos em semicírculo, muitos ainda com o dedo no gatilho ou com granadas sem pino. O monumento preserva a memória de um dos episódios mais dramáticos e comoventes na participação brasileira na guerra.

Montese, o episódio mais sangrento da campanha brasileira na Itália

Dedicamos dois dias a Montese, explorando a cidade em cada detalhe. Percorremos mais de uma centena de quilômetros pelas estradas e colinas da região para conhecer antigas fortificações brasileiras e alemãs, testemunhos silenciosos dos combates que marcaram aquele trecho dos Apeninos. Visitamos todos os museus locais, cada um deles guardando fragmentos preciosos da presença da FEB na Itália.

Ao longo do caminho, conversamos com moradores que, invariavelmente, demonstram um profundo carinho e gratidão pelos brasiliani. É comovente perceber como, mesmo passadas tantas décadas, a memória dos pracinhas permanece viva ali, não apenas nos monumentos, mas, sobretudo, no coração das pessoas.

Entre 14 e 17 de abril de 1945, a poucos dias do fim da guerra na Europa, a FEB enfrentou pela primeira vez um combate urbano de grande intensidade, travado casa por casa e rua por rua. Foi a mais sangrenta batalha para os brasileiros em toda a campanha da Itália, com cerca de 426 baixas. Do lado alemão, as perdas foram igualmente expressivas, estimadas em aproximadamente 497.

Conquistar Montese, situada a 840 metros de altitude, significava dominar as estradas e vales da região. A pequena cidade representava o último grande reduto nazifascista antes da planície do Vale do Pó e, justamente por isso, foi defendida com ferocidade. Erguida sobre uma cadeia montanhosa estratégica, controlava os acessos que permitiriam aos Aliados romper definitivamente a Linha Gótica e avançar em direção ao coração industrial no norte da Itália.

Atualmente, com cerca de 3.300 habitantes, Montese é uma cidade tranquila, mas ainda marcada pelas cicatrizes da guerra. Ao visitá-la, é quase obrigatório registrar uma foto junto ao antigo bebedouro de pedra. Ali, ainda se podem ver as numerosas marcas de bala que atravessaram o tempo e testemunham a intensidade dos combates travados pelos pracinhas. A destruição foi profunda: a maior parte das 1.221 casas da cidade sofreu danos severos durante os enfrentamentos.

Nossos soldados foram submetidos, em Montese, a um estresse psicológico quase insuportável: cada janela, cada esquina, cada abertura nas paredes podia ocultar um atirador inimigo. O som dos tiros ricocheteando nas construções, o estrondo das granadas e o cheiro de pólvora criavam uma atmosfera permanente de tensão e perigo. As forças alemãs eram experientes e contavam com unidades de elite, combatendo em um terreno acidentado no qual as construções de pedra e a visibilidade reduzida transformavam a cidade em um verdadeiro labirinto mortal. A artilharia inimiga, instalada em posições mais elevadas, varria continuamente os acessos, enquanto atiradores ocultos retardavam dolorosamente cada metro de avanço das tropas brasileiras.

E havia algo ainda pior: corpos estendidos pelas ruas estreitas (mortos e feridos de diversas nacionalidades, sobretudo brasileiros e alemães) que ninguém conseguia alcançar. Os padioleiros tentavam avançar, mas eram repelidos pelo fogo inimigo. Muitos pracinhas tiveram de continuar lutando sabendo que seus companheiros agonizavam a poucos metros de distância, sem qualquer possibilidade de socorro.

Montese não foi apenas mais uma batalha. Foi um mergulho brutal na essência da guerra, onde cada avanço custava suor, sangue e coragem, e onde a fronteira entre a vida e a morte podia se resumir a um instante, a um único segundo.

O professor Dennison de Oliveira descreve com precisão o peso desse enfrentamento: “Segundo registros da inteligência militar do V Exército dos

EUA, dos 2.800 tiros de artilharia disparados pelos nazifascistas, couberam às tropas brasileiras nada menos que 1.800 (cerca de 65%). A artilharia da FEB respondeu à altura, replicando com outros 9.600 disparos".

Foi também nos arredores de Montese que, em 12 de abril de 1945, durante uma patrulha realizada antes do principal ataque brasileiro, o sargento Max Wolff Filho, um dos maiores heróis da FEB, foi mortalmente atingido por rajadas de metralhadora. Seu corpo só seria encontrado em dezembro daquele ano.

Visitamos o monumento erguido em homenagem a Max Wolff Filho. Nascido em Rio Negro, no Paraná, e professor de Educação Física, destacou-se pela coragem e pela extraordinária habilidade em missões de reconhecimento, recebendo dos próprios companheiros o apelido de "Rei dos Patrulheiros".

Entre os mortos estava também Alessio Venturi, primo de meu pai, nascido em 1919, em Rodeio, Santa Catarina. Ele faleceu em 15 de abril de 1945, apenas 14 dias antes do fim das hostilidades na Itália. Essa proximidade cruel com o armistício sempre me pareceu carregada de um simbolismo trágico: caiu quando a paz já começava a se anunciar.

No Boletim Especial do Exército de 2 de dezembro de 1946, encontra-se o relato doloroso do sargento Ary Roberto de Abreu, ferido pouco antes, que descreveu um dos momentos mais marcantes que viveu na guerra: "O meu soldado, Alessio Venturi, foi atingido por um grande estilhaço nas costelas. E ele me dizia: 'Cuide da minha mãe; eu sou órfão de pai'. Virava-se de um lado para o outro e repetia: 'Sargento, cuide da minha mãe...'."

O sargento prossegue: "Caindo aqui e ali, com o braço na tipoia, fui procurar algum padioleiro."

Quando finalmente encontrou um, deparou-se com uma cena que jamais esqueceria: "Os padioleiros estavam ensanguentados como entregadores de carne em açougue."

Segundo pesquisa de Ariosnaldo Venturi, o sobrenome Venturi talvez seja o que mais enviou combatentes para a FEB, considerando a singularidade de todos pertencerem ao mesmo tronco familiar. Além de nosso pai, Leopoldo, também lutaram na Itália Alessio, Paulino e Luís, todos nascidos no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e ligados por laços de parentesco (eram primos) de primeiro ou segundo grau.

Quando Montese finalmente caiu, em 17 de abril de 1945, a FEB havia aberto caminho para a arrancada final que, poucos dias depois, culminaria na rendição em massa das forças alemãs em Collecchio e Fornovo. A vitória em Montese, portanto, não teve apenas valor tático: foi um passo decisivo para o colapso da resistência nazista e fascista no norte da Itália.

Na Via Panoramica, nº 25, funciona uma biblioteca e um pequeno museu, onde a acolhedora Sra. Emanuela nos recebeu com exclusividade por ser um sábado. O endereço tem um significado especial: durante a guerra, o edifício (um pequeno castelo medieval conhecido como Rocca di Montese, situado no coração da cidade) foi utilizado pelos alemães como posto de observação, graças à sua posição elevada e ao amplo domínio visual sobre o vale.

Mas a presença brasileira em Montese vai muito além do museu. A cidade abriga diversos marcos que evocam a participação da FEB. Entre eles, destaca-se um grande mural em uma das vias principais, retratando um soldado brasileiro uniformizado, com o dedo apontando para o emblema da FEB (a cobra fumando). Esses monumentos deixam evidente que o sacrifício dos febianos permanece vivo na memória local e que Montese preserva, com orgulho, os laços históricos que unem a cidade ao Brasil.

A 22 km de Montese, visitamos também o memorial dedicado aos "Três Bravos Brasileiros", em Vergato (não confundir com uma lenda homônima, situada em outro local e associada a personagens diferentes). Os três homenageados (José Graciliano, Clóvis da Cunha e Aristides da Silva) avançaram à frente de seu grupo e acabaram cercados por tropas alemãs. Ao perceberem que enfrentavam apenas três homens, os alemães tentaram forçá-los à rendição.

A resposta dos brasileiros foi categórica: recusaram-se a se render e abriram fogo, mesmo diante de forças muito superiores. Seguiu-se um combate feroz e desigual. Quando finalmente tombaram, os soldados alemães, impressionados com a coragem daqueles pracinhas, decidiram sepultá-los com honras militares, um gesto raríssimo em plena guerra. Sobre a sepultura improvisada, ergueram uma cruz de madeira com a inscrição em alemão: "Drei brasilianische Helden" ("Três heróis brasileiros").

Assim, entre trilhas, memórias e monumentos, revisitamos episódios que revelam a dimensão do sacrifício e da bravura dos soldados brasileiros que lutaram na Itália.

Collecchio e Fornovo, o capítulo final da vitória brasileira na Segunda Guerra Mundial

As últimas batalhas da FEB ocorreram entre 26 e 29 de abril de 1945, quando a guerra na Europa já se aproximava do fim, mas ainda exigia coragem, estratégia e resistência. Nos dias 26 e 27, em Collecchio, os combatentes brasileiros enfrentaram a resistência de blindados e artilharia das tropas da Wehrmacht (exército alemão) e da República Social Italiana, que tentavam romper o cerco para fugir rumo ao norte. Mesmo em inferioridade numérica (cerca de 4 mil), os brasileiros manobraram com rapidez, pressionaram o inimigo e bloquearam todas as rotas de fuga.

O desfecho ocorreu em 28 de abril de 1945, nas imediações de Fornovo di Taro. Ali, as tropas alemãs e fascistas, completamente cercadas e privadas de qualquer possibilidade de retirada ou reorganização, iniciaram negociações que culminaram em uma das mais expressivas capitulações obtidas por forças aliadas durante a campanha da Itália.

As tratativas foram conduzidas por oficiais da FEB com representantes do general alemão Otto Fretter-Pico, mediados pelo pároco local, Don Alessandro Cavalli. Foram horas de tensão até que, finalmente, o documento de rendição foi firmado. A capitulação consolidou a vitória brasileira no setor e contribuiu de maneira decisiva para o colapso final das forças nazifascistas na região do Vale do Pó.

Antes de iniciar as negociações formais de rendição, o general Otto Fretter-Pico fez um único pedido imediato: que os feridos alemães e italianos recebessem atendimento médico. O comando da FEB, em consonância com as normas humanitárias aliadas e com sua própria tradição de respeito ao inimigo derrotado, atendeu prontamente. Foram enviadas 14 ambulâncias brasileiras para recolher e tratar os feridos, gesto que contribuiu decisivamente para criar um clima de confiança e facilitar a assinatura da rendição completa no dia seguinte.

No conjunto da operação em Collecchio e Fornovo di Taro, a FEB capturou aproximadamente 15 mil prisioneiros, entre eles cerca de 800 oficiais e dois generais. Também apreendeu mais de 4 mil animais de carga, cerca de 1.500 viaturas e um expressivo volume de armamentos e equipamentos militares. O feito foi oficialmente reconhecido pelo 5º Exército dos Estados Unidos, que

destacou o Brasil como o único país sul-americano a enviar tropas de combate para o teatro europeu da Segunda Guerra Mundial.

Nos combates travados entre 26 e 29 de abril de 1945, a Força Expedicionária Brasileira registrou cerca de 45 baixas, entre mortos e feridos, enquanto as forças alemãs sofreram aproximadamente 500. Embora os números variem ligeiramente conforme a fonte consultada, a disparidade evidencia a eficácia da operação. Poucos dias após esses confrontos, em 2 de maio de 1945, todas as forças do Eixo na Itália capitularam, encerrando a campanha no país e consolidando a participação da FEB como um dos capítulos mais relevantes da contribuição brasileira ao esforço aliado.

Enquanto isso, em Berlim, o destino do regime nazista já estava selado. Poucos dias antes, Hitler soubera que Benito Mussolini fora capturado por partisans italianos, executado e exposto de cabeça para baixo em um posto de gasolina em Milão, juntamente com sua amante, Clara Petacci, e dois líderes fascistas. A cena atraiu uma multidão tomada pela fúria, que insultava e cuspia nos cadáveres do antigo ditador e de seus companheiros.

O local escolhido não foi aleatório, pois ficava nas proximidades da Praça Loreto, onde, em agosto de 1944, 15 partigiani haviam sido executados por forças fascistas, em uma ação atribuída ao regime de Mussolini. Para muitos italianos, a exposição dos corpos representava uma forma simbólica de ajuste de contas com anos de opressão e violência.

A imagem brutal do aliado derrotado e humilhado reforçou em Hitler a convicção de que jamais permitiria destino semelhante para si. Assim, na tarde de 30 de abril de 1945, suicidou-se com um tiro, enquanto Eva Braun, com quem se casara no dia anterior, morreu ao seu lado ao ingerir cianeto. Conforme instruções deixadas por Hitler, os corpos foram imediatamente levados para o jardim da Chancelaria e queimados, numa tentativa de impedir que fossem exibidos como troféus pelos vencedores.

Entre o improviso e a coragem: o retrato da FEB no front italiano

Dos 25.334 brasileiros enviados à Itália, cerca de 15 mil combateram diretamente na linha de frente. O restante do contingente – aproximadamente 10 mil expedicionários e 73 enfermeiras, incluindo as seis que serviram na FAB –

desempenhou funções indispensáveis nas áreas de logística, transporte, saúde, intendência, manutenção, administração, polícia do Exército e serviços gerais.

Segundo o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, os três primeiros escalões chegaram à Itália com treinamento incompleto e inadequado, enquanto os dois últimos, embarcados às pressas em novembro de 1944 e fevereiro de 1945, partiram do Brasil praticamente sem instrução. Essa deficiência, contudo, não significou que tenham sido lançados ao combate despreparados. Já no teatro de operações, passaram por um intenso período de adestramento sob supervisão norte-americana, recebendo instrução de armamento, táticas de infantaria, combate em montanha e adaptação ao inverno italiano. Dessa forma, completaram em campo a formação que não haviam recebido plenamente em solo brasileiro.

Uma das principais referências sobre a FEB é o livro As vitórias da FEB, dos historiadores militares e oficiais Cláudio e Edson Rosty. Na página 160, a obra registra 457 mortos da Força Expedicionária Brasileira (13 oficiais e 444 praças), aos quais se somam 8 oficiais aviadores da FAB. As estatísticas do Exército brasileiro acrescentam ainda 2.722 feridos, compondo o quadro das baixas brasileiras na campanha da Itália.

A longa espera: fé, silêncio e esperança no lar de um pracinha

Nosso pai retornou ao Brasil em 17 de setembro de 1945, então com 24 anos. Havia embarcado no porto do Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1944 e permaneceu praticamente um ano longe de sua pátria.

Oriundo de uma família de agricultores, ficou órfão com apenas dois anos de idade. Naquele ambiente, o trabalho era um valor fundamental, pois a subsistência dependia da lavoura e da criação de animais. Desde a infância, ouvi dele uma frase inúmeras vezes: “Chi non lavora non mangia” (“Quem não trabalha não come.”).

Anos mais tarde, já de volta ao Brasil, os expedicionários de Rodeio que haviam estado no front costumavam se reencontrar, e as conversas invariavelmente retornavam àqueles dias de medo e bravura. Um deles, Paulinho Venturi, recordava em dialeto vêneto que coragem eles tinham, sim, mas que, nos momentos mais intensos dos combates, “a boca se mexia sozinha de tanto rezar”. Sua frase, dita com simplicidade e sinceridade, revelava o que muitos sentiam: a coragem vinha da fé: “Si... si! Gavevem ben coraggio, ma però la boca la neva en sin de so posta de tant pregar!”

Em muitos momentos daquele conflito, a fé fora o único abrigo possível. Os capelães eram muito mais do que celebrantes: eram presença, consolo e coragem. Carregavam consigo uma pequena maleta que se transformava em altar improvisado, em uma época em que a missa ainda era celebrada em latim. Também distribuíam terços enviados do Brasil, que os soldados guardavam no bolso da farda ou penduravam no pescoço como quem se agarra a um último fio de proteção.

E enquanto nosso pai combatia os tedescos sob as temperaturas gélidas dos Apeninos, sua família, aqui no Brasil, travava outra batalha, silenciosa, cotidiana, mas não menos dura. Nossa queridíssima Nona Linda, viúva e mulher de fé inabalável, reunia todos os dias os filhos ao redor da mesa simples da casa de madeira. Ali, com o terço entre os dedos, rezavam pela saúde e pela vida do filho que lutava do outro lado do oceano. Era um ritual diário, quase sagrado, que mantinha a família unida e alimentava a esperança quando o coração ameaçava fraquejar.

Da casa, construída em um ponto mais elevado que a estrada, via-se ao longe o caminho de chão batido que, nos dias de sol, levantava uma fina nuvem de poeira. E era justamente essa poeira que fazia o coração disparar. Naqueles tempos, sem telefone e com pouquíssimos automóveis circulando, a aproximação de um carro quase sempre era motivo de apreensão.

Quando um veículo surgia na curva distante, levantando seu rastro de poeira, a família inteira interrompia o que estava fazendo. Ninguém respirava. O silêncio tomava conta da casa e o temor era sempre o mesmo: que fosse um representante do Exército trazendo a notícia que nenhuma mãe deveria receber.

Aquela estrada tornou-se um símbolo de angústia. Cada carro que se aproximava representava uma ameaça; cada ronco de motor ao longe fazia a alma estremecer. E, no entanto, todos os dias, depois que a poeira baixava e o silêncio voltava a ocupar seu lugar, Nona Linda retomava o terço com a mesma firmeza. Rezava confiante, como quem compreende que a fé também é uma forma de amor, carinho e proteção.

Jacir J. Venturi, filho do expedicionário Leopoldo Venturi. No dia 13 de maio de 2026, embarcamos para a Itália e, ao longo de 18 dias, percorremos a trajetória dos pracinhas brasileiros. Na companhia de um guia experiente, Mário Pereira, seguimos de van pelos caminhos trilhados por nossos soldados desde Pisa, e na sequência Lucca, Vale do Serchio, Pistoia, Porreta Terme, Castelnuovo, Monte Castelo, Montese, Collecchio, Fornovo di Taro e outros pontos marcantes da campanha da FEB. Como ninguém é de ferro, também turistamos por Roma, Florença, Milão e Lago Como. Reunindo três filhos do expedicionário (Jamil, Neri e Jacir), o sobrinho Ariosnaldo, os netos Fábio, Eduardo, Rennan e Jaline, além da nora Regina, foi uma viagem de memória e gratidão.

PENSAMENTOS

- "Viver é sofrer, sobreviver é encontrar sentido nesse sofrimento."
  Friedrich Nietzsche (1844-1900),filósofo alemão. Viver sem negar o sofrimento, transformando-o em força criadora, é o núcleo da filosofia Nietzsche

- "O Estado é um pai terrível, que ainda por cima deseja ser amado."
  Karl Jaspers (1883-1969), filósofo e psiquiatra alemão-suíço. Para Jaspers, a existência humana é marcada por uma busca contínua de sentido que ultrapassa o mundo objetivo. A verdadeira liberdade surge quando o indivíduo se confronta com sua própria interioridade e com o transcendente.

- Atuar nas causas é sempre o melhor remédio; atuar apenas nas consequências é tratar sintomas, é remediar.
  Jacir Venturi (n. 1949), professor e gestor escola